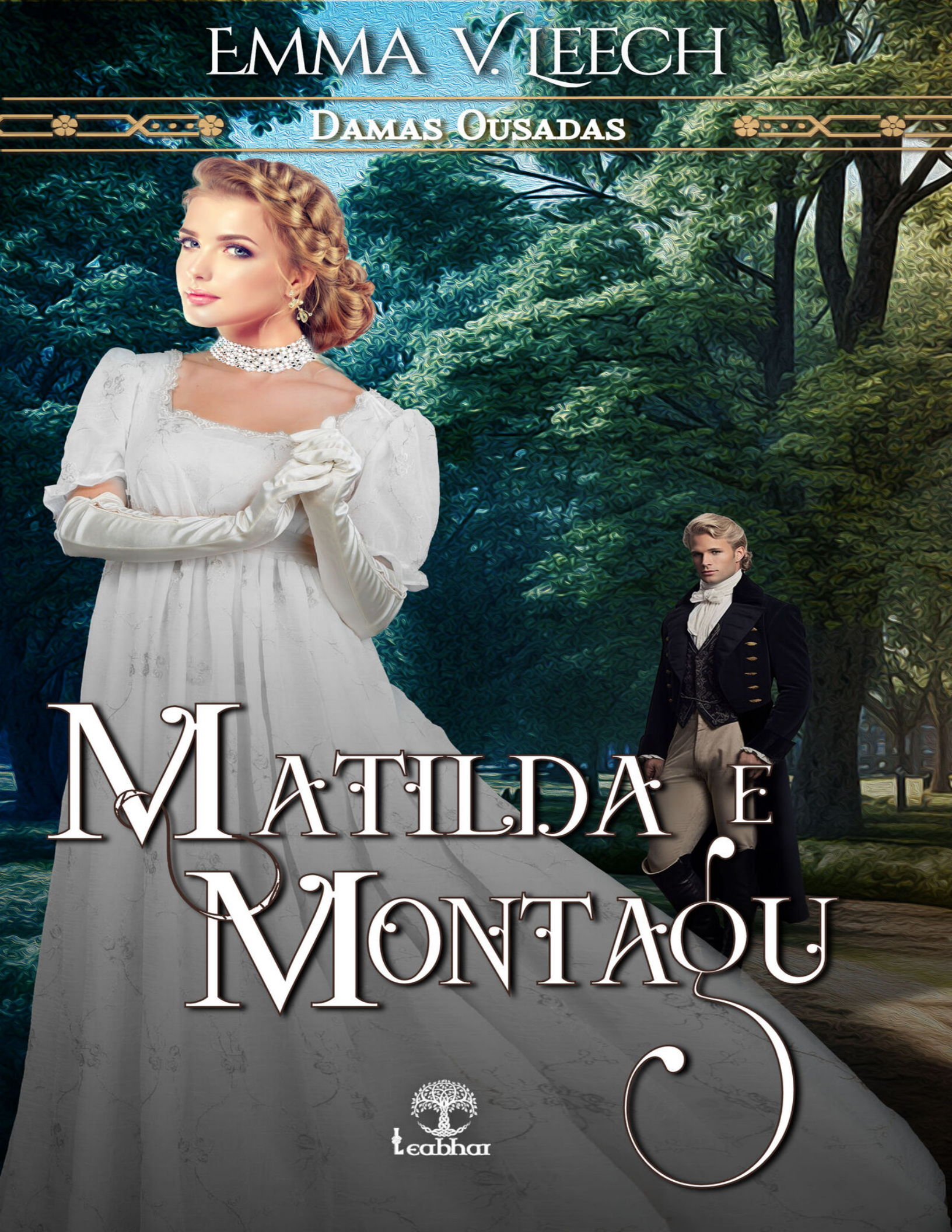


EMMA V. LEECH

DAMAS OUSADAS



MATILDA E MONTAQU



VISIT...

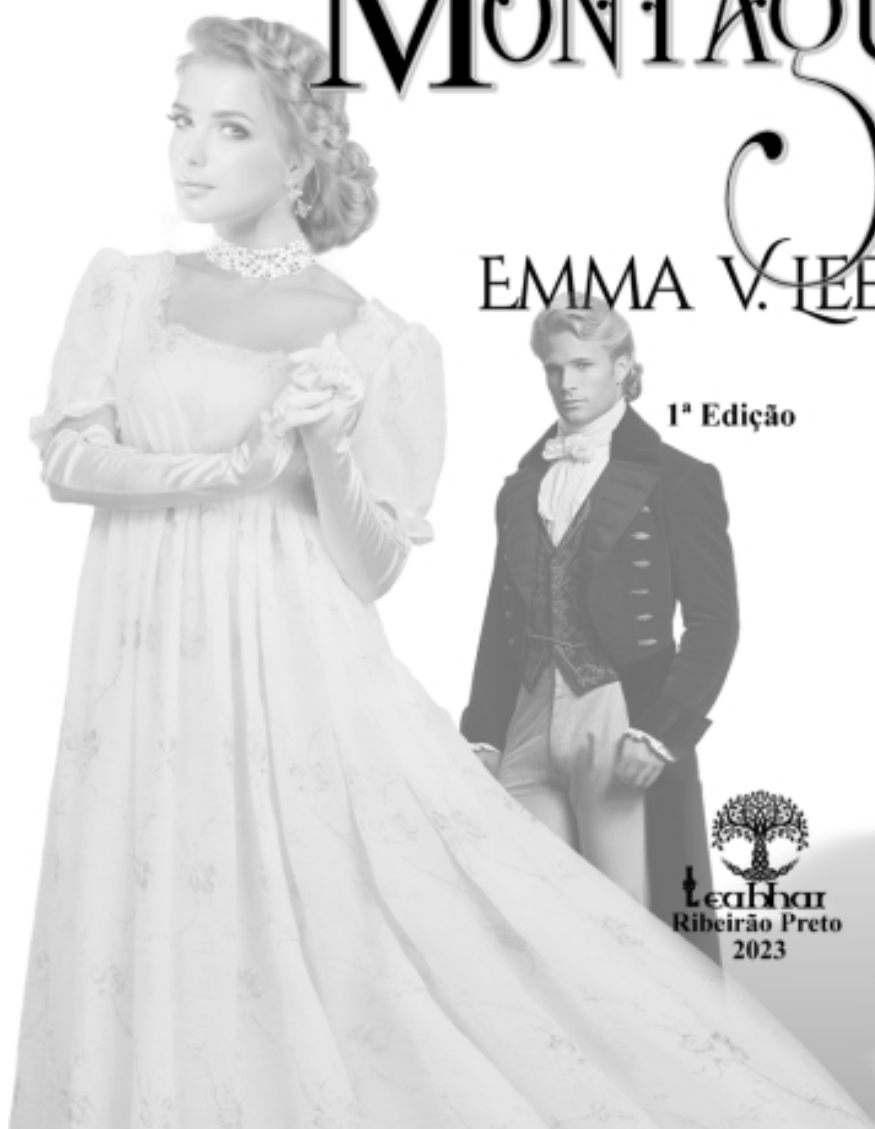
LANZAROTE
Caliente.COM

DAMAS OUSADAS

MATILDA E MONTAÇO

EMMA V. LEECH

1ª Edição




Leabhar
Ribeirão Preto
2023

DIREITOS AUTORAIS



Título original: Matilda & Montagu
Girls Who Dare Livro 10,5
Copyright © Emma V. Leech, 2020
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: Isabel Vasconcellos e D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CARTOGRÁFICA

LE1111be

Leech, Emma V.

Título: Matilda e Montagu (recurso eletrônico) - Leabhar Books

Editora Ltda. 2023 - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Marilda & Montagu © 2020 Emma V. Leech

Formato: Livro Digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-168-1

1. Romance de época. 2. Série I. Costa, Hamireths. II. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.

CP: 5008 CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com.br

DESAFIANDO UM DUQUE

LIVRO 1



19 DE ABRIL DE 1814, LONDRES. UPPER WALPOLE STREET, CASA DE RUTH.

— Prue.

Ela se virou e encontrou Matilda a seguindo. A bela loira estendeu a mão e pegou a dela, apertando-a brevemente.

— Eu sei o que é perder a reputação — disse ela seriamente. — Por favor, não se preocupe com Alice. Vou tomar conta para que ela não se machuque. Tem a minha palavra.

Prue olhou para ela, um pouco surpresa. Matilda e Alice nunca haviam sido próximas, Alice era muito impressionada com a jovem arrebatadora para conversar com ela.

No entanto, Matilda Hunt sabia como era ser arruinada.

Segundo Ruth, que era a mais próxima dela, ela foi arruinada e não tinha sido culpa dela. Foi obra do irmão dela, indiretamente, ao menos. Mas isso não mudava nada. Fosse qual fosse a verdade, fora apanhada sozinha com o marquês de Montagu num clube de apostas de homens. Inevitavelmente, Matilda Hunt havia sido apelidada de A caçadora, por tentar fisgar o marquês em casamento. O fato de ela jurar que não pretendia tal coisa fora uma defesa insuficiente contra as fofocas da alta sociedade. De qualquer forma, Montagu recusou-se cair na armadilha e Matilda ficou arruinada.

— Como administrará isso? — Prue perguntou, não acreditando no quanto estava cética.

Matilda devolveu um sorriso bastante enigmático. — Eu tenho a minhas manhas — disse ela, olhando para Alice, que estava florescendo sob a

atenção do resto do grupo. Ela parecia feliz e bastante animada. — Então, não se preocupe. Ela vai estar segura.

Prue assentiu, acreditando nela. — Obrigada — disse ela, e se despediu de Matilda.



NOITE DE 25 DE ABRIL DE 1814. BAILE DOS CAVENDISH, MAYFAIR. LONDRES.

Prue olhou para cima quando o marquês de Montagu entrou no salão de baile. Ah, pensou ela com um suspiro, enquanto o mundo se endireitava, ali está *um verdadeiro bastardo*, e não estava se referindo à sua linhagem impecável.. O marquês era um homem frio, altivo, poderoso e cruel, e foi por sua causa que Matilda Hunt estava tão arruinada. Ele a acusou, injustamente, de tentar prendê-lo em um casamento e a atirou aos lobos. Agora Matilda nunca mais encontraria um bom partido. As únicas ofertas que “*A Caçadora*” recebia não eram do tipo que condiziam com uma dama respeitável.

ROUBANDO UM BEIJO

LIVRO 2



NOITE DE 13 DE JUNHO DE 1814. HALF MOON STREET, MAYFAIR, LONDRES.

— Eu só quero que ela seja feliz, Nate, é tudo o que eu quero.

Havia mais emoção naquelas palavras do que pretendia mostrar. Apesar de todas as suas ideias para chantageá-lo, não tinha a intenção de sobrecarregá-lo com sua infelicidade. De fato, se esforçava para parecer feliz e animada, tudo o que sempre fora antes que seu pai, seu irmão e o marquês de Montagu tivessem roubado seu futuro.

— Eu sei, Tilda — disse Nate, virando-se para olhá-la enquanto sua boca se curvava em um sorriso torto. — Está bem, — disse com um suspiro, claramente infeliz, mas resignado. — Sua Alice terá seu beijo no terraço, tem a minha palavra, mas é melhor ficar com olho bem aberto, pois não serei preso a um casamento. Nem mesmo para favorecê-la.



NOITE DE 13 DE JUNHO DE 1814. HALF MOON STREET, MAYFAIR, LONDRES.

Nate ficou observando a irmã sair da sala e suspirou. Seria sempre assim? Será que ele nunca se livraria da culpa?

Não.

Uma pergunta idiota de qualquer forma. Ele não merecia ficar livre disso, nunca estaria.

Nate esfregou os olhos, secos e ásperos por ter dormido pouco e da atmosfera esfumaçada do clube. O arrependimento pesava sobre ele por diversas razões. Ele se jogou sobre a cadeira elegantemente estofada junto à

lareira e seus pensamentos voltaram para aquela noite fatídica. A noite em que seu pai havia morrido.

Hunt Sênior ficou de cama e, após o diagnóstico de pneumonia, lentamente sucumbiu. Durante o tempo que ficou enfermo, seu pai confessou ter se endividado. Totalmente ignorante quanto aos modos esbanjadores do pai, Nate havia pedido alegremente ao velho que não se preocupasse, pois ele resolveria as coisas. Que piada.

Logo ficou claro que o pai não tinha *apenas dívidas*, ele havia arruinado a família inteira. As quantias que Nate mal conseguia conceber, eram devidas à cidade inteira, com oficiais de justiça batendo à porta a qualquer hora do dia e da noite. Eles tiveram que vender tudo. Todas as terras, as propriedades, aquela que já estava hipotecada até o teto, obras de arte, móveis e até mesmo todas as joias que a mãe deixara para Matilda. Quando tudo foi perdido, eles mal tinham as próprias roupas do corpo para chamar de suas.

Somado a isso, o pai imprudente nem ao menos teve a decência de partir de uma vez, pois viveu por semanas, adicionando as contas dos médicos à sua lista interminável de dívidas.

Furioso, infeliz e aterrorizado com o que seria deles, Nate saíra para afogar suas mágoas.

Sentindo vontade de fazer o mesmo naquele momento, Nate levantou-se e encheu novamente o copo e caminhou até a janela que Matilda havia deixado aberta. Ele se inclinou sobre ela e apoiou a testa contra o vidro frio e aproveitou a brisa que bagunçou seu cabelo enquanto observava a rua escura.

Matilda tinha ido buscá-lo naquela noite. Seu pai estava morrendo, finalmente, e chamava por ele, pois queria pedir perdão. Os criados já haviam sido dispensados, exceto por uma criada que ficou por algumas horas durante o dia. Naquela hora da noite, porém, sua irmã estava sozinha servindo de babá de um moribundo. O velho miserável fora egoísta até o fim, implorando para que ela buscasse Nate tão lamentavelmente que ela saiu noite a fora. Sozinha.

Matilda se encarregou de ir ao clube do qual Nate sempre fora membro. Ele, pelo menos, não tinha dívidas e sua filiação havia sido paga integralmente até o final do ano. Ele tinha toda a intenção de permanecer lá até que o expulsassem à meia-noite de trinta e um de dezembro.

De alguma forma, e Nate ainda não sabia como ela havia feito isso, Matilda havia implorado ao proprietário que a deixasse entrar, e ele a levara para uma sala privada para esperar enquanto localizavam Nate.

Exceto que a sala não estava vazia e nem era tão privada como diziam.

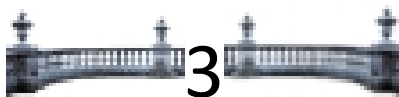
Nate gemeu ao lembrar. Ele se arrependia tanto daquela noite. Ele lamentava o fato de ter se recusado a encontrá-la quando recebera sua mensagem. Ele odiava o maldito pai àquela altura, e maldito seria ele se o deixasse descansar em paz quando o miserável havia condenado os dois filhos a viver na penúria. Ele também se arrependia disso. Seu pai tinha sido um idiota e foi um esbanjador, mas Nate o amava e lamentava nunca ter dito ao velho.

Mas agora era tarde demais. Tarde demais mesmo.

Então, agora ele estava tentando fazer as pazes. Matilda havia perdido o pai e o futuro na mesma noite e, embora os pecados do pai não fossem dele, ele poderia ter salvado a reputação da irmã. Se não tivesse saído naquela noite, se tivesse ido até ela de uma vez, se o marquês de Montagu não fosse um canalha frio e poderoso demais para ser tocado.

Em vez disso, Nate cobria sua irmã com todo o luxo que ela poderia querer, qualquer coisa que aliviasse a culpa por ter roubado o futuro dela. Ela já deveria ter conseguido um grande partido, pois era linda. Deveria estar feliz e rodeada de filhos, a única coisa que Matilda realmente desejara.

Em vez disso, ele a condenara a uma vida no qual nunca chamaria a atenção de um homem respeitável, não como esposa, pelo menos. Ela nunca lhe contava quantos homens faziam propostas indecentes, mas ele sabia que faziam. Ainda assim, ela os enfrentava. Sempre que possível, gostava de sair e se misturar com aqueles que a evitavam, o tempo todo mantendo a cabeça erguida, desafiando-os a dizer aquelas coisas na sua cara. Deus, como ele admirava a sua coragem, mesmo que isso partisse seu coração.



14 DE JUNHO DE 1814. BAILE DOS RANSOM. LONDRES.

— Sozinha, srta. Hunt? E admirando uma pintura tão escandalosa. Isso é sábio? — a postura de Matilda endureceu e, ao mesmo tempo, seu olhar voou para onde Alice estava. Alice começou a dar um passo à frente para fora da alcova, para mostrar ao homem que Matilda não estava, de fato, sozinha, mas Matilda balançou a cabeça em negativa. Foi um movimento minúsculo, quase imperceptível, mas Alice conseguiu captar, perplexa. Os olhos azuis de Matilda seguraram os dela por um momento, como se confirmasse que ela deveria ficar onde estava e depois se virou, lentamente.

Cabeça para cima, ombros erguidos, ficou ali parada tão orgulhosa quanto uma rainha para encarar quem tinha falado com ela.

O olhar de Alice fixou-se no reflexo de uma figura sombria em uma caixa de vidro do outro lado da galeria, e instantaneamente prendeu a respiração. A figura era indistinta, mas o homem ainda assim era inconfundível. Marquês de Montagu. O homem que arruinara Matilda com nada mais além do que sua presença.

Matilda olhou para ele, seu olhar era gelado e de ódio. Não fez uma reverência como deveria na presença de um homem tão nobre e nem o cumprimentou.

— Por todas as coisas que tirou de mim, o senhor acabou me dando a liberdade de agir como eu bem entender. Não preciso da permissão de ninguém, muito menos da sua. O senhor já destruiu a minha reputação, não tenho muita coisa a perder.

Após um momento de pausa, ele falou novamente, sua voz estava tão fria quanto a expressão de Matilda.

— Não sei se isso é verdade.

Alice só conseguia ver o perfil do rosto de Matilda do seu esconderijo, mas de lá foi possível ver sua amiga arquear uma sobrancelha elegante enquanto uma peculiaridade irônica tocava seus lábios.

— Oh, o senhor sabe sim que não é verdade — disse Matilda enojada. — O senhor sabe que nada aconteceu entre nós naquela noite. Mas graças ao senhor, as pessoas acreditam que aconteceu sim, então o que isso importa? O senhor arruinou a minha vida e se acha que vou agradecê-lo pelas observações sobre como vivo à luz desse fato, está muito enganado.

— Não tenho culpa de nada — respondeu o marquês, parecendo entediado, na melhor das hipóteses. — Eu não a convidei para aquela sala e, como a senhorita mesma disse, eu não lhe encostei a mão. A senhorita estava lá por sua própria vontade.

— Meu pai estava morrendo e eu estava procurando meu irmão. Era o desejo de papai falar com ele uma última vez — Matilda respondeu, as palavras arrancadas e atadas com fúria.

— Então, a senhorita deixou um moribundo sozinho, em vez de enviar um criado?

Alice ofegou com a crueldade daquela declaração e viu Matilda se encolher, só um pouco.

— Não podíamos pagar criados naquela época, como tenho certeza de que o senhor bem sabe. Papai esbanjou nossa herança e não deixou nada além de dívidas. Por isso ele queria ver meu irmão, para pedir perdão.

Mesmo através do vidro, Alice percebeu o desdém de desprezo, embora pudesse ouvi-lo ainda mais claramente na voz do marquês.

— Ah sim, conveniente da parte dele. Quem pode recusar os desejos de um moribundo? Até mesmo de quem condenou sua própria família à miséria? Então, como um ato de contrição, ele envia sua filha à procura do filho à noite, sozinha. Que santo ele era — Matilda pulsou com aquela observação enquanto sua mão foi até sua garganta.

— O senhor é um bastardo sem coração e malvado — disse, enquanto Alice cobria a boca com a mão para abafar sua própria respiração.

Como Matilda tinha coragem de enfrentar aquela criatura repugnante, xingando-o com tanta facilidade, Alice não conseguia entender, mas nunca esteve tão orgulhosa.

O marquês recebeu as palavras de Matilda com nada além de um arquejo entretido.

— Um bastardo *não* — ele falou, parecendo quase pesaroso. — Mas sou todo o resto do que disse. No entanto, ainda assim sou um homem melhor que seu pai.

— Como o senhor se atreve...

Matilda começou, mas a figura sombria no reflexo levantou a mão para silenciá-la.

— Minha família, meu nome, nossa herança, tudo — disse ele, e a impressionante arrogância por trás de suas palavras só diminuiu porque Alice sabia que eram verdadeiras. — Montagu é um dos nomes mais antigos e poderoso do país. Tudo o que faço é para o bem da minha família. Eu nunca traria vergonha ou desrespeito para nós. Certamente não me casando com uma mulher sem nome e sem dinheiro, que tem a ousadia de

visitar um clube masculino nas primeiras horas da manhã, só porque ela foi tola o suficiente para entrar em um lugar que já estava ocupado.

— Eu nunca pedi isso — Matilda atirou de volta contra ele. — Por Deus, eu prefiro a posição em que estou agora mil vezes mais do que me encontrar casada com um homem mais morto do que vivo — houve um silêncio ensurdecedor e Alice sentiu todos os pelos do seu corpo arrepiarem enquanto a atmosfera formigava de tensão.

— O que queria então? — ele perguntou, e pela primeira vez aquele comportamento gelado parecia apenas um pouco abalado, uma irritação sutil discernível em sua pergunta.

— O senhor poderia ter me ajudado — disse Matilda, a fúria em sua voz era quente o suficiente para chamuscar todas as pinturas do lugar, e escaldante o bastante para derreter um pouco da frieza do marquês expondo um brilho de raiva. — O senhor poderia ter silenciado aqueles homens, refutado o que tinha acontecido. Se o senhor é tão poderoso quanto diz, poderia pelo menos ter me defendido, atenuado minha vergonha, mas não o fez. O senhor se afastou e não fez nada, não disse nada. Algum dia pagará por isso, vou me certificar disso.

— Como a senhorita é ingênua — ele disse, sua voz era fria e desdenhosa fazendo os pelos de Alice arrepiarem. — Se eu tivesse feito alguma das coisas que sugere, teria sido muito pior para a senhorita. Teria indicado que eu me importava, teria sugerido um sentimento de culpa, de dever. Agora, pelo menos, a senhorita tem algumas pessoas que acreditam na sua verdade. Se eu a tivesse defendido de alguma forma, como finge que queria, as pessoas teriam certeza de que éramos amantes.

— Eu duvido — Matilda respondeu. — Duvido que alguém acredite que o senhor seja capaz de um ato humano tão físico. Não acho difícil acreditar que o senhor pague suas amantes para contar histórias de suas proezas, pois não há nada no senhor que possa realmente sentir alguma coisa. O senhor é frígido, milorde? — ela perguntou, um tom deliberadamente zombador na pergunta. — Eu não teria nenhuma dificuldade em acreditar nisso. Tocar outro ser humano deve enojá-lo. Afinal, o senhor poderia ser forçado a mostrar um pouco de emoção. Todas essas histórias sobre o senhor, sobre suas amantes e suas habilidades — Matilda fez um som depreciativo —, não acredito em nenhuma delas.

— Oh, a senhorita acredita nelas — disse ele, as palavras quase inaudíveis quando ele se aproximou dela e depois parou. — E está

mentindo para si mesma e para mim com esse ato de mártir. Se eu tivesse proposto para a senhorita naquela noite, teria aceitado sem pensar duas vezes. Eu vi o seu olhar quando se deu conta que estávamos sozinhos, pai moribundo ou não, e aquele não era um olhar de medo ou repulsa.

— Meu Deus — sussurrou Matilda, respirando com dificuldade enquanto o encarava. — Eu não acredito que homem mais desprezível já andou nesta terra. Desejo-lhe alegria pelo seu nome, seu poder e sua fortuna, mas sei que o senhor nunca vai encontrar. Toda comida que coloca na boca tem gosto de pó? O dia inteiro que se estende diante do senhor preenche uma paisagem sem fim, sem cor ou esperança? — Alice observou Matilda o encarando e depois assentir. — Sim, não é? — ela disse surpresa, como se uma revelação tivesse sido feita a ela. — Mudei de ideia. Eu não o desprezo. Tenho pena do senhor, para sua informação. E não estou sozinha, eu tenho amigas. Muitas, e uma delas está aqui — Matilda virou-se para Alice e deu-lhe um sorriso caloroso. Os olhos dela estavam brilhantes, as bochechas coradas pelo confronto, mas agora ela parecia calma, serena. Ela estendeu a mão para Alice. — Venha, querida — disse ela, quase sorrindo. — Encontraremos outro lugar para nossa conversa. O marquês deseja ficar sozinho — Matilda olhou para ele e Alice seguiu seu olhar. — Eu gostaria de conceder esse desejo — continuou Matilda —, suspeito que viverá a vida toda consigo mesmo — com toda a dignidade e porte de uma imperatriz, Matilda deu as costas para o marquês e foi embora.

Alice olhou para trás mais uma vez, para um homem com um rosto que poderia ter sido esculpido em granito por todo o calor que continha. Ele era alto e magro, seus ombros largos e seus olhos cinzas e completamente frios. Alice tremeu e se virou, correndo atrás de Matilda para longe daquela presença tóxica.



24 DE JUNHO DE 1814. BAILE DOS EVERSLEY, REGENT'S PARK, LONDRES.

Nate examinou a multidão de pessoas e respirou fundo. Alice Dowding tinha muito a responder.

Com Matilda ao seu lado, enfrentou a multidão. Sua irmã estava especialmente linda naquela noite, ele lançou olhares raivosos para muitos homens que enviaram olhares avaros em sua direção. Canalhas. Ofereciam insultos, mas nunca ofereciam sua mão. Tudo por causa de Montagu.

Com toda a nova riqueza e poder, Nate ainda não conseguia atingir o homem. O escândalo caíra longe da sua porta, ninguém ousava falar uma palavra contra Montagu. Era um homem perigoso, com muita influência e uma memória infalível e era conhecido por aniquilar aqueles que ameaçavam seu nome ou o da sua família, por mais inofensivo que fosse.

Nate tentou desafiá-lo pelo que havia feito, e o demônio riu na sua cara, como se estivesse abaixo dele. É claro que estava. Por enquanto. Talvez com qualquer outro homem houvesse o estigma da vergonha, uma acusação de falta de honra ou coragem por não enfrentar o desafio.

Ninguém em sã consciência apontaria um insulto como esse contra Montagu.

Estranhamente, Nate aceitou que ao marquês, à sua maneira distorcida, também não faltava honra. Só que sua honra servia a si mesmo e aos que levavam seu nome, a ninguém mais.

Montagu pagaria pelo dano que causara naquela noite, no entanto. Nate se asseguraria disso.

— Devagar — Matilda sibilou, enquanto aguardava sua acompanhante que estava lutando para alcançá-la.

A sra. Bradford era uma mulher de meia idade atarracada e direta, a acompanhante que Matilda assumira para atendê-la nas ocasiões em que Nate se recusava a ir... a maioria delas. Como Tilda suportava isso, não sabia. Por que se colocava nessas situações, enfrentando todas essas pessoas que preferiam fofocar e evitá-la se tivesse a oportunidade?

Nate suspeitava fortemente que Matilda normalmente colocava a sra. Bradford em uma cadeira confortável, com um copo e uma companhia para entreter, e não a via mais a noite toda, mas isso não era problema dele. Matilda sempre fora sensata, se importava com o decoro, o que fora metade do motivo pela qual àquela noite deixara um buraco arrasando seu coração. Bom Deus, Matilda em um clube masculino, sozinha, no meio da noite! Quão desesperada devia estar.

Seu coração se apertou e, como geralmente fazia com coisas desagradáveis, ele decidiu que não queria pensar nisso.





Oh, Lucia,

O que eu fiz?

*— Trecho de uma carta da srta. Matilda Hunt à
Señorita Lucia de Feria.*



**24 DE JUNHO DE 1814. BAILE DOS EVERSLEY, REGENT'S PARK,
LONDRES.**

— Maldição, Nate — Matilda se enfureceu enquanto olhava para um corredor sem fim que ficava à sua esquerda e à sua direita. — Mas que diabos, seu homem miserável — tinha sido apenas um vislumbre pelo canto do olho, mas a figura alta e loira de Nate era inconfundível, e um vislumbre dos cabelos ruivos de Alice era tudo o que ela precisava para saber quem era sua acompanhante.

Como pode?

Ela esperava que seu irmão e sua amiga se dessem bem, era verdade, e acreditava que isso poderia acontecer, mas como ele poderia fazer isso? Que tipo de loucura o possuía para arrastar Alice do baile?

Por Deus. Se eles fossem descobertos...

Matilda sentiu uma onda de frio gelado enquanto seu estômago se revirava.

Para onde poderiam ter ido? Havia dezenas de portas, para não mencionar outros corredores e escadas. Os Eversley estavam entre a minoria que podia manter uma gigantesca casa na cidade. A maior parte da alta sociedade preferia uma casinha aconchegante, economizando tamanha grandeza para as propriedades rurais.

É claro que a maior parte da sociedade não podia se dar ao luxo de manter uma casa tão grande na cidade e no campo, não mais. Esse prazer era deixado para a classe dos comerciantes com mais dinheiro do que sangue azul, e a *sociedade* gostava de rir nas suas costas e fingir que não se importava.

Matilda hesitou e depois tomou o corredor da esquerda. Mal deu dez passos quando o movimento em uma escada à direita chamou sua atenção.

Ah, não. Simplesmente não poderia ser.

Congelou, perfurada por olhos frios e cinzas, como uma borboleta empalada com um alfinete no estômago.

— Ora, ora srta. Hunt. Nos encontramos de novo.

Deus, sua voz a enervava. Era precisa e fria, afiada o suficiente para partir uma rocha ao meio.

— Oh — disse, esperando parecer enojada e não como se o medo estivesse tomando seu corpo em uma onda doentia — é o senhor.

— É o senhor, *milorde* — ele a corrigiu, sua boca cruel se contorcendo um pouco. Parecia se divertir com a grosseria intencional dela que a surpreendeu um pouco, quase como se ele gostasse. Talvez tenha sido a novidade. Ela duvidava que alguém ousasse tratá-lo com nada menos que deferência.

— Vá para o inferno — respondeu, dizendo a si mesma para se virar e se mover para o outro lado, mas, assim como a borboleta, não podia, pois estava presa com o seu olhar. Nunca conheceu um homem que transpirasse poder como o marquês. Era assustador e convincente ao mesmo tempo.

— Oh, dê a isso um pouco de tempo — disse, os olhos da cor das nuvens de tempestade brilhando enquanto a observava, fazendo-a se sentir cada vez mais como uma amostra científica. — Eu sou um homem relativamente jovem ainda.

— O que o senhor quer? — resmungou, cruzando os braços, em parte para esconder o fato de que suas mãos estavam tremendo.

Ele franziu a testa, inclinando a cabeça um pouco para o lado enquanto considerava a pergunta.

— Querer? — repetiu, como se ela tivesse falado em alguma língua estrangeira. — Da *senhorita*?

Matilda sentiu a fúria crescer dentro dela. Bem, naturalmente, um homem como o marquês de Montagu não a tocaria com uma vara de três metros, pensou selvagememente. Não queria nada dela, isso estava muito claro, e graças a Deus por isso.

— O senhor deveria ter cuidado por andar por um lugar como esse sozinho — disse zombando dele. — Nunca sabe que tipo de mulheres solteiras e perigosas estão esperando pelo senhor, pobre criatura inocente que é.

Ele deu de ombros, descartando aquele ataque. — Eu tenho um método à prova de idiotas para lidar com esses tipos de damas presunçosas.

Matilda se encolheu, só um pouco, mas nunca deixou seu olhar desviar dele. *Ele não pode te machucar*, lembrou a si mesma. *São apenas palavras. Ele já fez o seu pior.*

— O que diabos o senhor está fazendo em um evento de tão má reputação? — inquiriu. — Os Eversley dificilmente merecem sua presença deveras distinta em um evento como o de hoje, deixaram entrar todo tipo de ralé — acrescentou, fazendo um gesto para si mesma.

Seu olhar aguçado seguiu o movimento, retornando para olhá-la nos olhos.

— Eu estava entediado.

A resposta a surpreendeu, mais ainda pela constatação de que ele estava surpreso por ter admitido isso.

— Bem, não há nada para ver aqui — disse, erguendo o queixo. — Então, vá embora — acrescentou enquanto acenava com a mão para cima e para baixo no corredor, indicando que ele deveria escolher seu destino.

Nem um lampejo de raiva ou irritação cruzou seu rosto austero.

— Não estou acostumado a receber ordens — respondeu, seu tom mais indiferente e sem emoção do que nunca. Ficou bravo? Matilda teve um repentino desejo de fazê-lo perder a paciência, perturbar aquela calma inabalável.

Perguntou-se como se comportava com uma amante. Era capaz de ter prazer? Sua reputação certamente sugeria isso, maldade e depravação, do tipo de prazer que nenhuma boa garota jamais entenderia, mesmo que casada. Ouviu os boatos quando as mulheres falavam. Ele raramente tomava amantes, o que talvez aumentasse seu apelo. O ar arrogante de inatingibilidade era uma atração própria, em todos os aspectos, e não por causa de sua crueldade. Matilda não conseguia entender nada disso. Tentou imaginar como ele poderia agir no auge do êxtase, mas não conseguiu. Então corou furiosamente enquanto se perguntava horrorizada porque diabos sequer estava pensando sobre isso.

Para sua consternação, as sobrancelhas dele se uniram quando aquele olhar gelado e irritante a atingiu novamente, sem dúvida observando sua cor acentuada.

— O quê? — perguntou, e pela primeira vez não pareceu orgulhoso ou distante enquanto a curiosidade brilhava no cinza.

— Nada — disse Matilda, dando meia volta e deixando-o onde estava. Saiu, sem olhar para trás.



Matilda estava frenética. Levantando suas saias, começou a correr e, ao reconhecer a figura que passava à frente, sabia que seus medos estavam bem fundamentados.

— Espere! — chamou, tentando parar a mão que alcançava a maçaneta da porta. — Espere um momento.

O homem apenas se virou e sorriu para ela, antes de abrir a porta.

Não. Não. Não.

Matilda rezou, rezou para que ele tivesse aberto a porta errada, rezou para que não fosse Nate atrás daquela porta, que não fosse Alice em seus braços.

A voz gaguejante familiar estava cheia de desprezo e satisfação e confirmou seus piores medos.

— O-ora, ora, A-Alice. Quem t-teria pensado tal coisa?

Queria chorar enquanto corria para o salão atrás dele. Nate obviamente havia se afastado de Alice, colocando distância entre eles, mas era evidente o que estavam fazendo. Alice parecia completamente beijada. Sua pele estava corada, seus cabelos estavam soltos, seus lábios vermelhos e inchados. Nunca pareceu mais linda. O coração de Matilda deu um pulo. *Ó Deus. Não.*

— E com o seu i-irmão, srta. Hunt — O sr. Bindley virou-se para sorrir para ela, um sorriso reptiliano que colocou todos os seus sentidos em alerta. — Eu p-posso ver com q-quem a senhorita aprendeu.

— Retire o que disse, seu canalha — Nate rosnou, dando um passo em sua direção.

— Não importa, Nate — Matilda retrucou, dando-lhe um olhar que prometia vingança. Virou-se para Bindley. — O que o senhor quer?

Um homem como Bindley sempre queria algo, e Matilda sabia o que era.

Uma pequena fofoca naquela noite a colocou em posse de uma série de informações. Edgar Bindley poderia ser filho do conde de Ulceby, mas estava endividado até o pescoço. Toda a família estava. Tudo o que não estava vinculado ao espólio estava hipotecado ao máximo, e a família devia grandes somas de dinheiro. O dote generoso e a natureza doce de Alice a tornaria perfeita para um homem como Bindley. Sem dúvida, a estava espionando, esperando por uma oportunidade de ter algo dela, e Nate praticamente lhe deu a alavanca.

— P-porque, quero q-que a srta. Dowding p-pare de brincar de t-tímida e a-aceite se c-casar c-comigo —disse, um sorriso nos lábios que fez Matilda estremecer. — Se ela f-fizer isso i-imediatamente, eu p-posso pensar em e-esquecer o fato de m-minha noiva ser uma m-meretriz.

Matilda e Alice deram um pulo quando Nate diminuiu a distância entre ele e Bindley. Agarrou-o pela gravata e o puxou, assim seus dedos do pé mal tocaram o chão.

— Eu vou matá-lo — disse, a fúria em sua voz sugerindo que não estava falando em vão. Estava falando de verdade. — O senhor não encostará a mão nela, nem a olhará, nem falará dela para ninguém. Ela vai se casar comigo.

Matilda soltou um suspiro de alívio. Graças a Deus. Deveria saber que seu irmão tinha muita honra e nada menos que isso. Depois do que havia acontecido com Matilda, ele nunca deixaria que outra mulher sofresse o que o marquês fizera à irmã.

— Os p-pais dela n-nunca p-permitirão — Bindley zombou, segurando a gravata e tentando se libertar. — Sou filho de um conde e o senhor é N-Nathaniel Hunt — disse o nome como se houvesse algum insulto nele, e Nate reagiu.

Matilda gritou quando ele puxou o punho para trás, mas, antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, Alice colocou a mão no braço de Nate.

— Pare — disse, sua mão pequena agarrada a ele. — Pare com isso!

Nate jogou Bindley para longe com um olhar de total desgosto.

— Alice, querida. Eu sinto muito, pode me perdoar? — disse, e Matilda se assustou com a sinceridade em sua voz, do olhar em seus olhos quando ele se virou para Alice. — Não precisa se preocupar. Nós vamos nos casar imediatamente. Eu vou tomar conta de tudo. Vamos fazer isso antes que haja qualquer risco de um escândalo.

— Não — Alice disse e Nate congelou. Todos congelaram. Alice respirou fundo e repetiu aquela palavra improvável. — Não — disse novamente —, não vou me casar com o senhor e certamente não vou me casar com ele.

Matilda piscou, um pouco assustada com a veemência de Alice. Na maioria das vezes tinha que ouvir atentamente quando conversava com Alice, pois ela era tão meiga que era impossível ouvi-la se houvesse algum ruído de fundo, mas isso não era um problema agora.

— Alice — disse Matilda, aproximando-se dela e pegando sua mão. Ao fazer isso, ela percebeu que Alice estava tremendo. — Alice, querida, Nate está certo. Aquele homem odioso abrirá a boca para o mundo sobre o que aconteceu aqui. Aplauda-a por não se casar com ele, acho que se arrependeria pelo resto dos seus dias, mas deve se casar com Nate. Simplesmente deve — para consternação de Matilda, Alice balançou a cabeça negativamente.

— Eu não devo.

Matilda olhou para o irmão, chocada com a emoção crua que viu nos olhos dele. Quando a viu observando-o, sua expressão se fechou. Seu maxilar flexionou, mas ela viu.

— V-veja s-só — disse Bindley, triunfando em sua voz. — Até a m-meretriz sabe q-que não v-vale a pena se c-casar com o s-senhor — Nate se virou, punho erguido, enquanto Alice e Matilda gritavam e Bindley soltou um grito abafado de terror.

— *Parem.*

Um silêncio tomou conta da sala.

Meu Deus, não. Um medo percorreu a espinha de Matilda. Achava que aquela noite não poderia ficar pior, mas simplesmente tinha ficado. O marquês de Montagu estava parado na porta, orgulhoso e implacável. As linhas severas de seu rosto o fizeram parecer mais severo do que nunca na luz fraca das velas.

Parem, ele disse, e pararam. O homem nem sequer levantou a maldita voz por causa dos gritos, apenas ficou lá e disse para eles pararem, e todos estavam congelados como se o próprio Deus tivesse dado a ordem. O que havia naquele homem que comandava tal autoridade?

— Isso não é da sua conta — disse Nate, selvagememente, enquanto encarava o marquês.

Uma situação terrível acabara de ganhar muito mais combustível. Nate odiava aquele homem mais do que qualquer outra pessoa no mundo.

— Acredito que não — disse Montagu, parecendo revoltado com a ideia. — No entanto, parece que as crianças já passaram da hora de dormir e precisam de um adulto para supervisioná-las — Nate abriu a boca, sem dúvida com uma resposta ácida na ponta da língua, mas o marquês apenas o reprimiu com um olhar.

— Srta. Dowding — ele disse, ainda encarando Nate, desafiando-o a falar alguma coisa. — Devo entender que a senhorita recusou as duas

ofertas de casamento?

Oh não. O coração de Matilda caiu no chão. O miserável deve tê-la seguido e ouvido tudo.

— S-sim — Alice gaguejou, qualquer bravura que a alimentou um momento atrás, dissolveu-se na presença de Montagu.

Matilda não podia culpá-la. Por um momento, ela esperou que o marquês intimidasse Alice a aceitar um deles, mas ele não fez isso. Apenas acenou com a cabeça.

— E a senhorita percebe que ficará arruinada quando essa notícia for divulgada? — Virou-se para dar a Bindley um olhar que fez o homem empalidecer. — E *será* divulgada. Nosso amigo loquaz aqui se certificará disso.

Alice assentiu e Matilda a puxou para seus braços. A menina estava agora pálida e tremendo, e Matilda a abraçou com força.

— Estou aqui, minha querida — disse, querendo que isso causasse algum bem. — Não a abandonarei.

— A senhorita não vai gostar de ser arruinada, srta. Dowding — continuou Montagu, as palavras duras e sem verniz. — A senhorita será falada pela cidade, pessoas rirão da senhorita e a depreciarão. Seus conhecidos irão bani-la, ignorá-la. Suas amigas não estarão mais disponíveis quando a senhorita for visitá-las. Receio que a senhorita não tenha força de caráter para suportar isso da mesma maneira que a srta. Hunt suporta. Isso irá esmagá-la.

— Qualquer amiga que a ignore não é uma amiga que valha a pena ter — disse Matilda, querendo tapar os ouvidos de Alice para salvá-la das palavras cruéis e sacudi-la também, para fazê-la entender que tudo aquilo era verdade. Passara por tudo aquilo na própria pele.

— Um sentimento muito bonito — respondeu Montagu, nada comovido. — Mas isso não vai mudar o resultado, como a senhorita bem sabe, *mademoiselle la Chasseuse*.

Matilda se encolheu ao som de um dos nomes que as pessoas sussurravam nas suas costas. *A Caçadora*, ou *Mademoiselle la Chasseuse*.

— Cale a boca, seu canalha — Nate rosnou, parecendo que estivesse prestes a cometer um assassinato. — Você fez isso. *Você*.

— Não — disse Montagu, totalmente sem emoção. — *Você* fez isso com a srta. Hunt, e *você* está fazendo a mesma coisa com a srta. Dowding. Eu apenas lido com as consequências — virou as costas para Nate e deu a

Alice sua atenção. — Imagino que a senhorita tenha razões para sua decisão. Para esse pelo menos — disse, inclinando a cabeça para encarar Bindley com uma expressão de repugnância leve — não precisa de explicação. No entanto, tendo em mente que a senhorita veio aqui sozinha com o sr. Hunt...

Alice corou escarlate. A cor era tão intensa que Matilda podia sentir o calor dela contra sua pele enquanto segurava Alice nos braços.

— Basta! — disse Matilda enraivecida. — O senhor tem algum argumento a fazer, ou está simplesmente gostando de brincar com nossas vidas? Não estamos aqui para o seu entretenimento, se quer saber.

Montagu voltou sua atenção para Matilda, e ela reprimiu um calafrio.

— Bem, se a senhorita fosse, eu diria que está fazendo um trabalho lamentável, pois estou longe de estar entretido. E sim, tenho um argumento.

— Então ande logo com isso — retrucou, nervosa como sempre pela intensidade do seu olhar.

Seus olhos estavam quase prateados sob aquela luz, as írises pálidas com borda preta. Ela nunca tinha visto olhos como os dele antes, tão frios e indiferentes a tudo, mas capazes de incutir medo com tanta ferocidade. Seus cabelos, de um loiro tão surpreendente, pareciam brancos contra as sombras, dando-lhe uma beleza desumana e sobrenatural. Como uma criatura mítica desenhada das sombras.

— O ponto é que sua amiga aqui está reagindo com emoção. Não está se preocupando em analisar o problema. Uma característica tola, mas longe de incomum. Portanto, sugiro aos dois cavalheiros que segurem suas línguas e deem à senhorita o espaço de três semanas para considerar suas ações. Durante esse período, ninguém nesta sala abrirá a boca sobre os eventos desta noite.

Matilda olhou para o marquês em estado de choque. Teria... Teria ele *realmente* feito algo para ajudar?

Parecia tão improvável que continuou considerando o assunto de todos os ângulos, certa de que ele devia ter algum motivo oculto, mas não conseguiu encontrar nada.

— Por que d-diabos eu d-devo s-segurar minha l-língua? — Bindley objetou, ficando um pouco mais alto agora, como se acreditasse que o marquês pudesse impedir Nate de arrancar membro por membro dele.

A presença do marquês surpreendeu Nate pela inação pela primeira vez, mas Matilda duvidou que funcionasse uma segunda vez.

Bindley parecia um pouco menos otimista quando o marquês se voltou contra ele.

— Edgar Bindley — disse Montagu, com os lábios um pouco curvados, como se isso o maculasse ao falar aquele nome. — O filho mais novo do conde de Ulceby. Ah, sim, o senhor espera se casar por dinheiro. Embora nem o dote da srta. Dowding atenha a maré, não é? Não por muito tempo. O senhor espera que o pai dela continue o salvando? — bufou, um som tão desdenhoso que Bindley ficou vermelho. — O conde está à beira da falência — disse, aproximando-se de Bindley, que recuou fisicamente, como se estivesse próximo de algo venenoso e passível de atacar, e não estava errado. — Só preciso dar um sopro na direção dele — disse Montagu, com a voz tão suave que as palavras eram arrepiantes — que sua queda será tão grande que não haverá como se levantar, nenhum dos dois.

— E-está me a-ameaçando — disse Bindley, horrorizado, mas o marquês apenas o considerou com uma expressão implacável.

— Eu nunca ameaço — disse simplesmente. Voltou-se para Matilda e encontrou os olhos dela, inclinando a cabeça um pouco. — Srta. Hunt. Desejo-lhe uma boa noite.

Matilda observou, atordoada e sem palavras enquanto o marquês saía tão silenciosamente quanto chegara.



NOITE DE 26 DE JUNHO DE 1814. JARDINS DE VAUXHALL, LAMBETH.

— Matilda está ali — disse Nate, inclinando-se para falar em seu ouvido. — Vou me juntar à senhorita em um momento.

Alice assentiu e correu de volta para suas amigas. Matilda virou-se para lhe dar um sorriso astuto antes de deslizar o braço nos dela e voltar à conversa com Henry. Pelo olhar do jovem, ele estava encantado. Alice sorriu e não podia culpá-lo. Matilda, como sempre, estava primorosa. Seu vestido era de um tom de violeta bastante ousado, que uma beleza inferior

nunca poderia ter se destacado, mas, combinando com um aromático branco de cetim e um chapéu encantador enfeitado com penas de avestruz, estava surpreendentemente linda.

Alice começou a observar a multidão procurando por Nate, e encontrou o olhar sem emoção e intenso do marquês de Montagu.

— Tilda — sussurrou, uma vez que uma pausa na conversa lhe permitiu chamar a atenção de Matilda.

— O que foi? — Matilda perguntou, alertada pelo tom da voz de Alice.

— Não olhe para a direita, Montagu está aqui, e está te olhando desde o último minuto.

O que Matilda sentiu ou pensou daquela informação, Alice não sabia, pois nem sua expressão nem sua postura mudaram nem um pouco. Para seu desgosto, no entanto, Matilda não seguiu seu conselho e se virou para olhar diretamente para o marquês.

Alice prendeu a respiração. Como Matilda podia se atrever a sustentar o olhar de um homem tão frio e poderoso não conseguia entender, mas ainda assim segurou, encarou-o como se fosse uma rainha e ele um plebeu impudente. Era como estar preso entre lobos, um circulando o outro, e todos os pelos da nuca de Alice se arrepiaram.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, o marquês inclinou a cabeça, um gesto tão infinitesimal que teria sido despercebido em qualquer outro homem. Para ele, parecia muito significativo.

Observaram quando o grupo de pessoas com quem ele estava ganhou sua atenção, uma bela morena se aproximou e se agarrou ao seu braço. Por apenas um segundo, Alice pensou ter visto irritação atravessar sua feição de granito, mas um momento depois ele se virou e ela não tinha mais certeza.

— Minha nossa, — disse soltando a respiração que não tinha percebido que estava segurando — o que foi aquilo?

Matilda deu de ombros, afastando-se enquanto o resto da multidão se dispersava agora que o show terminara. — Ele gosta de me lembrar que eu não sou nada para ele — disse, as palavras ditas levemente, embora Alice tivesse percebido que sua voz tremia um pouco. — Eu gosto de provar que ele é menos do que nada, a sujeira debaixo do meu sapato.

Em particular, Alice achava que muito mais fora trocado e dito naqueles míseros poucos segundos, mas manteve aquela opinião para si mesma. Havia algo entre o marquês e Matilda, alguma conexão estranha que os unia. Alice decidiu falar com Nate sobre isso, para alertá-lo de que o assunto do

marquês com sua irmã não havia terminado. Embora o que o homem tinha em mente, não ousaria considerar.



28 DE JUNHO DE 1814. BAILE DO DUQUE E A DUQUESA DE BEDWIN, BEVERWYCK, LONDRES.

Matilda sacudiu a cabeça com desgosto e decidiu que se sentia com cerca de cem anos de idade. Aos vinte e cinco, era a mais velha das Senhoritas Peculiares. Uma solteirona. Aquele título a irritava. Talvez fosse melhor ser escandalosa do que poeirenta e esquecida no fundo da prateleira. O riso das meninas ecoou pelo corredor, e ela sorriu. Já fora cheia de alegria e de tantos risos? Não conseguia se lembrar disso.

Com um suspiro, voltou para o salão de dança, não querendo ser descoberta sozinha deixando mais línguas falando sobre ela. Estava a poucos centímetros de seu objetivo e prestes a entrar pela porta quando a mesma se abriu e o marquês de Montagu apareceu.

Bom Deus, estava condenada.

— Oh! — disse, completamente incapaz de esconder seu aborrecimento e irritação pela maneira como seu coração batia forte. — Por que o senhor sempre aparece quando não desejado?

Ele fechou a porta, sua expressão tão rígida e imutável como sempre. O homem poderia muito bem ter sido talhado em mármore.

— Um desejo oculto, com certeza? — disse, sua voz pingando condescendência.

Matilda bufou. — Oh, naturalmente — disse, seus lábios se curvando um pouco com desdém antes de passar apressadamente por ele. Não tentou detê-la e seus dedos agarraram a maçaneta antes que ela percebesse que tinha que dizer alguma coisa.

— Maldição — murmurou.

— Agora está amaldiçoando? Que deselegante — observou, quando ela se virou para encontrar aqueles estranhos olhos cinzentos a observando com um vislumbre de diversão. Estremeceu sob o escrutínio deles. Eram muito pálidos, quase prateados e preenchido de preto, fazendo-o parecer menos que humano.

— Bem, graças ao senhor, não sou uma dama — disse, com fogo alimentando sua irritação, encarando-o e sentindo a mais estranha emoção de alegria ao fazê-lo. Por mais que tentasse, esse homem não poderia esmagá-la. Até o medo dela parecia diminuir a cada encontro, embora não

soubesse o que era. — Porém, ao contrário de alguns, não esqueci minhas maneiras. Parece que devo agradecê-lo, embora a percepção fique presa na minha garganta — disse com franqueza.

Ele a observou, sem confirmar nem negar sua declaração.

— E, portanto, amaldiçoa — disse, inclinando a cabeça um pouco para o lado. — A senhorita não gosta de estar em dívida comigo?

— Eufemismo, garanto — disse, permitindo que um sorriso tenso chegasse aos lábios. Queria sacudir as barras de seu requintado autocontrole. Sempre estava tão imaculado, tão auto possuído. Fazia-a sentir-se imprudente, descontrolada, como se ele fosse uma folha perfeita de papel branco e ela fosse um fósforo aceso, queimando suas bordas imaculadas. Queria incendiar o exterior frio e vê-lo queimar.

Os olhos do marquês caíram sobre sua boca e repousaram ali, e de repente ele era o fósforo e ela sentiu as chamas. De repente, estava ciente da presença dele, de sua proximidade. Apesar de seu ódio pelo homem, não havia como negar sua beleza, embora fosse perigoso contemplar, frio e impiedoso como uma extensão interminável de neve e gelo, ou o brilho em uma lâmina que nunca se via chegar.

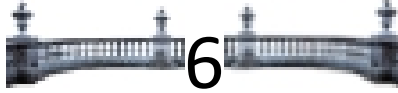
— Obrigada pelo que o senhor fez pela srta. Dowding — disse às pressas, precisando que aquilo terminasse, para ficar de fora da companhia dele de uma vez. — Eu não sei por que o senhor a ajudou, pela segunda vez, de fato, a menos que o senhor tenha um pinga de decência comum nessa sua alma gelada, mas, seja qual for o motivo, sou grata.

Ele a observou por mais um momento, completamente imóvel, irritantemente.

— Lamento desiludi-la, mas não há um pinga de decência. A senhorita sabe bem — sua voz tão calma e uniforme como sempre e sem emoção. — A senhorita sabe *muito bem* o porquê fiz isso — acrescentou, seu olhar retornando brevemente à boca dela. — Bem o bastante para entender minha motivação, meu prazer em ter uma dívida com a senhorita. Mascarar não combina com a senhorita. Entre nós, sempre deve haver honestidade — seu olhar permaneceu no dela por um longo tempo. — Boa noite, srta. Hunt.

Matilda prendeu a respiração, a sensação mais estranha correu através do seu corpo quando ele se virou e se afastou sem olhar para trás.

— Diabo — sussurrou, descobrindo que estava tremendo quando voltou para a porta e saiu correndo.



28 DE JUNHO DE 1814. BAILE DO DUQUE E DA DUQUESA DE BEDWIN, BEVERWYCK, LONDRES.

— Vamos lá, mais uma bebida antes de irem embora — chamou o duque, conduzindo Matilda e Nate a uma sala de estar privada enquanto o último dos convidados se dispersava.

Nate sentou-se com um suspiro, enquanto Matilda se acomodava ao lado de Prue.

— Está bem? — Prue perguntou, estendendo a mão para tocar a bochecha de Matilda. — Parece um pouco pálida.

Agora que Prue mencionou, Matilda sentia-se um pouco cansada. Estava tão preocupado com suas próprias núpcias que não prestou muita atenção na sua irmã.

— Oh, eu estou bem — respondeu Matilda, um sorriso nos lábios que não era de todo convincente. — Estou apenas cansada, só isso.

— Montagu não a incomodou, incomodou? — Bedwin perguntou, virando-se para olhá-la com uma careta.

Nate sentou-se alarmado, sua ansiedade não fora acalmada pelo rubor nas bochechas de Matilda.

— O que diabos esse bastardo estava fazendo aqui? Nate exigiu saber, irritação e preocupação fazendo-o falar o que não devia.

— Nate! — Matilda exclamou, olhando para ele. — Quem Sua Graça convida não é da nossa conta.

Bedwin entregou um copo de conhaque para Nate, uma expressão de desculpas em seus olhos. — Eu não o convidei — disse com um sorriso triste antes de se sentar. — E, por favor, me chame de Robert — disse a Matilda. — Só posso me desculpar — acrescentou, ainda olhando para ela. — Ele não foi convidado, mas não se pode ignorar o marquês de Montagu se aparecer à sua porta.

— Mas é um maldito duque — disse Nate, indignado. — Seu título é maior que o dele.

— Posição e poder não são a mesma coisa — disse Robert, sério dessa vez. — Montagu não é um homem de quem se pode ser inimigo. Seus inimigos têm o desagradável hábito de desaparecer. Além do mais, foi tão escrupuloso em se desculpar que teria parecido grosseria recusá-lo. Disse que não ficaria mais que uma hora e que estava apenas...

Franziu o cenho, aparentemente procurando em sua memória a frase.

— Lembrando alguém de uma dívida.

— O que diabos ele quis dizer com isso? — Nate perguntou, perplexo, mas Robert deu de ombros.

— Eu não sei, e não quero saber, mas tenho pena do pobre coitado que lhe deve.

— Nate — disse Matilda, sua voz calma e um pouco instável. — Se importaria se fôssemos para casa agora? Eu... não estou me sentindo muito bem.

Nate largou a bebida e ficou de pé. — É claro, Tilda. Por que não disse? Por Deus, parece mesmo indisposta.

Eles se despediram e Nate levou Matilda até a carruagem, onde ela se jogou em um canto e respirou fundo.

— Tilda — chamou assim que a carruagem começou a se movimentar. — Sobre Montagu, ele não a incomodou, não é? Porque se a incomodou...

— Não! — respondeu apressadamente, um tanto exasperada. — Não, não me incomodou. Por que deveria? Não pensa em mim mais do que pensa em uma criada da cozinha. Estou abaixo do seu conhecimento, sabe disso.

— O farei pagar, pode apostar. Mais cedo ou mais tarde.

— Não Nate, — disse apurando-se com a ameaça — não vai. Vai se casar com Alice amanhã e terá uma esposa e, em breve, um lar e uma família para cuidar. Não vou deixá-lo arriscar isso. Estou bastante contente, o que está feito está feito, e tem que deixar Montagu em paz. Ouviu Bedwin, ele é um homem perigoso. Se até mesmo um duque deve tratar o homem com luvas de pelica, então não deve ser alguém com quem se brinque.

Nate olhou furioso para a escuridão, o queixo tenso. Não falaria mais sobre o assunto, não para a irmã, mas de algum modo Montagu pagaria pelos seus pecados.



Alice desceu da carruagem e olhou para a casa moderna na Half Moon Street que agora era sua casa.

— Bem-vinda, sra. Hunt — disse Nate, sua mão apertando a dela.

Ela deu uma respiração trêmula e sorriu.

— Bem, pombinhos, é aqui que eu os deixo — disse Matilda, inclinándose na janela da carruagem. — Vou ficar com Prue e Robert por alguns dias, mas não precisam se preocupar, vou me mudar. Não terá uma irmã solteirona pendurada no seu pescoço.

— Matilda! — ambos disseram ao mesmo tempo, e Nate se sentiu aliviado ao ouvir o choque na voz de Alice com a ideia.

— Certamente não acha que a expulsáramos de casa — disse Nate horrorizado por ela não se sentir bem-vinda.

— É claro que não! — exclamou, rindo dos dois. — De fato, os dois são tão bons que sei que insistirão para que eu fique, mas não vai adiantar, garanto. Se acha que quero passar meus dias esbarrando nos dois, tem mais fé que eu na minha resistência a essas exposições nauseantes.

— Oh, mas Tilda — disse Alice, genuinamente desapontada. — Nós somos irmãs agora, e não a enxotaria da sua própria casa por nada.

— Ora, ora — Matilda acalmou, sorrindo e completamente tranquila. — Está na hora de me estabelecer de qualquer forma. Não se preocupe, ainda me verá muito, o suficiente para brigarmos como verdadeiras irmãs em breve, não duvido. Nate, pensei que poderia ficar naquela casinha adorável na South Audley Street, se não se importar? Está vazia desde que nos mudamos para cá e é perfeita para mim.

— Matilda — Nate começou, sua garganta apertada. — Eu...

— Ora, pare com isso! — ela o repreendeu, sua voz severa. — Sabe muito bem o quanto eu gostei de morar lá.

Nate voltou para a carruagem e pegou a mão dela. Seu coração doía. Matilda merecia esse tipo de felicidade, muito mais do que ele jamais mereceria.

— Está tudo bem, Nate — disse com um suspiro, apertando os dedos dele. — De verdade. Estou muito feliz e estou ansiosa para ter meu próprio lugar. Já era hora e, com sua generosidade, poderei viver como uma duquesa. Agora, andem logo, crianças — disse rindo e fazendo um movimento de enxotar com as mãos. — Vão e tenham o seu “felizes para sempre”.

Com o coração na garganta, Nate fechou a porta da carruagem e observou sua irmã acenar e sorrir enquanto desaparecia.



Matilda enxugou os olhos e assoou forte o nariz. — Ora, pare com isso, sua criatura tola — repreendeu a si mesma. — Não vai se transformar em uma cachoeira. É melhor que isso.

Pediu ao condutor que a levasse para algum lugar, onde quer que ele quisesse, pois precisava de um pouco de tempo para se recompor. Prue e Robert tinham compromissos naquela tarde, assim se juntaria a eles apenas no jantar. Pediram que os acompanhasse, garantindo que seus amigos não se importariam com a adição, mas Matilda recusou. Quão cansada estava de sempre estar sobrando. Ver Nate e Alice tão felizes juntos foi maravilhoso, é claro, e ainda assim seu coração estava doendo. Como podia ter inveja deles? Isso era perverso da sua parte. Não que lhes desejasse algum mal, longe disso. Estava genuinamente feliz por eles, mas...

Mas.

Não seria possível morar em uma casa com dois recém-casados. Seria esfregar sal na ferida e, eventualmente, diria algo maldoso e se odiaria por isso. Não. Precisava sair e tomar rédeas da sua vida. Encontraria uma acompanhante. De preferência alguém sem humor, ríspida e de idade, sem dúvida. Com um sobressalto, Matilda percebeu o quão terrível e injusto fora pensar assim de outra mulher solteira. Estava às margens de ser considerada passada, ficando para titia, e nem sequer tinha o benefício de uma reputação sem mácula. Como poderia julgar as mulheres que se encontravam nas mesmas circunstâncias?

Carregada com um excesso de auto aversão, culpa e uma boa dose de melancolia, acabara em outra rodada de soluços até que seus dois lenços de renda ficaram encharcados.

— Realmente, Matilda — repreendeu a si mesma, enojada com tamanha demonstração de pena e autoindulgência. — Recomponha-se.

Tinha sido melhor mesmo não ter ido com Prue e Robert, pensou tristemente.

Percebendo uns relances verdes pela janela da carruagem, Matilda chamou a atenção do condutor e pediu que ele parasse. O interior da carruagem ficara sufocante e, mais do que tudo, queria estar longe de Londres. Memórias de verões no campo quando criança preencheram sua mente, deixando-a doente de saudade de uma época em que sua vida era segura e sem preocupações. Uma época em que tinha tudo o que sempre sonhara. Desejava estar cercada por árvores, plantas e pássaros, e longe da crueldade e da beleza cinza e deslumbrante da metrópole.

O pedaço de verde cercado por árvores dificilmente era o idílio que procurava, mas parecia um pequeno oásis e poderia ajudar seu coração sofrido a se acalmar um pouco.

Quando um dos postilhões a ajudou descer da carruagem, percebeu que estava na St. James Square. Algumas das casas mais grandiosas e procuradas da cidade cercavam o pequeno verde, Matilda riu. Bom Deus, não exatamente o cenário rural que estava desejando, mas ainda assim o verde fresco sob o dossel das árvores a chamava, era uma atração irresistível para aquela tarde quente.

— Vou demorar um minuto ou dois — assegurou ao condutor.

— Gostaria que Charles a acompanhasse, srta. Hunt? — perguntou, apontando para o homem que a ajudara descer.

— Oh, não — disse, não queria ser observada caso fosse levada a outro ataque de tristeza. — Não é necessário, não irei além da praça.

Passando pelos trilhos, o caminho a levou ao centro onde um grande lago raso brilhava sobre o sol da tarde. Em um grande pedestal no centro da água havia uma estátua de Guilherme III a cavalo. Enquanto caminhava pelas margens da bacia, Matilda testou uma respirada curta para permitir que seus pulmões se destravassem o suficiente para respirar fundo. Como seria maravilhoso tirar os sapatos e andar sobre aquela água fria. Sorriu para si mesma e se perguntou como aquilo seria visto pelos ilustres moradores daquela região. Provavelmente seria deportada para outro país por tamanha audácia. Sentindo-se, portanto, um pouco ousada, Matilda olhou em sua em volta para se certificar que estava sozinha, antes de se abaixar e arrastar os dedos sobre água.

Estava deliciosamente fria. Soltou um suspiro prazeroso e passou os dedos úmidos sobre as bochechas, que ainda estavam coradas devido a sua

crise na carruagem. Matilda suspirou e deixou algumas gotas caírem pelo pescoço, tremendo um pouco quando uma delas deslizou para dentro do seu decote.

— Srta. Hunt. Eu diria estar surpreso por encontrá-la aqui sozinha, mas esse parece ser o nosso destino, a senhorita não acha?

Matilda se virou e levantou tão rápido que tropeçou. Uma mão forte agarrou sua cintura, firmando-a. Horrorizada, se viu cara a cara com o marquês de Montagu.

Por Deus.

Era tudo o que precisava.

O calor da palma de sua mão queimou sua pele através da musselina fina de seu vestido de verão, marcando-a enquanto seu coração pulsava e sua respiração oscilava. Antes que pudesse dizer algo ou se afastar, ele retirou a mão, devolvendo-a à pesada bengala com ponta de prata que carregava.

— O que faz aqui? — perguntou, frustrada ao descobrir sua voz instável.

Uma sobranceira loira e pálida arqueou um pouco. — Eu moro aqui — respondeu com uma curva sardônica nos lábios. — Se eu puder devolver a pergunta? — seus olhos com um brilho calculador e perturbador.

A atenção dele se voltou para o pescoço dela e os pequenos filetes de água que deslizavam sobre sua pele. Matilda corou, ciente que seus olhos seguiam a trilha da gota d'água que descia na sua garganta.

— Eu...

Começou, mas parou. Seriadamente, deveria fazer algum comentário contundente para o homem, insultá-lo ou respondê-lo secamente para lembrá-lo de sua animosidade, mas estava cansada demais. A tristeza e o medo pelo futuro haviam destruído a força de caráter da qual tanto se orgulhava.

— Eu vi as árvores — começou responder, um pouco assustada com a exaustão na sua voz. — E eu... eu só queria...

Balançou a cabeça de um lado para o outro e deu uma risada desnivelada. Por Deus, o que estava pensando? Talvez chorasse no ombro dele em seguida.

— Não importa — disse, lembrando-se com quem estava falando. — Perdoe-me pela invasão. Certamente não teria vindo se soubesse que o senhor morava aqui.

Aliviada, percebeu que sua resposta soou mais áspera do que deveria, mas, antes que pudesse ir embora, o marquês estendeu a mão e pegou seu

braço, parando-a.

Matilda ofegou e olhou para os elegantes dedos enluvados que descansavam sobre seu pulso.

— É um lugar público, a senhorita não invadiu — observou-a por mais um momento. — A senhorita esteve chorando — constatou.

Não havia simpatia nem satisfação em seu tom, era mais uma declaração do fato.

Maldito seja ele. Não permitiria que ele soubesse sobre seus sentimentos e suas fraquezas.

Ele não.

— Sempre choro em casamentos — disse brilhantemente. Nate iria querer que as notícias de seu casamento se espalhassem, poderia muito bem ajudar com esse assunto. — Meu irmão — acrescentou antes que ele pudesse perguntar — se casou com a srta. Dowding hoje de manhã, foi muito romântico.

Montagu não disse nada, apenas continuou examinando-a, aqueles estranhos olhos cinzas tão intensos que era possível senti-los dentro dela. Tinha o poder de atormentá-la e descobrir todos os seus segredos, todas as suas fraquezas, tudo sobre ela.

A mão permaneceu no seu pulso, embora ela não tivesse feito nenhum movimento para removê-la. Sua pele queimava sob aqueles dedos elegantes, mesmo que seu spencer e as luvas dele evitassem o toque sobre a sua pele, mesmo assim se sentia queimada por ele.

— Bom para ela — disse ele por fim. — E a senhorita?

Matilda ficou rígida, não queria ter aquela conversa com ninguém enquanto suas emoções ainda estavam tão cruas, muito menos com ele. — O que o senhor quer dizer?

— A senhorita sabe exatamente o que eu quero dizer — respondeu de forma cortada e soando irritadiço. — Para onde a senhorita vai? Não vai querer viver sob o mesmo teto que o casal feliz.

— Por Deus, não — disse, esforçando-se para manter o tom leve e divertido quando tudo que queria fazer era se enrolar como um tatu e chorar. — Eu tenho tudo sobre controle, garanto-lhe. Por favor, o senhor não deveria se preocupar — respondeu sendo um pouco sarcástica, sabendo muito bem que ele não se preocupava com seus problemas.

— Eu posso ajudá-la — disse baixando a voz, seu olhar fez com que o coração dela reagisse antecipando o que diria em seguida. — A senhorita

pode ter tudo que sempre quis, eu poderia te dar tudo.

Soube imediatamente o que ele estava dizendo e ele sabia que ela havia entendido.

Queria-a como sua amante.

Uma fúria ardeu dentro dela.

Para seu eterno alívio, a raiva afugentou a tristeza e a autopiedade, e ela a aceitou, saudou o calor familiar da raiva que aquele homem sempre a fazia sentir. Era estranho como um homem tão frio conseguia irritá-la tanto. Queria cutucar aquela fachada de cavalheiro perfeito com um graveto afiado. Montagu era famoso por nunca, jamais, perder a paciência. Nunca levantava a voz, nunca demonstrava emoção de nenhum tipo. Era um cretino sem coração, era o que se dizia dele em tons de horror.

O desejo de instigá-lo a reagir era irresistível.

Matilda deu um passo para mais perto dele, tão perto que seus corpos quase se tocaram, poderia beijá-lo se quisesse. Em vez disso, olhou nos olhos dele, agora mais calma pois sua raiva lhe dera coragem.

— Estou pensando sobre todas as coisas que eu preferiria fazer a me entregar ao senhor — disse docemente e sem fôlego. — Deixe-me ver... morrer uma solteirona, oh sim, essa é uma. Viver na sarjeta, agora são duas. Me entregar a qualquer outro homem no mundo, não importa o quão baixo seja...

Sorriu coquete.

— Bem poderia fazer isso o dia inteiro, é bastante divertido.

Ele não reagiu, não mostrou a menor indicação de ter ouvido os insultos. Sabendo o quanto valorizava seu nome e sua linhagem impecável, era provavelmente a pior ladainha que poderia ter dito a ele e o canalha nem ao menos piscou. A mão no pulso dela ainda a segurava, mas não havia pressão. Poderia ter se soltado dele, mas de alguma forma aquilo pareceria fraqueza por parte dela, não se comportaria de forma fraca diante dele.

Então, quando ele levantou sua mão livre e tocou sua bochecha, sua respiração que já estava instável ficou enfurecida. Era um toque delicado apenas com a ponta do dedo, como se estivesse tendo a ousadia de tocar em algo proibido e requintado, mas ela sentiu seu toque até os dedos dos pés.

A respiração de Matilda ficou cada vez mais irregular. Algo quente e desconfortável desenrolou dentro dela, um calor líquido que fez sua pele enrijecer em reconhecimento. Aquela reação não fazia sentido. Desde quando a arruinara, estava acostumada a rejeitar os avanços de homens que

acreditavam que teriam liberdades com ela. Não teria escrúpulos em esbofetear um homem, nem em chutá-lo nas canelas se a ocasião exigisse.

Era a oportunidade perfeita para acertar aquele seu maldito rosto, mas estava congelada, imóvel, ainda queimando viva com a sensação, e não conseguia entender o porquê.

No momento em que o silêncio e a ternura da mão dele em sua bochecha estavam se tornando intoleráveis com a confusão que lhe borbulhava, ele falou.

— Existe algo entre nós — parecia tão confuso com a ideia quanto ela.
— Gostaria de descobrir o que é.

Matilda forçou o olhar e sentiu algo passar entre eles, como para ilustrar o que tinha acabado de dizer. Suas bochechas arderam e ela arrancou o pulso de suas mãos.

— Não há nada entre nós — disse, sentindo uma estranha incerteza no peito enquanto as palavras saíam de sua boca. — Nada além de repugnância e desprezo.

— A senhorita me decepciona — disse, sua voz mais baixa do que o habitual, mais suave. — É muito covarde da sua parte negar o óbvio, e sempre admirei sua coragem. A senhorita nunca se afastou de mim, nunca recuou. A senhorita tem muito mais força de caráter do que a maioria dos homens que conheço — seus lábios se curvaram. — E eu conheço pessoas bastante assustadoras.

Matilda olhou para ele. Não sabia o que fazer com aquele comentário. Seu instinto era irritá-lo ainda mais, mas algo perverso dentro dela se desenrolou de prazer com o que ele disse.

Estava louca, não tem outra explicação. Teria que estar fora de si por desejar agradá-lo, louca para reconhecer a emoção de ter sua aprovação.

— Não me importo com a sua admiração e muito menos com a sua decepção.

Havia diversão em seus olhos naquele momento, como se soubesse que ela estava mentindo, como se soubesse tudo o que acabara de experimentar, toda a incerteza, confusão e calor. Deveria realmente esbofeteá-lo. Em vez disso, olhou-o nos olhos.

— Só para que não haja mal-entendidos entre nós — disse, desejando que sua voz não estivesse tremendo. — Eu prefiro passar fome e morar nas ruas a deixar o senhor colocar as mãos em mim. Prefiro dormir com uma víbora.

— Um pouco exagerado, srta. Hunt — murmurou, inclinando a cabeça um pouco, como se fosse um artista de rua a avaliando. — Mas esclarecedor e certamente vívido em sua qualidade descritiva.

Matilda corou, seus punhos cerrando. De que adiantou irritá-lo, a única pessoa que conseguiu enfurecer fora ela mesma.

— Vá para o inferno — disse dando-lhe as costas e se afastando, desprezando a si mesma por ter permitido que a provocasse, quando, na verdade, tentou fazer o mesmo com ele.



Nate lançou um olhar fulminante para sua irmã e estava prestes a responder com algum comentário adequadamente atrevido quando os dois viram a expressão de Matilda congelar. Embora Alice achasse impossível, empalideceu e corou ao mesmo tempo. Sua cor desapareceu, deixando duas manchas vermelhas ardendo em suas bochechas.

Alice e Nate se viraram para seguir a direção de seu olhar, e Alice se engasgou quando viu o marquês de Montagu mais adiante na rua. Ele e Matilda se entreolharam, como se atraídos por alguma força invisível, incapazes de desviar o olhar.

Nate pegou o braço da irmã. — Venha, Tilda — disse suavemente, mas firme, enquanto a guiava até a carruagem e a ajudava entrar.

Uma vez que todos estavam acomodados, Nate bateu no teto e a carruagem começou a se movimentar. Matilda parecia mais calma, embora Alice não pudesse deixar de notar como seu olhar viajava para a janela e observava enquanto passavam pelo marquês.

— Agora que já estamos casados adequadamente — começou Alice, pegando o braço de Nate e trocando um olhar preocupado. — Podemos nos concentrar em lhe conseguir um marido, Matilda.

Matilda olhou para cima quando Alice disse aquilo, seus olhos alarmados. — O que? — Perguntou. — Ora, por Deus, não. Agradeço. Se houver algum marido a ser caçado, eu mesma caçarei. Não me chamam de *A Caçadora* por nada, bem sabem — brincou, sorrindo para eles.

QUEBRANDO AS REGRAS

LIVRO3

8



***1 DE JULHO DE 1814. ENCONTRO DAS SENHORITAS PECULIARES.
UPPER WALPOLE STREET, LONDRES.***

— Bem, está tudo indo bem, — disse Lucia finalmente entrando na conversa. — Mas ainda não fumei um charuto nem tomei conhaque — arrumou as saias com cautela, emplastrando no rosto uma expressão enfadada de desprazer com a intenção de fazer todas rirem.

— Quando fará isso, Lucia? — Alice perguntou, seus olhos azuis brilhando com simpatia.

— Pensei no baile do conde de Ulceby — Lúcia disse, sabendo que Alice se preocuparia com ela. Era uma moça doce e sua experiência limitada em relação aos homens Ulceby havia lhe dado um medo saudável da família.

— Oh — disse Alice, sua ansiedade e surpresa evidentes. — Vai mesmo a esse baile?

— Se importa muito, Alice? — Perguntou, desejando que não fosse necessário aproximar-se de Edgar Bindley.

Matilda confidenciou que Edgar quase violara Alice durante uma visita nos jardins de Vauxhall. Se não fosse pela intervenção do marquês de Montagu, as coisas poderiam ter terminado de outra forma. O Sr. Bindley também estava no encalço de Lucia desde a última semana, não sentia nada por ele a não ser repulsa. Precavia-se para nunca ficar sozinha em sua companhia, e para piorar a situação, era uma cópia escarrada do seu pai.

— Oh, não — Alice disse balançando a cabeça em negativa. — Nem um pouco, é só que Lorde Ulceby não é um homem bom. Cuidado com seu filho, Edgar Bindley, um verme desprezível.

— E com um nariz quebrado — Matilda murmurou antes de tomar um gole de chá. Alice olhou-a e sorriu.



4 DE JULHO DE 1814. BOND STREET, LONDRES.

— O que acha? — Matilda perguntou, virando de um lado para o outro em frente ao espelho enquanto experimentava um chapéu.

— Acredito que mesmo se colocasse uma galinha molhada sobre a cabeça ainda assim pareceria estilosa — observou Lucia, enquanto admirava uma bela confecção de veludo azul-celeste e penas brancas de avestruz. Decidira dar as costas para o chapéu decisivamente, a fim de superar a tentação. Estava esticando suas finanças ao limite e ainda precisava aguentar mais cinco semanas antes que as coisas chegassem ao inevitável fim, algo que esperava e temia em igual medida.

— Vou comprá-lo, então — respondeu Matilda, com a feliz confiança de uma mulher que nunca precisaria se preocupar com dinheiro. Não que sempre tivesse sido o caso.

Matilda havia confidenciado sua própria e lamentável história para Lucia; todos os detalhes sórdidos, desde o pai que apostara toda a sua fortuna, os esforços de seu irmão Nate para recuperá-la e o homem que arruinara sua reputação apenas por estar sozinho na mesma sala que ela. Que o mesmo homem, o marquês de Montagu, agora tentasse fazer dela sua amante era outra coisa que Matilda lhe confidenciou. Lucia sabia que Matilda esperava que retribuísse a intimidade e, de fato, desejava fazê-lo, mas seus segredos eram perigosos demais para serem compartilhados.

Além disso, a verdade seria revelada em breve.



Matilda suspirou enquanto observava Lucia partir irritada e pisando forte. Pobre menina. Ficara óbvio quando Lucia e Cavendish se encontraram que o ar havia estalado com a força devido a atração entre os dois. Podia entender bem a angústia de Lucia com a ideia; não havia nada agradável em descobrir uma atração por um homem que não gostasse. No entanto, era ainda pior se o odiasse. Como era possível, não conseguia entender, mas era.

Sabia disso.

Percebendo com um sobressalto que estava tremendo do lado de fora do *Jacksons*, lendário clube de boxe de cavalheiros e vizinho da academia de

esgrima, *Angelo*, Matilda se preparou para continuar andando. Sua reputação estava destruída o bastante e não havia necessidade de aumentar essa destruição por estar parada na frente de lugares como esses. Tendo momentaneamente perdido o rumo e a vista de Lucia, Matilda se virou e esbarrou direto em alguém que saía do clube de esgrima.

Tropeçou, fez uma exclamação de surpresa e deu um grito de dor quando seu tornozelo torceu.

— Maldição!

Olhando para cima, ficou horrorizada e, de certa forma, surpresa, ao encontrar o olhar frio e impassível do marquês de Montagu.

— Ora, sério — reclamou ao passo que estremecia quando se endireitou.

— Tinha que ser o senhor, não tinha?

— Boa tarde para a senhorita também, srta. Hunt — cumprimentou o marquês, um brilho de diversão em seus olhos. — Um prazer, como sempre.

— Fale por si — Matilda retrucou acidamente. — Minha manhã parece ter ido por água abaixo. Ah! — gritou quando tentou se afastar.

— A senhorita está ferida.

Para sua surpresa, havia preocupação na voz do marquês quando estendeu a mão para segurá-la.

— Se eu estiver — retrucou, arrancando o braço de suas mãos, — a culpa é toda sua.

— Srta. Hunt, foi a senhorita quem esbarrou em mim — respondeu Montagu, irritando-a ainda mais, afirmando o óbvio.

— Sim, sei — murmurou, olhando para ele. — Mas se o senhor fosse mesmo um cavalheiro, não teria feito tal observação.

Para sua surpresa, Montagu riu. Matilda observou com frequência que o marquês nunca mostrava reação de nenhum tipo. Nunca ficava irritado – e ela tentara uma ou duas vezes irritá-lo – não expressava nenhuma dessas emoções. Em todo o tempo que o conhecia, nunca o vira expressar qualquer sentimento a não ser um sorriso. Agora, no entanto, seu divertimento óbvio e o efeito dele em seu rosto austeramente belo eram devastadores.

Matilda prendeu a respiração.

— Peço desculpas por permitir que a senhorita esbarrasse em mim, srta. Hunt — desculpou-se, seus olhos cinza prateados iluminados pelo humor. — Me esforçarei para não estar no seu caminho no futuro. Está melhor assim?

Matilda engoliu em seco e assentiu com firmeza.

— Está.

Ansiosa por afastar-se dele com a maior pressa possível, tentou dar um passo, mas encontrou o marquês ao seu lado mais uma vez. A mão dele agarrou seu braço para apoiá-la quando exclamou e tropeçou novamente.

— O que a senhorita está fazendo, sua tola? — perguntou, seu tom autocrático agora evidente. — Irá piorar as coisas. Vou trazer minha carruagem e acompanhá-la até sua residência.

— Não, agradeço — Matilda retrucou. — A última coisa que preciso é ser vista na sua companhia.

— Matilda?

Matilda olhou para trás e soltou um suspiro aliviada ao ver Lucia correndo em sua direção.

Graças aos céus.

— O que está acontecendo? — Lucia perguntou, olhando para Montagu. — Solte a minha amiga, senhor — disse, deslizando o braço pela cintura de Matilda.

— Nada — disse Matilda às pressas. — Apenas torci meu tornozelo. Não é nada sério, garanto. Lorde Montagu ofereceu sua carruagem para me levar até em casa, mas recusei por motivos óbvios.

— Muito bem, — disse Lucia dando ao marquês um olhar enojado. — Não precisa mais se incomodar, milorde. Levarei a srta. Hunt em segurança para casa.

— Não pode andar com o tornozelo assim — respondeu Montagu, a expressão implacável que habitualmente usava desaparecendo. — Como a senhorita pretende ajudá-la?

Lucia segurou o olhar dele por um momento e depois olhou em sua volta.

— Oh, Sr. Richards!

Matilda seguiu o olhar de Lucia enquanto corria para a beira da rua e acenava para um jovem que pilotava um cabriolé elegante. O sujeito sorriu com prazer ao ver Lucia e estacionou seu cabriolé na lateral da rua movimentada.

— Ora, Señorita de Feria — exclamou. — Que prazer em vê-la. Como posso ser útil?

— Oh, Sr. Richards — disse Lucia, pousando a mão no coração e voltando os olhos suplicantes para o jovem enfeitado. — O senhor

poderia nos ajudar? Minha amiga, srta. Hunt, torceu o tornozelo e devo acompanhá-la até sua casa.

— Ora, é claro, é claro! — Sr. Richards exclamou com toda solicitude enquanto jogava as rédeas para o seu pajem e descia do seu veículo. — Ficaria honrado em ajudar.

Nesse momento, o jovem viu o marquês e suas bochechas por hora ruborizadas pela presença de Lucia ficaram drasticamente pálidas.

— M-milorde Montagu — disse o sujeito, subitamente rígido e desajeitado.

— Richards — respondeu Montagu, uma expressão de extremo descontentamento em seus olhos, o que fez o jovem ficar bastante aterrorizado. Voltando para Matilda, o marquês inclinou um pouco a cabeça.

— Parece que meus serviços não serão necessários. Desejo-lhe uma boa tarde, srta. Hunt, srta. de Feria.

Matilda soltou a respiração que segurava quando ele se virou e as deixou.

— Pronto — disse Lucia com aparente satisfação. — Não precisamos dele quando temos um cavalheiro tão encantador para nos escoltar.

O Sr. Richards corou mais uma vez e aprumou-se ainda mais, conseguindo de Matilda um sorriso agradecido.

— Certamente que não — concordou e não olhou para trás para observar o marquês.



6 DE JULHO DE 1814. BAILE DO CONDE DE ULCEBY. HYDE PARK, LONDRES.

— Quem mais está aqui, Bonnie? — Matilda perguntou enquanto escaneava a multidão.

— Vi Ruth mais cedo e Prue já deve estar aqui, embora ainda não a tenha visto. Acho que Harriet está aqui... ah, sim, lá está ela. Harriet... olá! Harriet!

Matilda estremeceu quando Bonnie gritou o nome da amiga por cima da multidão, fazendo com que Lucia mordesse os lábios para conter uma risada. Aqueles que estavam por perto lançaram olhares depreciativos de desaprovação para Bonnie, que corou e pareceu desanimar um pouco.

— Ah, — disse com um sorriso triste. — Desculpe.

— Não importa, querida — disse Matilda com um tom suave. — Apenas, talvez com um pouco menos de entusiasmo?

— Sim, mamãe — respondeu Bonnie com um sorriso atrevido, antes de sair em direção à Harriet.

— Danada — disse Matilda, balançando a cabeça e rindo enquanto Bonnie se afastava, seus cachos escuros quicando a cada passo que dava.

— É como se sente, não é? — Lucia perguntou, voltando sua atenção para Matilda. — É a mãe tigresa cuidando de seus filhotes.

Para sua surpresa, Matilda corou um pouco e depois deu uma risada curta em reconhecimento.

— Sim — admitiu. — Eu... bem, sempre imaginei que estaria casada e com filhos a essa altura.

Lucia sentiu uma onda de empatia por ela. Matilda tinha vinte e cinco anos e estava perigosamente perto de ser colocada na prateleira. Tinha beleza e, graças ao irmão, um dote generoso, mas o marquês de Montagu colocara-lhe uma mácula, e nenhum cavalheiro elegível se casaria com alguém que estivesse manchada por medo de se tornar motivo de piada.

— Mas — Matilda continuou —, como o meu “feliz para sempre” parece estar fora do meu alcance, decidi garantir que todas as minhas amigas tenham os delas. Pelo menos, quando for uma solteirona velha e sem graça, terei diversas ofertas para onde ficar. Assim não precisarei passar muito tempo em só um lugar.

Disse isso com um sorriso amarelo e uma nota provocadora, mas Lucia podia ouvir além das palavras e do medo. Ambas sabiam que muitos já a consideravam uma solteirona, velha demais para ser capaz de gerar o herdeiro necessário. Impulsivamente, estendeu a mão e pegou as mãos de Matilda.

— Ainda não acabou, Matilda. Deve haver um homem bom em algum lugar para você. Não desista.

Matilda apertou as suas mãos e sorriu. — Querida Lucia, — disse com tanto carinho em sua voz que a garganta de Lucia ficou apertada. — Pensei

que acreditava que homens bons eram coisas de contos de fadas, como unicórnios e madrinhas mágicas.

Lucia riu e assentiu. — De fato, do meu ponto de vista, são, mas é diferente no seu caso.

— Como assim? — Matilda olhou, perplexa e intrigada.

Lucia se amaldiçoou por não ter segurado a língua. Balançou a cabeça e colocou um sorriso no rosto. — Apenas é. Oh, olhe — acrescentou rapidamente mudando de assunto antes que Matilda pudesse insistir. — Aqui está Harriet.



Matilda observou a pequena cena se desenrolar entre Lucia e Lorde Cavendish com uma carranca, triste por ver Lucia alertando-o de forma tão clara. O visconde ergueu os olhos e, vendo-a observando, devolveu um sorriso que não alcançou seus olhos; Matilda foi até ele.

— Não desista — disse com a voz baixa. — Eu me preocupo com ela. Eu...

Parou, sem saber o que dizer. Não havia nada que ela pudesse dizer, certamente não para um homem que mal conhecia, embora houvesse algo sólido sobre ele, algo que parecia inerentemente confiável.

— Sim — disse Cavendish, aparentemente sem precisar de mais palavras para concordar que valia a pena se preocupar com Lucia. — Concordo. Embora não saiba como ajudá-la. Receio ter sido encantador com meus modos bruto quando nos conhecemos e acabei a insultando gravemente. Ela não tem motivos para confiar em mim, e não posso lhe oferecer nenhum. Minha própria reputação fala por si só.

— Sendo assim o senhor tem uma boa companhia em mim — Matilda comentou com um sorriso, embora não inteiramente feliz.

— Dificilmente — disse Cavendish, sorrindo para ela. — Fui responsável pela minha reputação.

Matilda sorriu, satisfeita por descobrir que estava correta em sua avaliação.

— Obrigada.

O visconde bufou e balançou a cabeça. — Pelo que? Por acreditar no que era perfeitamente óbvio para todos os envolvidos? A história era absurda na época e continua absurda agora. Seu pai estava à beira da morte, pelo amor de Deus! Dificilmente o momento mais propício para a senhorita ter um

encontro com Montagu, de todos os homens. Embora, — acrescentou com um olhar pensativo — eu não faça a menor ideia do que induziria uma dama, seja quem for, a flertar com Montagu, para ser honesto.

Matilda riu do seu comentário, uma risada apropriada e alegre de surpresa.

Cavendish sorriu para ela, uma expressão perversa em um rosto que era mais severo e muito menos refinado do que muitos dos homens que os cercavam. Era um rosto bonito, pensou Matilda. Era um rosto honesto, embora bastante severo.

— Suponho que sua enorme riqueza, seu poder abundante e aquela beleza gelada podem ter algo a ver com isso — ele refletiu, apertando os lábios. — Se as damas conseguirem ignorar o fato de que ele tem tanto calor quanto o Polo Norte. Talvez precisem se sentarem em tijolos quentes após...

— Milorde! — Matilda exclamou, dividida entre a histeria e o choque por ele falar daquela forma.

— Gostaria de acreditar que a senhorita estava prestes a repreendê-lo por me difamar, mas suponho que seja pedir demais.

Matilda congelou quando o comentário seco afugentou qualquer diversão que pudesse ter sentido, e um alarme incômodo atravessou-a. Ela se atreveu a se virar e encontrou o marquês ao seu lado, resplandecente em suas roupas formais, o preto e branco translúcido idealmente adequado à severidade de seu belo rosto e o louro-claro de seus cabelos.

— Montagu — Lorde Cavendish disse com um grande sorriso enquanto não parecia nem um pouco arrependido. — Estávamos acabando de discutir sobre sua proeza com...

— Na verdade, não estávamos! — Matilda interrompeu, corando com tanta ferocidade que pôde sentir-se queimando toda.

— Ah é? — Montagu disse, levantando uma sobrancelha para ela. — Está certa disso? A senhorita parece excessivamente interessada em minhas atividades. Afinal, não seria a primeira vez que discutiríamos sobre minhas, er... capacidades, não é a srta. Hunt?

As mãos de Matilda coçaram com desejo de esbofeteá-lo, mas se obrigou a manter a calma, para não demonstrar seu constrangimento ou desconforto.

— De fato não, milorde — disse, empurrando as palavras através dos seus dentes cerrados. — E temo que meus comentários não foram menos

lisonjeiros do que os de Lorde Cavendish. Se o senhor conseguir se lembrar?

Matilda olhou feio para o marquês e ficou totalmente desconcertada com o brilho nos olhos dele. Maldito. Estava gostando disso!

— Bem, depois de me insultar assim, o mínimo que a senhorita poderia fazer para se reconciliar é dançar comigo.

O pedido foi tão inesperado que Matilda deu uma risada assustada. — O senhor não pode estar falando sério — disse olhando para ele. — Eu *não* vou dançar com o senhor.

Ficou paralisada quando Montagu se inclinou e murmurou em seu ouvido.

— Está com medo, srta. Hunt?

Embora soubesse muito bem que era o que ele pretendia, sua espinha se enrijeceu de indignação. Não podia desistir de um desafio, apesar de saber que era uma má ideia. Não porque estava com medo, pois não estava, não dele. A tensão latejava sob sua pele, a sensação implicando que não era totalmente verdade. Não que ela temesse que ele colocasse as mãos nela contra sua vontade, ou qualquer coisa dessa natureza. Sabia que ele levava as regras da sociedade a sério, em como um cavalheiro deveria agir, e colocar as mãos em uma mulher relutante o apavoraria. Ele provaria isso ao resgatar Alice. Não. Não era seu estilo de forma alguma.

Queria que ela o desejasse.

Era desse jogo que ele gostava, gato e rato, e certamente acreditava ser o gato.

Bem, Matilda não era um rato, e tinha suas próprias garras. A compreensão daquilo caiu sobre ela lentamente; gostava desse jogo também. Acalmou um pouco seu ego saber o quanto a queria e que ela tinha o poder de continuar dizendo não.

Ele estava olhando para ela e seu olhar dizia que sabia que tinha ganhado aquela rodada.

— Venha, srta. Hunt, vamos fazer com que as línguas comecem a falar — disse ele, as palavras mais suaves agora, deslizando sob sua pele enquanto estendia a mão para ela. A boca de Matilda ficou subitamente seca, mas os dançarinos estavam se reunindo na pista e... colocou a mão na dele.



Silas observou, perplexo, enquanto a srta. Hunt permitia que o marquês a conduzisse até a pista de dança. O que estava acontecendo entre eles?

Quis dizer o que disse; estava claro que a sociedade baseava a história da ruína de Matilda em nada além de uma série de acontecimentos imprevistos e infelizes. Não havia nenhum caso, nenhum escândalo. Que o marquês a desejava, entretanto, era evidente. Isso também era surpreendente.

Silas se interessava pelos negócios dos homens poderosos — essas informações sempre eram úteis — e o marquês era cauteloso. Sempre existiu uma série de viúvas dispostas, até onde ele sabia. Seus casos sempre foram administrados discretamente e a única razão pela qual as coisas não foram mantidas em segredo era que as próprias damas queriam que a informação fosse de conhecimento geral. Ser amante de Montagu era uma posição poderosa, que elas gostariam de expor se isso não significasse que o próprio homem as dispensaria imediatamente se fizessem isso. Nunca havia demonstrado interesse público por nenhuma mulher e, para ser justo, era apenas uma dança.

E mesmo assim, suspeitou Silas, não seria a última.

St. Clair se juntou a ele enquanto observavam a srta. Hunt e Montagu circularem pelo salão.

— Um casal deslumbrante — comentou o conde.

Era verdade. Seria difícil encontrar um par tão perfeito em qualquer outro lugar.

— Por que não propôs para ela? — Silas perguntou, repentinamente curioso.

As sobranceiras de St. Clair se ergueram. — A srta. Hunt? — Encolheu os ombros e balançou a cabeça. — Gosto dela, mas não tenho nenhum desejo de casar-me com ela.

— Mas sabe que o escândalo não passa de falácias. Sua mãe a apoiou no passado, então presumo que ela aceitaria. De qualquer forma, é poderoso o bastante para ignorar seu passado. É linda, tem posses e seu irmão é um amigo próximo. Por que não a salvou do imbróglio em que ela se encontra?

St. Clair enrubesceu e foi possível ver uma raiva faiscando em seus olhos. — Por que não se casa com ela? Não dá a mínima para a opinião da *boa sociedade*. Salve-a você.

Silas sorriu, intrigado por ter acertado um assunto sensível. — Nós dois sabemos por que não vou me casar com ela. Meu interesse está em outro lugar. E o seu?

Para o seu imenso prazer, o rubor nas bochechas do conde se aprofundou. — Cuide da sua maldita vida, Silas — disse, fazendo careta. — E fique fora da minha.

— Sim, esse é o olhar que eu estava esperando — disse Silas descaradamente, ecoando as palavras que St. Clair lhe jogara na cara não muito tempo atrás —, como uma raposa quando os cães captam seu perfume. Seu pobre coitado.

Por um momento, Silas pensou que St. Clair ficaria furioso e negaria, ou o deixaria ali sozinho, mas após uma fração de segundos de óbvio aborrecimento, St. Clair soltou uma gargalhada. — Não tem ideia — confessou, sorrindo um sorriso torto para Silas.

Deu um tapinha nas costas de St. Clair e disse: — Venha, meu amigo. Acho que nós dois precisamos ficar embriagados.

10



Querida Alice,

Por favor, pode conversar com Matilda? A coisa mais estranha aconteceu ontem à noite no baile do conde de Ulceby. Ela dançou com Montagu! As pessoas estão falando sobre isso, posso dizer, até porque durante toda a dança não conseguiam tirar os olhos um do outro. O que diabos ela estava pensando? Deveria ser a mais sensata!

—Trecho de uma carta da srta. Kitty Connolly para a sra. Alice Hunt.



9 DE JULHO DE 1814. FESTA NO JARDIM DA VIÚVA CONDESSA ST. CLAIR. ST. JAMES, LONDRES.

— Para onde Lucia foi? — Matilda virou-se e encontrou Harriet ao seu lado. St. Clair acabara de deixá-la para falar com os convidados do outro lado do jardim. Ela duvidou que fosse uma coincidência.

— Saiu há cerca de dez minutos. Muito sol, claro.

— Oh, que pena — respondeu Harriet, levantando os óculos no nariz. Parecia corada e superaquecida, seu cabelo castanho claro escapando de seus grampos e seu vestido de musselina colado ao seu corpo.

— Estou surpresa por não ter escapado também — disse Matilda, vendo um lampejo de culpa nos olhos de Harriet. — Mal consegue esconder sua animosidade por St. Clair.

Harriet encolheu os ombros. — Não posso ser rude com lady St. Clair. Sempre foi tão gentil comigo, então vou suportar — disse, soprando irritada um cacho que caíra sobre seu rosto. — Como consegue estar sempre tão bonita e elegante, Tilda?

Matilda sorriu. — Fique na sombra.

— Tarde demais para isso — resmungou Harriet, desgrudando as saias das pernas com uma careta. — Ali estava o espécime mais fascinante. Uma nova variedade de rosa que a própria condessa plantou. Prometeu me mostrar como fez isso.

Matilda sorriu com o entusiasmo de Harriet. A jovem costumava ser séria demais, um pouco distante das outras meninas, mas se iluminava com qualquer descoberta. — Por que o odeia tanto?

Harriet olhou cautelosamente, mas não se incomodou em perguntar de quem Matilda estava falando.

— Não diria que o odeio exatamente — começou, apenas para encontrar a sobrancelha arqueada de Matilda. Soltou um suspiro, hesitando, e então as palavras saíram repentinamente. — Porque ele se deleita com sua própria estupidez e despreza o aprendizado, zomba de qualquer pessoa que sente ser mais inteligente do que ele e faz com que se sintam burras.

Matilda a olhou surpresa. Harriet cruzou os braços, seus olhos castanhos severos e zangados.

— Não o acho nem um pouco estúpido, Harriet — disse gentilmente, ciente de que havia muito mais em sua animosidade do que isso, mas sabendo que deveria agir com cuidado. — Ele é muito divertido, e homens estúpidos simplesmente não são.

A boca de Harriet se comprimiu por um momento. — É frívolo e perdulário, um galanteador e um mulherengo, e duvido que tenha um

pensamento original em sua cabeça desde o dia em que nasceu, mas todos o acham maravilhoso porque é bonito e faz todo mundo rir, e normalmente é sempre às custas de alguém — a jovem corou, aparentemente percebendo que sua explosão havia sido um tanto exaltada. — Eu... acho que talvez Lucia estivesse certa. Está terrivelmente quente e tomei muito sol. Com licença, Matilda.

Assustada e um pouco perplexa, Matilda observou Harriet partir. Talvez devesse perguntar a St. Clair o que estava acontecendo, pensou, brincando com a ideia. Não, pelo menos hoje ainda não. Estava letárgica demais para se intrometer. O calor da tarde estava deixando-a sonolenta e ela se moveu ainda mais para a sombra, atraída por uma passarela rajada com flashes de luz e sombra. Avistara um banco com vista para um pequeno lago ornamental, foi até ele.

Sentou-se com um suspiro de alívio e levou um momento para certificar se seu cabelo não havia se soltado antes de se inclinar para trás e fechar os olhos por um momento.

Seus pensamentos se voltaram para o baile do conde de Ulceby e, mais precisamente, para sua dança com Montagu. Fora escrupulosamente educado, um perfeito cavalheiro na verdade, o que a enervou bastante. Achou que talvez preferisse quando eles estavam se atacando.

No entanto, a dança foi mágica. Não tinham trocado uma palavra um com o outro; não teria conseguido se tivesse tentado, pois não quis quebrar o encanto do momento dizendo algo que os levaria a insultar um ao outro. Havia algo entre eles, entretanto, uma estranha sensação de conexão, de...

Não tinha ideia do que, mas as palavras de Montagu voltaram para ela.

Ele a encontrou na tarde em que seu irmão se casou com Alice; estava se recuperando de um ataque de soluços e autopiedade, pois ainda estava — e provavelmente sempre estaria — sozinha. O marquês era o último homem na terra que desejava ver naquele dia, o dia em que ele se ofereceu para torná-la sua amante. Uma raiva acendeu novamente dentro dela quando se lembrou, mas agora percebeu que ele estava certo no que disse.

Há algo entre nós. Gostaria de descobrir o que é.

Parecia perplexo quando disse isso, Matilda zombou, riu da ideia, é claro, mas agora não tinha tanta certeza. Ele a repreendeu por negar a verdade, acusando-a de ser covarde. Um desconforto percorreu por sua espinha enquanto se perguntava se ele não estaria certo.

Algo no canto do olho a fez se virar e nem foi preciso piscar quando o dito homem apareceu. De alguma forma, sabia que ele apareceria. Evitou-a o dia inteiro, até aquele momento, mantendo distância e nunca olhando em sua direção. Era tudo um jogo para ele, suspeitou. Estava simplesmente brincando com ela. A ideia a irritou.

— Sim, sim, sozinha de novo etc... etc... — disse, acenando com a mão impaciente antes que ele pudesse fazer o inevitável comentário, como sempre fazia. — Qualquer um pensaria que o senhor me observa, esperando o momento em que eu esteja sozinha.

Ele não disse nada, mas se aproximou dela segurando um copo que tilintou levemente com o movimento.

— Achei que a senhorita fosse gostar disso — disse, indecifrável como sempre.

Matilda abriu a boca surpresa e estendeu a mão para pegar o copo, repentinamente morrendo de sede. — O que é isso? — perguntou desconfiada.

Sua boca se curvou um pouco. — Ora, ora — murmurou. — A senhorita acredita mesmo que sou um vilão.

— E isso o surpreende? — respondeu encarando-o.

Ele suspirou. — É orchata, srta. Hunt. Totalmente inalterado, asseguro-lhe.

Matilda franziu a testa e deu um gole hesitante, tentando provar algo que fosse proibido e não somente flor de laranjeira e amêndoas. Havia gelo na bebida, o que fez com que as laterais do copo pingassem enquanto jogava a cautela ao vento e bebia em um gole só. O líquido gelado desceu por sua garganta, fazendo-a perceber quão quente e sedenta ela estava.

Suspirando de felicidade, segurou o copo contra o pescoço, permitindo que o gelo a refrescasse, e então abriu os olhos assustada ao se lembrar que estava sendo observada.

O olhar de Montagu era atento e Matilda sentiu um rubor queimar na sua pele.

— Obrigada — disse cautelosamente. — Embora suponha que terei que pagar por isso. O senhor nunca faz nada sem um motivo oculto, não é?

— Não — ele disse, sua expressão imutável.

— O que agora, devo-lhe a minha alma? — perguntou docemente — ou o senhor já a tem por ter salvado Alice das atenções indesejáveis do Sr. Bindley? Lembro-me de que a dívida foi colocada aos meus pés.

Para sua surpresa, ele balançou a cabeça negativamente. — A senhorita já pagou essa dívida.

— Paguei? — Matilda não conseguiu esconder sua surpresa.

— Sim.

Olhou-o perplexa. Ele parecia totalmente à vontade, impecavelmente vestido como sempre, como se o calor não o estivesse incomodando nem um pouco. Matilda observou divertida enquanto as golas e as gravatas murchavam com o passar da tarde, mas Montagu estava composto e imaculado. Talvez ele realmente tivesse gelo correndo nas veias.

Ele estava apoiado na sua bengala de ébano com o topo prateado, observando-a e parecendo a imagem do refinado cavalheiro inglês.

As aparências podem enganar.

— Ótimo — disse, sabendo que o irritaria se não perguntasse como havia conseguido tal façanha. Ela se levantou, alisando o vestido e dando-lhe a impressão de que estava prestes a ir embora.

— A senhorita dançou comigo — disse, aparentemente ciente de que ela não perguntaria, e respondeu-lhe, mesmo assim.

— Ah, claro, uma dança — disse, virando-se para olhar para ele. — Não deveria me surpreender que o senhor ponha um preço tão baixo na virtude. O senhor destruiu a minha com bastante facilidade.

— Mas sua virtude ainda está intacta, srta. Hunt — disse, e de repente a atmosfera entre os dois mudou, uma tensão vibrava entre eles.

— Poderia muito bem não estar — retrucou, e então se amaldiçoou pela explosão, desejando não ter permitido que a irritasse.

Se ele tivesse sorrido, o teria estapeado, mas não sorriu. Apenas aproximou-se dela.

— Não acredito que a senhorita queira dizer isso — disse com a voz baixa, enviando uma estranha sensação de arrepio sobre a pele dela. — Mas... se é verdade, por que não a dá para mim? A senhorita está tão ciente da atração entre nós quanto eu. Por que não cede?

Matilda arquejou, sua respiração acelerando quando diminuía a distância entre eles. Estava tão perto que era possível sentir seu perfume. Linho engomado, couro, um toque de bergamota e o calor limpo de um corpo masculino. Por um momento desconcertante ela imaginou isso, imaginou ceder ao que pedia dela, e a ideia a deixou desnorteada com uma atraente mistura de medo e excitação.

— Te daria tudo o que poderia desejar — disse, sua voz um convite por si só, tentando-a enquanto ele se inclinava, sua boca estava tão perto de seu ouvido que se ela virasse a cabeça, suas bocas se encontrariam. — Tudo o que poderia sonhar.

Estranhamente, foi isso que a despertou do transe e a trouxe de volta à realidade com um estalo.

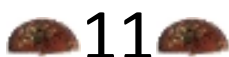
Tudo o que poderia sonhar.

Matilda fechou os olhos e deu uma risadinha. — Sinto muito, milorde, mas o senhor está muito longe de conseguir isso. Meus sonhos contêm coisas de muito valor e o senhor nunca poderia sequer proporcioná-los.

Um sinal de orgulho arrogante estava visível naqueles estranhos olhos cinza-prateados. — Nomeie-os. Diga o seu preço — disse, parecendo estranhamente sem fôlego.

Sorrindo, Matilda se afastou dele, um brilho emanando da sua pele. — Meus sonhos seriam algo estranho para o senhor, milorde Montagu, pois é repleto com um lar, filhos e casamento com um homem que me ama e me honra. Não importa se é um Lorde ou um comerciante comum. Não vou me importar. Vou amá-lo de todo o coração e dar-lhe tudo o que *ele* sempre sonhou.

Com uma pequena chama de triunfo queimando em seu coração, Matilda deu uma risada desafiadora e o deixou sozinho.



***14 DE JULHO DE 1814. RESIDÊNCIA DA SRA. EDWINA MANNING.
OLD BURLINGTON STREET, LONDRES.***

Para alívio de Lucia, parecia ser um jantar pequeno e íntimo, embora sua tranquilidade tivesse durado pouco.

— Acredito que conheçam Lorde Cavendish — disse a sra. Manning, com uma expressão que sugeria que ela sabia muito bem que estava colocando um gato entre os ratos.

— De fato — Matilda disse, cumprimentando-o com um sorriso caloroso. — É um prazer vê-lo novamente, milorde.

Lucia inclinou a cabeça em saudação e tentou acalmar o coração, que batia desconfortavelmente em seu peito. *Oh, céus*. Agora teria que suportar uma noite inteira em sua companhia. De alguma forma, sabia que se sentaria ao seu lado na mesa do jantar.

— Este belo rapaz está morrendo de vontade de conhecê-las também — disse a sra. Manning, trazendo um cavalheiro sorridente de cabelos e olhos castanhos claros. Era realmente muito bem apessoado e tinha um ar descontraído. — Este é o Sr. David Burton. Um homem de fato interessante. É dono de metade das fábricas do país, sabe — disse a sra. Manning, lançando um olhar que fez o sujeito corar um pouco. — Oh, com licença, acredito que mais convidados chegaram.

— Burton — disse Lorde Cavendish, para o grande alívio de Lucia, voltando o peso de seu olhar para outro lugar. — Como o senhor está? Deve ter passado um ano, acredito?

— Realmente, milorde — o Sr. Burton respondeu, sorrindo. — Embora esteja feliz que nossos interesses comerciais pareçam avançar rapidamente.

— Eu também — o visconde respondeu secamente. — No entanto, não devemos falar de negócios, ou nossas acompanhantes nos abandonarão por companhias mais alegres.

— O senhor acha que não estamos interessadas em negócios? — Lucia comentou com uma pontada na pergunta que ela sabia que nenhum dos homens deixou escapar. Claro, não *deveria* se interessar por tais assuntos. Qualquer mulher sabia que a primeira regra para conseguir um marido era fingir estupidez.

— Não, srta. de Feria — respondeu Lorde Cavendish, sorrindo para ela de tal forma que sentiu o corpo esquentar. — Acredito que a senhorita esteja interessada em *meus* negócios.

— Sr. Burton — disse Matilda apressada, enquanto a atmosfera entre eles estava ficando cada vez mais carregada. — Conte-me sobre seus moinhos.

Lucia não pôde deixar de sorrir; o homem estava olhando para Matilda como se estivesse na presença de um ser divino.

— Eu... eu ficaria muito feliz em contar-lhe qualquer coisa que deseje saber — disse, parecendo um pouco sem fôlego.

Ofereceu o braço a Matilda e Lucia observou enquanto a acompanhava pelo salão.

— Uma conquista foi feita, acredito — Lorde Cavendish disse sorrindo.

— Como ele é? — Lucia perguntou, em parte para evitar que a conversa caísse em águas perigosas e em outra porque o homem parecia um cachorrinho devotado e esperava que Matilda pudesse ter acabado de encontrar o homem bom que tanto procurava.

— Decente — responde Silas com um aceno reconfortante. — Inteligente e de bom coração. Rico. Sua amiga poderia conseguir algo pior, embora seja um homem que trabalhou para conquistar suas posses, o que faria a maioria das mulheres que conheço correr gritando na direção oposta.

— Então são tolas — disse Lucia, falando sério, sem perceber que estava sendo provocadora até que viu uma faísca de ciúme nos olhos de Lorde Cavendish.

— A senhorita está interessada nele? — perguntou, e embora seu tom fosse indiferente o suficiente, ela não se deixou enganar.

Por um momento, pensou em provocá-lo, mas não conseguiu.

— Não — respondeu suavemente. — Só quero que Matilda seja feliz.

Houve um silêncio tenso antes que ele falasse novamente. — E a senhorita, Srta. Lucia? — perguntou baixo. — Conseguiu pensar mais um pouco sobre a pergunta que lhe fiz?

As palavras se aglomeraram em sua garganta. Queria lhe dizer que não pensara em mais nada além de seu pedido, mas isso seria tão cruel quanto fingir interesse em outra pessoa.

— Não — respondeu secamente, embora não conseguisse disfarçar a tristeza em sua voz quando se afastou para explorar a sala. Naquele momento a sra. Manning retornou com o último de seus convidados: o marquês de Montagu.



Havia doze convidados, e os piores temores de Lucia se concretizaram quando o marquês acompanhou a sra. Manning até a mesa onde seria servido o jantar.

A sra. Manning sentou-se à cabeceira da mesa, seu irmão – um homem vermelho por volta de quarenta anos de idade e modos joviais – assumindo o papel de anfitrião na extremidade oposta. O marquês, naturalmente, assumiu a posição de convidado de honra à direita da sra. Manning, e a condessa Culpepper – esposa do conde de Culpepper – sentou-se à sua esquerda. Parecia que seu marido estava em viagem de negócios no interior; não parecia se importar.

Sentado ao lado dela estava Lorde Cavendish e, ao lado dele, Lucia. Pobre Matilda não estava melhor, suas bochechas estavam ruborizadas, parecia uma galinha encurralada por raposas ao se ver entre Montagu e o olhar de adoração do Sr. Burton.

Bem, isso deverá ser divertido, pensou Lucia, seu estômago embrulhando com a ideia.

Para sua surpresa, um tal de Sr. Henshaw, que na verdade revelou ser o tio de Kitty, estava à sua esquerda, e a própria Kitty estava sentada do outro lado do Sr. Burton. A pobre menina parecia ansiosa e abatida, como se quisesse gritar de alívio ao ver dois rostos familiares. A outra extremidade da mesa estava completa por um sorridente Sr. Richards – que tão gentilmente resgatara Matilda quando machucou o tornozelo – e uma srta. Craven cujo rosto não era nada amigável.

Por ser uma herdeira, a srta. Craven era considerada um dos diamantes da temporada, uma jovem animada. Ainda assim, Lucia ouvira boatos de que tinha planos para conseguir fisgar um título nobiliário, talvez um marquesado. Ver Montagu no extremo oposto da mesa, com Matilda ao seu lado, devia estar entalando sua garganta.

Não era por acaso, entretanto. Ouviu dizer que a jovem, apenas algumas noites atrás, proferiu um desprezo imprudente e espetacularmente estúpido dirigido à sra. Manning. Havia desacreditado a mulher por ser velha e desgastada, e não serviria nenhum tipo de rivalidade para sua juventude e beleza.

Sem dúvida, a atração de um convite para um jantar ao qual o marquês compareceria fora boa demais para recusar. Ficar sentada o mais longe possível dele e ao lado do irmão enfadonho da sra. Manning – que monopolizaria a conversa a noite toda – provavelmente não era o que tinha em mente. Tendo percebido tarde demais as intenções de sua anfitriã, a srta. Craven parecia mal-humorada e constrangida com o arranjo.

A sra. Manning, em contraste, parecia estar gostando muito da noite.



A noite avançou e a conversa ficou cada vez mais animada enquanto o vinho era repostado.

A menos que fosse o marquês de Montagu.

Apesar de fazer o possível para ignorá-lo completamente, Matilda não pôde deixar de notar que ele bebia pouco e falava menos ainda, apenas

adicionando o suficiente ao fluxo de conversa para garantir que não estivesse insultando a anfitriã. Quando falava, era charmoso e cortês, mas em nenhum momento voltara sua atenção para Matilda, e estava grata por isso. Exceto que teve a inquietante sensação de que ele estava prestando atenção à conversa que estava tendo com o Sr. Burton.

O Sr. Burton provou ser um excelente companheiro de jantar. Tinha muitas histórias divertidas, mas nunca dominava a conversa; sempre que possível, falava apenas com Matilda, fazendo-lhe perguntas intermináveis sobre seus interesses e suas esperanças para o futuro. Sua atenção a lisonjeava e confortava, e ela se descobriu gostando de sua companhia e odiando-se por gostar ainda mais do fato de que o marquês sabia disso.

A sra. Manning havia sugerido que seu pequeno grupo – ou pelo menos aqueles que estavam na ponta da mesa – deveriam visitar Green Park para ver o Templo Giratório de Concord. Embora temporária, a estrutura impressionante foi construída para comemorar a vitória sobre Napoleão e terminaria em uma enorme queima de fogos no primeiro dia de agosto. Como na semana seguinte a maioria da alta sociedade se retiraria para suas propriedades rurais a fim de escapar do calor da cidade, a sra. Manning propôs que seria uma bela maneira de encerrar a temporada.

— O que o senhor diz, Lorde Cavendish? — perguntou, usando todo seu carisma magnético com ele.

— Estou à sua disposição, naturalmente — disse com um sorriso encantador, embora ninguém à mesa tivesse dúvidas de que sua atenção estava toda voltada para Lucia.

— Parece uma ideia formidável — concordou o Sr. Burton com seu sorriso natural, enquanto a sra. Manning buscava sua opinião.

Nesse momento, no entanto, o controle que Matilda tinha sobre a conversa fora quebrado.

Tinha acabado de pousar o garfo e sua mão esquerda ainda estava apoiada sobre a mesa ao lado dele quando a mão de Montagu roçou a dela.

Perdeu o fôlego.

Olhou para baixo, a mão de Montagu estava envolta na haste de sua taça de vinho e sua atenção ainda estava focada na sua conversa. Ainda assim, seu dedo anelar se moveu, apenas o suficiente para deslizar contra o dela fazendo uma pequena carícia.

Deveria ter sido insignificante, tão breve fora o contato, mas a percepção do que acabara de acontecer percorreu seu corpo. Sua carne parecia querer

se soltar dos seus ossos, como se não se coubesse mais ali, cada centímetro hipersensível e eminentemente ciente de sua proximidade. Ele repetiu o toque delicado e isso a mortificou pois a fez desejá-lo em um lugar que não deveria.

Estava vagamente consciente de sua mão se afastando quando a atenção da mesa se voltou para eles.

— Srta. Hunt?

Não. Não para eles.

Para ela.

Matilda saiu do torpor em que estava, um rubor escaldante aquecendo suas bochechas.

— Oh, e-eu imploro seu perdão — gaguejou, voltando-se para o Sr. Burton, que estava olhando-a com curiosidade. — Lamento, estava distraída.

Estava terrivelmente ciente do marquês então, ele sabia muito bem que tinha roubado sua atenção do Sr. Burton – para não mencionar seu juízo – com tanta facilidade.

O Sr. Burton sorriu. — Estava perguntando se a senhorita e a srta. de Feria nos dariam – isto é, Lorde Cavendish e eu – a honra de nos acompanhar ao Green Park para ver os fogos.

— Sinto muito, mas já fizemos esse arranjo.

Matilda estremeceu e se virou para olhar para Montagu em estado de choque.

Ele nunca...

Olhou para o Sr. Burton, placidamente, sua expressão desmentindo o fato de que estava mentindo descaradamente. — Já convidei as senhoritas e escoltarei a srta. Hunt e a srta. de Feria. A menos que a senhorita deseje alterar os arranjos?

Para sua consternação, Montagu não lhe perguntou e sim para Lucia, que confirmasse essa declaração ultrajante, sabia que estava perdida.

Lucia parecia miserável.

Oh, estava com um sorriso no rosto, qualquer um que não a conhecesse acreditaria que estava de bom humor, mas havia algo entre ela e Lorde Cavendish, e ela queria escapar. Matilda podia ver em seus olhos.

Aparentemente, o marquês também.

Lucia encontrou os olhos de Matilda por um momento, sua expressão implorando por perdão, não que fosse necessário. Uma mulher como Lucia

não ousaria contradizer Montagu em público. Isso causaria um escândalo o qual não sobreviveria e quem poderia saber como ele reagiria?

— De fato não, Lorde Montagu — Lucia disse. — Vendo que está tudo arranjado.

Exceto pelo próprio marquês, Matilda achava que nunca tinha visto uma mentira tão deslavada falada com tanta facilidade. Queria estar em qualquer outro lugar, menos ali quando o calhorda ao seu lado se virasse com um brilho desafiador nos olhos.

— E a senhorita, srta. Hunt? Deseja mudar nossos arranjos?

Engoliu em seco, perguntando-se por que queria rir quando deveria estar indignada.

— Longe de mim alterar planos bem traçados — disse, aliviada ao ouvir que sua voz estava firme quando tudo dentro dela estava dando cambalhotas. Afastando-se do marquês, olhou para o Sr. Burton, dando-lhe um sorriso caloroso para aliviar sua decepção; e para irritar Montagu, se estivesse sendo honesta. — Outra hora, então, Sr. Burton.

Ele ergueu a taça. — Pode contar com isso, srta. Hunt, e espero que possamos ver as duas lá.

— Certamente — Matilda concordou.

Evitou o brilho de interesse nos olhos da sra. Manning. A mulher não tinha dúvidas de que havia muita coisa acontecendo entre as partes interessadas, mas Matilda estava determinada a não piorar mais as coisas. Foram salvos de um exame ainda mais profundo pela óbvia tensão que emanava do outro lado da mesa.

Os lacaios estavam se preparando para servir o próximo prato, e Matilda percebeu que Lucia observava Kitty com preocupação. Inclinando-se um pouco para a frente para ver além do Sr. Burton, viu dois pontos altos de cor no rosto da menina e um brilho furioso em seus olhos. Pela expressão presunçosa e um tanto rancorosa no rosto da srta. Craven e a irritação que emanava do Sr. Henshaw, algo fora dito.

— Oh, espere — srta. Craven disse, sua voz doce ressonando sobre a mesa. — Talvez seja possível deixar as batatas para a srta. Connolly. Já comeu o suficiente, querida?

Matilda prendeu a respiração com o óbvio insulto à herança irlandesa de Kitty. As bochechas de Kitty arderam naquele momento, e o Sr. Henshaw jogou o guardanapo sobre a mesa, parecendo prestes a torcer o pescoço da srta. Craven.

— Srta. Craven — todos congelaram, incluindo a própria jovem enquanto o marquês se dirigia a ela. — A senhorita irá ao passeio em Green Park? — perguntou suavemente.

Todos sabiam que os que estavam sentados na outra ponta da mesa não haviam sido incluídos no grupo exclusivo que organizou o passeio.

A jovem se envaideceu, corando um pouco. — Não, milorde, embora gostaria acima de todas as coisas.

— Uma pena — Montagu murmurou, e uma antecipação rolou sobre a mesa quando perceberam para onde aquilo estava indo. — Srta. Connolly — disse, agora voltando seu olhar gelado para Kitty. — Acredito que a srta. Hunt e a srta. de Feria ficariam encantadas em incluí-la em nosso grupo, se a senhorita se interessar.

Kitty engoliu em seco, olhando alarmada para o marquês, mas obviamente ciente da grande honra que acabara de concedê-la. — C- certamente, milorde — gaguejou, os olhos arregalados de espanto. — Eu... eu ficaria incrivelmente contente em aceitar.

Montagu acenou com a cabeça e gesticulou para que um lacaio completasse sua taça, e o momento foi substituído pelos murmúrios de deleites com o próximo prato.

Matilda se virou para olhá-lo, sua boca ficou seca quando ele se virou também para encontrar seu olhar.

— Obrigada — disse baixo.

Montagu franziu um pouco a testa. — A srta. Craven é um aborrecimento — disse com um encolher de ombros desdenhoso. — Sua determinação em conseguir um título só é superada por sua crença tediosa de que todos os homens deveriam cair aos seus pés com um único piscar de olhos. Estava esperando uma oportunidade para dar-lhe um sermão que lhe ensinasse alguns bons modos sem arruiná-la totalmente. Sua amiga apenas me concedeu a oportunidade.

Ela o observou por um momento, surpresa por ele não reclamar que o tinha em dívida por seu ato de bondade, que não era bondade, como a havia lembrado antes. Também estava na ponta da língua fazer algum comentário ácido sobre o cuidado que ele tinha tomado em não arruinar *outra* mulher, mas percebeu também que não podia fazer isso, grata como estava por ele por ter interferido.

Havia uma coisa, porém, que precisava ser dita.

— Por mais que aprecie esses atos repentinos e atípicos de bondade, devo informá-lo que isso não muda nada.

Quando seus olhos se encontraram novamente, o coração de Matilda acelerou. Montagu ergueu a taça, tomou um gole lentamente e a olhou por cima da borda. Abaixando a taça, torceu a haste entre dedos longos e elegantes, ficara atraída por eles.

— Poderia dizer o mesmo — disse por fim.

Respirou lentamente, e ousou olhá-lo.

— A senhorita será minha — disse suavemente. — Sabe disso tão bem quanto eu.

— Nunca.

A indignação forçou aquela palavra de seus lábios com muito mais paixão do que pretendia; Matilda olhou em sua volta para ver se alguém havia notado. Homem impossível e arrogante.

Como se atrevia?

Embora fosse forçada a admitir para si mesma que havia uma atração estranha e indefinível nele, nunca permitiria que isso superasse o bom senso.

Deu uma risada, um som surpreendentemente amargo. — Por um momento, quase me permiti acreditar que algo parecido com um coração batia por trás dessa fachada de gelo. Sou grata ao senhor por me lembrar a verdade.

— A senhorita seria realmente boba em acreditar nisso — murmurou. — Quase tão boba quanto não acreditar que o que acontece entre nós tem apenas um destino: a minha cama.

Abalada, o sangue de Matilda ferveu em suas veias; fúria e desejo em um único emaranhado. Estava entorpecida e com raiva, seu desejo era esbofeteá-lo, tanto que a palma de sua mão formigava.

Mas por quê?

Por que ele estava totalmente errado?

Ou por que estava certo?

— Mais cedo ou mais tarde — disse, e ela não tinha certeza se era uma pergunta ou uma afirmação.

Um lento sorriso curvou-se sobre sua boca, e Matilda não pôde deixar de olhá-lo. Uma boca tão sensual, doce e viciosa, capaz de tanto crucificar com palavras quanto beijar para diminuir a dor. A promessa de prazer perverso

queimava em seus olhos, incapaz de segurá-lo, desviou o olhar antes que o rubor em suas bochechas ficasse mais forte.

Sentia o calor de Montagu queimando ao seu lado; o leve sussurro de seu hálito quente contra sua pele quando ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— O tempo está passando, srta. Hunt.

Todavia, qualquer coisa que ela pudesse ter dito em troca tornou-se impossível quando Lady Culpepper chamou sua atenção, Matilda foi deixada fervendo e inquieta do seu lado.

12



Green Park, com Montagu?

O que diabos eu estava pensando?

*— Trecho de uma carta da srta. Matilda Hunt para
Sua Graça Prunella Adolphus, Duquesa de Bedwin.*



***14 DE JULHO DE 1814. RESIDÊNCIA DE SRA. EDWINA MANNING.
OLD BURLINGTON STREET, LONDRES.***

Depois do jantar, as damas deixaram os cavalheiros para suas bebidas e se reuniram para conversarem.

— Sinto muito — disse Lucia, segurando o braço de Matilda. Sentia-se péssima desde que permitiu que Montagu mentisse. — Entrei em pânico; dificilmente poderia negar o arranjo sem chamá-lo de mentiroso e fazer um escândalo, e mudar isso me faria parecer rude e eu simplesmente...

— Está tudo bem, — Matilda interrompeu, dando-lhe um sorriso caloroso que Lucia achava que não merecia. — Montagu sabia muito bem que nos colocaria em uma situação impossível, e manipular as pessoas é o que ele faz de melhor. Maldição, notara sua presunção quando me perguntou se gostaria de mudar de ideia? Queria furá-lo com meu garfo.

Entretanto, Lucia não pôde deixar de perceber a nota estranha na voz de Matilda, e se perguntou se estava tão irritada quanto pretendia. No entanto, Lucia ainda se sentia mal. Montagu estava obviamente decidido a tê-la, e provavelmente casamento não faria parte do acordo. O fato de Matilda sentir-se atraída pelo homem, apesar de seu bom senso, não era algo que Lucia pudesse ignorar.

O Sr. Burton era outro assunto, um homem honrado que já havia deixado claro seu interesse. Matilda poderia ser feliz com um homem assim, com certeza. Ele lhe ofereceria segurança, um lar e uma família. Poderia fazê-la feliz. Talvez ela perdesse seu lugar na sociedade, mas a sociedade já havia deixado seus sentimentos claros sobre sua reputação manchada. Na opinião de Lucia, havia pouco a perder e muito a ganhar.

Se ao menos sua própria situação fosse tão definitiva.

— O que acabou de acontecer? — Kitty perguntou, chegando às pressas para ficar ao lado delas.

— Não me pergunte — respondeu Matilda, sorrindo. — Montagu, sem dúvida, está nos manipulando.

— Ele me assusta tanto — admitiu Kitty. — Não teria aceitado, é claro, mas sabia que se não aceitasse isso acabaria colocando aquela criatura odiosa em posição de ataque.

— O que estava acontecendo, Kitty? — Lucia perguntou. — Todos pareciam estar se dando maravilhosamente bem.

— E estávamos — admitiu Kitty, com um encolher de ombros. — Achei a srta. Craven bem simpática, até o Sr. Richards...

Corou um pouco e parou quando Lucia sorriu. — Até o Sr. Richards decidir que gostava mais de você do que dela e flertou um pouco mais abertamente?

Os lábios de Kitty se contraíram, e encolheu um pouco os ombros. — Não foi bem assim, talvez, mas... bem, sim — disse, corando e sorrindo ao mesmo tempo.

— É um jovem muito simpático — disse Lucia, aprovando o par enquanto Matilda assentia.

— E muito elegível.

Kitty deu de ombros, parecendo pouco à vontade e mudou rapidamente de assunto.

— Lorde Cavendish parece muito interessado, Lucia.

Lucia devolveu um sorriso evasivo e se afastou das amigas para inspecionar uma pintura um pouco mais adiante na sala. Como se Kitty os tivesse conjurado ao falar seus nomes, os cavalheiros voltaram depois de terminar seu vinho, e Lorde Cavendish a procurou imediatamente.



20 DE JULHO DE 1814. HYDE PARK, LONDRES.

— Maldito seja esse calor — disse Matilda, suspirando e agitando um leque com um ar desconexo. — Gostaria que não tivéssemos concordado em vir ao Green Park. Não acredito que consiga aguentar mais isso até o início de agosto.

Lucia sorriu com simpatia. Olhando para sua pele pálida e o rosado em suas bochechas, estava se perguntando como Matilda lidaria com um verão indiano.

Sua amiga estava irritadiça e mal humorada, o que obrigou Lucia a usar todos os tipos de incentivos para tirá-la de casa. Matilda só concordara em dar um passeio no Hyde Park se passassem no Gunters e experimentassem uma variedade de sorvete para fortificá-las para o caminho de volta.

A capital estava ficando vazia agora que o verão havia chegado. A atração do espetáculo prometido no Green Park foi suficiente para manter alguns da alta cúpula da sociedade na cidade, mas muitos não aguentaram e se retiraram para o frescor do campo.

Apesar dos protestos de Matilda, Lucia suspeitara que ela não perderia a oportunidade de ver Montagu novamente. Suspirando um pouco, Lucia desejou poder manter um certo visconde longe de seus pensamentos por mais de cinco minutos. Entretanto, era impossível, e apesar de saber que sua confissão para ele naquela noite tinha sido tola, não se arrependia.



Matilda olhou em volta para as dezenas de carruagens abertas estacionadas sob os plátanos. Pessoas com trajes elegantes circulavam na sombra, todos conversando e com soquete da Gunters nas mãos.

Berkeley Square era uma interessante mistura de residências elegantes e comércio com um grande parque arborizado no centro. Os garçons corriam de um lado para o outro com uma velocidade vertiginosa, carregando pequenos copos com sorvete para seus clientes antes que derretessem.

Kitty e Matilda seguiram Lucia e Lorde Cavendish para dentro da sorveteria, murmurando aliviadas por saírem do sol. Matilda observou divertida enquanto Kitty explodia com suspiros de êxtase devido a todas as iguarias exuberantes tão lindamente dispostas diante delas. O ar estava inebriante com o cheiro de frutas, bolos recém-assados e todas as coisas doces e suculentas. Bolos de design luxuosos com ingredientes decadentes misturados com biscoitos e guloseimas doces de todas as cores e sabores imagináveis, e isso antes mesmo de olhar para a lista de sorvetes.

Matilda levou algum tempo para decidir sobre a flor de sabugueiro, enquanto Kitty escolheu morango, Lucia o de canela, e até mesmo Lorde Cavendish se deliciou com um sorvete sabor de bordo.

Como a sorveteria estava lotada com cada vez mais gente entrando e saindo, o grupo seguiu o exemplo de todos e se dirigiu até o parque no centro da praça.

— Isso está divino — disse Kitty com um suspiro de prazer enquanto se recostava no tronco de um plátano e atacava sua guloseima.

Matilda só podia concordar, o gelo derretendo em sua língua em uma explosão de doçura e esfriando sua irritação, resultado do calor sufocante da cidade que a atormentava. Afastando-se um pouco de Kitty e deleitando-se com o frescor da sombra salpicada, fechou os olhos para saborear o gelo açucarado, e então soltou um pequeno grito quando quase caiu no chão.

— Oh!

— Ora bolas!

Matilda olhou para baixo e viu uma garotinha de talvez oito anos de idade olhando para ela. Seu cabelo era de um loiro pálido, seus olhos de um tom claro de azul, e havia algo terrivelmente familiar sobre ela.

— Sinto muito — a menina rangeu parecendo mortificada enquanto olhava para a marca pegajosa que suas mãos, igualmente pegajosas, tinham deixado nas saias delicadas do vestido de musselina de Matilda. — Foi um acidente — acrescentou, olhando para Matilda com olhos arregalados e assustados. Virou-se então, torcendo as mãos.

— Sinto muito, tio Monty.

Matilda levantou a cabeça e percebeu por que a menina parecia tão familiar.

O marquês suspirou enquanto olhava para a menina, uma das mãos apoiada em sua bengala com ponta de prata. — Acredito que pedi que a senhorita fosse até sua babá para se limpar, não para usar o vestido desta senhorita como guardanapo.

— Sinto muito — disse novamente, mordendo o lábio.

— Bem — Montagu olhou para Matilda então, o fantasma de um sorriso em seus lábios. — Temo que nosso destino esteja em suas mãos, srta. Hunt. O que a senhorita quer de nós, por um crime tão hediondo?

Matilda riu enquanto a menina olhava de um para o outro com alarme.

— Oh, acredito que não seja necessário mandar chamar um magistrado — disse, agachando-se para a menina. — Olá, eu sou a srta. Hunt. Qual é o seu nome?

— S-srta. Phoebe Barrington — a menina gaguejou.

— É um prazer conhecê-la, srta. Barrington. Agora, então, acho que estava...

Matilda inspecionou as marcas marrons de dedos em seu vestido com interesse.

— Tomando sorvete de chocolate?

A srta. Barrington assentiu.

— Estava delicioso?

— Estava — admitiu, sorrindo timidamente. — Mas derreteu muito rápido.

— Eu concordo — disse Matilda, segurando seu próprio sorvete. — Este é de flor de sabugueiro. Gostaria de experimentar?

Os olhos da menina brilharam, mas virou-se primeiro para olhar para o marquês.

— Posso, tio Monty?

Pela primeira vez e para seu espanto, Matilda viu um olhar mais suave nos olhos do homem enquanto ele sorria para a garotinha. — Vá em frente, sua criatura terrível. Se a srta. Hunt não se importar.

A menina aceitou a colher de Matilda e serviu-se de uma colherada generosa, depois sorriu para ela.

— Delicioso — disse entusiasmada. — Mas o de chocolate é melhor.

— Agora vá até a babá Johnson e insista que ela faça a senhorita parecer uma jovem respeitável de novo, e não um moleque de rua — disse

Montagu, parecendo um tanto severo, embora a menina apenas lhe dirigisse um sorriso travesso.

— Sim, tio — disse e saiu correndo mais uma vez.

Montagu suspirou e balançou a cabeça. — Desespero-me por sempre ensiná-la boas maneiras — disse.

— Bobagem — Matilda respondeu, pondo-se de pé. — É uma criança adorável e boas maneiras são superestimadas.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Discordo, mas vindo da senhorita, isso não me surpreende nem um pouco.

Matilda se perguntou por que o comentário a agradou, quando na verdade era um insulto, embora sentisse que ele não quis dizer daquela forma. Olhou-o com um toque de irritação ao notar que ainda não parecia afetado pelo calor. Ao contrário da maioria dos homens à sua volta, a gravata e os colarinhos não haviam murchado e ele parecia tão fresco e imaculado como sempre.

— Estava certa, não estava? — perguntou, seus lábios se contraindo quando ele devolveu um olhar questionador. — Este calor terrível não parece incomodá-lo, então o senhor realmente deve ter gelo correndo em suas veias.

Olhou-a, seus olhos claros intensos. — Somente no meu coração, srta. Hunt — disse com tanta sinceridade que a perturbara um pouco.

Matilda se afastou dele por um momento, mas não conseguiu resistir à vontade de cutucá-lo um pouco mais.

— Acredito no senhor e admito que estou surpresa em encontrá-lo acompanhado de uma garotinha. Pensei que o altíssimo Marquês de Montagu fosse frio e orgulhoso o suficiente para não levar crianças pequenas para tomar sorvete.

Montagu estreitou os olhos para ela com um olhar de resignação ressentida. — Até mesmo eu não consigo suportar a constante irritação de uma menina de oito anos, uma vez que está decidida a visitar Gunters. Ao menos não se essa menina for a srta. Barrington — disse com dignidade. — É extremamente obstinada.

— Eu me pergunto de quem ela puxou isso — Matilda murmurou.

Montagu riu do comentário e Matilda fez o possível para suprimir o arrepio de prazer que o som provocou.

— O senhor a vê muito? — perguntou antes que seu comentário pudesse desviar a conversa para águas perigosas.

— Como ela reside comigo, sim.

— Oh?

O marquês lançou um olhar cético. — Meu irmão está morto, srta. Hunt. Certamente a senhorita sabia disso.

Matilda olhou para ele e corou um pouco. — Não sabia — respondeu, sentindo-se um pouco culpada, embora não tivesse certeza do porquê. — Sinto muito pela sua perda.

Montagu acenou, aquela expressão fria e indiferente voltando ao seu rosto como uma máscara. — Somos tudo o que resta da nossa linhagem. Imagine isso — acrescentou com um sorriso de escárnio. — Pensar que sou a única pessoa que ela tem no mundo todo. Agora seu terno coração sangra por ela, não é?

Matilda o encarou, um pouco chocada com seu tom e com o desafio em seus olhos. Por um momento quase concordou com ele, mas então se lembrou do olhar confiante nos olhos da menina ao implorar o perdão do tio Monty, e o olhar afetuoso que Montagu talvez não tivesse percebido que revelara.

— Não — disse, surpreendendo-se. — Acho que ela é uma moça de sorte. Certamente ninguém na Inglaterra protege seus parentes com mais unhas e dentes do que o senhor, Lorde Montagu.

Houve uma longa pausa e, embora não pudesse ler nada em sua expressão, suspeitou que ele estava surpreso com seu comentário. Por fim, ele deu uma risada leve.

— Bem, srta. Hunt, a senhorita de todas as pessoas deveria saber — inclinou um pouco a cabeça, antes de se afastar, deixando-a sozinha.

14



28 DE JULHO DE 1814. BAILE DO SR. E SRA. DIGBY-JONES, LONDRES.

Percebendo damas e cavalheiros tomando seus pares para a próxima dança, Lucia viu Matilda sendo levada adiante nos braços do Sr. Burton. Ele vinha prestando muita atenção nela nas últimas semanas, e entregas diárias

de flores exóticas enchiam sua casa. Os arranjos coloridos decoravam todos os cantos da residência e seus perfumes inebriantes acabaram se tornando enjoativos pela quantidade.

Lucia também sabia que tinha havido outra entrega, a qual Matilda não lhe contou, mas que a criada, Sarah, deixara escapar.

Era o único que ela mantinha em seu quarto.

Com um pouco de persuasão, Sarah entrou em êxtase por causa disso, declarando que era a coisa mais linda que já tinha visto em sua vida. Era uma orquídea rara azul e branca. A própria Lucia nunca tinha visto uma orquídea antes, exceto em gravuras botânicas, e ficou tentada a dar uma espiadela pela porta para ver a bela planta em toda a sua glória.

Sarah havia dito que sua patroa estava com medo de acabar matando a orquídea e procurava desesperadamente conselhos sobre como cuidar dela.

Lucia não ficou nem um pouco surpresa ao descobrir quem mandara aquele presente tão exclusivo e incrivelmente valioso.

Observando o esplendor do salão, encontrou o próprio homem, frio e indiferente como sempre. Também observava Matilda na pista de dança, observava-a rir enquanto o Sr. Burton fazia algum comentário engraçado.

A expressão de Montagu não mudou, mesmo assim, Lucia estremeceu. O marquês não estava gostando das atenções do Sr. Burton, tinha certeza disso.

Não estava gostando nem um pouco.



30 DE JULHO DE 1814. SOUTH AUDLEY STREET, LONDRES.

Matilda andava de um lado para o outro em seu quarto, perguntando-se quanto tempo mais deveria esperar.

Era o cúmulo da impropriedade permitir que Lorde Cavendish ficasse sozinho com Lucia, mas confiava nele. Era um homem de honra, estava certa disso. Lucia também não era uma mulher que aceitaria ofertas levianamente. Por Deus, ela recebera ofertas surpreendentes apenas para o privilégio de poder dormir com ela, as quantias que lhe eram oferecidas seriam o suficiente para viver confortavelmente o resto de sua vida. No entanto, rejeitou cada um com desprezo.

Estava certa de que hoje ela também receberia um pedido, seria um pedido que envolveria casamento, filhos e segurança.

— Oh, diga sim, Lucia — murmurou ansiosamente.

Porque tinha tanta certeza de que seria hoje, não sabia dizer, apenas que os olhares que ela vira entre eles na última vez em que estiveram juntos eram calorosos. Seu coração doeu, imaginando como deveria ser se sentir tão amada e amar tão completamente. Algum dia saberia como era?

Uma indesejável onda de ciúme encheu seu coração e tentou se livrar dele, pois não queria sentir aquilo. Lucia e todas as suas amigas mereciam ser felizes e se alegrou com isso. Matilda nunca iria, nunca poderia censurá-las por buscar suas felicidades. Apenas queria experimentar isso também.

No entanto, estava cada vez mais ciente de que a maior barreira para sua própria felicidade era ela mesma.

Uma vez disse a seu irmão Nate, que só queria um homem bom, um homem honesto.

— Quero alguém que seja gentil. Alguém carinhoso, amoroso e leal. Isso é pedir muito?

Parecia um pedido tão simples, e lá estava o Sr. Burton, querendo cortejá-la. Era aquele alguém, carinhoso, gentil e leal, e sem dúvida amoroso, caso lhe desse o menor incentivo.

Mas não deu.

Oh, eram bons amigos, gostava de sua companhia, mas...

Mas.

Não sentia nada por ele. Era tudo o que esperava, e ainda assim...

Nada.

Não era o fato dele ser burguês também. Não era nem um pouco esnobe. Na verdade, o admirava. Qualquer homem que pudesse superar as circunstâncias de seu nascimento e ser surpreendentemente sucedido, merecia elogios e reconhecimento. As mais altas posições da sociedade deveriam recebê-lo de braços abertos, e seu desdém a deixava furiosa. Não. Não era isso.

Seus olhos se voltaram para a orquídea em sua mesa de canto. A maldita flor era impossível. Ninguém parecia saber como cuidar dela e tinha certeza de que acabaria matando-a. Era tão perfeita, pensou com uma explosão repentina de fúria. Se a orquídea morresse, ficaria mortificada. Deveria tê-la enviado de volta no momento em que chegou. Era a sua intenção, só que... só que nunca tinha visto nada tão bonito em sua vida e queria muito ficar com ela.

Poderia perguntar a Montagu, é claro, exceto que preferia morder a própria língua.

Por que estava fazendo isso com ela?

De um lado lá estava o Sr. Burton, o cavalheiro perfeito, fazendo tudo certo, e do outro estava Montagu.

Era rude, insultuoso, arrogante e, para não esquecer, o responsável por nenhum cavalheiro elegível pensar em desposar-se dela.

O Sr. Burton lhe oferecia casamento.

Montagu estava oferecendo arruiná-la completamente.

No entanto, seu presente desatencioso, uma planta incrivelmente cara que estava condenada a morrer sob seus cuidados a afetou muito mais do que qualquer um dos buquês muito mais práticos e abundantes do Sr. Burton.

Colocou a cabeça entre as mãos e gemeu.

—É uma idiota, Matilda Hunt.

SEGUINDO SEU CORAÇÃO

LIVRO 4



Kitty!

Aconteceu a coisa mais extraordinária. Lucia está se casando com Lorde Cavendish por licença especial em sua casa esta tarde!

Naturalmente, dadas as circunstâncias, acho que os dois não estarão dispostos a ir ao Green Park para assistir aos fogos de artifício esta noite. Nesse caso, conto contigo para me dar coragem suficiente para enfrentar Montagu.

Oh, como eu gostaria que tivéssemos encontrado uma maneira de sair dessa!

Venha ficar comigo por alguns dias, querida. A casa ficará terrivelmente quieta sem Lucia.

-Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Kitty Connolly.

1 DE AGOSTO DE 1814, SOUTH AUDLEY STREET, LONDRES.

Kitty alisou o vestido, sentindo-se inexplicavelmente nervosa. O marquês de Montagu estava acompanhando-a, e a Matilda, para ver os fogos no Green Park aquela noite, o homem a assustava quase até a morte. Estava destinada a fazer ou dizer algo ultrajante - sempre fazia isso quando seus nervos a dominavam - então ele a desprezaria ainda mais do que já

desprezava. Porque a convidara, não conseguia entender, exceto que suspeitava que tinha mais a ver com Matilda do que com ela. Isso também era algo preocupante.



Jasper Cadogan, conde de St. Clair, lançou um olhar curioso através da carruagem em direção ao marquês de Montagu. Não eram exatamente amigos, apenas conhecidos, mas quando o marquês o chamou para comparecer como seu convidado naquela noite, Jasper ficou curioso demais para recusar. O marquês era um mistério, um homem solitário que guardava sua privacidade como um cão guardava seu osso. Jasper suspeitava que ninguém o conhecia, o que naturalmente deixava todos vorazmente curiosos.

— Darei uma festa na Holbrooke House, a partir do dia vinte do mês. Gostaria de ir?

O marquês olhou em volta, seu olhar habitualmente entediado fixando-se em St. Clair.

— Bondade da sua parte — Montagu respondeu, antes de voltar sua atenção para a janela. — Mas sou obrigado a voltar para Kent. Negligenciei meus negócios por muito tempo e eles não vão esperar mais.

— Claro — Jasper disse com facilidade, antes de algum desejo de bancar o advogado do diabo o ter provocado a falar quando o melhor que faria seria segurar sua língua. — O sr. Burton estará lá.

Um brilho de diversão cintilou nos frios olhos prateados de Montagu enquanto estudava Jasper. — O senhor quer dizer que corro o risco de perder minha presa — disse suavemente.

Jasper fitou-o, perguntando-se se era realmente tão exangue quanto parecia, antes de encolher os ombros indiferente. — Acredito que ele pretende cortejar a srta. Hunt.

O mais leve vislumbre de um sorriso brincou na boca dura de Montagu. Ergueu a mão e estalou os dedos, o som ecoando na escuridão da carruagem. — Para o sr. Burton — disse, e voltou sua atenção para a janela.

Por Deus, que bastardo arrogante, Jasper pensou, imaginando como deveria ser a vida quando vista com tanta certeza. De sua parte, Jasper gostava do sr. Burton e considerava a srta. Hunt uma idiota se torcesse o nariz para ele, embora a maioria dos outros convidados provavelmente o considerasse um parvo, um dos novos ricos invasores que tentavam

comprar ou desposar-se bem para fazerem parte da *ton*. Pelo que tinha visto, o sr. Burton podia se controlar, entretanto, merecia uma chance justa para conseguir a atenção da srta. Hunt sem que o marquês turvasse as águas. Jasper só poderia desejar-lhe sorte.

A carruagem parou do lado de fora da elegante casa na South Audley Street e logo as damas se acomodaram. Jasper sorriu para as duas, elogiou seus vestidos e indagou sobre sua saúde, enquanto o marquês continuava olhando para fora. Era um sujeito estranho, com certeza. Demorou alguns minutos até que chegassem ao destino.

A impressionante fachada de uma fortaleza dominou sua primeira visão do parque na luz fraca. Embora fosse uma estrutura temporária erguida exclusivamente para o entretenimento noturno, as muralhas tinham trinta metros quadrados. Uma torre redonda no centro erguia-se quinze metros a mais das muralhas, e, ao que parecia, milhares de pessoas se reuniam ao redor dela. Todos tinham vindo para assistir ao espetáculo da noite, desde as pessoas mais simples de Londres aos escalões superiores da *alta sociedade*. Os mais pobres ficavam de pé, enquanto os assentos haviam sido arranjados para os de alta classe, mas todos olhavam maravilhados para a escala da estrutura.

— Devemos esperar que não queime desta vez — Montagu ponderou, sorrindo um pouco enquanto Jasper ria também.

— Desta vez? — A srta. Connolly perguntou com os olhos arregalados.

— Acredito que Montagu se refere ao último evento desse tipo, há cerca de sessenta anos. Pelo que entendi, os primeiros fogos incendiaram a estrutura e todos os demais explodiram ao mesmo tempo. Algumas dezenas de milhares deles — disse, enquanto srta. Connolly parecia um tanto alarmada.

— Tenho certeza de que está tudo sob controle este ano — disse, com um sorriso reconfortante que desmoronou quando o resto dos convidados se juntou a eles, incluindo sua inimiga, a srta. Harriet Stanhope.

— Olá Jasper.

Jasper acenou, enquanto seu melhor amigo e irmão da inimiga, Henry Stanhope, o saudava com o sorriso alegre de sempre.

— Há um monte de gente aqui — Henry disse enquanto se aproximava, antes de ficar todo rígido e formal para cumprimentar Montagu.

O marquês tinha esse efeito nas pessoas.

APOSTANDO UM AMOR

LIVRO 5



Fico muito feliz em saber que está feliz, embora isso não seja nenhuma surpresa. Estava claro para o mundo que Lorde Cavendish está perdidamente apaixonado por você, sua sortuda.

Também tenho muito a lhe dizer, mas primeiro responderei às suas perguntas. Sim, estou bem e Holbrooke House é excepcionalmente grandiosa. Sim, o Sr. Burton está aqui, e sim, está me dando muita atenção. Ele deseja me cortejar. Ainda não lhe respondi de forma definitiva, mas prometi fazê-lo antes de sairmos daqui.

Ele é bonito, gentil e interessante, e vou tentar me apaixonar por ele. Já gosto dele, então talvez a afeição deva ser meu primeiro objetivo. Como é possível se apaixonar por um homem?

—Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para Lady Aashini Cavendish



31 DE AGOSTO DE 1814. HOLBROOKE HOUSE, SUSSEX.

Matilda olhou para o céu ameaçador e murmurou uma maldição nada feminina. Tinha sido uma manhã adorável, mas o calor e a umidade excessivas dos últimos dias finalmente chegaram ao limite. O trovão ribombou ameaçadoramente à distância e Matilda correu o mais rápido que

pôde, quando as primeiras gotas de chuva caíram sobre a estrada empoeirada, com uma agressão surpreendente. *Diabos*. Estava exatamente na metade do caminho entre a aldeia e Holbrooke House, não fazia sentido voltar para trás. A distância entre a casa e a aldeia era de cerca de cinco quilômetros, e Matilda estava ansiosa com a oportunidade de esticar as pernas e fazer uma caminhada agradável. Mas seu otimismo parecia ter sido equivocado; soltou um pequeno grito de consternação quando os céus se abriram e a raivosa rajada de chuva ensopou seu vestido de musselina em questão de segundos.

Correndo o melhor que podia com o tecido molhado grudado em suas pernas, Matilda buscou abrigo debaixo de um enorme carvalho, quando um trovão estrondoso rasgou o céu acima da árvore. Estremeceu e olhou ao redor, em busca de outro abrigo, com menos probabilidade de ser atingida por um raio. Lembrando ter visto o que talvez tivesse sido uma cabana um pouco mais a frente, na estrada, cambaleou para longe do carvalho e tentou ignorar a chuva congelante que picava sua pele. Um grito escapou dela quando outro trovão explodiu, o estrondo foi tão alto que estremeceu o chão e vibrou em seu peito, fazendo seus ouvidos zumbirem. À medida que o som dissipou, outro ocupou seu lugar, e demorou um momento para que percebesse que não se tratava de outro trovão, e sim um guinchado aterrorizado de um cavalo.

Virou-se e arfou quando um enorme cavalo baio empinou na estrada, logo atrás dela, seus cascos se agitaram e expôs o branco dos seus olhos enquanto a besta relutava contra o controle de seu cavaleiro. Matilda observou admirada e horrorizada, incapaz de acreditar que o cavaleiro conseguia permanecer montado naquelas circunstâncias e controlar o animal. A besta ainda estava com os olhos selvagens e apavorados quando outra explosão de trovão estourou acima deles, seguida rapidamente por um raio que atingiu apenas três metros de distância. O cavalo reagiu imediatamente, relinchando de medo e empinando de forma tão violenta que ela pensou que cavalo e cavaleiro fossem cair para trás, mas antes disso, ele finalmente deslocou seu cavaleiro e disparou ao longo da estrada a uma velocidade vertiginosa.

— Deus do Céu! — Matilda exclamou e correu em direção ao sujeito, rezando para que não estivesse gravemente ferido.

Quando se aproximou dele, seus olhos registraram uma mecha de cabelo loiro platinado e seu coração deu um salto no peito quando o reconheceu.

— Oh, não, — disse, já que a figura estava terrivelmente imóvel.

Ajoelhando-se, afastou o cabelo encharcado de seus olhos, que permaneceram fechados. O perfil belo e arrogante era angelical quando visto daquela forma, seus cílios eram grossos e tinham a cor de ouro mais escuro, sombreando as maçãs do seu rosto saliente; e a boca, que sempre acreditou ser cruel, era muito mais suave e surpreendentemente cheia em repouso.

— Milorde — chamou, dando tapinhas em sua bochecha, enquanto seu coração disparava de medo. Não podia estar morto, não ele. Não era possível. — Milorde, acorde, por favor... *por favor*, acorde.

Ele não se mexeu e o coração de Matilda apertou. *Não, não, não se atreva.*

— Milorde — disse novamente com mais urgência. — Oh, Montagu, seu maldito, *acorde!* Por favor, por favor...

Ele suspirou e suas pálpebras abriram. Matilda prendeu a respiração quando aqueles surpreendentes olhos prateados encontraram os dela. Por apenas um segundo ele piscou, ainda estava confuso quando Matilda soltou um grito e colocou a mão no coração.

— Graças a Deus, — disse, incapaz de esconder as profundezas de seu alívio. — Graças a Deus!

— Estou morto? — Veio um murmúrio divertido e seco.

— Não me tente — Matilda murmurou encontrando seus olhos brilhando e focados apenas nela. — O senhor me deu um grande susto.

— Ah — disse, seu tom ligeiramente curioso. — Só queria saber por que a senhorita estava agradecendo a Deus com tanto fervor. Estou aliviado ao descobrir que não foi porque a senhorita finalmente se livrou de mim.

Embora a chuva ainda estivesse caindo insistentemente ao redor deles, como ele não tentou se mover, perguntou-se se estava gravemente ferido.

— O que há de errado? — Exigiu, inclinando sobre ele quando o pânico que sentiu antes retornou. Olhou-o, inspecionando o comprimento de seu corpo poderoso enquanto procurava por qualquer sinal de sangue ou ossos quebrados. O desejo de correr as mãos sobre seu corpo e verificar cuidadosamente foi algo que lutou para conter. — O senhor está machucado? Quebrou alguma coisa?

Quando seu olhar voltou para o rosto dele, teve uma fração de segundo para registrar um olhar que fez seu coração pular antes dele levantar a mão e apertar sua nuca.

— Ah não! — Gritou, tapeando o braço dele e se afastando com tanta rapidez que caiu de costas em uma poça.

Seu coração estava retumbando aterrorizado em pensar num beijo dele, pois sabia que era isso que ele pretendia fazer. Também sabia que, se sua boca encostasse a dele, todas as esperanças que tinha para o futuro desapareceriam no espaço entre um batimento cardíaco e outro. Não podia mais negar o que ele vivia afirmando, de que havia algo entre eles, uma poderosa atração magnética que parecia não se importar se realmente gostavam ou não um do outro. Tinha razão, mas ela negaria até seu último suspiro.

— Uma pena — Montagu suspirou, apoiando-se nos cotovelos. — Pensei que a senhorita pudesse ser mais gentil com um cavalheiro ferido.

— Ferido? — Matilda retrucou, levantando toda desequilibrada e fazendo o possível para olhar furiosamente para ele enquanto enxugava a chuva dos seus olhos. Não era fácil. — Vou feri-lo permanentemente se o senhor tentar fazer isso de novo.

Montagu a olhou, aquela sua boca arqueada de forma tão arrogante que lhe era muito familiar. — Não se preocupe, Srta. Hunt, não vou tentar novamente. Na verdade, acho que prefiro que a senhorita instigue nosso primeiro beijo. Será muito mais doce assim.

Matilda ficou boquiaberta. — O senhor é insano.

Encarou-a, e, na intensidade de seu olhar, aquela certeza inabalável de que estava certo, fazendo com que ela ficasse com um desejo enlouquecedor de desviar os olhos, mas não fez isso. — A senhorita sabe perfeitamente que não sou. A senhorita deseja me beijar tanto quanto eu quero que o faça, mas sou um homem paciente, Srta. Hunt. Agora, — continuou mudando de assunto como se estivessem falando sobre o tempo, e deixando Matilda abalada, — temo que terei de me valer de sua ajuda. Acredito que machuquei meu tornozelo na queda.

Matilda o encarou por um momento, dividida entre negar fervorosamente que queria beijá-lo - embora soubesse que era uma mentira e que provavelmente precisava ser trancada para sua própria segurança - e continuar a se preocupar com o quão gravemente estava ferido.

— Está quebrado? — Perguntou, voltando para o lado dele.

— Não, — respondeu, enquanto ela se abaixava e colocava o braço sob o dele para ajudá-lo a se levantar. — Acho que não, mas... *Cristo!*

Matilda vociferou quando os dois quase caíram de novo, pois não conseguia suportar o peso dele. De alguma forma, Montagu equilibrou os dois, e ao olhá-lo descobriu que seu rosto estava pálido.

— O senhor tem certeza de que não está quebrado? — Arriscou.

— Bastante certeza — disse, laconicamente. — Torcido, acredito.

— Pelo menos a chuva está diminuindo —, disse Matilda, tentando se distrair do fato de que o braço do marquês de Montagu estava em volta da sua nuca e apoiado em seu ombro, fazendo com que ficasse pressionada firmemente a lateral de seu corpo. Um trovão estrondou baixinho, ficou aliviada ao perceber que a tempestade estava se afastando. — O que fazemos agora? — Perguntou, rezando para que ele não fizesse algum comentário desagradável, pois estava tremendo, e sabia que não era pelo frio, mas juraria por sua vida que era, se fosse questionada.

Era tão sólido, muito mais musculoso do que imaginou por baixo de toda aquela alfaiataria impecável. Acreditava que fosse alto e magro, mas o corpo abaixo da sua mão era firme e muito mais poderoso do que imaginava. O calor que emanava queimava através de suas roupas úmidas e começou a se sentir desnorteada com sua proximidade. Talvez estivesse ficando doente. Esperava que pudesse ser pneumonia e não algo mais perigoso.

Montagu não respondeu, mas olhou em volta ao ouvir o som de cascos de cavalos.

— Graças aos céus pelas pequenas bênçãos — disse, com um suspiro, enquanto quem quer que fosse parou e os cumprimentou, escorregando da sela e correndo até o marquês.

— Milorde! — O homem exclamou, os olhos arregalados de preocupação. — O senhor está ferido, milorde? Saí assim que ouvi a tempestade.

Matilda admitiu surpresa, com a preocupação óbvia na expressão do homem. Pela aparência, presumiu que fosse um cavaleiro ou algo do tipo, e era óbvio que saíra apressado pois não usava um casaco, estava apenas com sua camisa de baixo. Rijo e magro, era, talvez, vinte anos mais velho que o marquês.

— Nada com que se preocupar, — Montagu respondeu. — Obrigado por vir.

O sujeito tirou tardiamente o chapéu da cabeça e surpreendeu Matilda ao murmurar: — Eu disse ao *senhô* que ia *caí* uma tempestade.

— De fato — Montagu disse, sua expressão benigna e sufocante ao mesmo tempo. Estava se perguntando como ele fazia aquilo. — Vou precisar da sua montaria para levar a Srta. Hunt de volta para Holbrooke House. Volte para a estalagem, mande minha carruagem me buscar e faça com que o pessoal saia à procura de Rhaebus. Rezo para que ele não se tenha ferido.

— Sim, milorde, imediatamente.

— E como o senhor propõe montar um cavalo com um tornozelo torcido, milorde? — Matilda perguntou irritada.

Montagu devolveu um olhar de leve surpresa quando Thornton se aproximou com o cavalo. Matilda observou quando o marquês agarrou um punhado de crina com a mão esquerda, colocou a direita na sela e saltou sem nunca tocar nos estribos. A boca de Matilda ficou um pouco seca e ela bufou, recusando-se a admitir que estava impressionada.

— Posso fazer isso sem sela também, se a senhorita preferir — ofereceu.

— Dificilmente o certo para o marquês de Montagu, — rebateu, fingindo uma expressão escandalizada, quando, na verdade, já estava imaginando exatamente isto. — O que a *ton* diria se soubesse?

— Imagino que todos os jovens cavalgariam para cima e para baixo em Rotten Row, sem nenhuma sela, no dia seguinte — disse, seu tom entediado usual evidente, embora seus olhos estivessem brilhando de diversão.

Matilda murmurou algo sobre orgulho vir antes de uma queda, mas por outro lado se recusou a cair na isca dele.

Montagu deu algumas instruções para Thornton, antes que o homem corresse de volta para a aldeia. O marquês aproximou o cavalo dela.

— Venha, Srta. Hunt.

Matilda olhou para cima com os olhos arregalados quando Montagu estendeu-lhe a mão.

— Absolutamente não —, disse, recuando e balançando a cabeça. — Não, não. De fato, não. Agradeço, mas prefiro caminhar.

— Não deveria preferir, sua tola. A senhorita está encharcada até os ossos e vai acabar ficando doente. Além disso, — acrescentou com um brilho perverso nos olhos, que fez seu pulso vibrar de uma forma notavelmente estúpida — a senhorita sabia que a musselina fica curiosamente transparente depois de molhada?

Matilda de repente sentiu-se um pouco menos gelada quando suas bochechas chameçaram, deu um pequeno gemido de indignação. Pelo

menos da cintura para cima ela estava coberta por seu spencer, embora também estivesse encharcada, mas da cintura para baixo...

— Venha, ande logo, Srta. Hunt. Afinal, sou um cavalheiro. Certamente a senhorita confia em mim o suficiente para não olhar.

— Não confio — Matilda respondeu sucintamente e começou a se afastar, apenas para perceber que tipo de visão aquilo lhe proporcionaria. Praguejou e se virou, segurando sua reticule à sua frente. — O senhor vá na frente, — grunhiu por entre os dentes cerrados.

— Não, Srta. Hunt. Não poderia.

Matilda estreitou os olhos para ele e sabia que perderia aquele embate. — O senhor é, sem dúvida, o homem mais odioso, arrogante e *irritante* de todo o país.

Montagu resmungou, balançando a cabeça consternado. — Do império, certamente? Se é algo que valha a pena, etc... — Acrescentou, acenando com a mão indiferentemente.

Reprimindo o desejo de rosnar furiosamente - pois certamente ele gostaria disso - Matilda foi até o cavalo. Montagu se abaixou antes que ela se preparasse, e a próxima coisa que percebeu foi que estava sendo levantada e posta de lado na frente dele. Deu um gritinho agudo, até porque o pomo era muito desconfortável, quase escorregou, mas um braço forte agarrou sua cintura, segurando-a firmemente no lugar.

— Acalme-se, a senhorita vai acabar assustando o cavalo, — respondeu irritantemente frio, enquanto Matilda olhava para o chão, que parecia terrivelmente longe demais.

— Não gosto de cavalos — disse, sem saber o que lhe causava mais angústia, se a proximidade do marquês ou a falta de proximidade com o solo. Não. Não tinha nenhum pouco de dúvida. Na verdade, não tinha muita opção a não ser se agarrar a ele, dada a falta de espaço. Era íntimo demais e estava destruindo seu equilíbrio.

— Estou segurando a senhorita — disse, com a voz calma, o que a perturbou mais do que qualquer outra coisa que ele poderia ter dito ou feito.

As palavras deslizaram sobre sua pele como uma carícia e a fizeram querer afundar em seu abraço. Em vez disso, se afastou e se aprumou, o mais longe possível, rígida de ansiedade enquanto o cavalo balançava em movimento. Alarmada, agarrou a coisa mais próxima para se firmar, percebendo depois que eram as lapelas de Montagu.

Ele olhou para baixo e suspirou. — Bem, já estava arruinado de qualquer maneira, suponho, embora prefira que a senhorita coloque seus braços em volta do meu pescoço.

— *Prefiro* morrer, — Matilda disse, desejando que seus dedos soltassem seu casaco, mas completamente incapaz de fazê-lo.

Observou o chão passando sob o cavalo, enquanto a besta avançava. Continuaram assim por algum tempo, Matilda rígida de tensão e olhando fixamente a terra.

— Pare de olhar para baixo, — Montagu disse, uma nota de diversão em sua voz. — Prometo que não vou deixá-la cair. Devo confessar que estou satisfeito em descobrir algo que a assusta. Estava começando a acreditar que a senhorita era totalmente destemida.

Isso foi o suficiente para fazê-la olhar para cima e encará-lo com espanto.

— Que foi? — Perguntou. — Há muitas pessoas que me temem, que gaguejam e balbuciam na minha presença, mas a senhorita não. Nem uma única vez. A senhorita nunca teve medo de mim, desde o começo.

Disse aquilo sem inflexão, apenas um reconhecimento da verdade. Montagu era um homem poderoso e com muitos interesses. Ame-o ou odeie-o, ninguém pode ignorá-lo e muitos temem seu desagrado.

— O senhor está equivocado — Matilda respondeu, afastando-se dele.

Temia-o, temia o caminho a que ele poderia levá-la se cedesse à tentação.

— O que o senhor está fazendo aqui? — Perguntou, antes que ele pudesse questioná-la mais, e ficou ainda mais aliviada por Holbrooke House começar a aparecer à frente.

Quanto antes se afastasse dele, melhor.

Houve uma breve pausa antes dele responder. — Eu tinha negócios na região.

— Com St. Clair?

— Não, eu... St. Clair me convidou para a festa, mas eu tinha outros assuntos que precisavam da minha atenção. Enfim, estava aqui há alguns dias, por isso achei educado fazer uma visita.

Matilda se virou e arqueou uma sobrancelha para ele.

— O que? — Perguntou. — Minhas maneiras são impecáveis, Srta. Hunt, pergunte a qualquer um.

Ela fez um som que não era particularmente elogioso e ouviu o som baixo de uma risada. Cavalgaram em silêncio por um tempo e Matilda concentrou todo seu ser em ignorar o corpo masculino musculoso tão perto

dela, as coxas poderosas controlando o cavalo abaixo com facilidade, e o perfume dele que emanava de suas roupas úmidas. Couro e cavalos, o aroma sutil de bergamota e algo quente e masculino a envolveram. O desejo de afrouxar o aperto em sua lapela e deslizar a mão por seu pescoço era tentador. Poderia afundar os dedos em seus cabelos e ver as mechas loiras emaranhadas neles, observar aqueles olhos cinza-prata pálidos escurecerem...

Pare com isso. Pare imediatamente com isso. Seria como acariciar uma cobra, se repreendeu. Perdeu completamente o juízo?

Totalmente, inegavelmente, irremediavelmente, respondeu uma voz melancólica em sua cabeça que se recusou a reconhecer.

— A senhorita já pensou mais sobre a minha oferta, Srta. Hunt?

Ora, era isso.

— Aqui é o suficiente — disse, furiosamente, enquanto arrancava o braço dele da sua cintura.

— Senhorita Hunt, tome cuidado, a senhorita vai cair, — protestou, mas Matilda não se importou.

Praguejando baixinho, escorregou do cavalo em uma pilha nada feminina antes de se endireitar.

— Vire-se e volte por onde veio —, disse, e esticou o braço, apontando de volta para a aldeia.

Graças a Deus, pensou, grata por estar enraivecida, e aliviada porque isso a salvou de fazer papel de boba. No entanto, não estava disposta a sair andando, com ele a observando, não depois do comentário sobre musselina molhada. Chegar ao quarto sem ser vista já seria um desafio e tanto.

Sua expressão ficou sombria. — A senhorita age como se a estivesse insultando, — disse friamente. — Ainda assim, a senhorita seria uma das mulheres mais poderosas da *ton*. Sei de mulheres que se comportaram levianamente pela menor oportunidade de serem consideradas minhas amantes.

— Então vá e conceda suas *honras* a elas, milorde, — disse, zombando dele, grata por lembrar exatamente quem ele era e o que queria dela. Por um momento, no alívio de saber que ele estava vivo, se esqueceu disso, foi uma coisa imperdoavelmente estúpida e perigosa de se fazer.

Observou-a, e ela pensou que falaria alguma coisa, mas então sua mandíbula apertou e ele deu um aceno quase imperceptível.

— Bom dia, Srta. Hunt.

Matilda observou enquanto virava seu cavalo e partia; esperou até que estivesse fora de vista, antes de correr para o abrigo da casa.



Querida Aashini,

~~O que aquele homem horrível tem...~~

~~Não pode adivinhar quem encontrei hoje...~~

~~Sou uma tola.~~

*Tenho me divertido muito aqui em Holbrooke House,
mas temo que a pobre Harriet esteja em uma situação
difícil...*

***—Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para
Lady Aashini Cavendish***



AINDA EM 31 DE AGOSTO DE 1814. HOLBROOKE HOUSE, SUSSEX.

Matilda observava as chamas que crepitavam alegremente na lareira de seu quarto. Estava seca e aquecida, um bule de chá sobre a mesa ao lado e um prato de bolinhos no colo. A chuva tinha voltado, e quando se está confortavelmente dentro de casa, o som da chuva batendo contra o vidro da janela é bastante reconfortante. Ao menos a tempestade havia partido com a mesma velocidade com que havia chegado. Com uma onda atípica de vingança, esperava que o tornozelo de Montagu doesse muito, e depois suspirou quando seus olhos pousaram na bela orquídea que ele lhe deu. Sabia que não desejava isso de verdade. Deveria desejar, se tivesse um pinga de juízo, desejar com todas as suas forças, mas não tinha.

O fato de ter trazido a maldita orquídea, em vez de deixá-la correr o risco de morrer em sua ausência, dizia muito sobre seu estado de espírito. Só o

maldito Montagu para dar-lhe algo tão perfeitamente lindo e horrivelmente caro que a faria se sentir como um monstro, se sofresse algum dano em suas mãos. Gastou uma fortuna em livros e horas lendo sobre como cuidar da maldita coisa, pelo amor de Deus. Era lamentável. Por que o maldito não podia simplesmente enviar-lhe rosas e acabar com isso?



— Contei-lhe que recebi uma carta de Jemima? — Matilda perguntou a Bonnie animadamente enquanto quebrava o silêncio ensurdecedor.

— Não — Bonnie respondeu mordendo a isca imediatamente, para alívio de todos. — Como ela está? Explicou por que desapareceu?

Minerva lembrava vagamente de Jemima, embora só a tivesse visto uma ou duas vezes. Era loira e bonita, sua compleição era frágil, quase etérea. Minerva se lembrava principalmente de ter notado que o vestido que usava estava várias temporadas fora de moda e um pouco grande demais, claramente sofreu várias alterações. Ocorreu-lhe que talvez a jovem não pudesse mais se dar ao luxo de comparecer a eventos tão suntuosos da *ton*, se fosse forçada a emendar suas roupas. Sem dúvida seria caçoada por muitos que a desprezariam por essas coisas. Minerva sentiu uma onda de alívio por não ter sido uma delas. Agiu mal durante a primeira parte desta temporada, principalmente por desespero, mas não tinha nenhum desejo de aumentar sua vergonha ao se lembrar de quaisquer palavras indelicadas que tenha dito. Pelo menos não era culpada disso com relação a Jemima.

— Diz que sua tia está doente e que está cuidando dela. São muito próximas, creio eu

Bonnie concordou. — Acredito que ela mora com a tia, não mora?

Matilda assentiu. — Sim, isso mesmo. De qualquer forma, devo visitá-la quando voltar para a cidade.

— Gostaria de poder acompanhá-la — Bonnie disse melancolicamente.

— A senhorita voltará para a Escócia, Srta. Campbell? — Lady St. Clair perguntou, com o que Minerva suspeitou ser um tom esperançoso.

— Imagino que sim — Bonnie respondeu, retornando um sorriso que era obviamente forçado. Minerva sentiu um pouco de pena dela, ainda mais quando o olhar de Bonnie mudou para Jerome e ficou nele.

— Todos ficaram sabendo da novidade? — Lady St. Clair perguntou, atraindo a atenção de Bonnie para longe de seu filho mais novo, enquanto sua voz vibrava com excitação reprimida. — O Marquês de Montagu estava

a caminho para nos visitar esta tarde quando foi pego por aquela terrível tempestade. Acabou caindo do cavalo.

— Não poderia acontecer com um sujeito mais simpático — Jerome brincou, ganhando uma risadinha de Bonnie e um olhar furioso de sua mãe.

— A senhorita não o viu, Srta. Hunt? — Lady St. Clair perguntou, virando-se para Matilda. — Devia estar na mesma estrada que a senhorita.

As bochechas de Matilda inflamaram quando todas as Senhoritas Peculiares presentes ergueram os olhos para olhá-la com idêntica expressão de indagação.

— Eu... eu... eu... — gaguejou.

— É um longo caminho, Lady St. Clair — Harriet deixou escapar, tirando a atenção de todos de Matilda. — E Matilda ficou encharcada, mas voltou para casa muito antes de a tempestade passar, não foi, Henry?

Henry olhou para a irmã por um longo tempo antes de falar. — Sim. Sim, de fato. Eu a vi. Molhada. Muito molhada, mas..., mas ainda estava caindo uma tempestade, trovejando, quero dizer... Raios também.

— Então, Montagu provavelmente estava a quilômetros de distância de onde ela estava, do outro lado da estrada — Harriet acrescentou com um pouco de força.

— Oh — Lady St. Clair disse com um assentimento e voltou sua atenção para a sopa.

Henry lançou à irmã um olhar de *que diabos foi isso*, mas Harriet o ignorou. Matilda se concentrou em sua própria tigela e não levantou os olhos. Minerva se perguntou o que Matilda estava escondendo. Estava acontecendo alguma coisa entre ela e Montagu? Certamente não. Não depois do que fez com ela.

— Ele ficou gravemente ferido? — Henry perguntou enquanto todos olhavam para Lady St. Clair mais uma vez.

— Uma torção no tornozelo, acredito — a dama respondeu. — Doloroso, mas não é nada sério.

— Que pena — Bonnie murmurou baixinho enquanto Minerva tentava não se engasgar com sua sopa.



Minha querida Srta. Hunt,

Espero que a senhorita esteja bem e não tenha piorado devido à sua exposição ao clima inclemente desta manhã. Ficaria feliz em ter meu médico atendendo a senhorita, caso precise.

Torci o meu tornozelo, como suspeitei, mas posso relatar que não há danos permanentes ou mais graves. Informo-a apenas para lhe poupar o trabalho de inquirir, como não tenho dúvidas de que estava prestes a fazer. Não gostaria que a senhorita se preocupasse indevidamente por mim.

Felizmente, Rhaebus foi recuperado, ileso.

Prevejo que a próxima vez que nos cruzarmos - ou discutirmos - não será menos dramática. Aguardando ansiosamente...

M

— Carta do Muito Honorável, Lucian Barrington, o Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



NOITE DE 31 DE AGOSTO DE 1814. HOLBROOKE HOUSE, SUSSEX.

— Argh! — Matilda amassou o bilhete e estava prestes a atear-lo ao fogo, mas se viu obrigada a desamassá-lo e ler a maldita nota novamente.

— *Como não tenho dúvidas de que estava prestes a fazer* — leu amargamente, antes de acrescentar: — Por cima do meu cadáver.

De todos os presunçosos, irritantes, convencidos...

Grrrr.

Caminhou de um lado para outro no quarto, transtornada e frustrada. Se ao menos estivesse em casa e pudesse arremessar algum objeto pelo quarto e dar vazão a seus sentimentos. Ele sabia tão bem quanto ela que não tinha a menor intenção de perguntar sobre seu maldito tornozelo. Quer quisesse ou não, teria sido bastante inapropriado, especialmente porque ninguém estava ciente do encontro deles. No entanto, suas amigas claramente perceberam que algo havia acontecido. Mas isso estava fora de questão. A própria ideia de que estava morrendo de medo por causa dele era risível.

Certamente que se perguntou se ele estava bem, mas apenas para que pudesse desfrutar da vaga esperança de que tivesse quebrado um maldito osso. Oh, isso também não era verdade, mas também não tinha *se preocupado indevidamente*.

O bilhete havia sido colocado sob sua porta, encontrou-o depois do jantar, quando voltou para seu quarto. Não tinha ideia de como tinha feito isso, ou melhor, como tinha providenciado para que fosse feito. Não estava disposta a contemplar a possibilidade de Montagu rastejar por Holbrooke House para entregar-lhe um bilhete, mesmo que seu tornozelo não estivesse quebrado. Sem dúvida, tinha criados de confiança para fazer um trabalho tão sorrateiro.

Prevejo que a próxima vez que nos cruzarmos - ou discutirmos - não será menos dramático. Aguardando ansiosamente...

O que, diabos, quis dizer com isso?

Matilda se jogou na cadeira perto do fogo e olhou para a nota que ainda segurava. A caligrafia era previsivelmente elegante e precisa, como o próprio homem. Até o florescente M no final era arrogante. Ainda fervendo

de raiva, Matilda desejou a atirar a nota agravante, e quaisquer pensamentos sobre homem, às chamas. Não conseguiu se obrigar a fazê-lo, o que só a irritou ainda mais. Em vez disso, levantou-se, caminhou até a mesinha de cabeceira, enfiou o bilhete entre as páginas do livro que estava lendo e fechou a gaveta novamente.

A orquídea em sua mesinha tremeu com a força do movimento fazendo com que as delicadas flores balançassem.

Matilda praguejou baixinho e apagou a vela.



18 DE SETEMBRO DE 1814. HOLBROOKE HOUSE, SUSSEX.

— Muito obrigada, Tilda. Você e Minerva fizeram um verdadeiro milagre. Três pessoas já me elogiaram pelo vestido esta noite.

Os olhos de Matilda vasculharam o salão, procurando, e demorou um pouco para perceber que Ruth estava falando com ela. — O quê? Oh! Oh, perdoe-me, Ruth, estava distraída, não precisa agradecer.

Ruth franziu a testa, seus olhos escuros preocupados. — Algo a está incomodando? Perguntou, colocando a mão no braço de Matilda. — Parece um pouco nervosa.

— Não! — Matilda disse, fixando um sorriso brilhante e balançando a cabeça, o pequeno trinado de riso que deu soou falso e frágil, no entanto, e Ruth não estava claramente convencida. — Não, não tem nada me

incomodando. Estou apenas feliz por Harriet e St. Clair, e bastante preocupada com Bonnie — acrescentou, esperando desviar a atenção de si mesma.

Além disso, era verdade.

Ruth seguiu seu olhar para onde Bonnie estava dançando com o irmão de Harriet, Henry. Estava rindo, a cabeça jogada para trás e cada parte dela saltando com exuberância enquanto se jogava no momento, como sempre. Henry parecia divertido e ligeiramente atordoado, o que parecia ser o caso da maioria dos que assistiam. O olhar de Matilda viajou para Jerome, que também estava observando Bonnie dançar com um riso brilhando em seus olhos azuis.

— Ela está se divertindo — disse Ruth com cautela.

— Sim — Matilda respondeu com um suspiro. — Está mesmo.

— Ainda não disse nada sobre seu desafio?

Matilda balançou a cabeça. — Não para mim.

— Bem — Ruth encolheu os ombros e deu a Matilda um sorriso simpático. — Contamos com o seu bom senso e orientação, Matilda, mas não é nossa mãe e não é responsável por nossos atos. Somos mulheres adultas e nossas decisões são nossas. Não deve estragar sua própria diversão preocupando-se com todas nós. Bonnie fará o que quiser, para o bem ou para o mal. Avisou-a para ter cuidado, agora cabe a ela dar atenção às suas palavras ou ignorá-las.

— Eu sei — disse baixo, mas sinceramente. Cada um faz suas próprias escolhas por seus próprios motivos. Às vezes, essas escolhas parecem incompreensíveis para qualquer um que observe de fora, mas ninguém sabe

o que se passa no coração e na mente de outra pessoa. — Meu Deus, está calor aqui — disse, sentindo o desejo urgente de mudar de assunto.

Matilda pressionou o copo que segurava contra a bochecha, mas a bebida estava morna e não oferecia alívio. Espontaneamente, em sua memória surgiu uma cena de um copo com gelo e o choque do frio contra sua pele, de um caminho sombreado e um homem em quem não tinha que pensar. *Pare de se comportar como uma tola*, se repreendeu. Não era de se admirar que Ruth achasse que estava sempre nervosa, pois estava, e sempre esteve desde que Lady St. Clair a avisou que havia convidado Montagu. Era impossível não o ter convidado, disse a Matilda com simpatia nos olhos, não quando sabiam que ainda estava na área.

Matilda ficou imóvel, ciente da onda repentina de interesse que ecoou por todo o salão. Entre os dançarinos, entre os flashes de cor que passaram por ela, olhou para a entrada, e a figura alta e impecável que estava lá, observando-a através do vasto espaço. Disse a si mesma que não podia ver o prateado invernal estranho de seus olhos de onde estava. Agora que o gelo que procurava para arrefecer a sua pele arrepiou-a, seguiu-se o calor. Que enigma ele era, tão frio, e mesmo assim fazia-a arder sem nada mais do que um olhar.

Matilda sustentou seu olhar por um longo momento, seu coração batendo forte no peito como algo preso, e então lhe deu as costas e foi embora.



18 DE SETEMBRO DE 1814. HOLBROOKE HOUSE, SUSSEX.

— Um casamento de amor, ao que parece.

O coração de Matilda saltou para a garganta ao som da voz familiar perto dela.

Forçou-se a não se virar e não reagir. — É certamente isso, milorde.

Continuou a assistir Jasper e Harriet dançando, a felicidade era tão óbvia que irradiava pelo salão, mas não eram eles que prendiam sua atenção agora. Matilda podia sentir Montagu parado atrás dela, sentir o calor dele um pouco perto demais. Se fechasse os olhos, poderia ser capaz de detectar seu cheiro também, aquela combinação intrigante de bergamota e pele masculina limpa, o leve traço de couro e cavalos... embora talvez estivesse diferente dessa vez, já que teria chegado de carruagem. O desejo de se inclinar e cheirá-lo era tão ultrajante que quase sorriu.

— Que estranho — ele meditou. — Quando todos acreditavam que ela o odiava e ele a considerava uma rata de biblioteca.

— As aparências enganam.

Seu tom era irônico, e se perguntou se ele sorria ou se sentia um pouco culpado por todas as calúnias ligadas a seu nome por causa dele. Embora quisesse se virar e estudar seu rosto, Matilda continuou a observar Harriet e Jasper, tentando parecer indiferente à sua proximidade.

— É o que parece, já que foram pegos em errm... circunstâncias delicadas.

Matilda se virou então para encarar aqueles olhos frios e prateados que a assombravam há tanto tempo. Um leve sorriso tocou os cantos de sua boca, suavizando pouco as linhas austeras de seu rosto. Seu cabelo cintilava com um brilho dourado sob a luz das velas, o intenso preto e branco de seu traje de noite formal apenas destacava sua coloração extraordinária.

— Sempre se amaram. O que aconteceu entre os dois foi apenas uma sequência de mal-entendidos e falta de comunicação. Se ao menos tivessem conversado, se tivessem sido honestos, as coisas poderiam ter sido resolvidas há muito tempo.

Ele concordou com o que disse, surpreendendo-a. Presumiu que ele faria algum comentário cortante, mas não. — A honestidade deve ser valorizada acima de todas as coisas.

Matilda o observou atentamente por um momento. — Acredita nisso.

— Acredito — disse, olhando-a intensamente. — Mas às vezes é um luxo que não podemos ter.

Matilda bufou sem humor. — Isso não é verdade — disse, — pelo que me lembro das falsidades que o senhor proferiu para me levar ao Green Park com o senhor. Não, de fato, parece o tipo de coisa que um marquês diria para se sentir melhor por ter mentido.

— *Nunca* minto — disse, sua voz fria, cortada e um tanto zangada. — E esse é o caso em discussão. Sabia que eu não estava falando a verdade tão bem quanto eu. Estava simplesmente administrando a situação a meu favor e a senhorita sabia disso. Sempre fui honesto com a senhorita.

— Honesto até demais, milorde — retornou com um sorriso tenso, desejando que a deixasse.

Falar com ele era como dançar em volta de uma lâmina: mais cedo ou mais tarde tropeçaria e acabaria em pedaços.

Ele se aproximou, mais ainda, seu hálito quente contra o pescoço dela e o que disse a seguir fez seu corpo tremer. — Eu a quero muito, Srta. Hunt. Passo muito tempo pensando na senhorita, em como seria tomá-la em meus braços. O que acha dessa honestidade?

Matilda se manteve quieta, recusando-se a esboçar qualquer reação, embora suas palavras tivessem acendido seu sangue e suas terminações nervosas estivessem estalando como pequenos fogos de artifício sob sua pele.

— Eu sei — respondeu, orgulhosa de si mesma pela frieza de sua resposta, pelo fato de sua voz não ter tremido quando o resto dela fizesse exatamente isso.

Seus dedos deslizaram ao redor de seu pulso, gentil, mas firme, e seu pulso trovejou sob seu toque, sua pele queimando contra a dela como se ele estivesse marcando sua carne.

— A senhorita já aceitou o Sr. Burton?

A pergunta a pegou de surpresa e corou antes que tivesse tempo de se recompor. Seu toque tinha dispersado seu juízo e feito seu coração bater forte em seu peito como um animal selvagem.

— Não.

— Por que não? — Perguntou. — Ele é rico e bem apessoado, oferece tudo o que a senhorita quer, não oferece?

— E o senhor espera que eu acredite que o senhor se lembre do que quero, muito menos que se importe, milorde? — Matilda perguntou, desejando ter forças para se desvencilhar de seu aperto.

Em vez disso, afastou-se de seu olhar penetrante. A raiva e a frustração com a força de sua reação a deixava frágil. Olhou ao redor, se perguntando se alguém estava assistindo a troca, mas todos os olhos ainda estavam em Harriet e Jasper.

— Um lar, filhos e casamento com um homem que a ame e honre.

Matilda sentiu sua respiração prender enquanto ele recitava com precisão, as palavras que ela havia dito.

— A senhorita disse que não importava se era um lorde ou um comerciante, a senhorita disse que o amaria de todo o coração e lhe daria tudo que ele poderia sonhar.

Matilda não pôde fazer nada além de se virar, e olhar para aqueles surpreendentes olhos prateados, tão presa a sua presença como se sua mão fosse uma algema, segurando-a, quando, na verdade, apenas acariciava seu pulso com o mais leve toque. Ele se lembrava do que ela disse, palavra por palavra.

— Por que a senhorita não disse sim, já que ele oferece tudo o que a senhorita sonha?

Havia algo quente e perturbador ardendo em seus olhos, e a sua indagação ecoava uma pergunta idêntica, uma que tinha circulado o seu cérebro incessantemente e que não a abandonava. Seu polegar acariciou o interior do pulso dela, aquele leve toque ligeiro ligando-se imediatamente a um lugar muito mais íntimo, fazendo com que o seu corpo conspirasse contra o bom senso como se estivesse pulsando sob a sua pele. Matilda lutou para manter a respiração uniforme, lutou para encontrar uma resposta quando não tinha nenhuma. Considerou dizer-lhe que tencionava aceitar o Sr. Burton assim que regressasse à cidade, mas não estava nada certa de que fosse verdade e descobriu que não queria mentir para ele, por mais tolo que isso fosse.

— Eu... — começou e então soltou um suspiro. — Não sei — admitiu, ofegante. — Ele me oferece muito do que eu esperava, apenas...

— Apenas...

Matilda olhou-o surpresa. Havia uma ponta feroz na pergunta, um indício de algo que talvez ele não quisesse revelar. Encontrou seu olhar e, por nenhuma razão que pudesse pensar, disse a verdade.

— Porque não o amo, porque temo que deseje me ter como faria com uma pintura ou um belo cavalo, e ele... me assusta um pouco.

— Mais do que eu?

Sua voz era suave agora, arrepiando sua pele como uma carícia enquanto seu polegar deslizava para cima e para baixo em seu pulso, e então se acomodou no lugar onde sua pulsação trovejava, frenética de medo e desejo. Matilda engoliu em seco e se obrigou a lembrar o que ele queria dela.

— Não — disse duramente, firme e honestamente. — Não, não tanto quanto o senhor, Milorde Montagu. Então, se me der licença, acredito que prometi esta dança para St. Clair.

Matilda se virou, puxou o pulso de sua mão e saiu correndo.

DANÇANDO COM UM DIABO

LIVRO 6



30 DE SETEMBRO DE 1814. HOLBROOKE HOUSE, SUSSEX

Matilda fechou a porta do quarto, jogou os pacotes que segurava na cama e sentou-se, com um suspiro profundo. Foram até Tunbridge Wells, para fazer compras, e andaram tanto que seus pés doíam, embora fosse seu coração que mais doesse.

Havia algo errado com Bonnie.

Embora adorasse fazer compras, recusou-se a acompanhá-las, e quando Matilda a viu, ficou claro que a garota tinha passado a manhã sozinha e chorando.

Matilda sabia, assim como todos, que Bonnie havia se apaixonado por Jerome. Bonnie dificilmente fizera segredo disso. Porém, algo aconteceu e Jerome foi embora, aparentemente para visitar amigos. Matilda tentou lhe falar, tentou fazê-la confiar nela, mas Bonnie garantiu que estava bem e que ainda era amiga de Jerome, mas que sabiam que era melhor ficarem afastados. Parecia madura e equilibrada quando explicou tudo, e Matilda teve vontade de chorar, pois sabia que a amiga estava com o coração partido. Toda a jovialidade havia abandonado seu corpo, seus olhos não tinham mais aquele brilho divertido, estava apática. No entanto, Bonnie não queria sua simpatia ou interferência. Só restava a Matilda respeitar seus desejos e rezar para que não tivesse sido nada além de uma breve paixãoite que desapareceria com o tempo. Fez o seu melhor para se certificar de que Bonnie soubesse que a apoiaria caso precisasse dela, mas o que mais poderia fazer?

Matilda jogou o chapéu e as luvas de lado, com um praguejo frustrado, pediu a um lacaios que mandasse um pouco de chá para seu quarto e caminhou até a janela, parando no meio do caminho. Havia uma pequena caixa de couro no peitoril, amarrada com uma fita de seda azul. Não estava lá quando saiu aquela manhã.

— Oh, seu homem miserável — sussurrou. — O que fez agora?

A última vez que algo inesperado apareceu em seu quarto, foi uma carta do Marquês de Montagu. Como tinha conseguido colocá-lo lá, não sabia, mas sem dúvida tinha lacaios que lidavam com tais assuntos, como entregar cartas a jovens damas que não podiam estar recebendo tais coisas de um homem solteiro. Deveria ter jogado a carta no fogo, é claro que deveria. No entanto, não só não a tinha queimado, como a guardou, por razões sobre as quais preferia não pensar. Não que tivesse sido uma carta de amor, longe disso. Mais como um aviso, uma confirmação de intenção. A intenção de Montagu era tê-la como sua amante, e ela estava muito consciente de que sua campanha estava longe de terminar.

O coração de Matilda disparou quando foi até a janela e pegou a caixinha. Deveria jogá-la fora sem abri-la, ou jogá-la na cara dele - também sem abri-la - mas a curiosidade a estava queimando, fazendo seus dedos coçarem com o desejo de puxar a fita e revelar o terrível segredo ali dentro, e seria terrível. Caro, exclusivo, terrivelmente tentador e pavoroso.

— *Eu a quero muito, Srta. Hunt. Passo muito tempo pensando na senhorita, em como seria a sensação de tomá-la em meus braços. O que acha dessa honestidade?*

As palavras, ditas na última vez que o vira, fizeram seu corpo estremecer, deixando uma mistura de excitação e terror em seu rastro. Não podia deixar de admitir a emoção, sabendo que um homem tão temido, poderoso e desejável a queria tanto. Era apenas o medo que controlava essa empolgação. Montagu era discreto nos seus casos amorosos, mas sua amante de maior tempo, havia mantido seu interesse por apenas três anos. E depois? E se cedesse ao desejo e à tentação e se afastasse da *ton* pela chance de estar com ele para um breve caso? Seus amigos e familiares ainda a receberiam, sabia disso, mas não deveriam, pois seriam manchados pela associação. Seria uma pária, mais do que agora, pois, se ainda andava às margens da *ton*, era pela influência de seu irmão e de seus amigos poderosos.

Por enquanto, ainda existia uma chance para se casar, apesar de sua reputação, e construir um lar, uma família, algo que duraria pelo resto de sua vida, ao invés de um punhado de meses ou anos. Se tivesse um pinga de juízo, manteria isso como prioridade em sua mente e arremessaria aquela tentação janela afora.

Abriu a caixinha e sua respiração ficou presa na garganta.

Era um broche cravejado de rubis e diamantes. Broche de feiticeira. Com a forma de um coração aberto, a cauda do coração torta para um lado significando que quem lhe deu estava enfeitiçado. Matilda engoliu em seco e ergueu o broche de sua cama de cetim, traçando o coração com a ponta do dedo antes de virá-lo. Nas costas, na cauda do coração, havia um minúsculo M cravejado de rubis.

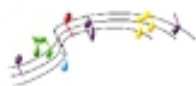
— Homem perverso, muito perverso — sussurrou, apertando o broche com força e fechando os olhos em desespero. — Deus, o que devo fazer?



Milorde Montagu,

Aconteceu a coisa muito estranha, este pacote parece ter sido entregue a Holbrooke House por engano. Devolvo-o agora, na esperança de que possa ser entregue com segurança ao seu legítimo dono.

— Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt ao Muito Honorável Lucian Barrington, o Marquês de Montagu.



A NOITE DE 24 DE OUTUBRO DE 1814. FESTA DA SRA. MANNING, BRUTON STREET, LONDRES.

Matilda olhou para a multidão de pessoas e se perguntou se teria sido melhor ter ficado em casa. Bonnie certamente teria preferido, pensou, considerando o semblante pálido da jovem. Estava conversando com Lady Helena, as duas tornaram-se notavelmente próximas em muito pouco tempo. Matilda ficou surpresa, especialmente à luz das fofocas que circulavam em torno de Helena e Jerome, mas eram como unha e carne, e Helena parecia olhar Bonnie com um ar exclusivo que Matilda estava achando estranho e um pouco irritante. A percepção de que estava com ciúmes de que Bonnie tivesse revelado seus problemas para Helena - pois certamente o tinha - não era algo do qual se orgulhava muito.

Que intrometida miserável estava se tornando. Se não se cuidasse, se tornaria uma velha enxerida, sempre metendo o nariz nos assuntos dos outros. Isso era o que resultava ter muito tempo livre, supôs. Realmente, tinha seus próprios problemas para pensar. O Sr. Burton escrevera para dizer que estaria em Londres na próxima semana e que a visitaria assim que chegasse. Embora não tivesse dito isso explicitamente, a implicação era clara o suficiente. Queria permissão para cortejá-la publicamente, e queria já.

Matilda sufocou o pânico que fez seu coração martelar no peito, tomou um grande gole de orchata e tentou fingir que era conhaque. Não funcionou.

Embora a noite lá fora estivesse fria e úmida, a luxuosa casa da Sra. Manning estava beirando o tropical, pois os criados mantinham o fogo aceso e a pressão dos muitos corpos presentes aumentavam a temperatura como uma fornalha. Abrindo caminho entre os que se aglomeravam na primeira sala, Matilda escapou para o grande saguão, onde a temperatura estava beirando o abafado, e tentou determinar quais salas tinham o maior apelo: a de jogos ou a de música.

— Hesitando, Srta. Hunt? Não combina com a senhorita.

Matilda virou-se, sabendo imediatamente a quem pertencia a voz lânguida e provocadora.

— Oh, é o senhor — disse com um suspiro, como se estivesse profundamente desapontada quando, na verdade, seu coração estava pulando em seu peito com uma combinação de terror e alegria.

Por mais contraditórias que fossem as emoções, era inteiramente normal na presença do Marquês de Montagu. Qualquer jovem, em sã consciência, estaria balbuciando de medo e fazendo o possível para escapar em segurança. Infelizmente, o homem fazia Matilda agir como uma lunática e

nunca conseguia decidir se queria acertá-lo com um objeto pesado e pontudo ou beijá-lo até perder os sentidos. Não pôde evitar pensar que a única maneira segura de beijar Montagu seria se ele estivesse inconsciente. Talvez pudesse considerar como uma opção. Então, poderia tirá-lo de seu sistema sem arriscar mais danos a sua virtude e sanidade. Láudano, talvez? Poderia colocar um pouco em seu champanhe.

Tendo revisto a ideia, Matilda não pôde deixar de decidir que sua sanidade estava além de salvação.

— Sim, de fato, estou hesitante — admitiu, abanando-se, pois certamente a temperatura tinha acabado de passar de tropical para quente como o Hades. Ou talvez fosse apenas ela? Esperava que não fosse em reação à visão do marquês em trajes formais. Afinal, já o tinha visto assim antes... e não, isso não a protegia de seu magnífico rosto ou sua forma, nem um pouco. Uma mera mortal nunca poderia se acostumar com a visão celestial de um ser que mais parecia um anjo caído. — Gostaria da sua ajuda, milorde. Qual sala o senhor acha que devo visitar a seguir, a de cartas ou a de música?

— Ora, Srta. Hunt. Não sou tolo a ponto de dar uma opinião, pois a senhorita escolherá fazer exatamente o oposto e não a verei novamente a noite toda — ele estendeu o braço para que ela pegasse. — Por favor, dê-me a honra de acompanhá-la.

Matilda considerou seu braço e então olhou em seus olhos prateados. Eram mutáveis como fumaça, e não revelavam nada. Naquela luz, pareciam ser mais escuros, quase cinza.

— Não mordo

— Não acredito no senhor — retrucou Matilda, mas pegou seu braço mesmo assim, ciente dos músculos rígidos sob sua mão enluvada e lutando para conter a onda de calor que perturbou seu equilíbrio e a fez querer coisas que nem mesmo sabia que desejava. Reprimiu um suspiro, enquanto ele a guiava para a sala de estar. Claro. Lutaria para atormentá-la durante um jogo de cartas, mas sussurraria perversidades com facilidade em seu ouvido durante um recital.

— A senhorita devolveu meu presente — disse, depois de colocá-la em uma cadeira o mais longe possível, na sala de estar.

— Naturalmente — disse Matilda, tentando ignorar o fato de que ele se sentou ao seu lado, o que era o mesmo que fingir que não havia um tigre dente-de-sabre em seu colo. — Foi claramente entregue a mim por engano,

pois um cavalheiro de verdade nunca se atreveria a enviar um presente de tal valor e intimidade a uma dama, a menos que estivessem noivos. Não se tivesse um pinga de respeito por ela.

Sentiu o peso do olhar dele em seu rosto e se esforçou para concentrar - ou pelo menos parecer se concentrar - na atuação dos músicos.

— Tenho o maior respeito pela senhorita, como estou certo de que bem sabe. Devo acrescentar que seus escrúpulos não estavam em evidência quando lhe enviei a orquídea. Disseram-me que fica ao lado da sua cama.

Matilda não conseguiu reprimir o rubor que subiu por seu pescoço. Maldito seja o homem. — Não posso acreditar que o senhor se rebaixou tanto a ponto de mandar bisbilhotarem meu quarto — se enfureceu, embora tivesse falado baixo, quase como um sussurro. — O senhor vai invadir minha casa a seguir?

Não pode evitar se virar para encará-lo, apesar de saber que não deveria olhá-lo nos olhos. Era exatamente como a cobra com a qual o comparou uma vez; certamente aqueles olhos eram hipnóticos, pois sentia-se atordoada, sempre que olhava para eles. Agora tinham um brilho divertido e algo que poderia ser uma reprovação.

— Dificilmente poderia deixar que a carta ou o presente ficassem à vista de todos, não acha? — Disse sensatamente. — A pessoa que deixou o presente em meu nome notou que a orquídea estava ao lado da sua cama, ao passar pelo seu quarto; qualquer criada da casa poderia ter observado. Se a senhorita acha que minha obsessão fez com que me rebaixasse o suficiente a ponto de mandar vasculhar suas gavetas, então devo desapontá-la. Posso estar enfeitado, mas não inteiramente sem orgulho.

— Enfeitado — Matilda repetiu com desgosto. — O senhor não está enfeitado, está amuado como um garotinho a quem foi negado uma guloseima. O senhor é mimado, ganancioso e não está acostumado a ouvir não. Quanto mais lhe digo *não*, mais determinado o senhor fica em fazer as coisas do seu modo.

— Mimado e ganancioso. Meu Deus, Srta. Hunt, o que a senhorita vai fazer comigo?

— Eu gostaria de saber — disse exasperada, falando sério. — E é claro que fiquei com a maldita orquídea. É a coisa mais linda que já vi em toda a minha vida! Não suportaria ter que jogá-la fora, embora tenha me amaldiçoado desde então. Com exceção do homem que a deu, é a coisa

mais problemática e caprichosa que já encontrei. Sem falar que vivo em constante terror de matá-la.

— O broche não era bonito? — Perguntou, suave agora, à medida que se inclinava e falava perto de seu ouvido.

Sua respiração era quente contra seu pescoço e Matilda estremeceu com o desejo de se virar e pressionar sua boca contra a dele. Oh Deus, sua boca... sua boca, aquela boca terrível, pecaminosa e perversa. Era muito tola, porque o queria tanto, mesmo sabendo o que isso significava.

— Claro que era bonito — disse, forçando as palavras. — E também bastante inapropriado. Se eu o tivesse usado, poderia muito bem ter tatuado seu nome na minha pele, pois o senhor o teria interpretado como um sinal de propriedade. Não serei comprada, milorde. O senhor não pode pagar para levantar minhas saias, como uma meretriz qualquer.

Pensou ter ouvido uma ligeira dificuldade em sua respiração enquanto falava, mas isso era ridículo. Nada jamais perturbava Montagu, todos sabiam disso. Certamente não era capaz disso, embora quisesse ser. Queria atormentá-lo tanto quanto ele a atormentava. Queria impedi-lo de dormir e invadir todos os seus pensamentos ao acordar, assim como seus sonhos. Queria-o louco por ela, uma doce e terrível loucura que iria destruir os dois no inferno de sua insanidade.

— A senhorita tem uma impressão exagerada do que uma meretriz ganha, minha querida — disse, e parecia tão irritantemente composto como sempre. Deus, como queria irritá-lo. — Embora — sua voz caiu para algo impossivelmente baixo e perigosamente sombrio, — admito que agora estou cativado pela noção de meu nome tatuado em sua linda pele.

Apesar de tudo, seus olhos agarraram-se aos dele, e lá estava a cobra que ela temia, a intensidade de seu escrutínio hipnotizante. Matilda estava ciente de sua própria respiração, áspera e irregular, seus seios empurrando contra os limites de seu espartilho enquanto lutava para levar ar suficiente para seus pulmões. Sua pele estava em chamas - muito quente - cada parte dela estava em chamas, o lugar íntimo entre suas pernas o mais quente de todos e dolorido com alguma necessidade. A fumaça cinza prateada de seu olhar parecia queimar as camadas de tecido, a seda, a renda e musselina, tudo reduzido a cinzas no calor daquele olhar possessivo que imaginava seu nome escrito em sua pele nua. Ele queria ver isso. Ele estava imaginando agora mesmo, e Deus a ajudasse, mas seu corpo latejava de desejo em resposta.

— Pare com isso —disse, seu pânico audível quando desviou o olhar do dele.

— Não posso.

A cabeça de Matilda girou mais uma vez e olhou-o com espanto. Aquilo tinha sido honestidade, uma confissão. Ouviu a frustração, e algo mais também, algo que pode ter sido perplexidade ou até mesmo... medo.

Tarde demais. No momento que demorou para tirar o olhar dele, ele desviou o dele, olhando fixamente para a frente com a expressão ilegível e fria de sempre, mas ela ouviu. Ela tinha ouvido.

— Senhorita Hunt? — Matilda estremeceu quando uma voz feminina quebrou o feitiço e ela se virou e encontrou Lady Helena olhando-a.

— Lady Helena — disse, procurando encontrar algo semelhante a um sorriso, tentando desesperadamente moderar sua voz, para que não soasse tão sem fôlego e nervosa como se o homem ao seu lado estivesse com as mãos sob suas saias. Poderia muito bem ter feito isso, dado o efeito que tinha sobre ela, apenas com algumas palavras, um olhar.

— Perdoe-me, Srta. Hunt — lançou um olhar para Montagu, que aparentemente estava absorvido pela música, antes de se curvar para sussurrar no ouvido de Matilda. — Bonnie não está bem, ela precisa ir para casa imediatamente.

Isso, se nada mais, a encharcou com água fria e a fez recuperar os seus sentidos. Uma de suas amigas estava com problemas. Bonnie precisava dela. Levantou-se, mal dando a Montagu a civilidade de um breve adeus antes de partir.

Ordenou que sua carruagem fosse trazida e então seguiu Helena até Bonnie. Ela estava pálida e obviamente infeliz.

— Ó, minha querida. Não devia ter vindo. Achei que ainda parecia um pouco abatida. Como eu gostaria que tivéssemos ficado em casa — disse, falando sério com todo seu coração.

— Bobagem — disse Bonnie, forçando um sorriso. — Está uma noite adorável e me sinto péssima por estragar a sua noite. Insisto que fique, ou me sentirei pior. Lady Helena me acompanhará.

— Na verdade, eu me pergunto se nós não pegamos a mesma doença — disse Helena gravemente. — Estou com uma dor de cabeça terrível e ficaria feliz em sair desse calor infernal.

Matilda olhou para Helena e teve certeza de que estava mentindo, embora não conseguisse entender por quê. Helena estava indiferente e

adorável como sempre e, embora, se fosse possível que realmente estivesse doente, escondia bem os sinais. Parecia ser a imagem da saúde.

— Muito bem, — disse Matilda, resignada. Ela também gostaria de ter fugido, mas não queria forçar sua companhia se não a queriam, e o seu instinto dizia que elas preferiam que ficasse.

Uma vez que estavam longe e em segurança, ficou hesitante no saguão de entrada novamente. A tentação de voltar para seu lugar ao lado de Montagu estava além de qualquer coisa, mas não iria. Não estava tão perdida a ponto de convidar uma cobra para sua cama, e isso seria o que aconteceria se voltasse para ele agora.

Não consigo.

A confissão de Montagu soava em seus ouvidos e disse a si mesma para deixar de ser tola. Ele não conseguia parar porque era um homem, e ela feriu seu orgulho masculino dizendo-lhe não repetidas vezes. Não era apenas um homem, mas um marquês, e eles eram uma raça à parte. Como devia provocá-lo descobrir algo que não poderia comprar ou obrigar a submeter-se à sua vontade. Alguém já lhe negara alguma coisa? Sempre teve as coisas do seu jeito? Bem, foi bom para que aprendesse a lição, então. Alguém devia ensiná-lo o que seus pais, tutores e guardiões não conseguiram colocar em sua cabeça obstinada e arrogante. Algumas coisas não podiam ser compradas por qualquer preço. Algumas coisas pertenciam a outras pessoas e não ao Marquês de Montagu. Ele não era o Deus Todo-Poderoso, lhe diria não e continuaria dizendo até que entendesse.

Matilda entrou em uma fúria de justa indignação enquanto caminhava em direção à sala de jogos. Infelizmente, essa fúria não diminuiu a dor sob sua pele, a necessidade clamorosa dentro dela que a fazia se sentir fraca e vazia. Ainda tremia com o esforço que fizera para não estender a mão e tocá-lo ali, na penumbra da sala de estar da Sra. Manning, onde qualquer um poderia tê-la visto e reconhecido como a idiota obcecada que era.



— Com o que está tão satisfeita? — Matilda perguntou, estreitando os olhos para Minerva, enquanto a carruagem as levava para a casa de Lorde St. Clair em St. James.

Bonnie convidou as Senhoritas Peculiares para um chá, e todas estavam morrendo de vontade de vê-la. Prue não compareceria, alegando não estar se sentindo bem, então Matilda e Minerva - que estava hospedada com sua prima Prue - foram juntas.

— Pareço satisfeita? — Minerva perguntou, fazendo o possível para parecer a imagem da inocência. — Bem, talvez um pouco — admitiu. — Embora também esteja irritada, verdade seja dita, pois terei que pensar em outro local para o meu desafio.

— O que quer dizer?

Minerva estudou sua amiga e sabia que Matilda era astuta. Já sabia que Minerva estava tramando algo, só não sabia o quê. Provavelmente seria melhor continuar assim, mas não resistiu manter a novidade para si mesma.

— Bem, decidi encontrar uma maneira de participar de uma das palestras na Royal Society. Sabe como eles são um bando de velhos enfadonhos — acrescentou com um suspiro. — De qualquer forma, fui tapeada e convidada para uma palestra a ser proferida por Inigo de Beauvoir na Praça do Soho. Como apenas queria muito assistir à palestra, para não causar furor, parece que terei que pensar em outra coisa — seus lábios se curvaram em um sorriso enquanto considerava o que *outra coisa* poderia ser.

— Minerva Butler — Matilda disse severamente. — O que está tramando?

Hmmm, era realmente esperta. — Tramando? — Minerva perguntou, erguendo um pouco o queixo. — Não consigo entender o que quer dizer com isso.

— Não consegue é? — Houve um bufo, que sugeriu que Matilda não acreditou em uma palavra daquilo. — A que devemos esse repentino interesse pela ciência, pergunto-me?

Minerva se irritou. Sim, tinha de admitir que sua paixão pelo Sr. de Beauvoir a inspirou, mas ficou fascinada por tudo o que lia, e, mais ainda, pela descoberta de que compreendia uma boa parte disso. Durante toda a sua vida, acreditou ser nada mais do que um rosto bonito, não ter nada com que contribuir para uma conversa além de discutir sobre o tempo, a última moda ou o que quer que estivesse acontecendo. Não que tivesse algo contra essas coisas. Ainda amava moda, fofoca e dança, e todas as coisas frívolas

que sempre amou, mas agora... agora um novo mundo se abriu e ela queria *mais*.

— Por que eu não deveria estar interessada? — Exigiu, irritada. — Me acha burra? Harriet não acha, encorajou meu interesse.

— Eu também — Matilda respondeu, sua expressão plácida, enquanto puxava as luvas, ajustando os dedos no couro fino. — Aplauda de todo o coração. Só me pergunto se o interesse é puramente no assunto em discussão, ou no colega que proferirá a palestra.

Uma sobranceira loira elegante se ergueu e Minerva desviou o olhar para olhar para janela, e rezou que não estivesse tão vermelha quanto o calor em suas bochechas poderia sugerir.

— O Sr. de Beauvoir é um homem fascinante — disse, ciente de que parecia um pouco rígida.

— Entendo que o conheceu em uma livraria?

Minerva olhou de volta para Matilda e viu um brilho divertido em seus olhos. Bufou e cruzou os braços.

— Ora, muito bem. Sim! Sim, o conheci e sim, eu o admiro muito e gostaria de conhecê-lo melhor.

— Quão melhor?

Minerva sentiu o calor em suas bochechas aumentar, mas não pôde evitar a forma como seus lábios se curvaram ao ouvir a nota de provocação na pergunta de Matilda.

Matilda respirou fundo e balançou a cabeça. — Bem, quando penso que uma de nós está casada, segura e fora de perigo, a próxima mostra sinais de loucura. Vou ficar com cabelos brancos antes do final do ano, marque minhas palavras.

— Ora, o sujeito falando do mal lavado — Minerva atirou de volta. — Exatamente o que aconteceu quando o Marquês de Montagu caiu de seu cavalo durante aquela tempestade?

Ela abriu um sorrisinho quando duas manchas escarlates brilharam no alto das bochechas de Matilda.

— Nada — Matilda gaguejou indignada, apenas confirmando a Minerva que *algo* havia acontecido. — Foi apenas azar eu estar lá quando o miserável caiu. Pensei que ele tivesse morrido, pelo amor de Deus. Deu-me um grande susto. Mas depois ele insistiu em me acompanhar de volta até a casa, e nós ficamos sozinhos... *de novo*, sabe tão bem quanto eu o quão pouco preciso de uma história como essa circulando por aí.

— Bem, não direi uma palavra — Minerva disse imediatamente. — Sabe disso, mas foi só isso que aconteceu? Ele não flertou contigo?

Matilda fez um barulho depreciativo. — Claro que flertou comigo. O desgraçado não esconde seu desejo de tornar-me sua amante, não importa quantas vezes lhe diga para ir para o inferno — ficou em silêncio por um momento antes de acrescentar: — O problema é que ele *é* o diabo, então não faz diferença.

— O deseja.

Matilda olhou para Minerva com os olhos arregalados de choque.

— Ora, vamos lá, pode admitir isso para mim, não pode? — Minerva disse com um sorriso torto. — Eu a entendo. Mamãe vai me matar se descobrir que estou apaixonada, entre todas as pessoas, por um intelectual. No entanto, desde o primeiro momento em que vi o Sr. de Beauvoir, soube, simplesmente *soube*. Tive a sensação mais estranha, na boca do estômago — acrescentou em voz baixa. — Essa sensação volta sempre que penso nele e... e quando imagino seus braços em volta de mim, seus lábios nos meus... — Minerva suspirou e fechou os olhos quando um arrepio percorreu sua espinha. — Bem, fica cada vez pior. Eu o desejo, embora ele não suporte minha presença. Acho que é semelhante ao que acontece entre você e Montagu, exceto que ao contrário. A persegue e continua a dizer não para ele, mesmo que... — Minerva ficou em silêncio, considerando à luz da última carta do Sr. de Beauvoir. — Mesmo que, no fundo, o deseje.

— Não seja tola — disse Matilda ríspidamente. — Precisaria estar louca para querer um homem como Montagu. Ele quer apenas me desonrar e me envergonhar.

— O que isso tem a ver com desejo? — Minerva perguntou, rindo um pouco. — Não é como se tivéssemos experiência a respeito.

Matilda ficou quieta por um bom tempo e então deu um suspiro desesperado. — Oh, Minerva, por que somos tão ridiculamente tolas?

Minerva deu de ombros, um sorriso torto em seus lábios. — Não tenho ideia — disse. — Mas torna a vida interessante.





HOLBROOKE HOUSE, SUSSEX.

— Sabia que Morven dobrou o dote de Bonnie? Quando descobriu que ela se casou com o irmão do conde de St. Clair, comentou que não seria menosprezado por um conde inglês sendo tachado de pão-duro, e ponto final. Isso não é precioso?

Matilda deu uma gargalhada. — Como é típico de Bonnie cair sempre de pé, e quão ricamente ela merece isso. Estou feliz por ela.

— E a senhorita, Tilda, querida?

— Eu? — Matilda ecoou, alarmada com o brilho repentino nos olhos da mulher. Ocorreu-lhe então que, agora que seus filhos estavam casados e felizes, a condessa viúva poderia decidir voltar sua atenção para outros interesses... como encontrar um marido para Matilda. — O que tem eu?

— Bem, sei que a senhorita tem o Sr. Burton prestando-lhe atenção, sem mencionar que Montagu também corre atrás da senhorita. Ouvi dizer que ele foi muito atencioso na festa da Sra. Manning.

Para seu horror, Matilda ficou escarlate e mudou rapidamente de assunto.

— Infelizmente, não vi o Sr. Burton desde que voltei para a cidade. Ele deveria ter voltado no início do mês, mas teve um imprevisto. Prestou-me duas visitas, mas nos desencontramos nas duas ocasiões. — Graças a Deus, Matilda acrescentou silenciosamente, agradecendo a providência divina por mantê-los separados, pois ela não estava mais perto de chegar a uma decisão sobre o que deveria fazer com o homem.

— Hmmm — Lady St. Clair respondeu, seus olhos azuis ansiosos demais para o conforto de Matilda. — Bem, para que não seja pega de surpresa, terei que convidar Montagu para o baile. Talvez deva convidar o Sr. Burton também — acrescentou, estudando Matilda, que se esforçou para manter o desânimo de sua expressão com a ideia.

— A senhora deve convidar quem desejar — disse Matilda, ciente de que parecia um pouco frágil.

— Ora, vamos, vamos — disse a condessa viúva, rindo. — Não seja assim. Convidarei todos os cavalheiros adequados que consigo imaginar e que possam ser um bom marido para a senhorita.

Matilda bufou. — Aqueles com bolsos vazios, a senhora quer dizer — disse, não sem amargura. — Pois não consigo imaginar quem mais a

senhora convidaria e que se encaixaria no perfil.

Lady St. Clair encolheu os ombros. — Quer a senhorita se case com um deles ou não, vai me divertir ver Montagu vê-la dançar com uma dúzia de pretendentes em potencial enquanto ele fervilha em um canto.

— Ora, por favor — Matilda fez um som incrédulo e se perguntou se a felicidade havia confundido o juízo da mulher. — Montagu *não* fervilha. Há gelo em suas veias e em seu coração e, se sua temperatura alguma vez já passou de morna, ainda não percebi.

— Então — disse a condessa viúva com um pequeno sorriso, — a senhorita não tem prestado atenção suficiente.



5 DE DEZEMBRO DE 1814. BAILE DE COMEMORAÇÃO DO SR. E SRA. CADOGAN, RESIDÊNCIA DO CONDE DE ST. CLAIR EM LONDRES, ST. JAMES.

— Agora, onde, diabos, Bonnie está? Mal posso esperar para ver o que está vestindo — Matilda olhou ao redor e sorriu ao ver Harriet se aproximando, vestida como uma pastora. St. Clair ainda parecia ridiculamente elegante e cada centímetro um nobre, apesar de estar vestido como um marinheiro comum. A imagem dos dois juntos era muito bonita.

— Harry, como está linda — disse Matilda, girando-a.

Harriet ficou boquiaberta. — Eu estou linda? — Perguntou, balançando a cabeça. — Matilda, seu vestido é simplesmente deslumbrante.

— Obrigada — respondeu Matilda. Estava feliz com a sua fantasia, era verdade. Tinha sido terrivelmente cara, especialmente porque fora feito em um espaço de tempo tão curto, mas o efeito era bastante agradável, um vestido de ouro cintilante e uma máscara para combinar, com uma touca em torno de seu cabelo dourado como os raios do sol, que ela deveria representar. O vestido brilhava e cintilava sob a luz das velas e apesar de muitos ali não conversarem com ela por não ser da boa *ton*, não seriam capazes de ignorá-la. Isso era um consolo.

— Não é justo — disse Harriet, bufando de frustração. — Todos estão disfarçados, mas eu não posso usar a máscara e meus óculos ao mesmo tempo. Portanto, tenho que abrir mão da máscara ou arriscar trombar com todos ou dançar com alguém que não deveria.

— Bem, não podemos permitir isso — St. Clair falou lentamente, passando o braço pela cintura dela. — Pode acabar nos braços de algum

réprobo chocante.

— Imagine — respondeu Harriet, levando a mão ao seio e adotando uma expressão escandalizada, enquanto o marido a olhava de soslaio.

— Venha, mocinha, e dance comigo — ordenou o conde, arrastando sua pastora, nada relutante, atrás dele para a pista de dança.

Um momento depois, um Arlequim levou Jemima para dançar também e Matilda observou, com um pouco de inveja, enquanto os trajes coloridos giravam ao seu redor.



5 DE DEZEMBRO DE 1814. BAILE DE COMEMORAÇÃO DO SR. E SRA. CADOGAN, RESIDÊNCIA DO CONDE DE ST. CLAIR EM LONDRES, ST. JAMES.

Uma estranha sensação de formigamento na nuca a fez se virar, a consciência de que estava sendo observada escorregando por sua espinha. Quase gritou e deu um passo involuntário para trás quando encontrou o marquês de Montagu parado atrás dela.

— Oh! — Disse irritada. — Por que o senhor tem que se aproximar de mim desse jeito, seu homem miserável?

Uma sobranceira loira se arqueou sob uma máscara totalmente branca. — Como a senhorita sabia que era eu? — Perguntou lentamente, enquanto Matilda desejava que seu coração parasse de pular como um coelho enlouquecido. — Pois suponho que a senhorita não se dirigiria a outra pessoa de uma maneira tão insolente.

Ela quase riu ao olhar para ele. Estava usando branco imaculado da cabeça aos pés, e os botões de seu casaco brilhavam com diamantes, assim como o alfinete em sua gravata neve. A cor áspera fazia seus olhos brilharem ainda mais prateados e seu cabelo brilhar com um loiro platinado à luz das velas. Ninguém mais poderia usar uma roupa daquela e parecer tão masculino, ninguém mais tinha o tipo de presença magnética que fazia as pessoas saírem de seu caminho e virarem a cabeça para observar.

— Palpite de sorte — respondeu Matilda, reprimindo a vontade de revirar os olhos. Como se ele não soubesse o efeito que tinha sobre ela. — O que o senhor é, afinal? — Perguntou, tentando não o examinar da cabeça aos pés, mas descobrindo que o esforço de não o olhar e toda a sua magnificência era uma tarefa hercúlea. Em vez disso, tentou infundir a pergunta com um tom de zombaria, o que não foi totalmente bem-sucedido.

— Ora, Srta. Hunt, não é óbvio? Sou um anjo.

Matilda soltou um bufo nada feminino e cobriu a boca com a mão, um pouco mortificada.

— Muito bem — falou, sua voz não totalmente firme. — P-perdoe-me, mas...

Não era nada bom. Ela caiu na gargalhada, incapaz de se controlar, e com tanta violência que fez todos que estavam ao alcance se virarem para olhar para eles.

Montagu suspirou.

— A senhorita tem que fazer um espetáculo de nós dois? — Perguntou. — Acredito que seja melhor dançarmos até que ganhe um pouco de controle.

— O que? — A risada de Matilda parou abruptamente. — Oh... *Não*. Eu...

Tarde demais. No momento em que Matilda recobrou o juízo, estava a meio do caminho para a pista de dança e dificilmente poderia recusar agora sem causar uma cena. — Nunca disse que dançaria com o senhor — murmurou, exasperada por seu jeito arrogante.

— A senhorita não disse que não dançaria também, porque estava muito ocupada cacarejando.

— Não cacarejei! — Atirou de volta e então arfou quando a mão dele se acomodou em sua cintura, puxando-a um pouco perto demais para o que era considerado decente.

— Claro que não — disse, sua voz calma agora. — Estava apenas caçoando da senhorita, gosto de provocá-la, Srta. Hunt. A senhorita é tão responsiva.

Matilda encarou-o até perceber que ainda a estava provocando. Sentiu a cor subir em suas bochechas.

Uma diversão brilhava em seus olhos perversos. — Ah, aí está. Agora a senhorita brilha como o sol que deveria representar, e imploro que acredite que não estou mais provocando — baixou a voz e depois a cabeça para

sussurrar em seu ouvido. — A senhorita está deixando todo mundo aqui nas sombras, Mademoiselle Soleil. Não há ninguém que possa ofuscá-la.

— Um anjo, de todas as coisas! Espanta-me que o senhor não tenha sido atingido por um raio — murmurou, se esforçando para manter sua voz baixa, mesmo quando o calor de sua respiração, vibrando contra seu pescoço, fez sua temperatura subir. — *De novo* — adicionou, ousando lançar um olhar furioso em sua direção.

— Não foi um raio que me atingiu, como a senhorita bem sabe.

Ele fez uma curva repentina e a combinação de suas palavras com a velocidade da dança fez a cabeça de Matilda girar. Tropeçou e um braço forte a envolveu, puxando-a contra o corpo firme e masculino que tentava tão desesperadamente ignorar. Era impossível agora, e a respiração disparou em seus pulmões. Quente, em todos os lugares havia calor e desejo, ardendo através de suas roupas, queimando-a de dentro para fora como se realmente fosse o sol, ardente, feroz e perigoso.

Havia um brilho de satisfação em seus olhos quando a olhou, sabia que tinha visto o choque em seus olhos. Embora agora estivesse equilibrada e estavam mais uma vez à distância correta um do outro, o dano estava feito.

— O senhor fez isso de propósito — disse, desejando não parecer tão sem fôlego.

— E se tiver feito? Não é como se a senhorita não me quisesse perto assim.

Olhou-o, indignada. Mais ainda porque era verdade, maldito seja.

— Vou dizer-lhe o quão o quero perto, deixe-me ver — disse, adotando uma expressão pensativa —, que tal Peru?

— Vejo que a senhorita ainda tem a intenção de mentir para si mesma — disse, com a voz mais suave agora. — Por que continua negando o que é óbvio para nós dois? Afinal, isso não afeta sua capacidade de continuar dizendo não, ou afeta? — Perguntou, seu olhar muito conhecedor. O vislumbre de um sorriso tocou sua boca. — A senhorita não pode escapar disso mais do que eu posso.

— Ora, por favor — disse Matilda, a irritação lutando contra sua confusão, com força suficiente para fazer sua voz soar quase firme. — Espera que eu acredite que o senhor é um escravo de seus *sentimentos*?

— Eu poderia ser seu escravo.

As palavras foram ditas tão rápido que quase não as entendeu, como se ele tivesse falado sem pensar, algo que suspeitava que ele nunca, jamais

fizesse. As palavras também tinham um tom agudo, algo que poderia ser raiva. Montagu também nunca ficava com raiva. Nunca. Olhou-o, querendo examinar sua expressão, procurar qualquer pequena fenda na armadura de gelo que usava, mas seu rosto arrogante estava voltado para longe dela.

— Sim, as meretrizes costumam ser donas dos nobres, não é? — Disse com desgosto, frustrada por ele estar tão imune a seu escrutínio como sempre. — Talvez o controlasse por uma ou duas semanas, alguns meses até, se eu fosse muito inteligente. Nossa, que conquista! Devo morrer feliz sabendo que tive toda a sua atenção por um tempo assim?

— Não meretriz — respondeu, sua voz suave agora, desarmante, todos os traços de raiva vencidos em um instante. — Por que a senhorita sempre deve falar assim? Uma amante do Marquês de Montagu não é uma meretriz.

Matilda riu disso, da maneira como ele via o mundo de seu elevado ponto de vista.

— Sim, sua amante estaria numa posição inteiramente respeitável — disse, tão irritada com seu tom apaziguador que seus dedos coçaram com o desejo de esbofeteá-lo, ou possivelmente torcer seu pescoço com aquela gravata branca. — Eu teria entradas para Almacks e um monte de propostas de casamento de cavalheiros adequados, uma vez que o senhor terminasse comigo e me descartasse.

— A senhorita não precisa se casar — rebateu, perfeitamente imperturbável por seu sarcasmo. — Daria tudo que a senhorita viesse a precisar. Segurança financeira, mais do que qualquer casamento poderia prover-lhe. A senhorita seria rica de forma independente, responsável pelo seu próprio futuro. Certamente vale a pena pensar um pouco, pelo menos?

— E as crianças? — Perguntou, furiosa consigo mesma ao ouvir o tom melancólico de sua pergunta.

Estava expondo muitos sentimentos. *Fraca*, se repreendeu. Isso a fazia parecer fraca e emocional e não queria isso, não na frente dele. No entanto, não conseguiu não perguntar.

— A senhorita não precisa se preocupar com isso. Tenho muito cuidado para não gerar bastardos.

Congelou em seus braços, quase parando completamente, mas ele a pressionou, forçando-a a continuar os passos quando ela teria interrompido a dança.

— Não faça uma cena — advertiu-a. — Isso prejudicará apenas a senhorita, não a mim.

Suas palavras caíram sobre ela, sua resposta anterior deixando-a tão furiosa que não conseguia ouvir nada além do zumbido em seus ouvidos.

Levou um longo momento até que estivesse calma o suficiente para responder, mas, quando o fez, as palavras foram tão gélidas quanto esperava que fossem. — Eu quero filhos, milorde, uma família. Mesmo que estivesse tão fora de mim a ponto de considerar a possibilidade de ser sua amante, o que garanto que *não* serei, isso acabaria com tudo. Ninguém se casará comigo depois que o senhor ficar entediado e me descartar, e nenhum filho meu suportará a desgraça da ilegitimidade. Ou caso-me ou morro como uma solteirona, não existe meio termo. Não vou me envolver em um caso que arruinará tudo com que sonho.

Ele não disse nada, o silêncio era um peso entre os dois. A dança parecia não ter fim, seu corpo poderoso guiava o dela com tanta certeza que sentiu que estava sendo arrastada por uma maré, puxando-a para baixo em direção às águas escuras. Atreveu-se a olhá-lo e seus olhos se encontraram. Prendeu a respiração. Estava errada, não tinha sido atingido por um raio, ele *era* o raio, seu toque era chocante, que a iluminava e a queimava. A força da conexão entre eles a queimou, e o medo agarrou seu coração, quando reconheceu a pulsação de desejo correndo em suas veias. Ele sabia disso, maldito seja. Sabia o que ela sentia. Podia ver na intensidade de seu olhar e não conseguia desviar. Para sua surpresa, ele não parecia presunçoso. Não havia triunfo no céu cinza de inverno de seus olhos. Será que ele também temia isso? Perguntou-se, e depois descartou a ideia. Claro que não. O que diabos o Marquês de Montagu tinha a perder?

A música chegou ao fim, mas ele ainda a olhava, até que chegou a um ponto em que foi difícil suportar. Ela se afastou de suas mãos e quase saiu correndo da pista de dança.



Helena observou Matilda se afastar apressada de Montagu e olhou para Minerva, que estava ao seu lado.

— Pergunto-me o que ele deve ter lhe dito — Minerva disse, mordendo o lábio.

— Não preciso me perguntar — respondeu Helena, tomando um gole de sua limonada e desejando que pudesse beber champanhe como as mulheres casadas. — É bastante óbvio.

Minerva suspirou. — Eu sei, preocupo-me com ela.

— Não tanto quanto ela se preocupa consigo mesma, aposto. O ar estala quando os dois estão no mesmo ambiente.

— O Sr. Burton está aqui? — Minerva perguntou, olhando em volta.

— Não o vi — Helena observou um laçao passar com uma bandeja de champanhe. — Maldição, odeio ser uma dama. Gostaria de ter nascido homem.

Minerva olhou-a divertida. — Acho que é tarde demais para mudar de ideia — disse, seus lábios se curvando ao ver a fantasia de Helena.

Helena fora fantasiada como Eva. Seu vestido era perfeitamente respeitável, embora tão bem ajustado que realçava suas qualidades de uma maneira que a agradou e trouxera muitos elogios aquela noite. Era um vestido pesado de cetim branco, todo enfeitado com folhas de figo de seda, principalmente nas áreas apropriadas. Uma maçã vermelha falsa, cravejada de joias vermelhas brilhantes estava pendurada em uma fita em seu pulso e uma cobra de seda estava enrolada em sua cintura e acima do ombro, sua língua vermelha bifurcada estendendo-se na direção de seu decote. Seu irmão, Robert, quase teve uma apoplexia quando a viu. Certamente era a marca de uma roupa de sucesso.

INVERNO EM WILDSYDE

LIVRO 7

❄️ 25 ❄️



***14 DE DEZEMBRO DE 1814. BAILE DE NATAL DO DUQUE E DA
DUQUESA DE BEDWIN. BEVERWYCK, LONDRES.***

— Oh veja. — disse Helena, parando e apertando o braço de Minerva.

Minerva seguiu seu olhar para o salão de baile, para onde Matilda estava dançando com o Sr. Burton.

— Ah, meu Deus. Não sabia que ele estava de volta.

— Acha que ela está feliz em vê-lo?

Minerva os observou, registrando o sorriso no rosto de Matilda e o brilho possessivo nos olhos do Sr. Burton. Na superfície, pareciam um casal feliz e bonito, mas em uma inspeção mais detalhada, Minerva pensou que os ombros de Tilda pareciam rígidos e seu sorriso educado, em vez de alegre.

— Não totalmente, não. — disse, imaginando o que Matilda faria com o Sr. Burton.

As duas olharam em volta, quando um sussurro de vozes aumentou, do tipo que acompanhava a entrada de um convidado importante. Quem quer que fosse, chegou tarde. Quando Minerva olhou para cima, a agitação foi facilmente explicada.

— Bem, isso não fará com que sua noite seja mais fácil, é certo.

O tom de Helena estava seco, enquanto observavam o marquês de Montagu entrar no salão de baile.

— Oh, espere até que ele os veja. — Minerva sussurrou, agarrando-se firmemente ao braço de Helena, prendendo a respiração.

O olhar frio de Montagu varreu o salão, sua expressão totalmente entediada. Não mudou, nem parou, quando chegou a Matilda e ao Sr.

Burton, mas continuou, e então ele se virou para cumprimentar sua anfitriã, enquanto Prue lhe dava uma recepção gelada.

— Ela faz o papel de duquesa notavelmente bem.

Helena sorriu, enquanto Prue era escandalosamente formal e precisa em sua saudação, cada nuance lembrando a Montagu que ela o superava em posição. Claro, ambos sabiam que ela fez isso porque queria proteger Matilda, e não porque tinha um osso esnobe em seu corpo.

— Ela ficou furiosa por ter que convidá-lo. — observou Helena.

— Então por que o convidou?

— Robert disse que ela deveria. — Helena respondeu com um encolher de ombros. — Alguns interesses comerciais ou outros em comum, acredito. Ele não é o tipo de homem de quem se pode desprezar e se safar disso.

— Mas seu irmão é um duque, — protestou Minerva. — certamente...

Helena devolveu um olhar de pena. — Querida, Montagu é poderoso. Não importa se o título dele é menor. Sua criação é irrepreensível e reforçada com dinheiro e mais influência do que qualquer um ousa considerar. É um coletor de informações, sabe coisas que ninguém mais sabe. Dizem que até Prinny tem medo dele.

Minerva considerou a figura austera, parado, sozinho agora, enquanto examinava o salão de baile e tremia. — Pobre Matilda.

Helena concordou. — De fato.



Matilda fez uma reverência quando a música terminou e o Sr. Burton deu um sorriso caloroso — É tão bom vê-la novamente, embora, infelizmente, eu esteja na cidade apenas por uma semana, pois prometi à minha família que voltaria para as festas de Natal. Tenho me sentido frustrado com um pouco de má sorte ultimamente, pedidos que se desviam e problemas que continuam surgindo por todos os lados. — franziu a testa, sua expressão intrigada e depois olhou para cima e balançou a cabeça — Além de alguns novos negócios, que me mantiveram muito ocupado, mas parece extremamente promissor. Mas isso me manteve longe da cidade por muito mais tempo do que eu tinha planejado. No entanto, estarei de volta no novo ano. Tenho muitos interesses aqui, que prendem a minha atenção e... — parou e deu-lhe um olhar muito direto. — E planos que, espero, se concretizem.

— Tenho certeza de que todos ficaremos felizes com a sua companhia, Sr. Burton. — disse Matilda com cuidado, ignorando a implicação óbvia de

suas palavras e permitindo que ele a guiasse para fora da pista de dança.

Ela o olhou de soslaio. Tinha sido tudo o que era charmoso e solícito aquela noite, lembrando-a de todas as razões pelas quais considerara seu interesse nela atraente. O *cão possessivo com um osso* na boca que estava desconfortavelmente ciente durante a festa na casa de Lorde St. Clair estava visivelmente ausente, tanto que ela se perguntou se havia imaginado tudo.

— Talvez eu possa visitá-la na próxima semana? — ele perguntou, tal entusiasmo juvenil em seus olhos, que Matilda não pôde deixar de retribuir um sorriso.

— Ficarei feliz em recebê-lo. — respondeu, ainda incerta se ela queria aquilo ou não, mas sabendo que devia dar-lhe uma chance.

Não era como se tivesse pretendentes formando fila por sua mão.

Ele fez uma reverência respeitosa, seu olhar segurando o dela, quente e abertamente cheio de admiração por ela, antes de se despedir. Ela o observou recuar entre a multidão, uma figura esbelta e masculina, que qualquer mulher poderia se orgulhar de chamar de sua.

— A senhorita ainda mantém seu cachorrinho na coleira, pelo que vejo.

Matilda enrijeceu, seu coração imediatamente acelerando em dobro. O pânico aumentou em seu peito e, com ele, a necessidade de escapar. Antes que ela pudesse pensar em suas ações, afastou-se sem se virar. Como ele estava atrás dela, não era tão ousada - ou imprudente - quanto dar o corte direto ao Marquês de Montagu, mas mesmo que ninguém mais soubesse que ela havia feito isso, ele sabia.

De alguma forma, chegou ao outro lado do salão de baile, movendo-se cegamente entre as pessoas e pegando uma taça de champanhe de um garçom que passava pelo caminho. Tomou um grande gole e quase engasgou com as bolhas, respirando devagar e profundamente para acalmar os nervos. Assim que pensou que os tinha sobre controle, olhou para cima e viu Montagu caminhando diretamente em sua direção. Desta vez, não podia fingir que não o vira, e não era tola o suficiente para tentar o mesmo truque novamente.

Ele parou na frente dela que fez uma reverência negligente, não do tipo que um homem de sua posição esperaria. Montagu inclinou a cabeça, mas não disse nada, seu olhar para ela era frio e atento.

— Correndo com medo, Srta. Hunt?

A mandíbula de Matilda apertou — Com medo do senhor? — deu um bufo muito desagradável e ergueu a taça de champanhe, tomando um gole

muito grande.

— Não, não de mim. — havia diversão em sua voz e Matilda olhou para ele.

— Ah, entendi, — disse. — o senhor acredita que tenho medo de estar perto, por medo de ser dominada pela luxúria. — deu um sorriso apertado — Por favor, não se preocupe por minha causa, milorde. Acredito que há pouco risco de eu rasgar minhas roupas e exigir que o senhor me tome aqui na pista de dança.

— Pouco risco. — ele repetiu, balançando a cabeça, como se ela tivesse dito algo de grande interesse — Como eu não tenho nenhuma expectativa de que alguém mais faça uma coisa dessas, a senhorita continua sendo a mais propensa a me favorecer com uma exibição tão atraente.

Matilda abriu a boca e a fechou novamente — Não foi isso que eu quis dizer, e o senhor sabe disso. Pare de ser tão pedante.

— Mas estou enfeitiçado, Srta. Hunt, lembra? Não consigo não levar qualquer coisa que a senhoria fala ao pé da letra.

— Ah, então parece que tenho dois cachorrinhos na coleira. — disse, sorrindo para ele — Embora o senhor seja o único me seguindo pelo salão de baile.

Uma sobranceira loira ergueu-se apenas uma fração, os olhos cinza-prateados sob ela. A própria ideia de comparar Montagu a um filhote era como comparar um gatinho com um tigre dentes de sabre. Ela sabia muito bem que ele não a seguia como um cachorrinho, e que esse desgaste lento e cuidadoso era muito mais calculado e predatório. Seria uma tola em não estar ciente disso, ou da força de sua intenção, ou do fato de que ele estava certo; ela tinha medo de seu próprio desejo perverso por ele.

Procurou-o aquela noite. Apesar da fúria que sentiu na última reunião, da raiva que ele trouxe à tona, procurou-o e ficou muito desapontada ao descobrir que ele não estava lá. Ela soube, no momento em que ele chegou, estava tão ciente de sua presença quanto ela de uma sensação de vitória por ele descobrir que ela dançava com o Sr. Burton.

— Espero que a senhorita tenha guardado uma dança para mim.

Matilda balançou a cabeça. — Receio que não.

Sem dizer uma palavra, ele pegou seu cartão de dança e, como ela mal podia começar um cabo de guerra com ele, Matilda o soltou.

— A senhorita parece ter várias danças em branco. — observou, levantando os olhos do cartão para os dela.

— Não, — ela cuspiu, embora tivesse a sensação enervante em seu estômago, não estava sendo totalmente honesta com ele ou consigo mesma. — eu simplesmente não estou com disposição para dançar esta noite.

— Eu também não. — disse ele, e ofereceu-lhe o braço.

— Não vou a lugar nenhum com o senhor.

O fato de ela ter falado as palavras com um desprezo enojado parecia tê-lo confundido.

— O Sr. Burton está vindo para cá.

Seu olhar estava plácido.

Ela espiou por cima do ombro dele e viu que ele estava certo, e o cão com o osso estava firmemente de volta aos olhos do Sr. Burton.

— Oh, maldito seja. — Matilda amaldiçoou e agarrou seu braço, permitindo que ele manobrasse, sem esforço, através da multidão.

Não era como quando ela tentou negociar o salão sozinha, isso era certo. As pessoas simplesmente saíam da frente dele, deixando um caminho aberto. Ficou tão encantada com o espetáculo, que demorou um momento para comentar sobre o fato de que eles haviam saído do salão de baile.

— Aonde o senhor está me levando? — exigiu, puxando o braço dele e tentando não reconhecer um pouco de emoção, enquanto sentia o músculo duro sob o tecido fino.

— Apenas para uma caminhada. — respondeu ele, imperturbável. — Olha, há muitos outros casais escapando do barulho e do aperto. É bastante respeitável.

— Se o senhor está envolvido, eu duvido. — murmurou, mas teve que admitir que ele estava certo, pois várias pessoas saíram para um pequeno descanso e estavam andando pela longa galeria, conversando e aproveitando os assentos fornecidos.

— O que eu fiz para merecer tal censura? — ele perguntou, baixando a voz e acenando com a cabeça para outro casal, enquanto passavam na direção oposta — Eu só tentei beijá-la uma vez, e não forcei o ato quando a senhorita se opôs.

Matilda franziu a testa, não gostando nada das águas perigosas que a conversa havia virado — O senhor não precisa *fazer* nada, milorde. O senhor fala, insinua, e, às vezes, fala muito claramente. O senhor deixou suas intenções perfeitamente claras.

— Eu sou um sujeito simples. — ele respondeu suavemente.

Matilda deu uma gargalhada.

— A senhorita discorda?

Matilda olhou para ele incrédula, desejando que não fosse tão bonito quanto olhar para ele fez algo em seu peito doer. Era quase impossível olhar para o rosto de um anjo e lembrar que a personalidade por trás dele era controladora, gelada e perversa até os ossos. Enquanto falava, seu olhar caiu junto com a sua voz, quase recatado, o olhar prateado escondido, por um momento, uma varredura de longos cílios dourados e pálidos. Seu cabelo brilhava como dourado prateado quando captou a luz e foi um esforço manter o tom mordaz em sua voz.

— Eu não tenho a menor dúvida de que sua mente é um labirinto e tão cheia de torções quanto seu caráter.

— Ora, ora, Srta. Hunt, — disse ele, claramente divertido, quando abriu uma porta e a conduziu por ela — não sou a sua pessoa preferida esta noite.

— O senhor nunca foi. — ela retrucou, exasperada.

Tarde demais, ela olhou em volta, para descobrir que os outros casais não estavam mais visíveis. Onde quer que estivessem, não era a longa galeria. Estavam sozinhos. Ela olhou ao redor de uma sala tomada por uma sombra da lua e depois o olhou, com pânico aumentando em seu peito.

— Nunca? — ele inclinou a cabeça um pouco, enquanto olhava para ela, curiosidade em sua expressão.

— Nunca.

Sua voz era firme, e Matilda deu vários passos para longe dele, movendo-se para ficar perto da janela e sentindo uma onda de alívio quando ele não diminuiu a distância. Ele não baixou o olhar, porém, seus olhos brilhando na meia luz, e o coração de Matilda acelerou. Disse a si mesma que era terror, e talvez isso fizesse parte, mas não tudo.

— Nós deveríamos voltar. — disse ela, desejando que isso não tivesse soado tão sem fôlego — Não desejo ser encontrada sozinha com o senhor.

Ele sorriu — Receio que agora seja tarde demais. — disse, e pela primeira vez não houve zombaria ou crueldade nas palavras. Não precisava haver, elas eram verdadeiras.

— Minha posição na sociedade é equilibrada na ponta de uma faca, como o senhor bem sabe. Precisaria de pouca coisa para acabar de vez com ela.

Ela o observou considerar suas palavras e se mover em sua direção. O tempo foi suspenso quando ele se aproximou, e então, para surpresa dela, ele estendeu o braço novamente. Ela soltou um suspiro, incerta se estava aliviada ou desapontada, mas deslizou a mão sobre a manga do casaco mais

uma vez. Ele se virou, como se eles voltassem imediatamente pelo caminho que viriam, mas depois fez uma pausa.

— A senhorita não cansa de fingir? — ele perguntou.

Sua voz era baixa, carinhosa, e Matilda olhou para ele, desejando imediatamente que ela não tivesse. O preto e branco de seu traje noturno combinavam com ele, combinavam com as linhas afiadas de maçãs do rosto altas e estrutura óssea impecável e aqueles olhos prateados enervantes. Ela fitou, imaginando como ele se sairia se tivesse um equilíbrio tão precário para manter e quase riu. Não havia nada precário ou incerto sobre este homem. Estava totalmente seguro de si mesmo, de seu valor, seu lugar na sociedade, e que todos os outros estavam abaixo dele. Por um momento, ela o desprezou e depois se perguntou como seria essa vida.

— O senhor se sente solitário? — A pergunta estava fora de sua boca, antes que ela pudesse considerá-la ou mantê-la de volta. Talvez tivesse sido o luar suavizando seus traços severos, ou suavizando seu juízo e seu coração, mas ela tinha o desejo repentino e desesperado de saber, pois tinha muita certeza da resposta.

Não houve reação dele, nem mesmo o piscar de uma pálpebra, e ela se perguntou se isso era revelador.

— Não me falta companhia.

Não havia inflexão em sua voz, nada nas palavras que lhe davam o que ela procurava.

— Não foi isso que eu perguntei. — ela pressionou, determinada a ter uma resposta honesta dele, mas sua atenção havia sido tomada, seu olhar focado em sua boca.

— Quero beijá-la.

Ela ouviu a verdade, da maneira como ele falava, ouviu algo quente e urgente em sua voz.

Matilda parou, ciente da mudança abrupta na qualidade do ar entre eles, a atmosfera carregada, que parecia crepitar. Tinha a expectativa repentina de ver faíscas brilhando entre eles se ele ousasse colocar a mão nela.

— O senhor não pode. — disse ela, embora as palavras fossem instáveis e sua voz mal passasse de um sussurro.

Sua mandíbula se apertou, e ele a encarou por um longo momento, antes de soltar um suspiro áspero.

— Venha, então. — disse ele, avançando mais uma vez, enquanto a puxava de volta, pelo caminho que eles haviam percorrido.

Matilda ousou olhar para ele, imaginando se ele estava com raiva agora, mas ela não conseguia ler sua expressão, certamente não, apenas de seu perfil. Ele não parecia zangado, mas havia uma tensão atravessando o seu corpo, como uma música. Ela podia sentir, como a última nota de uma ópera, que fazia arrepios escorrerem pela sua espinha.

Um barulho abafado lá fora chamou a atenção deles, e então veio um grito repentino de risada, seguido por uma risada muito masculina e a maçaneta da porta sacudiu e se abriu. Eles estavam muito longe da saída, para sair antes que, quem quer que fosse,, os encontrassem. Antes que Matilda pudesse reagir, Montagu a agarrou e a empurrou de volta para a janela, encobrendo-os com as cortinas. Felizmente, havia um pequeno recesso, mas não foi suficiente para que ambos se encaixassem confortavelmente. Ele a empurrou ainda mais contra a janela, suas saias espumando em torno de suas pernas, até que ela não tivesse mais para onde ir, mas era o bastante. Matilda estava instantaneamente ciente do vidro congelante a sua frente e da parede de Montagu sólida nas suas costas. Em pânico, ela balançou, enquanto seus joelhos batiam no parapeito da janela, desequilibrados, e ele a firmou, antes que ela caísse contra o vidro, um braço serpenteando em torno de sua cintura. Ambos congelaram.

Matilda mal se atreveu a respirar, embora seu coração estivesse trovejando, como se tivesse corrido uns quilômetros. Ela só esperava que, quem quer que fosse que buscou aquele cômodo escuro para seu tête-à-tête, desaparecesse em breve. Ouviu, orando para ouvir novamente a abertura e o fechamento da porta, mas ela ficou estranhamente silenciosa.

— O que eles estão fazendo? — ela sussurrou, muito ciente do calor do corpo masculino duro na sua cintura, e da noite gelada de dezembro do outro lado do vidro. Um gemido feminino respondeu sua pergunta com muita clareza. Ela olhou por cima do ombro, incrédula, e viu os olhos dele fecharem com algo que parecia dor.

— Maldição! — ele murmurou.

— Isso é... eles estão...? — começou indignada, as palavras morrendo em sua garganta, quando o homem falou.

— Oh, minha querida, pensei que fosse enlouquecer. Levante suas saias para mim, preciso tê-la agora, agora, agora, oh, Deus, oh, sim...

Os olhos de Matilda ficaram redondos, sua respiração prendendo e bochechas flamejando, quando as coisas ficaram ainda mais claras.

Seguiram-se muitos suspiros abafados, gemidos e palavras de amor murmuradas e, em seguida, o baque rítmico de carne sobre carne à medida que os gritos se tornavam mais altos.

Montagu estava rígido de tensão, o que a surpreendeu. Ela pensou que ele poderia achar aquilo divertido, sendo homem e não tendo nada a perder; sem mencionar finalmente ter as mãos sobre ela.

— Cristo. Isto é intolerável.

Matilda olhou novamente para o praguejo murmurado de Montagu, percebendo que ele não estava nada feliz com a situação. Ela não conseguia entender o porquê, mas isso a divertia.

— O senhor quer dizer que isso não era o que tinha em mente? Suponho que o senhor só queria me corromper, não manchar meus ouvidos com a prova da luxúria de outras pessoas? — sugeriu, mantendo a voz baixa, embora suspeitasse que uma banda pudesse atravessar o cômodo e o casal amoroso atrás deles não moveriam um dedo.

— Se bem me lembro, a senhorita me recusou, e eu honrei seus desejos. — ele parecia um pouco conciso agora. Matilda observou enquanto ele olhava fixamente, pela janela, na noite além.

— Oh, Harold, sim, sim...oh, Harold!

Matilda mordeu o lábio, mas não estava à altura da tarefa, e uma risada escapou dela.

A mão de Montagu cobriu sua boca, a cabeça abaixando para falar ao seu ouvido — Silêncio! — disse, embora fosse mais como um rosnado — A senhorita quer que eles nos ouçam?

O problema era que a situação era tão ridícula, que Matilda não conseguia se conter. Sabia que, à luz do dia e com um humor racional, esse seria um estado de coisas absolutamente terrível. A probabilidade de descoberta por si só era horrível. Ser pega ali com Montagu, era seu pior pesadelo, ou, se não fosse descoberta, seu sonho mais deliciosamente perverso. Talvez fosse o braço forte agarrado à sua cintura, segurando-a com força contra ele, o calor de seu corpo atravessando o seu vestido, ou a pressão de sua palma contra seus lábios que a fez perder a cabeça. Era tão provável que fosse isso quanto sua reação aos gritos da moça excitada, do outro lado da cortina, que estavam se tornando cada vez mais exigentes e mais altos.

— Oh, sim, assim, mais forte, mais forte, oh, Harold...

— Gosta disso? Quer mais um pouco?

— Sim, sim!

Gemidos e ruídos altos pontuaram aquela troca de conversa rápida, quando a risada borbulhou dentro de Matilda, e embora ela lutasse para segurá-la em seu corpo tremia de hilaridade silenciosa.

— Pelo amor de Deus, pare com isso. Fique quieta! — Montagu demandou, com a respiração quente e urgente em seu ouvido. Uma emoção a percorreu, a consciência de quão perto ele estava, do calor dele brilhando em seu vestido, da perversidade vertiginosa de toda a situação.

— Oh, Jenny, você é tão deliciosa, está tão quente, tão molhada.

Matilda cobriu a mão de Montagu com a sua, como se isso ajudasse a conter sua hilaridade, mas estava tremendo agora, dissolvendo-se com risadas e com algo brilhante, brilhante e completamente fora de controle.

— Pare com isso! — Montagu sibilou, uma nota desesperada em sua voz, mas Matilda não conseguia parar, era muito ultrajante. — Senhorita Hunt! — ele murmurou contra o ouvido dela, seu tom cada vez mais agitado. — Estou tentando me comportar como um cavalheiro, mas não há muito que um homem possa aguentar. A senhorita não sabe o que está fazendo comigo.

Era avassalador. A cabeça de Matilda caiu contra o peito dele e ela se inclinou, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. Ouviu a respiração aguda de Montagu e, tarde demais, percebeu o que ele estava tentando dizer-lhe. Ela sentiu a pressão dura de seu membro nas suas costas, e a risada morreu em sua garganta enquanto ela ofegava. Ficou muito imóvel, enquanto o calor a varria e deixou cair a mão que havia coberto a dele, até que agarrou o braço que a circulava na cintura.

O casal do outro lado da cortina estava cada vez mais entusiasmado e cada vez mais explícito, sentindo a necessidade de descrever como sentiam e o que exatamente eles queriam fazer a seguir. Com o corpo de Montagu, quente e duro e obviamente disposto a mostrar-lhe o motivo de todo o alvoroço, Matilda estava queimando com uma combinação de constrangimento e o desejo urgente de permiti-lo. Suas emoções estavam a flor da pele e ela estremeceu, quando a mão dele se moveu de sua boca, deslizando pela garganta, para descansar na base do seu pescoço.

— Seu coração está batendo muito rápido. — ele observou, e com o que restou de seu cérebro, ela notou que ele estava sem fôlego.

— O seu também. — ela rebateu, ciente dele batendo nas suas costas.

Ele arrastou os dedos para frente e para trás sobre a pele dela, perto da clavícula, cada passo levantando arrepios e se movendo para baixo, em direção ao inchaço de seus seios. Algum pingo fraco de autopreservação permaneceu, no entanto, e Matilda reconheceu o perigo em que estava. Queria esse homem, queria muito, mas tê-lo significava que ele teria vencido, ela teria rendido todas as suas esperanças e sonhos, por nada mais do que desejo. O desejo desapareceria, essa necessidade que ele tinha de possuí-la passaria, quando ele se cansasse dela, e ela seria deixada de lado.

Montagu abaixou a cabeça para acariciar o pescoço dela, o calor de sua respiração e o mais leve toque de seus lábios tocou a sua pele.

— Não.

Ele paralisou e Matilda balançou a cabeça para reforçar o comando.

— Por favor.

O apelo parecia ter sido arrancado dele, em carne viva e tingida de desespero.

Matilda balançou a cabeça novamente, incerta de que as palavras certas deixariam sua boca, se ela tentasse falar. Não queria que ele parasse, queria se inclinar de volta, pressionar mais contra ele, e foi um momento antes que ela percebesse que o pensamento havia se tornado ação.

Montagu soltou um som áspero, suas mãos caindo em seus quadris e segurando-a contra ele, seu membro excitado flagrante agora, pressionada contra sua pele macia.

— Isso foi cruel. — ele murmurou, e mordiscou sua orelha.

Matilda soltou um gemido, a pequena pontada de dor dos dentes disparando inesperadamente para lugares mais íntimos e florescendo em prazer.

— Harold? O que foi isso?

Ambos congelaram, horrorizados, e Matilda se amaldiçoou por ser uma tola tão imprudente, mas, mesmo agora, à beira da descoberta, seu corpo estava vivo de necessidade, de consciência, de querê-lo.

— Não é nada, Jenny. Foi algo lá fora, sem dúvida, esqueça.

— Você realmente... Oh. Oh... oh, sim.

Os sons grosseiros se tornaram mais altos e cada vez mais urgentes, sugerindo que o pico estava próximo e não havia nada a fazer, além de aguentar. Matilda se esforçou para manter as imagens lascivas, que a conversa de amor ilustrativa do casal criou de sua mente, mas era impossível. Graças a Deus, Montagu tinha mais força de caráter e honra do

que ela poderia ter imaginado, se suas mãos tivessem se desviado agora, ela não achava que teria força suficiente para detê-lo. Em vez disso, ele ficou totalmente imóvel, respirando com dificuldade, sua cabeça apoiada na dela.

Finalmente, interminavelmente, com gritos misturados de êxtase, o ato chegou ao fim. Houve o som de roupas sendo ajustadas, uma conversa murmurada sobre quando os dois amantes poderiam se encontrar novamente, e, finalmente, a sala ficou em silêncio. Um segundo depois da porta ter se fechado, Montagu abriu a cortina e deu uma espiadela rápida, antes de se afastar dela.

Matilda ficou repentinamente congelada, tremendo de frio e com desejo enervado. Privada de seu calor e força, sentiu-se fraca e colocou a mão na parede, firmando-se. Montagu caminhou até a porta pela qual haviam entrado e a abriu, observando por um longo e silencioso momento. Ele se afastou e se virou para ela.

— Vá. — sua voz fria.

Matilda avançou, as pernas tão trêmulas e incertas quanto as de um potro recém-nascido. Fez uma pausa quando chegou à porta, levantando o olhar para o dele e sugando o brilho dos seus olhos, seus centros escuros iluminados por uma fina lasca de prata.

— Vá. Agora. — as palavras foram cortadas. — Ou não vá.

Matilda fugiu.



Querida Minerva,

Espero que tenha gostado do baile de ontem. Estava adorável naquele vestido amarelo. É uma pena que o Sr. de Beauvoir não o tenha visto. Ficaria chocado, certamente.

Lembra-se da conversa que tivemos recentemente, sobre ele e sobre M, aquele cavalheiro que acreditava ter capturado minha atenção? Minerva, venha me visitar. Preciso urgentemente de uma confidente. Acho que fiz algo incrivelmente estúpido.

— Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Minerva Butler.

EXPERIMENTANDO O DESEJO

LIVRO 8



20 DE DEZEMBRO DE 1814. SOUTH AUDLEY STREET, LONDRES.

— Minerva, querida, que bom vê-la, e que vestido elegante. Decerto, está mais encantadora toda vez que a vejo.

Minerva riu e girou um pouco para Matilda — Obrigada, Tilda. Vindo de sua parte, tomo isso como o maior elogio, pois estamos todas lhe copiando, sem vergonha, como tenho certeza de que bem sabe.

— Lisonja não vai levá-la a lugar nenhum, querida. — disse Matilda, pegando o braço de Minerva, depois de dispensar seu chapéu e casaco — Na verdade, isso é mentira. Não pare.

Minerva sorriu para ela — Jemima ainda está ficando contigo?

Por um momento, o sorriso de Matilda vacilou — Ela está, — disse, suas sobranceiras loiras se juntando — mas não está aqui no momento. Parece que foi deixada uma herança generosa por sua tia e ela está sempre fazendo coisas. Acredito que foi para o campo, por alguns dias, para encontrar um lugar para morar.

— Sozinha? — Minerva perguntou, um pouco chocada, agora entendendo por que Matilda parecia perturbada.

— Não exatamente. Contratou uma acompanhante, e acredito que terá uma criada.

— Oh, bem, está tudo bem, então. — Minerva soltou um suspiro. Embora considerasse fascinante a afirmação do Sr. de Beauvoir, de que homens e mulheres eram igualmente fascinantes, e concordasse inteiramente, ele também estava certo de que havia uma regra para os homens e outra para as mulheres. Uma mulher que vivesse sozinha, estaria aberta a todo tipo de especulação e boato, nada disso era agradável.

— Sim. — disse Matilda, acenando, embora ainda houvesse um vislumbre de ansiedade em seus olhos — Sim, está tudo bem, então. Agora, eu tenho a mais decadente seleção de bolos de creme aqui, e espero que esteja com muita fome, para que eu possa acompanhá-la. Não me decepcione.

— Pode confiar em mim. — disse Minerva com firmeza, seguindo sua amiga até a sala de visita.

Uma vez que uma quantidade impressionante de bolos de creme foi descartada, e três xícaras de chá cada, Minerva conduziu a conversa até o ponto de sua visita, pois a carta de Inigo não era a única que recebera ultimamente.

— Sinto muito por não ter podido vir antes. — começou, pousando a xícara de chá — Tenho ficado com Prue e Robert, mas, em sua carta, disse que precisava urgentemente de uma confidente e que tinha feito... tinha feito algo...

— ...notavelmente estúpido. — Matilda a abasteceu com um sorriso irônico — Sim. Lembro-me.

— Minha nossa! — Minerva torceu os dedos, tendo uma ideia justa do que, ou melhor, com quem sua amiga tinha sido estúpida — Montagu?

O rubor de Matilda era surpreendente e vívido, mas ela segurou o olhar de Minerva e deu um aceno tenso.

— Oh, meu Deus! — disse Minerva novamente, sabendo que isso não foi nem um pouco útil. Respirou fundo e endireitou a coluna, mantendo o tom vivo — Bem, parece que o que quer que tenha acontecido, ninguém sabe sobre isso, então não há mal nenhum.

Matilda gemeu e levou as mãos à cabeça.

— Oh meu Deus, alguém viu...?

— Não! — Matilda balançou a cabeça e olhou para Minerva entre os dedos — Ninguém viu, mas não posso admitir que nenhum dano foi feito.

Minerva se eriçou de fúria — Ele...? Por Deus, Matilda, aquele homem miserável...?

— Não! — Matilda exclamou, ficando ainda mais ruborizada, mas balançando a cabeça com vigor — Não, ele não fez nada de errado. Bem, ele me guiou até um lugar onde poderíamos ficar sozinhos, o que nunca deveria ter feito, mas estávamos prestes a sair - a meu pedido - quando alguém entrou e não tivemos escolha a não ser nos esconder.

— Entendo.

— Não, — respondeu Matilda, miseravelmente agora — não entende! As circunstâncias eram um pouco perigosas, e nosso esconderijo era minúsculo. Fomos forçados a nos aproximar muito e... e...

— E ele se aproveitou desse fato, suponho?

As sobrancelhas de Minerva se ergueram, quando Matilda balançou a cabeça mais uma vez — Não, não exatamente. — disse, claramente mortificada — Bem, talvez um pouco, mas..., mas quando eu pedi para que parasse, ele parou. Não... o problema foi... foi eu.

— Matilda! — Minerva exclamou, embora mais com prazer do que com choque — O que fez? O que aconteceu?

Com bochechas ardentes e gaguejando, Matilda descreveu o que havia acontecido com Montagu. Quando terminou, a pobre mulher parecia pronta para chorar de vergonha.

— Oh, Matilda, — Minerva se levantou e se sentou ao lado dela, pegando suas mãos — Montagu é um homem muito bonito, não há como negar, e a persegue há meses. Não é surpresa que o tenha desejado, afinal, é apenas um ser humano.

— Sim, mas ele não é. — Matilda se opôs, enxugando uma lágrima — Ele é... ele é frio e manipulador e eu devo ser a maior tola que existe. É como se apaixonar por uma serpente.

Minerva suspirou e se inclinou para ela — Se é uma tola, não sou melhor. Voltei a escrever ao Sr. de Beauvoir, que respondeu esta manhã. Foi bem direto ao ponto.

Descobrimo que era sua vez de corar, Minerva deu a Matilda um breve resumo da carta.

— O que é que se passa conosco? — Matilda exigiu, levantando as mãos — Por que não podemos nos apaixonar por homens bons e comuns?

Minerva deu de ombros — Qual a graça disso?

Matilda deu uma gargalhada, embora parecesse um pouco histérica.

— O que vai fazer com Montagu?

— Não sei. Tentar evitá-lo? — Matilda respondeu, embora parecesse indiferente à ideia — E você? Vai ter cuidado, Min, querida? Parece que ele está muito disposto a seduzi-la e deixá-la de lado, se o perseguir.

Minerva assentiu — Eu sei, é por isso que tenho que ser a responsável pela sedução.

— O que? — Matilda exclamou horrorizada.

— Oh, não assim! — disse Minerva, rindo um pouco — Não exatamente assim, de qualquer maneira. Vou seduzi-lo, para que se apaixone por mim.



22 DE JANEIRO DE 1815. ENCONTRO DAS SENHORITAS PECULIARES. SOUTH AUDLEY STREET, LONDRES.

— Mas o que aconteceu com o Sr. de Beauvoir? — Matilda pressionou, enquanto Minerva gemia por dentro.

Tanto para distrair sua atenção, e agora Prue ia estar atrás de sua cabeça também.

Minerva deu de ombros — Eu levei o almoço para ele. O pobre homem nunca come. Não tem uma governanta, desde que fez um experimento que explodiu em seu laboratório - de propósito - mas ela o acusou de ser um adorador do diabo ou algo ridículo e fugiu.

Bonnie bufou — Tem certeza de que ela não estava no caminho certo?

— Bastante certa. — respondeu Minerva — Ele é um filósofo naturalista genial. Apenas parte meu coração vê-lo se coçando naquela casa vazia, porque é muito dedicado ao seu trabalho, para acender a lareira ou encontrar alguém que possa alimentá-lo.

— Bem, então, devemos arrumar uma governanta para ele. — disse Matilda com firmeza — Então você pode parar de se preocupar e colocar sua reputação em risco. Eu não vou permitir que arruíne a sua vida por... pena.

Minerva olhou para Matilda surpresa. Ela sempre se preocupou com todas elas, mas nunca foi tão... estridente. Foi apenas a trepidação em sua voz que revelou o quão assustada estava. Minerva olhou para ela, segurando seu olhar com firmeza.

— Eu pensei em fazer exatamente isso, Matilda, e vou fazer, mas não quero ninguém nos espionando, quando visitá-lo. Então, até que eu saiba como estou com ele, deixarei as coisas como estão.

— Você vai voltar lá? — Matilda exigiu, parecendo que poderia prestar as contas ali mesmo, estava muito pálida — Você não está falando sério, está? Não deve, Minerva, é...

— *Estou* falando sério. — disse Minerva, interrompendo, mas mantendo a voz calma — E não cabe a você me dizer quem eu posso ou não ver, mas agradeço sua preocupação. Eu realmente agradeço, juro que terei cuidado.

Matilda fez um som depreciativo, seus olhos brilhando demais — Não, não vai. Agirá tolamente e colocará seu coração em risco, e ele pegará tudo

o que oferecer e depois, quando tiver tudo o que quiser, será deixada de lado, ficará em pedaços e sem outras opções.

Minerva sentiu as palavras como uma facada no coração. Sabia que era um possível resultado de suas ações - não adiantava não abrir os olhos para o risco que estava correndo - mas ouvir Matilda soletrar com tanta franqueza, seu tom tão forte que era quase cruel, ainda machucava.

— Ele não é Montagu. — respondeu, antes que pudesse pensar, vendo as palavras atingirem Matilda com a mesma força.

A sala ficou em absoluto silêncio, ninguém se atreveu a respirar.

— Para o inferno o Montagu! — disse Matilda, levantando o queixo — Não posso impedi-la de agir, tolamente, mas não vou acabar em pedaços. Me casarei com o Sr. Burton.

Houve um suspiro coletivo ao redor dela, embora Minerva estivesse chocada demais para respirar. Estava certa de que Matilda acabara de decidir, naquele exato momento, talvez dando um exemplo do que uma mulher sensata faria em uma situação difícil.

— Não o ama. — disse, observando Matilda, que estava tão pálida, que sua pele parecia translúcida, suas veias azuis visíveis sob a pele de porcelana — Não estou convencida de que você goste dele.

— Não estou convencida de que ele goste de mim. — retrucou Matilda — Ele me quer da mesma forma que quer uma bela pintura ou uma bela residência, na parte certa da cidade. E para que? Para que me tenha nas mãos, e para que eu tenha uma casa, segurança, uma família. Tenho certeza de que nos contentaremos o suficiente um com o outro, e essas não são coisas que eu possa ignorar. Se tivesse um pinga de bom senso nessa sua cabeça boba, também veria.

A raiva acendeu no coração de Minerva, por ser chamada de boba. Matilda, de todas as pessoas, sabia o quanto estava tentando ser qualquer coisa, menos boba, e a acusação a irritou.

— E quanto a Montagu? — Minerva pressionou, sabendo que estava passando dos limites, mas estava irritada demais para considerar isso — E o fato de você estar apaixonada por ele?

O silêncio era tão ensurdecador, que os ouvidos de Minerva ecoaram aquilo. Matilda parecia ter sido esbofeteada, dois pontos altos de cor queimando contra a palidez branca de suas bochechas. Ela se levantou.

— Bem, se vocês me dão licença, meninas. Estou certa de que podem sair sozinhas.

Minerva observou, o coração batendo forte e o estômago apertando com arrependimento, quando Matilda se virou em direção a porta.

— Mat... — Minerva começou, mas Helena levantou a mão e apertou seu braço, segurando firme e balançando a cabeça.

Todas a observaram partir, e Minerva colocou a cabeça entre as mãos — Eu não deveria ter dito aquilo.

— Estou feliz que uma de nós, finalmente, tenha tido a coragem e, egoisticamente, estou feliz que tenha sido você e não eu. — disse Prue com um suspiro.

Minerva olhou para ela em choque. Ela esperava que Prue ficasse furiosa com ela. A dar-se pelo brilho em seus olhos, não estava totalmente errada.

— Vamos conversar sobre suas visitas ao Sr. de Beauvoir, Min. — disse severamente. Prue sempre a via como sua priminha boba, embora fosse apenas cinco anos mais velha que Minerva.

Minerva acreditava que isso havia mudado, mas o tom da voz de Prue a fez duvidar.

— Promete que não contará para mamãe? — Minerva disse apressadamente, sentindo como se fosse chorar, pois seus olhos estavam ardendo. Se sua mãe descobrisse, seria mandada para longe e nunca mais veria Inigo.

— Minerva Butler! — sua prima disse indignada — O que acha que eu sou? Não direi nada a ela, nem a Robert, por nada que lhes diga respeito, mas, pelo amor de Deus, Matilda está certa. Você está brincando com fogo.

Minerva assentiu, incapaz de negar — Eu sei. — disse, sua voz falhando — Mas estou... estou apaixonada por ele.



— Devo me desculpar com Matilda. — disse Minerva, olhando para a porta, com uma sensação doentia agitando seu estômago.

— Há tempo de sobra para isso. Matilda não guardará rancor, e não é como se fosse algo que não quiséssemos dizer. Ela está brincando com fogo há muito mais tempo do que você e, por mais que eu deseje que se casar com o Sr. Burton fosse a resposta, não estou certa de que seja. — Prue suspirou e sentou-se, alisando a palma da mão sobre a barriga — Ela tem tanto medo de ficar sozinha, e está certa, ele lhe oferece segurança.

— Ao contrário de Montagu, que vai mastigá-la e depois cuspi-la. — disse Jemima, com a expressão sombria — E ele é o homem por quem ela se apaixonou. A vida é tão, malditamente, injusta.

Todas ficaram surpresas. Jemima raramente falava, então, ouvi-la praguejar, era nada menos que extraordinário.

— Bem, não é? — exigiu, enquanto todas olhavam para ela, em choque.

— Não, não é. — respondeu Helena, sucinta e com tanta força que todas riram.



Matilda desviou de uma poça, indo em direção às outras mulheres, que estavam amontoadas diante de uma vitrine, examinando uma nova exibição de chapéus de primavera. Pelo menos a chuva havia parado, para sua pequena viagem de compras, embora as ruas estivessem molhadas e sujas. Quando olhou para cima, encontrou Minerva ao seu lado, sua expressão cheia de remorso e ansiedade. Matilda suspirou quando Minerva se aproximou.

— Sinto muito, Tilda, eu nunca deveria...

— Não. — disse, interrompendo suas desculpas. — Não deveria, mas eu também não. Não sou sua mãe, nem mesmo sua prima. Não tinha o direito de falar daquela maneira.

Minerva sorriu e pegou seu braço — Mas é minha amiga querida, e está com medo de que eu me machuque.

Matilda assentiu e cobriu a mão de Minerva com a sua — Estou apavorada.

Assim era, embora a verdade fosse muito mais profunda. Estava com medo pelas duas, e, talvez, um pouco mais que enciumada. Minerva estava arriscando tudo pela chance de estar com o homem que queria, desejava, talvez até amasse. Estava correndo um grande risco e nem ao menos hesitava, Matilda invejava sua coragem, sua determinação em entender o que queria, mesmo sabendo que não era o mesmo para ela.

O Sr. de Beauvoir teria sorte em ter Minerva. Era de uma boa família e tinha um belo dote. Uma mulher como aquela poderia abrir portas para um homem que as encontraria, firmemente, fechadas, agora. O homem que

assombrava os sonhos de Matilda não ganharia nada por associação com ela. Já havia diminuído qualquer valor que ela pudesse ter e, mesmo assim, esse valor nunca teria sido grande o suficiente, para ele considerar um casamento.

Homens como ele não se casavam, *simplesmente*, e por certo não para agradar a si mesmos, muito menos por amor, ou, raramente, talvez. Era um empreendimento de negócios, a união de duas grandes famílias, para produzir uma entidade mais rica e poderosa do que antes.

Homens como ele.

Zombou de si mesma, por nem mesmo ser capaz de se referir a ele pelo nome, quando pensou em seus sonhos, em todas as coisas impossíveis que queria.

O Mais Honrável Lucian Barrington, Marquês de Montagu.

Lucian.

Perguntou-se se alguém já o chamara assim. Parecia impossível. Ele *era* Montagu. Era o título, e ninguém, jamais, poderia esquecer. Exceto, talvez, a sobrinha dele. A Srta. Phoebe Barrington o chamava de tio Monty. Sorriu quando se lembrou de como aqueles traços frios haviam amolecido quando olhou para a garotinha. Parecia quase humano.

— Uma moeda por seus pensamentos?

Matilda riu um pouco, quando Minerva chamou sua atenção de volta para ela — Eu não tenho certeza se eles valem tanto assim.

— Estava pensando nele.

Matilda olhou para Minerva e desejou poder negar. — Bem, não é uma coisa difícil de adivinhar. Penso nele mais do que deveria. Pensar nele não é nada bom para mim! — acrescentou, com um pouco de calor.

— Não importa, não é?

Matilda balançou a cabeça. Ficaram um pouco para trás de suas amigas, Prue, Bonnie e as outras conversando, alegremente, um pouco mais à frente, enquanto desciam a Bond Street.



Matilda sorriu, rezando para que Minerva tivesse tudo o que sonhava. Afinal, sempre foi seu objetivo ver todas as suas amigas casadas, todas as suas dez filhotas com seus próprios ninhos. Ela disse a si mesma que seria o suficiente, que encontraria sua felicidade através delas. Seria uma tia para todos os bebês, a adorável tia solteirona, que sempre teria um docinho

escondido no bolso e cheiraria, vagamente, a hortelã-pimenta. Sua garganta doía com o esforço de não gritar.

Não era justo.

Por que não poderia ter o que queria, pelo menos por um tempo? Montagu a queria, muito e ela da mesma forma, o desejava. Poderia ser a sua amante. Talvez pudesse manter isso em segredo, como Minerva estava fazendo, e isso não a arruinaria completamente. Talvez depois de...

Talvez depois do quê? Fingiria que nunca aconteceu e se casaria com o Sr. Burton? Seu estômago revirou com a ideia. Isso era algo que nunca poderia fazer. Uma coisa era se casar com o Sr. Burton, porque sentia que não tinha outra escolha, fingir prazer em sua companhia, que realmente não sentia, mas vir da cama do amante para a dele... Não. Tinha que escolher, e estava fazendo a escolha certa. A escolha sensata.

Minerva pode ter uma chance de felicidade. Uma chance pequena, mas a possibilidade estava lá. Não havia essa chance para Matilda, sabia disso. Montagu nunca se casaria com ela. Mesmo que, por algum milagre, ele quisesse, não poderia, e ela não tinha ilusões a esse respeito. A possibilidade de o marquês se casar com mercadoria estragada era ridícula. Haveria um escândalo muito grande, sua linhagem intocada contaminada, e toda a *ton* não sabia o quão sério sua família sempre levou isso? O mundo sabia que a família Barrington havia sido implacável por gerações, e o marquês atual era o culminar daquela escalada implacável pelo poder. Uma linhagem, riqueza e poder impecáveis. Eles disseram que até Prinny o temia, por causa dos segredos que conhecia, o poder que tinha sobre algumas das maiores famílias da *ton*.

Matilda sabia, mais do que sua parcela justa de tragédia que havia passado a sua família, deixando-lhe o último de sua linhagem. Ele teria que se casar em breve e garantir essa linhagem ilustre, produzindo um herdeiro. Quando considerasse suas futuras noivas, Matilda não estaria entre elas. Já estava muito velha, os seus melhores anos férteis estavam passando, sem mencionar que não era adequada. Só serviria para aquecer a cama dele.

Nada mais.



Parou em frente a uma vitrine para admirar um tecido de escumilha, branco e transparente. Uma amostra bordada com lantejoulas e fios dourados estava lindamente exibida ao lado, e Matilda imaginou como um

vestido de baile ficaria, puro e etéreo com aquele bordado brilhante sobre a batinha e o corpete.

Foi coberta por uma sombra que bloqueou o pouco sol, que havia lutado por entre as nuvens cinzentas, e Matilda olhou para cima, nada surpresa ao ver Montagu refletido no vidro da vitrine. Por um momento, se perguntou se, finalmente, havia perdido a cabeça e o estava imaginando, mas não. Como um agouro, costumava aparecer sempre que seus pensamentos estavam nele. Para ser justa, supôs que ele teria tido dificuldade em aparecer quando seus pensamentos não estavam nele. Como isso era deprimente.

Estava parado atrás dela, não muito perto, mas, qualquer lugar no mesmo ambiente, era perto demais para sua sanidade e bom senso com esse homem.

— É bem requintado. Adoraria vê-la usando. — disse ele — Eu compraria para a senhorita, se me permitisse.— sua voz era baixa, íntima e, embora estivesse olhando para o reflexo dele, era possível ver o desejo de fazê-lo refletido em seus olhos. Devia irritá-lo, imensamente, que ela não fosse algo que pudesse, simplesmente, comprar da mesma maneira.

— Eu posso comprá-lo para mim, agradeço. Dinheiro não é algo que me falte, como tenho certeza de que o senhor bem sabe.

Disse aquilo para chocá-lo, mas ele não pareceu, remotamente, enojado por um comportamento nada feminino. Era chocante falar de dinheiro na frente dele, mas Montagu parecia estar se divertindo.

— Como estamos vulgares hoje. — ele observou, os lábios se contraindo um pouco, o que só a irritava mais.

Por quê? Por que ela o queria tanto? Por que só quando estava lutando com ele assim é que se sentia viva?

— Bem, não há dúvida de que é isso que o senhor deveria esperar de uma mulher, que serve apenas para ser sua amante. A vulgaridade não vem com a posição?

A frustração com sua própria idiotice tornou as palavras mais difíceis e feias do que ela pretendia, mas era tarde demais para se arrepender.

Ele franziu a testa e ela se afastou da frente da loja, para olhá-lo, encontrando uma expressão perturbada em seus olhos — É a senhorita quem vê vulgaridade onde não há nenhuma. Eu trato minhas amantes com o maior respeito. Isso não faz da senhorita menos que uma dama para mim.

— Menos que uma dama? — ficou boquiaberta, espantada. Tendo em mente a maneira como ele a arruinou, ao ficar sozinho no mesmo ambiente que ela, aquilo parecia uma declaração ultrajante — O senhor é inacreditável. — disse, perdida por qualquer coisa mais abrangente. Seus nervos estavam à flor da pele, suas emoções muito comprometidas — E, pelo que entendi, todas as suas amantes são damas casadas. A sociedade dá a essas mulheres uma margem de manobra maior. Eu lhe asseguro, uma vez que o senhor se canse de mim e me deixe de lado, e o seu nome não me proteger mais, as pessoas me considerarão vulgar ao extremo. A menos que encontre outro protetor adequado. Suponho que isso seja uma opção, durante os anos em que a natureza for gentil com meu rosto, mantendo-me segura.

Sua expressão escureceu — Eu já lhe disse, a senhorita não precisa temer o futuro. Será mais rica do que qualquer coisa que tenha agora. Eu garantiria seu conforto.

— Por que o senhor não está se esforçando tanto para encontrar uma esposa? — exigiu, o coração batendo forte agora, enquanto lutava para se manter calma, sua voz suave, com medo de fazer um espetáculo público de si mesma.

— Esse é o meu dever com o título. Não tenho muito o que fazer sobre o assunto. Suas palavras eram frias e duras, ela não conseguia ler nada em seu rosto, mas cada centímetro dele era rígido de tensão. Sem dúvida, Matilda não tinha o direito de falar de sua futura esposa e ele estava enojado de que fizesse tal referência, a quem quer que fosse.

Matilda fez um som de desgosto, esperando que fosse feroz o suficiente para encobrir o fato de que estava perto de chorar, quando se afastou dele. Para seu horror, Montagu agarrou seu braço. Ela ofegou, olhando ao redor, para ver se alguém tinha visto. Solto-a, imediatamente, parecendo um pouco chocado por ter feito tal coisa em público.

— Me casarei apenas pelo título. Não por escolha, mas há algumas coisas que eu *posso* escolher para mim, e não estaria tão certo de que me entediaria de sua pessoa, Srta. Hunt. Ninguém nunca... — Sua mandíbula cerrou e as palavras foram cortadas — A senhorita não é como as outras.

Ela riu disso, ouvindo a ruptura no som e cerrando os punhos, desejando manter a calma — Sim, porque nenhuma outra lhe disse *não*. No momento em que eu ceder, me torno o mesmo que elas.

Ele abriu a boca, mas não conseguiu responder.

— Lorde Montagu.

Ambos se viraram, quando Minerva se dirigiu a ele e Matilda, só podia agradecer a coragem da jovem, enquanto o descontentamento de Montagu com a interrupção o queimava, seus olhos prateados glaciais de aborrecimento.

— Que bom vê-lo. — continuou Minerva, ignorando sua recepção frígida — O senhor estava praticando esgrima no Angelo's? — Minerva pegou o braço de Matilda, puxando um pouco, gesticulando sutilmente para o grupo elegante de mulheres que estava vindo em sua direção, seus olhares ávidos fixos em Lorde Montagu e Matilda.

Montagu seguiu o olhar de Minerva e encarou um pouco, mas sua atitude para com Minerva estava muito mais calma quando ele falou novamente.

— Eu estava, Srta. Butler. Eu visito duas vezes por semana, pelo menos.

— E o Jackson's?

Matilda olhou para Minerva divertida, imaginando sua coragem em interrogar o homem tão de perto. Com pesar, ela percebeu que queria saber a resposta. Homens despojavam-se para praticar boxe, não era?

— Acho o boxe deselegante e brutal. — respondeu o marquês, e Matilda ficou surpresa, ao descobrir um leve sorriso naquela boca perversa — Não é meu passatempo preferido. Posso ter a honra de acompanhá-las ao seu próximo compromisso?

Ofereceu seu braço, primeiramente, à Minerva. Ela assentiu e colocou a mão na manga dele.

— Senhorita Hunt?

Matilda suspirou, não querendo tocá-lo, ou querendo demais, mas tinha pouca escolha, pois todas estavam sob escrutínio.

— Obrigada, milorde. O senhor é muito gentil. — respondeu, incapaz de manter o sarcasmo longe de sua voz.

Apreensivamente, pegou o braço dele, desejando que as luvas não fossem tão finas, e o casaco dele não fosse tão bem ajustado. O músculo sob seus dedos era duro e bem definido e, querendo ou não, o marquês não parecia ser um homem que evitava o esforço físico. A consciência daquilo queimou através dela que manteve o rosto afastado do dele.

Caminharam até onde as outras amigas estavam paradas, diante de uma alfaiataria, e seus rostos eram inestimáveis quando viram Montagu, escoltando-as pela Bond Street.

— Eu acredito que é aqui que eu me retiro. — disse, depois de acenar educadamente as outras, em resposta às suas reverências.

Todas, exceto Prue, é claro, que o superava em posição e o olhava com aversão aparente.

— Sua Graça. — disse, como demonstração de cortesia, antes de se virar e deixá-las sozinhas.

Prue olhou para as costas dele, antes de pegar os braços de Matilda.

— Aquele homem. — murmurou, dando a Matilda um olhar de soslaio.

Apesar de tudo, Matilda não pôde deixar de rir.

— Sim. — disse, com um suspiro pesado — Aquele homem.



Senhorita Hunt,

Acredite quando digo que não há necessidade de me punir por esta carta. Sei muito bem que não deveria escrevê-la. Sei que se deliciará em me dizer o quanto ficou furiosa em recebê-la, mas ainda espero que haja uma pequena parte da senhorita que a acolha.

Ainda estou enfeitiçado. A senhorita não aceita meus presentes nem meus avanços e, no entanto, sei que meu toque não a repulsou, no momento em que nos encontramos presos, atrás daquela cortina. De todas as situações ridículas para encontrar-nos, essa foi digna de ser reproduzida nos palcos, e teria sido, se tivéssemos sido descobertos, Deus nos livre! Ainda não consigo pensar

naquela noite, sem uma mistura de diversão, indignação e tanto desejo, que temo enlouquecer.

Preciso vê-la.

Estarei na Instituição Britânica amanhã à tarde. Talvez a senhorita possa fazer a gentileza de me satisfazer. Não espero que mude de ideia. Eu apenas quero estar na sua companhia, nem que seja por um curto período de tempo.

M.

— Carta do Muito Honorável, Lucian Barrington, o Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



24 DE JANEIRO DE 1815. SOUTH AUDLEY STREET, LONDRES.

— Uma carta? Alguma boa novidade?

Matilda deu um pulo, amassando a carta atrás das costas e desejando poder conter o rubor que subia às bochechas. Virou-se para encarar o fogo, enquanto Jemima entrava na sala, com Helena a reboque.

— Não, na verdade não. — disse, deslizando-a no bolso do vestido — A que devemos o prazer, Helena?

Helena fez uma careta e balançou a cabeça — Estou me escondendo de Robert e Prue.

— Oh, não. O que você aprontou?

Houve um bufo indignado quando Helena se sentou — Por que imagina que eu fiz alguma coisa?

— Porque nós a conhecemos. — disse Jemima com um sorriso plácido.

Helena olhou para ela e depois deu de ombros — Eu não posso argumentar contra isso, suponho, e em parte é minha culpa. Mas, lhe pergunto, como se sairia contra a determinação de Minerva Butler de se arruinar por aquele homem miserável?

— O que aconteceu? — Matilda e Jemima perguntaram em uníssono, sentando-se uma de cada lado dela.

— Prue descobriu que Min passou o dia inteiro com o Sr. de Beauvoir, ontem, e está furiosa. Não só porque a idiota foi lá sozinha, em plena luz do dia, de novo, mas porque eu a ajudei a ir, sem ninguém notar. Robert não

sabe por que Prue está furiosa, só que está e que a culpa é minha e de Minerva, então está bravo conosco, por perturbá-la em sua *condição delicada*. Honestamente, já vi militares menos delicados que Prue de mau humor. Ela é assustadora.



Matilda olhou ao redor da grande construção, que era a Galeria de Pintura do Pall Mall, ou Instituição Britânica, e tentou manter sua atenção nas pinturas. Jemima e Helena vagaram à sua frente, conversando baixinho, mas animadas, enquanto examinavam as pinturas. Matilda olhou para a variedade de pinturas, penduradas no alto, lado a lado e em cima uma da outra, até que seu olhar pousou em um de Thomas Lawrence, a quem muito admirava. Ela considerou encomendar um retrato de seu irmão e Alice com o primeiro filho, quando ele ou ela chegasse, pois achou que seria um presente adorável para eles. Este retrato era de um hussardo bastante arrojado, sua espada pendurada sobre o ombro direito, em uma pose indiferente, toda a trança dourada em seu uniforme brilhando e o pelo em sua capa tão real, que ela imaginou que poderia estender a mão e senti-la macia ao toque.

Matilda levou um susto quando algo igualmente macio roçou sua mão e olhou para baixo, surpresa, ao descobrir que havia sido agarrada por uma garotinha, que a olhava radiante.

— Ora, Srta. Barrington, que bom vê-la. — exclamou Matilda, tão encantada em ver a adorável criança, que percebeu como estava arrasada pela maneira como seu coração saltou em seu peito, como um coelho enlouquecido.

Se a Srta. Barrington estava aqui, o tio Monty também estava.

A criança sorriu para ela, seus cachos loiros emoldurando o rosto angelical e os olhos azuis, que lembravam Matilda, com tanta força, de seu parente mais próximo. Perguntou-se o quão bonito Montagu tinha sido quando criança.

— Boa tarde, Srta. Hunt.

Matilda se forçou a permanecer calma quando se virou para olhar para Lorde Montagu, fazendo-lhe uma reverência. Como sempre, estava impecavelmente vestido, com um casaco azul escuro e uma gravata branca nevada, o pino de diamante grande e único de sempre, brilhando entre as dobras imaculadas. Segurava uma bengala prateada em uma mão enluvada. Não havia nenhuma indicação em seus olhos da necessidade desesperada de

vê-la, da qual havia escrito, ou do desejo, que o fazia temer que tivesse enlouquecido. Estava tão composto quanto preciso, como sempre estava. Sem dúvida, era tudo um jogo para ele, não sentia nada. Era certamente fácil de acreditar.

— A senhorita gostou das pinturas, Srta. Hunt? — Phoebe perguntou, olhando para ela — Eu gostei mais do cavalo, venha ver.

Puxou a mão de Matilda, e esta não conseguiu recusar.

— É um Stubbs — disse Montagu, dando-lhe um olhar de soslaio — Whistlejacket. Está bastante impressionada com isso.

Matilda sorriu e assentiu, imaginando o que, diabos, estava fazendo. — As crianças, geralmente, são permitidas nas galerias? — perguntou com a voz baixa.

— Algumas crianças. — respondeu Montagu, com uma peculiaridade de seus lábios.

Matilda riu. Claro.

— Obrigado por vir.

Olhou para ele, surpresa com seu tom suave, a sinceridade em sua voz.

— Difícilmente, preciso lhe dizer que foi contra meu melhor julgamento.

— Difícilmente. — ele concordou.

— Olha, não é lindo? — Phoebe perguntou, apontando para a enorme pintura do garanhão castanho.

— Muito bonito, de fato. — Matilda concordou, enquanto a criança olhava para ele, um momento mais antes de se mover ao longo da galeria, para olhar para outra pintura, desta vez de um macaco.

— Phoebe parece bem feliz. — estudou o rosto de Montagu, antes que ele respondesse, paralisada pela mudança em sua expressão austera, enquanto olhava para a menina.

Ele poderia amar, então. Pelo menos, poderia amar essa garotinha.

— A senhorita acha?

Parecia ser uma pergunta genuína, com algo que soava como preocupação, e Matilda continuou a examiná-lo.

— Sim, eu acho. Por quê?

Ele ficou em silêncio por um momento, suas sobrancelhas loiras unidas — Muitas vezes é solitário para uma criança assim e eu... — deu uma risada, surpreendentemente, autodepreciativa — Eu não sou um especialista em pais.

Matilda tentou imaginar Montagu brincando com uma casa de boneca ou lendo histórias para dormir, e falhou, completamente, embora a ideia tenha feito algo dentro dela doer, com uma súbita sensação de vazio.

— Ela tem amigos para brincar?

Montagu hesitou antes de assentir e ela ficou impressionada com o quão diferente parecia hoje. Geralmente se esforçava para controlar a si mesmo e a conversa.

— Sim, mas...

Ele parou, e Matilda sentiu que não diria mais nada sobre o assunto, mas não conseguiu resistir em pressionar um pouco mais.

— Mas?

Olhou-a, franzindo a testa — Sou superprotetor demais. As crianças podem ser cruéis e, da última vez que tivemos alguns convidados mais jovens, houve uma briga. Ela ficou chateada. Estive bastante preocupado que o incidente se repetisse.

— Isso é natural, suponho. — disse Matilda com cuidado, ciente da exclusividade deste momento de franqueza e de não querer fazer ou dizer nada para terminar com isso. Sabia que Phoebe era sua única parente viva, sua família tendo sido tocada por muitas tragédias — Mas as crianças brigam o tempo todo e são melhores amigos em outros momentos.

Ele assentiu, parecendo não convencido.

— Eu me preocupo com ela. — disse, um olhar sombrio, que Matilda não entendeu, nublando seus olhos.

— Phoebe é sua única família. É claro que se preocupa com ela. O senhor é um tio dedicado e quer fazer o que é melhor para ela, isso lhe dá crédito.

Ele olhou para ela e balançou a cabeça, um sorriso sem humor curvou o lábio. — Como a senhorita pode dizer uma coisa dessas?

— O que? — Matilda perguntou, perplexa com a amargura de seu tom.

— Nem sempre lhe fui gentil, Srta. Hunt, e sei que, o que quer que seja isso entre nós, acontece contra sua vontade, seu julgamento, suas esperanças para o futuro. No entanto, a senhorita é sempre gentil. Justa. Tem um coração generoso. Não mereço sua compreensão, e ainda assim eu a quero, muito.

Matilda olhou para ele, espantada, e sabia que estava em grave perigo. O pânico aumentou em uma varredura de cores, quando reconheceu o sentimento em seu coração, pelo que era. Precisava escapar.

— Vou me casar com o Sr. Burton — as palavras escaparam, antes mesmo que as registrasse, forçadas a sair, em confusão, enquanto a intensidade de suas emoções a impelia a fazer ou dizer algo muito, muito tolo, de fato.

Montagu paralisou. Era apenas sua imaginação que a fez acreditar que ele empalideceu? A cor deixou seu rosto tão rapidamente, que não tinha certeza de não ser um truque de luz. O dia estava escuro e cinzento, a luz do dia na galeria não era tão brilhante quanto se esperaria para ver pinturas, mas, certamente, Montagu parecia pálido, não parecia? Isso realmente importava para ele? Se afastou dela e de seu escrutínio.

— A senhorita não dá a mínima para o Sr. Burton. — disse e, embora as palavras fossem ditas muito baixo, ela podia ouvir sua raiva.

— Ele é um homem decente. — retrucou, descobrindo que mal conseguia respirar.

Montagu soltou um som áspero — Ele irá sufocá-la e acabar com tudo o que a faz ser vibrante e viva. A senhorita deve ser a esposa modelo para um homem assim, perfeita em todos os sentidos, e que os céus a ajude, se disser ou fizer qualquer coisa com a qual ele não concorde.

Matilda lutou contra um pouco de desconforto, lembrando-se da desaprovação óbvia do Sr. Burton, quando ajudou Harriet e Bonnie. Provaram que Lady Frances havia tentado fregar o noivo de Kitty para se casar com ela, e o Sr. Burton não ficou feliz com isso. Pensou em todas as vezes que ele deixou claro seu desagrado, quando dançava com qualquer homem além dele. Era natural, disse a si mesma; estava protegendo-a. No entanto, havia vislumbres de algo possessivo, que a *deixara* desconfortável.

— Obviamente que o senhor diria isso. — retrucou mesmo assim, irritada por ele minar sua decisão com tanta facilidade — E suponho que com o senhor seria diferente, ah, mas eu esqueci, eu nunca seria sua esposa, então, não é a mesma coisa.

— Comigo a senhorita seria livre! — Montagu se virou, os olhos cinzentos brilhando com tanta fúria, que Matilda respirou fundo, mas Phoebe veio correndo e ele fechou a boca, forçando um sorriso no rosto para sua sobrinha.

— A senhorita já decidiu se o macaco está comendo laranjas ou pêssegos? — perguntou, parecendo bastante calmo e no controle de si mesmo.

— Sim, definitivamente, pêssegos. — disse, sorrindo para ele e mostrando um conjunto perfeito de covinhas.

Ridiculamente, Matilda se perguntou se os herdara de seu tio. Se ele tivesse, Montagu nunca sorrira com um prazer tão desenfreado, a ponto de torná-las visíveis.

— Estou feliz por termos esclarecido esse mistério, Bee.

Matilda sentiu sua garganta apertar com a ternura em sua voz, quando Montagu tocou uma mão na bochecha da garota. Ele se virou abruptamente, caminhando para o outro lado da galeria, deixando-as sozinhas.

Phoebe o observou, uma pequena carranca entre as sobrancelhas pálidas, a expressão tal eco de Montagu, que a respiração de Matilda ficou presa.

— Qual é o problema? — Phoebe perguntou, olhando para ela.

O coração de Matilda apertou, surpresa que a criança tenha percebido o humor de seu tio com tanta facilidade.

— Não há nada de errado, minha querida. — disse Matilda, agachando-se para a garotinha, que ainda estava observando seu tio.

Ele estava olhando para uma pintura, embora ela duvidasse que a estivesse realmente vendo. Cada centímetro nobre, frio e intocável, lembrou-se. Estava longe do alcance dela. Phoebe olhou incerta para Matilda e depois de volta para Montagu.

— Tem certeza? — perguntou, pegando a mão de Matilda e olhando de volta para o tio — Ele... — a garotinha baixou a voz e olhou em volta, para verificar que ninguém estava perto, antes de falar, novamente — Ele fica triste às vezes, embora eu não deva contar a ninguém. Mas a senhorita não vai dizer nada, não é? A senhorita é amiga dele. — hesitou, dando a Matilda um olhar estranhamente penetrante — Ele não tem outros amigos, vê. Não fica à vontade com a maioria das pessoas, mas acho que gosta da senhorita. É amiga dele, não é, Srta. Hunt?

Matilda engoliu em seco — Eu... bem... sim. Sim, suponho que somos amigos, e é claro que não vou contar a ninguém, nunca, mas..., mas o que você quer dizer? Todos ficam tristes às vezes, Phoebe.

Phoebe balançou a cabeça — Não como ele. Não gosto quando está triste. Ele se esforça muito para fingir que não está, mas eu sempre posso dizer por que se esforça *demais*. Seus olhos não parecem os mesmos. É como se não estivesse realmente lá, como se tivesse ido para outro lugar.

Matilda olhou para Montagu, querendo afastar o desejo de ir até ele, tentando esmagar os sentimentos que dissera a Helena que queria

experimental e agora desejava nunca ter esperado.

— Se sente sozinho?

— Não me falta companhia.

Sentiu isso nele antes, algo intocável e desolado, mas não respondeu à pergunta e, quando ela pressionava, evitava completamente.

Há algumas coisas que eu posso escolher para mim.

Ele a escolheu.

A senhorita não é como as outras.

Matilda ergueu os olhos quando Montagu voltou até elas. Seu rosto, uma máscara de indiferença, fechado.

— Phoebe, vá e verifique o macaco novamente. Acho que talvez possam ser laranjas, afinal.

— Mas tio...

Montagu ergueu uma sobrancelha apenas uma fração e Phoebe respirou fundo.

— Sim, tio. — afastou-se, retornando, obedientemente, à pintura.

Matilda esperou enquanto Montagu a observava partir.

— A senhorita já aceitou a oferta dele? — não havia emoção na pergunta, poderia muito bem ter perguntado se ela achava que choveria novamente.

Matilda olhou para ele, tentando encontrar uma rachadura na máscara, alguma pista do que Phoebe queria dizer, sobre ele estar triste.

— Não. — disse, quando sua expressão permaneceu indiferente — Ele ainda não me pediu, mas vai pedir.

Montagu assentiu.

— Obrigado por ter vindo hoje — disse, bem-educado. — Espero que a senhorita aproveite o resto da exposição.

Matilda observou, um pouco surpresa, enquanto lhe dava um aceno educado e se afastava, recolhendo Phoebe, antes de deixar a galeria. Ela soltou um suspiro instável, seus pensamentos estavam todos confusos, sua garganta apertada de ansiedade e arrependimento. Bem, era isso, então. Estava a salvo de Montagu, exatamente como esperava. Ele a deixaria agora, certamente?

Ela caminhou para ficar perto da janela, descobrindo que dava para a frente da galeria. Olhando para baixo, viu Montagu emergir, alguns minutos depois, segurando a mão de Phoebe, enquanto sua carruagem se aproximava. Pararam, esperando, enquanto um lacaios abria a porta e

abaixava o degrau. Phoebe olhou para o tio, em silêncio, e então cobriu a mão que segurava a dela. Ambas as minúsculas mãos de luvas brancas seguraram a maior de Montagu, em um gesto tão terno de conforto, que os olhos de Matilda arderam.



Sr. Glover,

Li com grande interesse o relatório. Quero comparações com outras fábricas do país, para descobrir se os padrões de segurança são tão ruins quanto parecem ser, nas duas que investigou. Também quero os nomes de todos os feridos. Peço-lhe que continue suas investigações nas fábricas localizadas em Derbyshire, com toda pressa, e me devolva suas descobertas sem demora. Suspeito que descobrirá mais do mesmo. Disponibilizei fundos, caso precise empregar mais homens e cobrir mais despesas. A velocidade é essencial, independentemente dos custos envolvidos. As informações pessoais que solicitei também continuam a ser uma prioridade.

Espero ter notícias suas, em menos de uma semana.

— Trecho de uma carta do Muito Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu para o Sr. Richard Glover.



Meu Lorde Marquês,

Confirmam-se os nossos receios. Só em um moinho, seis mortos, nos últimos quatro anos, e mais de sessenta mutilados no mesmo período. Os supervisores são brutais e os acidentes resultam de cintos, eixos e volantes descobertos. A atmosfera é pungente, uma mistura de óleo de máquina e poeira espessa, que está sempre irritando a garganta, nariz e olhos. Os adultos suportam essa situação lamentável, mas as crianças neste lugar são as mais lamentáveis que eu já vi. Pálidas, nervosas e lentas, seus sofrimentos estão escritos em seus rostos. O pior de todos são os catadores de mulas. Essas criaturinhas miseráveis são enviadas para recuperar o algodão desperdiçado no chão, sob uma mula giratória. A criança mais nova que vi tinha quatro anos de idade, na verdade, nenhuma tinha mais de oito anos, pois seriam grandes demais para caber no espaço pequeno. Eles estão trabalhando até dezesseis horas por dia e são espancadas se adormecerem.

Meu senhor, se há inferno na terra, então, acredito que o encontramos. Algo precisa ser feito.

—Trecho de uma carta do Sr. Richard Glover para o Mais Honrável Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



4 DE FEVEREIRO DE 1815. BEVERWYCK, LONDRES.

Matilda deixou o livro de lado e respirou fundo. Era um dia monótono, a chuva caindo forte e não havia sinal de parar. Era improvável que recebesse qualquer visita hoje, para aliviar o tédio e manter sua mente ocupada. Determinada a não se permitir cair em um ataque de desgosto, foi para a escrivaninha. Recebeu uma carta de Aashini naquela manhã, confirmando

que viria e ficaria com Matilda durante o fim de semana, e isso, certamente, era algo pelo qual esperar. Foi tão adorável conversar com a amiga no casamento, ainda mais para ver como estava feliz. Enquanto isso, iria se contentar em escrever uma resposta, antes de ler a edição de janeiro da La Belle Assembly. Talvez uma roupa nova a animasse, e sempre havia lindas ilustrações dos últimos estilos para suspirar. Isso, certamente, a manteria ocupada.

Tinha acabado de se acomodar diante de uma folha de papel limpa, quando houve uma batida na porta e seu mordomo, Baines, apareceu.

— O Marquês de Montagu para vê-la, Srta. Hunt.

Matilda deu um pulo, levantando-se tão rapidamente que quase virou a cadeira.

— M-Montagu? — gaguejou com a voz fraca, uma mão indo para a garganta, onde seu coração parecia ter se alojado e começado a bater em um ritmo ridículo. Nunca sonhou que a visitaria em sua casa e vê-lo aqui, na sua sala de visita, era tão extraordinário, que foi, imediatamente, banhada por uma enxurrada de nervos.

Não havia engano, porém, quando ele entrou na sala, imaculado e friamente lindo, como sempre. Fez uma reverência quando ele entrou, pelo menos tendo presença de espírito suficiente para atender às formalidades. Ele olhou em seu entorno e viu que estava sozinha e franziu a testa.

— A senhorita não tem uma criada que possa se sentar conosco, por uma questão de decoro?

Matilda deu uma risada assustada. — É o dia de folga dela, e o senhor me perguntar isso...

Ele se virou, falando ao mordomo, que acabara de sair da sala. — Aguarde do lado de fora da porta. Não vou demorar muito.

Matilda ouviu o murmúrio de acordo de Baines e Montagu entrou, deixando a porta entreaberta.

— Não vou prendê-la por muito tempo, Srta. Hunt, mas há algo que... Tenho notícias que devo compartilhar com a senhorita, que temo que achará angustiante, e por isso desejei contar, pessoalmente, antes que a senhorita leia sobre isso amanhã nos periódicos.

— Notícias? Que notícias? — Matilda perguntou, perplexa e alarmada com sua presença.

Levantou a mão e encontrou o encosto da cadeira, pois suas pernas pareciam um pouco trêmulas, mas, realmente, que notícias Montagu

poderia ter para compartilhar com ela, que acharia angustiante?

— Senhorita Hunt, eu...

Ele hesitou e, pela primeira vez, Matilda sentiu que estava inseguro. Isso estava tão, completamente, fora do caráter que não pôde deixar de notar.

— Senhorita Hunt, — começou novamente, e depois respirou fundo. — sei o que pensa de mim. A senhorita nunca hesitou em dar sua opinião, e não posso fingir que nada do que disse foi injusto. Não escondi meus desejos sobre você, e nada mudou a esse respeito. No entanto, rezo para que me ouça agora. Não importa se acredita em mim, prometo que *não* fiz isso para promover meus próprios fins. Já lhe disse uma vez que não minto, e não o farei agora. Não a culparia por pensar mal de mim, mas, agindo como agi, tinha apenas seus melhores interesses em mente.

Matilda olhou para ele, sem piscar e totalmente perdida — Perdoe-me, milorde, mas..., mas acredito que entendi mal, ou talvez esteja apenas agindo, tolamente, hoje, mas não tenho a menor ideia do que o senhor está falando.

Montagu assentiu e levantou a mão, que, ela agora via, carregava uma folha de jornal dobrada.

— Uma edição antecipada da história de amanhã. — disse, dando-lhe.

Ela a pegou, olhando cegamente para a manchete *Inferno na Terra*. Olhou para o texto, que falava sobre as terríveis condições em uma fábrica têxtil, em Derbyshire. Algo se agitou em sua mente, mas a presença do marquês a confundiu demais para pensar com clareza. Olhou para ele, ainda sem entender e aliviada quando falou novamente.

— Admito que foi por sua causa que procurei investigar o Sr. Burton. Tinha ouvido rumores, perturbadores o suficiente, para me preocupar com o tipo de homem que ele era. Sei que era do meu melhor interesse descobrir uma boa razão, pela qual a senhorita não deveria se casar com ele, mas juro que não... não percebi... — fez uma pausa e sua mandíbula ficou rígida — Eu não poderia permitir que a senhorita se casasse com o homem, sem saber a verdade de quem ele realmente é. Estou longe de ser um santo e sei disso, mas isso... isso é perversidade. — disse, gesticulando para o papel que ela segurava com a mão trêmula — Rezo para que a senhorita possa me perdoar por expor isso e acreditar que fiz isso para protegê-la, e aqueles que sofreram em condições tão vis.

Matilda olhou para ele e depois de volta para a manchete, examinando o texto, que falava de condições de trabalho horríveis, de mortes e ferimentos

e dos maus-tratos infligidos às crianças.

— Oh, meu Deus! — disse, sentando-se, pesadamente, na cadeira, olhando para a página, enquanto o texto borrava diante de seus olhos.

O jornal escorregou, de seus dedos para o chão, sem ao menos um farfalhar.

— Matilda.

Ela levantou o rosto, atordoada ao encontrar o marquês agachado diante dela, as mãos dele alcançando as dela e segurando-as forte. Foi notável ver aqueles olhos cinzas prateados e frios se enchendo de preocupação, de compaixão. Não tinha pensado que tal coisa fosse possível.

— Tem mais alguma coisa que eu possa fazer? Um copo de água? Permita-me chamar uma de suas amigas para vir até a senhorita.

Matilda olhou para ele, horrorizada e abalada demais para absorver, mal registrando que havia usado seu nome de batismo, e que ainda estava segurando suas mãos.

— Não. — disse com a voz fraca. Sentia-se instável, doente e enojada, queria que fosse embora, pois estava extremamente tentada a jogar os braços em volta do seu pescoço e soluçar com a terrível situação. Retirou as mãos das dele com dificuldade, cruzando os braços sobre o estômago, para que o desejo de se jogar aos cuidados dele não a superasse — Não. Estou perfeitamente bem. Obrigada... obrigada por...

Montagu pegou o jornal abandonado no chão e o colocou sobre a escrivaninha, ao lado da folha de papel em branco que ela havia pegado.

— Obrigada por expor... por aquelas pobres, pobres...

Sua voz quebrou e ela balançou a cabeça, pressionando a mão na boca e respirando fundo. O esforço para se estabilizar era enorme, mas tinha que se controlar. Não foi ela quem foi machucada. Sua pena deveria ser reservada para as almas miseráveis, que morreram ou foram mutiladas pela ganância e descuido de um homem rico. Foram eles que sofreram, que sofriam ainda. Quando falou novamente, estava mais calma.

— Gostaria que o senhor fosse embora agora.

Montagu olhou para ela por um bom momento e depois assentiu. Levantou-se e então pareceu incerto sobre o que fazer a seguir, relutando em deixá-la sozinha, depois de ser o portador de tal notícia — Se houver alguma coisa... alguma coisa que eu possa fazer?

— Acho que o senhor já fez o suficiente. — disse.

Não quis dizer aquilo como uma repreensão, longe disso, estava pensando apenas nas famílias, nas crianças forçadas a suportar tal miséria abjeta, mas ele se encolheu mesmo assim e seu pescoço estava rígido quando saiu. Uma parte dela queria chamá-lo de volta, para explicar que estava grata, que suas palavras não tinham sido a reprovação que pareciam, mas estava muito chocada, abalada até o âmago, e uma vez que ouviu a porta da frente se fechar, tudo o que podia fazer era chorar.

DORMINDO COM O BARÃO

LIVRO 9



Meu mais encarecido amigo,

Lamento a necessidade de lhe pedir esse favor, mas voltei da Índia por um tempo. Há coisas que não posso mais ignorar, coisas que deixei por fazer e devo corrigir. O tempo está passando, portanto, não posso mais adiar o que considero uma covardia minha para enfrentar a verdade. Como bem sabe, a relação entre mim e meu sobrinho não tem salvação apesar dos meus melhores esforços. Parte meu coração admitir que não há esperança para uma reconciliação, mas essa é a verdade. Tenho medo dele e do que pode fazer se descobrir sobre meu retorno à Inglaterra. Ele agora é um homem poderoso e implacável e eu seria um tolo em acreditar que tem algum sentimento carinhoso remanescente por seu velho tio. A rixa entre nós me entristece mais do que posso dizer, mas não me atrevo a fazer outra tentativa de reaproximação. Acredite em mim, não exagero quando digo que nosso último encontro me deixou temendo por minha própria vida.

Como invejo a proximidade do seu relacionamento com seu sobrinho, o duque, mas então Bedwin sempre foi um menino de bom coração e só se perdeu um tempo devido a uma mulher má e circunstâncias piores ainda. Temo que meu sobrinho esteja além da salvação. Sua crueldade e desprezo por todos aqueles que considera abaixo dele cresceu além de qualquer coisa que eu poderia ter previsto. Acredito que esteja totalmente corrompido e não há uma gota de compaixão dentro de seu coração perverso.

Sendo este o caso, preciso de um lugar para ficar durante a minha visita, um lugar onde possa estar a salvo de Montagu e entre amigos, espero poder apelar para a sua bondade e camaradagem entre nós, que sobreviveu a todos esses anos.

—Trecho de uma carta do Sr. Theodore Barrington para Charles Adolphus, Barão Fitzwalter.



26 DE JANEIRO DE 1815. BRIAR COTTAGE, VILA DE MITCHAM, SUSSEX.

A alegria óbvia de Minerva naquele dia ajudou muito a reanimar o ânimo de Jemima, além da maneira diplomática com que Solo manteve distância. De vez em quando sentia o olhar dele sobre ela e se virava, mas Solo sempre olhava para outro lugar. A cerimônia foi breve, o que foi bom para o pobre noivo atordoado, que tropeçou e gaguejou em suas palavras, para a exasperação do pobre clérigo, que estava tentando casar os dois. O Sr. de Beauvoir estava obviamente tão impressionado com sua boa sorte, que ninguém podia duvidar da sinceridade de seus sentimentos e havia muitas risadas e um pacto de olhares entre as damas. Matilda segurava um lenço encharcado em uma mão quando Jemima a cutucou e ofereceu-lhe um novo.

— Obrigada, — Matilda murmurou, dando uma fungada alta — sempre choro em casamentos. — disse ela, dando uma risadinha soluçante e segurando o braço de Jemima no dela.

Embora lamentasse se despedir das outras, foi um alívio sair com Matilda e desfrutar de uma noite confortável juntas. Jemima suspeitava que sua recusa em permitir que Matilda a visitasse havia machucado sua amiga e, agora que Minerva sabia a verdade, sentiu que devia uma explicação à Matilda. No entanto, quando chegou o momento, parecia muito mais difícil de fazer do que quando Minerva apareceu à sua porta.

Jemima sabia, como todas as Senhoritas Peculiares sabiam, que Matilda e o Marquês de Montagu estavam atraídos um pelo outro. Que Matilda o desejava estava claro para todo o mundo, embora nada se soubesse sobre seus sentimentos pelo nobre. O marquês queria que ela fosse sua amante e, apesar do que deveria ser uma terrível tentação, continuou a resistir às suas investidas. A amiga levantava a cabeça e rechaçava cada avanço, o que tornava mais difícil para Jemima admitir, pois havia capitulado, quando Matilda mantinha-se firme, fazendo-a se sentir um pouco envergonhada.

A vergonha se transformou em frustração, no entanto, enquanto olhava para a casa luxuosa e elegante na South Audley Street. Matilda tinha todas as vantagens, pois não queria dinheiro. Sim, sua reputação significava que sofria a indignidade de homens que acreditavam que poderiam comprá-la pelo preço certo, mas não precisava lutar contra a fome ou se preocupar se a noite seguinte seria a última com um teto sobre a cabeça.



Querida Aashini,

Acabei de receber as notícias mais terríveis e chocantes sobre o Sr. Burton. Estarão em todos os jornais de escândalos amanhã e só posso agradecer aos céus por ter escapado por pouco. Só que não é ao céu que devo agradecer por minha liberdade.

Sinto que o mundo virou de cabeça para baixo. Eu deveria acreditar que Montagu foi motivado por seu desejo de me ter para si. Seria o que qualquer pessoa sã

acreditaria. No entanto, acho que ele realmente agiu por preocupação com minha felicidade e depois não pôde ignorar o que descobriu quando o horror lhe foi revelado. Não sei se isso faz de mim a maior tola que já existiu.

Oh, minha amiga, quando ler sobre as condições encontradas nas fábricas do Sr. Burton, sobre o tratamento dado àquelas pobres crianças... e ele certamente sabia. Como posso voltar a confiar em meu próprio julgamento quando acreditei que esse era um bom homem, enquanto Montagu, frio e cruel, foi o salvador aqui. Não sei o que pensar. Montagu tomou para si a responsabilidade de levar ao conhecimento público o horror da vida dessas pessoas. Talvez até mesmo um homem mau possa agir para o bem, ou será que está fazendo um jogo mais profundo do que posso compreender? É possível que o mundo o tenha julgado mal? Ou será que eu ainda sou uma tola sem razão quando se trata de homens, e estou vendo o que desejo ver?

— Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para Aashini Anson, Viscondessa Cavendish.



Excelentíssimo Marquês,

A venda dos moinhos está confirmada e terei todo o prazer em não voltar a falar com o Sr. Burton. Embora não tenha ousado dizer isso claramente, insinuou que havia sido caluniado e enganado, os moleiros o enganaram com uma venda bem baixa. Desde que a notícia se espalhou, ninguém quer recebê-lo. Ele é cortado na rua e tratado

como um pária. Acredito que pretenda ir para o exterior e que o céu ajude os pobres coitados que caírem em seu caminho.

Tomei as providências que pediu e criei um fundo de caridade anônimo para aqueles que foram feridos e para as famílias daqueles que morreram. Os novos procedimentos que discutimos estão sendo implementados neste momento e os moinhos não reabrirão, até que tenhamos concluído uma inspeção de segurança. Nenhuma criança voltará a trabalhar nesses lugares. O aumento dos salários cobrirá qualquer perda de renda para famílias cujos filhos não terão mais o ganho.

Aguardo com expectativa a sua visita, para mostrar-lhe tudo o que fizemos em tão pouco tempo. Fizemos uma coisa boa e estou orgulhoso de ter feito parte disso.

— Trecho de uma carta do Sr. Richard Glover para o Mais Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



7 DE FEVEREIRO DE 1815. SOUTH AUDLEY STREET, LONDRES

— Sei que sou terrivelmente egoísta, mas gostaria que não tivesse de ir embora. — lamentou Matilda, pegando uma fatia de bolo de ameixa.

Aashini riu e pousou a xícara de chá — Foi uma visita adorável, mas ofereci para que viesse comigo. Por que não vem?

Matilda sorriu e balançou a cabeça — Já está sentindo falta de Silas, isso é óbvio e eu atrapalharia a reunião romântica, — disse ela rindo e esperando não parecer uma velha amarga — além disso, devo ficar com Nate e Alice. Eles estão me importunando há muito tempo, quero estar lá para o nascimento do bebê, embora ache que há cinco ou seis semanas para ir ainda. Será adorável ver os dois novamente, desde que não comecem a dar uma de casamenteiros.

— Achei que quisesse encontrar alguém? — Aashini perguntou, franzindo a testa um pouco, enquanto pegava uma fatia de pão fresco e a rasgava em pedaços — Por que se oporia?

Matilda deu de ombros e quebrou um canto do bolo, olhando para ele com uma carranca antes de depositá-lo sobre a mesa novamente.

— Eu... Eu não sei, é só que...

Era só que havia apenas um homem que queria. Não havia sentido em tentar negar isso por mais tempo. Como poderia tentar encontrar um marido quando sua mente estava cheia de pensamentos *nele*? Seria injusto para qualquer homem e para si mesma. O que isso significava? Montagu ainda era um enigma para ela. Por que ele interveio para expor o Sr. Burton? Por que ele era um homem de bom coração, alguém que se importava que as pessoas estivessem sendo maltratadas?

— É só porque um certo marquês é a única coisa em sua mente. — Aashini terminou por ela. Não havia condenação em seus olhos, nenhum julgamento, mas havia preocupação e tristeza também.

Matilda soltou um pequeno suspiro de riso — Sou a maior tola que existe.

— Nunca. — Aashini estendeu a mão e pegou a sua, apertando — O ama?

— Se o amo? — repetiu, uma dor desesperada se instalando em seu coração — Como posso amá-lo? Nem o conheço. É apenas desejo, suponho, embora pareça uma descrição lamentável do que ele me faz sentir.

As palavras pareciam bastante cáusticas e desafiadoras, mas uma pequena voz em sua cabeça gritava *mentirosa, mentirosa, mentirosa* e seu coração estava cheio de uma emoção, à qual se recusava a dar um nome. Ela não o conhecia realmente, embora quisesse muito, mas seu coração não parecia se importar. Seu coração já havia se decidido.

— Recebi uma carta do Sr. Burton. — disse ela, mudando de assunto, antes que Aashini pudesse questioná-la ainda mais.

— Não! — Aashini disse com espanto.

As páginas de escândalo estavam se vangloriando de sua queda, pois nunca gostaram de ver um homem que se fez sozinho ter sucesso. Isso tornou sua desgraça ainda pior aos olhos de Matilda. Quão duro as pessoas tinham que trabalhar quando não tinham nascido para ter privilégios, e o fato de esse homem ser exposto como um vilão tornava tudo muito mais difícil. A maldade com que tratava seus trabalhadores, que era pior do que aos animais, mostrou seu caráter vil e insensível, e ela não podia acreditar que havia se enganado tanto. Considerava-o um bom homem! Como seu julgamento tinha sido falho.

Estranhamente, a participação de Montagu em sua queda nunca foi mencionada, nem a identidade do misterioso benfeitor que havia comprado os moinhos para torná-los lugares seguros, prometendo criar uma escola para os filhos dos trabalhadores, embora Matilda tivesse uma forte suspeita de quem fosse. Este benfeitor anônimo também criou um fundo de caridade para os feridos e as famílias dos mortos.

Teria o marquês de coração frio e cruel sido tão mal julgado quanto o Sr. Burton?

— Ele diz que é tudo mentira. — disse ela, seu desprezo aparente — Aparentemente Montagu decidiu arruiná-lo porque me quer para si. Ele me culpa por ter brincado com seus sentimentos, enquanto tentava fisgar o marquês. Vou poupá-la dos nomes de que me chamou, mas foi muito desagradável.

A voz de Matilda tremeu um pouco enquanto tentava não se lembrar. Ela jogou a carta no fogo e não falou disso a mais ninguém, até agora.

— Oh, Matilda! — disse Aashini, colocando-se de pé e se movendo ao redor da mesa, para abraçar forte a amiga — Oh, minha querida. Eu sinto muito mesmo. Que homem grosseiro e nojento que ele é, mas até Silas foi enganado e isso não é fácil. Eles tinham alguns interesses comerciais em comum - não os moinhos, graças a Deus, mas ambos acreditávamos que ele fosse bom e honesto. Então veja, não foi a única que foi enganada. Agora precisa tirá-lo da sua cabeça, está me ouvindo? Não acredito que estou dizendo isso, mas... graças a Deus por Montagu. Eu mesma lhe agradecerei pessoalmente da próxima vez que o vir, isto é, se ele se dignar a notar minha existência. — acrescentou com um sorriso.

Apesar de tudo, Matilda riu e abraçou Aashini em troca — Temo que também deva. Tentei quando estive aqui, mas fiquei tão chocada e

angustiada, que suspeito que entendeu mal minha reação. Acho que acredita que esteja com raiva dele, o que é tão... tão... ridículo.

Sua voz quebrou quando lamentou por não ter mostrado adequadamente sua gratidão pelo que havia feito, fazendo-a se sentir estúpida e emocional.

— Tenho certeza de que ele entenderá. — disse Aashini calmamente — Foi um choque horrível e ele é um homem inteligente. Essa é a última coisa que precisa se preocupar.

Matilda assentiu, mas sabia em seu coração que a opinião do marquês era a única coisa que importava.



Excelentíssimo Marquês,

~~*Nunca saberei como retribuí-lo pelo que fez...*~~

~~*Eu o julguei tão mal...*~~

~~*Não consigo parar de pensar no senhor...*~~

***— Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para
O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de
Montagu, nunca concluída.***



Excelentíssimo Marquês,

Senti que devia escrever e agradecer-lhe tudo o que fez para expor as condições terríveis nos moinhos do Sr. Burton. Temo que, quando veio me trazer as terríveis notícias naquele dia, não tenha demonstrado meu apreço o suficiente. Minha única defesa é que estava tão

terrivelmente abalada, que mal sabia o que fazer com a notícia e nem como responder-lhe.

Por favor milorde, poderia me informar o que exatamente está acontecendo com os moinhos e todos aqueles que confiaram no trabalho que receberam? Soube que uma alma amável criou um fundo de caridade para ajudar os feridos e as famílias das pessoas mortas em circunstâncias tão terríveis. Ficaria grata se pudesse me dar mais informações, uma vez que gostaria de, no mínimo, contribuir com o fundo. Sinto-me de alguma forma responsável, pelo quê, não tenho certeza. Por não enxergar o verdadeiro Sr. Burton e o que ele fazia, ou por não saber as condições em que essas pessoas foram forçadas a trabalhar? Eu não sei responder, mas a culpa é muito pesada e ficaria feliz em contribuir.

Sinto que devo informá-lo que recebi uma carta do Sr. Burton. Confesso que sua linguagem vil foi perturbadora e desagradável. Culpa-me, em termos inequívocos, pelo que lhe aconteceu. Ele acredita – bem, não vou e nem devo repetir suas palavras, textualmente. Basta dizer que me responsabiliza por sua campanha para arruiná-lo. Pela minha parte, estou feliz por isso. Estou feliz por todas as pessoas que resgatou daquelas condições desumanas e agradeço, do fundo do meu coração.

– Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



NOITE DE 7 DE FEVEREIRO DE 1815. HILLCREST HOUSE, OXFORD, KENT.

Matilda sorriu e estendeu as mãos para Helena, que se apressou para aceitá-las.

— Que bom vê-la. — exclamou Helena, linda em um vestido de seda dourada com longas luvas brancas. Um colar de ouro e diamante circulava seu pescoço elegante, com pulseiras, brincos e grampos de cabelo correspondentes, que brilhavam entre seus cabelos sedosos.

— Céus, Helena, está deslumbrante. — elogiou Matilda, percebendo que Minerva tinha razão em se preocupar.

Helena sempre fora linda, mas se esforçou bastante esta noite e, o Sr. Knight não teria escolha, a não ser notá-la. Se fosse o libertino que Alice acreditava que era, poderia haver problemas.

Helena parecia satisfeita com o resultado, antes de olhar para Matilda, de cima a baixo — Bem, poderia dizer a mesma coisa, querida. Esse azul ficasse simplesmente arrebatador. Um homem poderia se afogar na cor dos seus olhos.

Matilda bufou e pegou o braço de Helena — Contanto que eu não tente o Sr. Knight a vir nadar, suponho. — disse ela, lançando um olhar de soslaio para a amiga.

Helena corou apenas um pouco, estreitando os olhos e depois suspirando — Os passarinhos têm conversado alegremente, presumo.

— Claro. — disse Matilda, apertando suavemente o braço de Helena — Nós nos preocupamos contigo. O homem tem uma reputação perversa.

Helena revirou os olhos — Não tem motivo para preocupação.

Matilda deve ter parecido cética, pois Helena riu — Não, quero dizer, realmente não há. O sujeito provocador nem sequer olha na minha direção.

De alguma forma, isso não acalmou a ansiedade de Matilda. Ninguém podia ignorar Helena, o que significava que o Sr. Knight devia estar se esforçando muito para fazer isso. Por quê?

— Venha. — chamou Helena — Deixe-me apresentá-la aos nossos convidados.

Helena se moveu facilmente entre os convidados e Matilda a seguiu. Ela conhecia algumas das pessoas aqui, incluindo o tio de Helena, o Barão Fitzwalter, que era encantador e a cumprimentou calorosamente.

— Que bom vê-la de novo, Srta. Hunt e linda como sempre. Theo, permita-me apresentá-lo. — chamou, virando-se para o cavalheiro que estava ao lado dele.

Ele tinha a mesma idade que o Barão, talvez sessenta e cinco anos, com um brilho alegre nos olhos - olhos que pareciam estranhamente familiares - e um rosto gentil. Virou-se para Matilda, com óbvio entusiasmo.

— Claro, certamente que sim. — disse ele, sorrindo para Fitzwalter.

— Senhor Theodore Brown, esta adorável criatura é a Srta. Matilda Hunt.

O Sr. Brown curvou-se profundamente, um gesto cortês que fez Matilda sorrir.

— Deixarei que os dois conversem. — disse o barão, dando ao Sr. Brown um olhar significativo, que Matilda não entendeu, e atraindo Helena com ele.

— Receio que o barão tenha dito uma mentira. — disse o Sr. Brown, com o olhar fixo em Matilda — Meu nome, na verdade, é Barrington, não Brown.

O coração de Matilda disparou quando percebeu quem ele deveria ser. Olhou para os olhos que eram um cinza mais escuro do que aqueles com os quais ela sonhava - e seu cabelo era branco puro, em vez de loiro branco - mas o Sr. Barrington não poderia ser nada além de um parente de Lucian Barrington, Marquês de Montagu. Então, por que o subterfúgio?

Ela acreditava que todos os homens Barringtons estivessem mortos, que apenas Montagu e sua sobrinha sobreviveram, então, quem era esse homem, por que deu um nome falso e depois o revelou e como a trataria, considerando o quão alto no escalão da sociedade a família sempre estivera?

— Ah! — disse ele, com um toque de tristeza — Vejo pelo seu olhar que fez a conexão.

— Não sei se fiz ou porque foi apresentado a mim como Sr. Brown, mas... mas o senhor é parente de Montagu?

— Tio dele, um enorme pecado de minha parte. — disse o homem e um ar de tristeza tomou conta dele como uma onda, quase palpável.

Matilda franziu a testa, querendo fazer uma dúzia de perguntas de uma vez, mas sabendo que não poderia expressar uma única delas, pois seria vulgar pressionar por informações. Oh, mas como queria saber mais. Seu

nome, no entanto... certamente, não poderia esperar que ela não perguntasse?

— Perdoe-me, Sr. Barrington, mas por que o senhor esconderia a conexão? Todos aqui acreditam que é o Sr. Brown?

— Venha dar uma volta pela sala comigo. — disse o Sr. Barrington, estendendo o braço para ela — Acredito que temos muito o que conversar.

Embora não pudesse imaginar sobre o que esse homem quisesse falar com ela, ou que tipo de jogo estava jogando, Matilda aceitou o seu braço, curiosa demais para recusar.

— Sei que meu sobrinho a tratou muito mal, Srta. Hunt. — disse ele, uma vez que estavam fora do alcance de qualquer um que pudesse ouvir.

Ela o olhou em choque, espantada que se referisse ao incidente em que Montagu a arruinara, em primeiro lugar, e sem palavras para o fato dele criticar abertamente seu sobrinho, o marquês.

Ele deu uma risada bastante amarga — Oh, sei quão desleal da minha parte é censurar o chefe da nossa antiga linhagem. — o rosto genial escureceu de repente — Sabe, não é surpreendente que não saiba da minha existência, Srta. Hunt. A sociedade acredita que estou morto. Na verdade, sei que Lucian preferiria que eu estivesse. Ele tentou o seu melhor.

Impressionada com essa revelação, Matilda não sabia como responder, então não disse nada, esperando pelo que viria a seguir, pois, com certeza, havia mais. Ela não ficou desapontada.

O Sr. Barrington se virou para ela, segurando seu olhar, sua expressão séria e cheia de arrependimento — Sinto muito pela forma como meu sobrinho a tratou, Srta. Hunt. Sinto muito, mas não estou surpreso. A verdade é que ele é mimado além da medida, mimado e de coração frio e cruel e é tudo culpa minha. Por mais que gostasse de negar, dizer que nasceu mau e que não tive nenhum dedo em sua corrupção, não posso fingir que seja verdade. Ele viu tanta tragédia em sua jovem vida, que o satisfiz, muito mais do que era prudente. Seu irmão mais novo também, até certo ponto, mas confesso que Lucian sempre foi meu favorito. — deu um sorriso melancólico e balançou a cabeça — Minha nossa, a senhorita deveria tê-lo visto quando era menino, tinha o rosto de um anjo. Era impossível acreditar que fosse capaz de cometer o menor erro ou que conseguiria recusar-lhe qualquer coisa e assim não o fiz e agora a senhorita sofre os resultados da minha tolice.

Mas Matilda não disse nada. Não tinha ideia do que falar. Apesar de suas palavras, sua expressão era aberta e gentil e ela não podia confundir a dor e o arrependimento em seus olhos ou a sinceridade. Se tivesse ouvido tais coisas sobre Montagu, há apenas algumas semanas atrás, não teria dificuldade em acreditar nelas, *teria* acreditado sim.

Agora, porém...

— Eu a choquei. — disse, e Matilda não o contradisse. Ele suspirou — Pelo que ouvi, a senhorita é uma jovem generosa e gentil e sei o que deve pensar, o quão pouco deve acreditar em mim. Mas a verdade é que tenho medo do meu sobrinho, do que ele é capaz. — fez uma pausa e olhou ao redor, como se verificasse se alguém estava prestando atenção a eles. Sua voz baixou para um sussurro e era impossível não ouvir a urgência e o medo por trás de suas palavras — Eu imploro, não mencione a ele que me viu aqui. Estou no país por pouco tempo, antes de voltar ao meu exílio, na Índia. Foi para lá que me enviou à força, devo acrescentar. Eu tremo ao pensar no que faria se descobrisse que voltei.

— Por que o senhor acreditaria que devo ter algum contato com ele? — Matilda perguntou, perturbada por toda essa conversa, enquanto sua opinião sobre Montagu era testada mais uma vez.

Seu rosto se suavizou. Seus olhos estavam cheios de compaixão e compreensão e era impossível não sentir simpatia por ele. Matilda levou um susto quando a mão dele cobriu a dela, num gesto tão íntimo para um estranho, que enrijeceu de surpresa.

— Meu sobrinho era um menino bonito e se tornou um homem também muito bonito. Belo, poderoso e rico. Uma combinação inebriante para qualquer jovem, não é mesmo, Srta. Hunt? Ele é o tipo de homem que pode fazer algo imperdoável e, em seguida, induzi-la a perdoá-lo. Acredite em mim, eu sei, mas é apenas um jogo para ele, um jogo doentio e distorcido. A senhorita não significa nada para ele, não mais do que eu, no final, pois se fez o seu melhor para acabar com um tio amado, que chance uma jovem com uma reputação duvidosa teria?

Matilda retirou a mão da dele, inquieta e abalada por aquela conversa.

— Perdoe-me, Srta. Hunt. — disse ele, angústia fazendo seus olhos cinzentos brilharem um pouco demais — Não era a minha intenção perturbá-la, mas não podia permitir que Lucian destruísse outra vida. Embora já tenha tentado, acredito. A senhorita não passa de seu último brinquedo e não é a primeira e nem será a última. Por que acha que se

esforçou tanto para esmagar seu Sr. Burton, sua única chance de ter uma vida respeitável?

Matilda sentiu as palavras como um golpe no estômago e precisou de todos os vestígios de vontade para manter o rosto impassível, pois uma onda de água gelada parecia cascadear sobre ela.

O Sr. Barrington assentiu com satisfação mesmo assim, depois de ver suas palavras serem rebatidas, apesar de seus esforços — Não posso fazer nada pela pobre Phoebe. Aquela pobre criança é mantida como uma prisioneira naquele vasto mausoléu, embora seja muito jovem para entender ou ir contra suas restrições, ainda. Mas ela irá, no entanto, e parte meu coração ser tão impotente, mas *posso* ajudá-la, alertá-la e jurei que faria isso, não importa o custo da minha própria segurança.

Matilda respirou fundo lutando para se acalmar.

— Pode me considerar alertada, Sr. Barrington. — disse ela, sua voz fria e um pouco instável — E não direi nada sobre tê-lo conhecido.

Barrington sorriu, um sorriso triste, que apenas destacava o cansaço em seus olhos cinzentos.

— Então fiz tudo o que pude.

Ele se curvou para ela e a deixou sozinha.



Excelentíssimo Marquês,

Lamento informar que o “item” que queria que localizássemos foi encontrado por meus homens ontem à noite, mas acabou escapando de nossas mãos. Pode confiar no fato de que eles foram severamente repreendidos. Dou minha palavra que farei tudo ao meu alcance para garantir que o item esteja em um barco para Nova Gales do Sul, o mais rápido possível. É, como pediu, uma prioridade. Embora tenha consciência de que não irá me agradecer por essa observação, descobri que está por trás da exposição das condições daqueles moinhos e o parabenizo por tudo o que fez. Nestas circunstâncias, fico muito feliz em atendê-lo e

certificar-me de que aquela criatura vil desapareça dessas áreas.

Correndo o risco de incorrer em sua ira, posso perguntar se pensou mais sobre o projeto ferroviário que mencionei? Pode parecer vulgar, mas prometo que será o empreendimento mais lucrativo que participará, se mudar de ideia.

— Trecho de uma carta do Sr. Gabriel Knight para o Mais Honrável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



Minha querida Srta. Hunt

Não vai acreditar como fiquei aliviado em receber sua carta. Temia ter arruinado qualquer chance de ganhar sua boa opinião com minhas ações. Sei bem como seria fácil perceber o que fiz ao Sr. Burton na perspectiva dele e sinto-me honrado pela sua crença em mim se é que consegue imaginar uma coisa tão improvável. Confesso que ninguém o conseguiu antes. Apenas a senhorita.

Eu incluo o endereço da fundação de caridade que me perguntou. É dirigida admiravelmente pelo Sr. Bernard Wheatcroft. Estou certo de que ele ficará feliz em recebê-la.

Não vou negar que fiquei feliz por ter arruinado as chances do Sr. Burton. Estou feliz por ter feito isso. Prometo que se o sujeito tiver a infelicidade de cruzar meu caminho vou fazê-lo pagar por ter abusado da senhorita dessa forma miserável, repugnante. Acredito que não ficaria surpresa em saber que não gostei do sujeito desde o início. Embora não possa fingir que meus sentimentos pessoais não tenham desempenhado um papel importante na minha animosidade, essa foi de longe a única razão. Meu único arrependimento é que lhe causei um momento de dor. Por isso, tenho arrependimentos, mas não mudaria o que fiz. Espero que possa me perdoar. Vi homens fazerem coisas perversas e horríveis durante minha vida, mas o que descobri naqueles moinhos me assombrará pelo resto dos meus dias.

Penso na senhorita mais do que deveria, Srta. Hunt. Eu a veria novamente, se me permitisse.

—Trecho de uma carta de O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



10 DE FEVEREIRO DE 1815. BRIAR COTTAGE, VILA DE MITCHAM, SUSSEX.

Matilda procurou um lenço para enxugar os olhos e depois assoou o nariz ruidosamente. Assim que se acalmou, olhou de volta para Jemima, seu olhar direto e sem piscar.

— Está realmente feliz?

Jemima assentiu — Estranho, não acha? Não posso deixar de pensar que o destino nos uniu. Ele é um homem tão bom, Matilda. Tão gentil e já

sofreu tanto. Não acredita que merece a felicidade e se isolou do mundo, mas a verdade é o oposto. Se alguém merece ser feliz é Solo.

Matilda se assustou — Solo? Não Solomon Weston? Lorde Rothborn?

Jemima assentiu.

— Deus do céu! — olhou para Jemima por um longo momento e depois sorriu — Bem, não esperava por isso. No entanto, sempre achei que foi muito maltratado. Que tal homem, um herói de guerra, deveria ser tratado assim por aquela mulher horrível. — Matilda balançou a cabeça — Nunca gostei dela.

— Conhece-a? — Jemima perguntou ansiosamente, percebendo que esperava que a amiga lhe dissesse o quão terrível era a mulher. Descobriu que não estava disposta a castigar-se por um comportamento nada cristão.

Para sua decepção, Matilda apenas deu de ombros — Bem pouco. Nate a conhecia melhor, acredito. Mas sei que abandonou Lorde Rothborn. Partiu seu coração, de acordo com todos.

Uma explosão de ciúmes surgiu em Jemima, tão feroz que a deixou sem fôlego e um pouco abalada.

— Ela fez mais do que isso. — disse, incapaz de manter a raiva longe de sua voz — Ela o sobrecarregou com a morte de seu irmão, culpou-o por algo que não teve culpa.

Ao olhar inquietante de Matilda, Jemima explicou a história e ficou satisfeita com o desgosto nos olhos de sua amiga.

— Que criatura sem coração ela deve ser. É gratificante saber que nem sempre sou uma péssima juíza de pessoas, pois achei seus traços cruéis.

Havia tanta amargura no tom de Matilda, que Jemima ficou surpresa.

— E quanto ao Sr. Burton, fomos todas enganadas, Tilda. Quantas de nós a encorajaram a se casar com ele?

Matilda olhou para baixo, puxando a borda de renda do lenço limpo que Jemima lhe dera — Não apenas ele.

Jemima suspirou — Montagu.

— Foi Montagu quem expôs o escândalo nos moinhos, Jemima. Ele os acolheu e os pôs em segurança, dando aos trabalhadores salários justos e fornecendo escola para as crianças. Estabeleceu uma instituição de caridade para sustentar os feridos e as famílias daqueles que morreram.

— Minha nossa! — Jemima teve que admitir que foi um choque. Nunca teria acreditado que o orgulhoso marquês estivesse ciente das classes mais

baixas, muito menos imaginaria que mexeria os dedos para ajudá-las — Ele fez tudo isso?

Um lampejo de dúvida nublou os olhos de Matilda — Sei que ele expôs o escândalo. Sei também que essas coisas *foram* feitas, embora anonimamente. Eu... Eu *acredito* que ele seja o responsável. — no entanto, havia um tremor de incerteza em sua voz.

— Matilda?

Pouco a pouco, Jemima persuadiu Matilda a contar o resto, a carta do Sr. Burton e suas acusações, o encontro com o tio de Montagu e a carta do marquês. Jemima poderia muito bem entender sua confusão. Era fácil acreditar em Montagu, o vilão da história, estava prestes a dizer a Matilda que deveria fugir dele, quando pensou em Solo. Solo havia se punido por anos por algo que não era sua culpa. E se os instintos de Matilda estivessem corretos e Montagu fosse um homem bom, sob uma fachada fria? Era difícil de acreditar, quase impossível, se Jemima fosse honesta, mas talvez Montagu merecesse uma chance de se explicar.

— O que vai fazer?

Matilda fez um som sufocado — Não faço ideia.

— Vai contar-lhe sobre o tio?

— Eu prometi que não contaria, embora me incomode manter isso em segredo. Jem, também não deve dizer uma palavra. Me prometa.

Jemima fez um som de desaprovação para ela — Como se eu fosse! Claro que prometo. Mas o que mais se sabe sobre a família dele? Eu sei que seus pais e seu irmão mais velho, o conde de Lyndon, morreram em um acidente de carruagem.

— O quê? — Matilda empalideceu olhando-a, Jemima voltou-se surpresa.

— Não sabia?

Ela balançou a cabeça.

— Bem, isso foi há muito tempo. — disse Jemima — Minha tia vivia lendo as páginas de escândalo. Eu sempre soube muito mais sobre o que estava acontecendo na sociedade do que sobre nossos próprios vizinhos. — disse com uma risada e depois ficou séria, quando Matilda não disse nada — Montagu deveria ser um menino na época. Acho que seu irmão, o conde, tinha apenas dezessete anos e Montagu era um pouco mais jovem. A única razão por que sei é que minha tia me contava todas as histórias de todas as

peessoas nobres. Acho que, secretamente, desejava que me casasse com um duque.

— Eu deveria ser muito nova para saber dessas histórias. — disse Matilda, calmamente — Sabia que tinha um irmão que havia morrido e que é o guardião de sua sobrinha, mas pouco mais do que isso. Presumi que sempre fora o herdeiro do marquesado.

— Talvez estivesse pensando na morte de seu irmão mais novo, então. A Srta. Barrington é filha de Lorde Thomas Barrington. Isso é muito mais recente.

A mão de Matilda subiu à garganta — Oh. Ele perdeu dois irmãos *e* seus pais?

— Sim. — Jemima se perguntou, pela primeira vez, o que isso poderia fazer a um homem — Eu não sei as circunstâncias da morte do irmão mais novo. Lembro que minha tia estava curiosa sobre isso. Disse que houve burburinhos sobre as circunstâncias em que ele morreu, mas se houve um escândalo foi silenciado. Deve ter sido há cinco anos, pelo menos. — observou enquanto Matilda absorvia a informação — Já conheceu a sobrinha?

Ela assentiu — Duas vezes. Uma vez quando Montagu a levou para tomar um gelado na Gunters, a outra vez em uma galeria de arte.

Jemima considerou isso — Dificilmente parece que a menina está sendo mantida prisioneira.

— Não. — Matilda concordou, seu rosto se suavizando — E ela claramente o adora. Eu diria que o sentimento é mútuo. Ele se preocupa muito com ela.

— Mas ainda duvida dele?

Matilda levantou as mãos — Não, no meu coração não. Quando estou com ele, acredito nas coisas que me diz, mas parece que meu julgamento não é confiável... e precisa ver o tio dele. Como se pode julgar um homem em um encontro tão breve? Ele parecia tão... tão genuíno, tão sincero. É também um bom amigo de Lorde Fitzwalter, que é um cavalheiro tão querido.

Jemima a estudou desejando poder ajudar — Verá Montagu novamente como ele pediu?

Houve uma risada curta cheia de frustração e tristeza.

— Sim. — Matilda disse enfaticamente, antes de olhar para Jemima — Como é, Jem? Ser a amante de um homem?

Jemima corou e olhou para baixo, tirando um momento para arrumar as saias — Surpreendentemente libertador. — disse, com um sorriso irônico, então percebeu o que Matilda estava perguntando por um motivo — Ele é um homem bom e gentil e me faz muito feliz. Com outro homem poderia ter uma resposta muito diferente para dar-lhe. Mas estou contente. Fiz as pazes com minha consciência, se isso for pecado. Temos um pequeno idílio para nós aqui e viverei cada momento sem arrependimentos. Sou abençoada, Matilda, então, não tenha pena de mim. Tenho uma casa confortável, amigas que não me julgam e um bom homem, pelo qual estou me apaixonando mais com o passar dos dias. Não vou me afligir por nada.

Matilda assentiu, entendimento em seus olhos.

— Então estou feliz por você também. Posso até mesmo invejá-la. — acrescentou ela, tão baixinho que Jemima mal ouviu as palavras — E agora devo ir embora. Alice me pediu para dar-lhe os seus cumprimentos e exigir que escreva para ela imediatamente e venha visitá-la em breve. Percebe que a viagem me tomou pouco mais de uma hora e meia até a sua casa?

Jemima sorriu ao se lembrar de que Nate e Alice haviam se estabelecido em Kent e então percebeu que Dern, a sede Kentiana do Marquês de Montagu, provavelmente também estava por perto. Matilda sabia disso? Jemima se perguntou.

— Não sabia que eles estavam tão perto, ficarei muito feliz em satisfazer ambos os pedidos. — disse Jemima, seguindo Matilda quando ela se levantou — Como está nossa futura mamãe?

— Florescendo e pronta para desabrochar - suas palavras, não minhas.



Excelentíssimo Marquês,

Agradeço muito por sua resposta. Por favor, não se arrependa nem por um momento de suas ações ao expor aquelas crueldades. Qualquer dano que sofri é meramente

para o meu orgulho e empalidece em insignificância quando considero o que aquelas pessoas sofreram. Eu gostaria de visitar os moinhos, um dia, e ver tudo o que foi realizado lá. Escreverei de bom grado ao Sr. Wheatcroft e descobrirei o que puder, pois notei que ainda não revelou o nome do benfeitor anônimo, que tanto fez para restaurar os moinhos e o futuro de todos os que neles trabalham. No entanto, tenho certeza de que sei quem é o responsável. Não confidenciará a verdade para mim?

Estou ficando com meu irmão no momento e pretendo ficar aqui por algumas semanas. Sua esposa, uma de minhas amigas mais queridas, aguarda a chegada de seu primeiro filho e vim para dar o meu apoio, da melhor maneira possível. Como pode ver, não estou muito longe de Dern.

Como o tempo tem se mantido firme ultimamente, tenho andado pelo Castelo de Hever. O dono, o Sr. Waldo, é conhecido do meu irmão e nos deu licença para visitar os jardins, sempre que quisermos. Como é apenas uma caminhada de dez minutos da residência de meu irmão, tornou-se meu destino favorito, em uma tarde ensolarada.

Por favor, dê meus cumprimentos à Srta. Barrington. Espero que ela esteja bem e que eu possa ter o prazer de vê-la novamente. Tenho certeza de que nossos caminhos se cruzarão, mais cedo ou mais tarde.

—Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de

Montagu.



24 DE FEVEREIRO DE 1815. CASTELO DE HEVER, EDENBRIDGE, KENT.

Matilda saiu apreciando a carícia tentadora do sol em seu rosto. O dia estava frio, mas aquele toque de calor em sua pele era como um bálsamo, depois de tantas semanas de frio. Era uma promessa de que a primavera estava próxima, uma promessa que foi ilustrada por alguns narcisos intrépidos, que floresceram fora de época, atraídos pelos últimos dias amenos e um céu azul brilhante. Quando chegou aos portões dos belos jardins que cercavam o Castelo Hever, suas bochechas estavam brilhando, e se permitiu desacelerar os passos e simplesmente desfrutar do ambiente.

Ao se aproximar do castelo em si, notou uma carruagem muito refinada se aproximando do lado de fora, com quatro magníficos cavalos cinzas. Seu coração acelerou um pouco quando percebeu que era familiar.

— Srta. Hunt!

Um grito infantil de felicidade soou e, um momento depois, Matilda abriu um sorriso, ao ver Phoebe Barrington correndo em sua direção.

— Phoebe, mais devagar!

Aquela voz fez a cabeça de Matilda estalar, mesmo quando a Srta. Barrington a alcançou, jogando os braços sobre sua cintura. O castelo impressionante e romanticamente adorável que havia se mantido de pé por tantos anos poderia muito bem não ter existido, pois tudo que conseguia ver era ele. Montagu estava ali, imaculado e poderoso como sempre, e isso era tudo em que conseguia se concentrar. Sua figura alta e esbelta chamava a atenção e o sol brilhava em seu cabelo dourado pálido. Anjo ou demônio, se perguntou. Era tão bonito que seu coração cantava *anjo* sem pensar duas vezes, mas não era tola o suficiente para julgar pelas aparências.

Ele é o tipo de homem que pode fazer algo imperdoável e, em seguida, induzi-la a perdoá-lo.

Seu tio havia dito isso sobre ele, que seu rosto bonito escondia uma natureza doentia e distorcida. Matilda sentiu um arrepio de desconfiança, mas segurou o olhar de Montagu. Seus olhos estavam cautelosos como sempre, escondendo seus pensamentos, escondendo a verdade dela. Ainda assim continuou olhando, incapaz de desviar os olhos, enquanto a observava do outro lado do pátio. Matilda sorriu confiando em seus

instintos, embora estivesse errada antes, incapaz de se impedir de encontrar felicidade ao vê-lo novamente, antes de voltar sua atenção para Phoebe. A garotinha a olhava, segurando-a pela cintura, com os olhos brilhantes de animação. Seu chapéu havia caído de sua cabeça e estava pendurado em seu pescoço pelas fitas.

— Boa tarde, Srta. Hunt. Meu tio disse que tinha uma surpresa para mim, mas não sabia que era a senhorita. Estou tão feliz que seja.

Matilda riu, observando secretamente, enquanto Montagu falava algumas palavras para o mordomo que havia saído do castelo.

— Acredito que a visita ao castelo seja a surpresa. — disse ela, tocada por Phoebe estar tão feliz em vê-la.

— Ora, quem se importa com um castelo velho e mofado? Prefiro muito mais a senhorita.

— Não pode argumentar com isso, Srta. Hunt.

Matilda tentou em vão controlar as batidas frenéticas de seu coração quando Montagu se aproximou. Embora soubesse que era perigoso, uma ideia terrível, qualquer que fosse a verdade do homem diante dela, não iria se arrepender por adorar esta proximidade. Quando mencionou seus passeios pelos terrenos do castelo, sabia muito bem o que estava fazendo, então não iria lamentar o fato de Montagu ter agido exatamente como sabia que o faria.

— Não discutirei. — disse ela, quase falhando em segurar seu olhar, pois, de repente, ficou nervosa — Estou lisonjeada, além da razão, lhe asseguro.

— Podemos ver o castelo agora, tio? — Phoebe exigiu, puxando sua mão.

Montagu ergueu uma sobrancelha para a sobrinha — Eu não sou uma corda de sino, criança, então, por favor, desista de ficar puxando o meu braço, pensei tê-la ouvido dizer que o castelo era mofado e desinteressante?

— Oh, não, apenas em comparação com a Srta. Hunt. — respondeu Phoebe com gravidade perfeita.

Matilda sufocou uma risada, quando os lábios de Montagu se contraíram.

— Não posso culpar sua conclusão, Phoebe. Ela é muito mais interessante do que o castelo. Bem, suponho que posso permitir que uma jovem dama visite o castelo comigo, mas não uma garotinha impetuosa.

Ele apontou para seu chapéu caído com uma mão, uma sobrancelha arqueando.

Phoebe deu um suspiro sofrido e colocou o chapéu de volta na cabeça, refazendo o arco, com uma carranca de concentração.

— Pronto! — ela disse, cruzando os braços e olhando para Montagu.

Montagu devolveu uma expressão de dor — Bem, suponho que seja uma melhoria. Não me atrevo a esperar mais que isso. Vamos.

Matilda observou, encantada, enquanto Montagu estendia a mão enluvada e Phoebe a pegava, sorrindo para ele com prazer. Então Phoebe se virou e estendeu a mão livre para Matilda.

— Por favor, Srta. Hunt.

— Sim, Srta. Hunt. — respondeu Montagu, seu olhar frio encontrando o de Matilda, o desafio neles, é claro — Nos acompanhe. Não gostaria que perdesse a excursão.

Pegou a mão de Phoebe, sentindo uma explosão de pura alegria, quando os dedos da garotinha se curvaram sobre os dela.

— Ah, isso é perfeito. — exclamou Phoebe, puxando os dois de uma vez, apressando-os sobre a ponte levadiça e entrando no castelo.

Matilda não se atreveu a olhar para o marquês e também não se atreveu a considerar a perigosa felicidade desenrolando em seu peito, ou que queria concordar com as palavras de Phoebe, muito prontamente. Era perfeito.



24 de fevereiro de 1815. Castelo de Hever, Edenbridge, Kent.

— Por que Ana Bolena teve a cabeça cortada?

Matilda franziu a testa para Phoebe, imaginando a melhor forma de responder a essa pergunta. Montagu estava do outro lado do que tinha sido a sala privada de Bolena, na ala oeste do castelo. A atmosfera estava cheia de história e Matilda teve uma onda repentina de melancolia, imaginando Ana Bolena como uma garotinha muito parecida com Phoebe, correndo para dentro e para fora desses quartos, sem ideia do que seu futuro reservava.

— Não tenho certeza se algum dia saberemos com certeza. — disse, ciente de que Phoebe era uma criança, embora brilhante — Mas ela jogou um jogo perigoso, apostando alto. Se tornou rainha, mas havia um preço terrível a pagar por isso. Não sei se se tornou gananciosa e conspirou em uma traição, como a história nos faz acreditar, ou se um homem poderoso a prejudicou, simplesmente porque ele podia.

— Ela foi injustiçada, se tornou um peão no jogo de Thomas Cromwell, e acabou morrendo por isso.

Matilda olhou em volta, vendo Montagu, surpresa — É verdade isso?

Montagu balançou a cabeça — Não, é apenas minha opinião, mas há algumas evidências, se alguém se importar em procurá-las.

— Quais evidências? — Matilda exigiu, fascinada.

O marquês se moveu para a janela e olhou para fora — Uma carta para Charles V de Eustace Chapuys. Chapuys disse a Charles que Cromwell havia dito *il se mist a fantasier et conspirer le dict affaire*, que foi traduzido como: “ele se propôs a conceber e conspirar o referido caso”, sugerindo que Cromwell conspirou contra Ana.

— Céus! — disse Matilda, a mão indo, involuntariamente, para a garganta — Não fazia ideia.

Montagu deu de ombros — É apenas uma teoria. — olhou para Matilda e a viu segurando seu pescoço, o fantasma de um sorriso tocou seus lábios — Acho que está a salvo da guilhotina, Srta. Hunt.

Ela corou e voltou sua atenção para a pintura que estava estudando.

— Estou faminta. — reclamou Phoebe, cujo entusiasmo pelo castelo estava diminuindo.

— Como me surpreende. — respondeu Montagu, apertando as fitas no chapéu da garotinha — Qualquer um pensaria que não consumiu o suficiente, para manter o exército de Wellington abastecido por uma semana, quando fez o desjejum, esta manhã.

Phoebe riu e jogou os braços em volta dele, olhando para cima, implorando.

— Tio... — ela choramingou, espalhando a palavra.

Montagu balançou, o calor naqueles olhos, geralmente frios, era evidente — Acredito que a Sra. Appleton pode ter preparado uma cesta...

Phoebe deu um grito de prazer e correu da sala, antes mesmo de Montagu terminar de falar. Ele suspirou.

— Ela é encantadora. — disse Matilda, incapaz de esconder o sorriso.

Montagu estremeceu, as sobrancelhas loiras franzindo, quando os passos de Phoebe se afastaram deles, mas parecia satisfeito com o comentário — Também acredito que sim, mas temo ter dado a ela muita liberdade. Só Deus sabe em que tipo de mulher vai se transformar. Terei que pagar um coitado para casar-se com ela, no momento em que for apresentada. Estremeço ao contemplar isso.

Matilda riu, sabendo que ele estava brincando, embora suspeitasse que se preocupasse com essas coisas, mais do que o normal — Acho que será uma

mulher feliz e confiante, sabendo que tem o mundo a seus pés e um tio pronto para matar dragões por ela, se necessário.

Montagu fez um som suave de diversão, enquanto olhava de volta pela janela. Sua expressão era séria, porém, e ocorreu-lhe que raramente o via sorrir, por menor tempo que fosse. Essas expressões mais gentis raramente eram evidentes, mas, na maioria das vezes, persuadidas por sua sobrinha. Era tão controlado, que nunca deixava sua guarda baixar. Sabia que era raro Montagu se preocupar com conversas educadas, suspeitava que ele as desprezasse. Matilda acreditava ser uma das poucas pessoas com quem falava, francamente, talvez apenas porque sua opinião não importasse para o mundo. Esse foi um pensamento baixo.

— E quem mata seus dragões, Srta. Hunt?

Matilda se assustou com a pergunta, lembrando-se do que havia dito sobre Phoebe. Embora o observasse de perto, não se virou para ela, sua atenção fixada em um ponto distante. Não havia ideia de seus sentimentos acerca da pergunta, ou de sua resposta.

— Eu mesma, quando sou capaz, mas quando não consigo, meu irmão, suponho. Como ele puder.

Montagu assentiu, como se tivesse assumido isso. Ele se virou para encará-la, seu olhar tão intransigente, tão direto, como sempre foi — É desanimador saber que sou o dragão da peça. Sempre me imaginei o herói em tais histórias, quando era um menino. Teria me visto como seu cavaleiro de armadura brilhante, tenho certeza, mas as bobagens que acreditamos quando crianças raramente têm lugar na realidade, não é?

Havia uma ponta fria nas palavras que incomodaram Matilda, não pôde deixar de se perguntar que tipo de menino tinha sido.

Minha nossa, deveria tê-lo visto quando garoto, o rosto de um anjo. Era impossível acreditar que fosse capaz de cometer o menor erro, ou recusar qualquer coisa a ele, e então eu não o fiz, e agora a senhorita sofre os resultados de minha tolice.

As palavras de seu tio voltaram à sua mente e ela as afastou, inquieta. Não o julgaria pela opinião de outro homem. Nem mesmo alguém que pretendia protegê-la do perigo. Seu tio não ganhou a confiança dela, mas, até certo ponto, Montagu a ganhou, um pouco pelo menos.

— Não é absurdo sonhar, milorde. Na verdade, acredito que os sonhos que temos quando crianças são esquecidos por nossa conta e risco, pois são as esperanças de nossos “eus” mais inocentes. — respondeu Matilda,

surpresa com a amargura de suas palavras — É apenas um perigo quando esquecemos a diferença entre sonho e realidade.

O mais breve lampejo daquele sorriso esquivo mal tocou seus lábios e, ainda assim, roubou o fôlego de Matilda, ainda mais poderoso por sua exclusividade.

— Fico sempre surpreso quando percebo o quão romântica é, Srta. Hunt, mesmo depois de tudo o que suportou.

— Suportei? — exclamou, corando e se afastando dele, perturbada por sua reação ao sorriso, às palavras dele — Dificilmente isso. Sou muito afortunada, tenho muitos amigos e familiares que cuidam de mim. Não sou um caso desesperado, eu lhe asseguro.

Matilda se ocupou estudando o fino artesanato da escultura no intrincado painel, precisando de um momento para se recompor. Ousou olhar para ele e vê-lo puxar os punhos de sua camisa, primeiro um, depois o outro, parecia um gesto estranhamente inconsciente, de um homem que nunca sequer arqueava uma sobrancelha sem considerar primeiro. A pegou observando-o e endureceu. Demorou algum tempo até que respondesse.

— E, no entanto, seus sonhos lhe foram roubados, primeiro por seu pai e depois por mim.

— O senhor se dá muito crédito, tenho certeza.

Arqueou uma sobrancelha com aquilo, cada pedaço de sua armadura fria e aristocrática como prova.

— *Verdade?* — disse, sua incredulidade flagrante — Culpou-me por sua posição, muitas vezes antes. Com razão, eu suponho. Nós reescrevemos a história, ou está fingindo que essa não é mais a verdade?

Matilda olhou para Montagu, confusa, sem saber o que ela significava, pois estava certo. Culpou-o, ele *era* o culpado, e, ainda assim, sabia agora que não poderia ter agido de outra forma. Ele poderia ter sido mais gentil, certamente, poderia ter tentado mitigar a situação, mas, como havia dito a ela uma vez, se tivesse tentado protegê-la, as pessoas que acreditavam que era inocente poderiam ter desconfiado disso, pois teria sido totalmente fora do caráter. Por que o frio marquês de Montagu procuraria protegê-la, a menos que houvesse um caso? Levou algum tempo para ver a verdade por trás daquelas palavras, mas havia verdade sim, e ele não poderia ter feito diferente.

— Não. — ela disse — Nada mudou, exceto minha compreensão sobre o senhor. Eu não deveria ter estado lá naquela noite, apesar das circunstâncias

miseráveis. Sabia disso antes e sei agora. Meu pai e meu irmão compartilham sua parcela de culpa, mas já os perdoei, há muito tempo. Foi desnecessariamente cruel, mas não me devia nada e garanto que não esperava que se casasse comigo, para consertar as coisas. Nunca fui e nunca serei o tipo de mulher com quem deverá se casar.

Ela disse isso para seu próprio benefício, tanto mais por ser verdade, lembrando-se do abismo entre eles e do perigo. Enquanto observava a reação dele às suas palavras, ele abriu a boca para falar e depois parou. Sua mandíbula estava apertada quando se afastou dela, seu rosto fechado. Pareceu passar muito tempo antes dele falar novamente, mas ela não conseguia preencher o vazio, consciente de que Montagu estava prestes a dizer a verdade, querendo, desesperadamente, ouvi-la.

— Tentei, por muitos meses, me aproximar para fazê-la mudar de ideia, impedir que me desprezasse e agora...

Mais uma vez, parou, podia sentir a tensão feroz dentro dele, ciente de que estava em guerra consigo mesmo, com o que pretendia dizer. Ela ansiava por algo que pudesse revelar um vislumbre de seus verdadeiros sentimentos. De repente, queria dizer a ele que entendia o quão difícil era, mas, seja qual fosse a batalha travada, Matilda sentiu que havia perdido, quando ele soltou um suspiro e balançou a cabeça.

— É melhor encontrarmos Phoebe, antes que ela coma demais.

— Montagu...

Antes que pudesse pensar melhor, Matilda estendeu a mão e pegou a sua, Montagu paralisou completamente, olhando para os dedos enluvados dela curvados em torno dos seus. O que quer que estivesse prestes a dizer, ela não conseguia se lembrar, as palavras morrendo em sua garganta, sua atenção consumida pelo calor de sua mão, enquanto permeava o tecido que separava sua pele. Nunca deveria tê-lo tocado. O ar entre eles pareceu esquentar, como a névoa que faz o mundo mudar e distorcer, em um dia excepcionalmente quente. Só percebeu que estava prendendo a respiração quando ele falou, a mão se firmando em torno da dela.

— Eu gostaria de não ter roubado seus sonhos, Matilda. — disse ele, sua voz baixa, antes de levantar seu olhar prateado para o dela — Mas como eles *estão* perdidos para a senhorita, dou-lhe um alerta, farei tudo o que puder para substituí-los pelos meus.

— Eu sei. — disse ela, surpresa por poder falar, quando sua respiração estava presa em seus pulmões. Ele estava tão perto, e seu coração e seu

corpo doíam com o desejo de fechar a lacuna entre eles. O medo atingindo seus sentidos, enquanto percebia o quão perigoso isso era.

— Eu sonho com a senhorita.

— Não. — disse, terrivelmente assustada, com medo não apenas de quão pouco realmente conhecia desse homem, mas de quanto ela poderia arriscar para descobrir mais.

— Gostaria de poder parar com isso. Ordene-me que pare, Srta. Hunt. — exigiu, sua intenção no olhar que deu a ela — Pensei que tivesse começado esse jogo, que conhecia as regras, mas esqueci como jogar, ou talvez as regras estejam mudando, antes que possa aprender as novas. É a senhorita quem as reescreve, eu me pergunto, ou é o destino fazendo seu joguinho?

Matilda balançou a cabeça, sem saber o que dizer, incapaz de acreditar que Montagu se sentia tão descontrolado quanto ela, sempre que estavam perto um do outro.

— Sou tão impotente para pará-la, quanto acredito que também seja. — continuou, enquanto dava um passo mais perto dela, suas palavras fazendo-a acreditar que falava sério, por mais improvável que parecesse.

Ele estava sempre no controle, nunca fazia um movimento, nunca dizia uma palavra sem intenção, e ainda...

— Eu fui uma tola em dizer que estaria aqui. — exclamou Matilda, sabendo que só havia piorado as coisas, mil vezes. Se realmente estava jogando fora das regras que ambos sabiam que existiam, então ficar sozinha com ele era além do perigoso — Não há futuro para nós e não há sentido em fingir o contrário. É tolice sonhar com algo que nunca poderá acontecer. Isso só pode levar ao sofrimento.

— Acabou de me dizer que nossos sonhos não são bobagens, que devemos nos agarrar a eles. — rebateu, seu aperto na mão dela ficando mais forte.

Ela balançou a cabeça, desesperada agora, precisando escapar do desejo em seus olhos, o desejo que ecoava em seu próprio coração. Se ficasse mais tempo, o alcançaria.

— Eu disse que devemos lembrar dos nossos sonhos de criança, mas não os confundir com a realidade.

— Todos os dias são noites, até que eu a veja, e as noites, dias claros, ao mostrar-te em meus sonhos.

Matilda deu uma risada assustada, um pouco histérica, com o soneto tão romântico, tocada e terrivelmente abalada. Seus olhos se encheram de

lágrimas, embora soubesse que era uma tola. Ele estava fechando a armadilha que havia colocado desde o início, nada mais.

— Oh, um soneto shakespeariano? *Realmente?* Não joga limpo, milorde.
— tentou deixar as palavras alegres e divertidas, mas soaram nervosas e agitadas.

— Quando jogo, eu jogo para ganhar.

— Não sou um troféu para ser colocado em um armário. — protestou, tentando segurar a indignação que sentia, para encontrar a vontade de puxar a mão para longe da dele, para colocar alguma distância entre eles, mas foi pega na prata de seu olhar, presa lá por ele.

— Eu não a confinaria, Matilda. Nunca a manteria enjaulada. A libertaria, se me deixasse.

— E quanto à sua esposa? — exigiu, lembrando exatamente o que estava sendo oferecido aqui.

Um lampejo de raiva apareceu em seus olhos e ele balançou a cabeça — Minha esposa saberá qual é o dever dela. Nosso tipo não se casa por amor. *Sabe* disso. São negócios, terras, poder e fortuna. Não finja o contrário.

— No entanto, o senhor irá para a cama dela, terá seus filhos.

Sim, ela pensou, lembre-se disso. Soletre para que não haja engano, nenhuma pretensão de romance, quando não é nada além de uma cilada sórdida.

— Até que eu tenha meus herdeiros, é claro.

Palavras frias, sem amortecimento para diminuir a dor da picada, simplesmente a verdade. Realidade, não sonhos.

Matilda assentiu, feliz pelo lembrete, o agudo ardor do realismo. Preferiria morrer do que saber que ele passará suas noites com outra, ver que outra mulher terá os filhos que ela anseia. Mesmo que pudesse suportar tudo isso pela chance de estar com ele, todos sabiam sua opinião sobre filhos bastardos. Os Barrington eram conhecidos por sua moralidade, por desprezar aqueles que geram filhos fora do leito matrimonial. Não daria de bom grado os bebês que Matilda ansiava, e, se chegasse a ter um filho de Montagu, não poderia ter certeza de que o reconhecesse. *Se* o fizesse, teria uma chance na sociedade, mas se não... Ela puxou a mão — Deveria voltar. Todos vão se perguntar onde estou. Tenha uma boa tarde, milorde.

— Matilda, não vá...

Ela ignorou o chamado dele, se afastando, não vendo nada de seu entorno, até que estivesse do lado de fora, atraindo pulmões cheios de ar

limpo e frio, como se assim pudesse se purgar do calor, do desejo e de sonhos tolos.

— Srta. Hunt, está indo embora?

Matilda esforçou-se por parecer calma, colocou um sorriso no rosto e estendeu as mãos para Phoebe — Sim, minha querida. Não tinha ideia de que iria fazer uma excursão tão adorável pelo castelo. Saí apenas para dar uma caminhada, e minha família deve estar se perguntando onde estou, se não voltar em breve.

O rosto da garotinha caiu e Matilda sentiu seu coração apertar. Eles não deveriam usar Phoebe como acompanhante. Não deveria estar envolvida neste terrível jogo de gato e rato, não importa o quanto Matilda desejasse vê-la, desejasse ser sua amiga. Ela poderia facilmente amar essa criança engraçada e cativante, mas não havia possibilidade de isso acontecer, enquanto seu tio Monty quisesse fazer de Matilda sua amante, não poderia haver amizade entre elas. E, se Montagu conseguisse, Phoebe estaria perdida para ela, pois não seria apropriado para ela conhecer a amante de seu tio. Matilda lutou contra as lágrimas que ameaçavam correr e limpou um pouco de geleia da boca da garota com um dedo.

— O bolo estava gostoso?

— Uma delícia. — disse Phoebe, melancolicamente, antes de dar a Matilda um abraço forte — Quando poderei vê-la novamente?

— Eu... Eu não sei. — disse Matilda, não querendo negar nada a ela, mas não pretendendo mentir — Seu tio é um homem ocupado, e duvido que os verei novamente, por um tempo.

— Gostaria que pudesse ficar conosco em Dern, não importa que não deva dizer isso. — Phoebe se afastou de Matilda e cruzou os braços, seu rosto bonito amotinado — Desejo *isso*. Eu quero convidá-la. A *estou* convidando e não vou retirar o convite, não importa que ele me repreenda por isso. O tio convidou muitos amigos para me fazerem companhia, mas ele não tem amigos, está sempre sozinho. Não quer que ele fique sozinho o tempo todo, quer, Srta. Hunt? Não pode ser bom para as pessoas estarem sempre sozinhas.

Phoebe estendeu a mão e pegou as de Matilda, implorando com os olhos. Matilda olhou para ela, sem palavras. Como poderia responder?

— Receio que os adultos tenham muitas regras bobas que são, no entanto, muito importantes, Phoebe. — disse ela gentilmente — E por mais que eu adorasse visitá-la, realmente não posso fazer isso. Isso me colocaria

em muitos problemas, compreende? E tenho certeza de que seu tio nem sempre está sozinho. Acredito que tem um exército de criados, e, sem dúvida, vê pessoas depois de colocá-la na cama. Só porque não os vê, não significa que ele não tenha visitas ou saia para socializar. Eu o vi muitas vezes na cidade, em festas e bailes.

— Acredito que ele assista à bailes e festas, apenas se a senhorita estiver lá. — disse Phoebe, mal-humorada — Tem razão. Os adultos são estúpidos. Tenho certeza de que os dois são mais felizes quando se veem. Ele fica ansioso para vê-la, posso dizer, e... e gosta dele, um pouco pelo menos, não é? Ele é realmente muito gentil, e não tão severo e orgulhoso quanto parece. Quase nunca me repreende. Não corretamente, de qualquer maneira.

Foi muito difícil manter seu coração sob controle, para se lembrar de que Phoebe estava vendo o mundo através dos olhos de uma criança. Ela não entendia, não conseguia compreender a verdade, as complexidades do mundo e as emoções adultas. No entanto, o coração tolo de Matilda ansiava por acreditar, queria tanto dizer à garota que gostava muito, muito de seu tio, que a visitaria em um piscar de olhos, garantindo que ele nunca mais estaria sozinho, se ao menos pudesse.

— Tenho certeza de que é o melhor dos tios, e sim, gosto dele, é claro, mas agora preciso ir embora. Adeus, Phoebe. Aproveite o resto do passeio.

Com isso, se inclinou, beijou a bochecha de Phoebe antes de se levantar e se afastar, não olhando para trás.



Srta. Hunt,

Escrevo na expectativa de que jogue esta missiva no fogo sem abri-la, mas, pelo bem de Phoebe, devo me arriscar. Desde sua partida abrupta, esta tarde, não ouvi nada de Phoebe, a não ser a exigência de que permita que a visite.

Ela me disse que a convidou e se recusa a aceitar, que não há nada que eu possa fazer para que a senhorita venha até aqui. Nunca a vi ficar tão brava comigo, como se eu a tivesse afastado dela. Agora foi para a cama, totalmente decidida a nunca mais falar comigo. Embora tenha entendido, há algum tempo, que mulheres têm o poder de perturbar minha paz de espírito, nunca tinha percebido que uma menina poderia fazê-lo com tanta autoridade.

Eu sei, é claro, que não pode vir aqui sem arriscar sua reputação e que deixou bem claro que isso lhe é mais importante do que qualquer outro aspecto de sua vida, mas não vou falar sobre isso. Acontece que tenho negócios que me levam à cidade, em breve, e se puder encontrar uma amiga ou amigas para acompanhá-la, poderia visitar Dern e Phoebe, sem que ninguém pudesse condená-la por isso. A governanta está acostumada a acompanhar visitas guiadas ao local, quando não estou na residência, e vou garantir que ela a receba e permita que fique à vontade. Se puder permanecer em Dern, por um dia ou dois, acredito que Phoebe poderá me perdoar - em tempo - por desapontá-la assim. Conto com seu coração.

Tem a minha palavra de honra que vou me manter afastado durante a sua visita.

—Trecho de uma carta de O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



27 DE FEVEREIRO DE 1815. CASAMENTO DE SOLO E JEMIMA, MITCHAM VILLAGE, SUSSEX.

— Preciso de outro lenço. — lamentou Matilda, olhando para o segundo pedaço de pano encharcado que trouxe com ela — Dois lenços geralmente são suficientes, mas Lorde Rothborn parecia tão encantado e Jemima estava tão... *oh!* — disse acenando, enquanto sua voz tremia.

Helena suspirou, observando o casal recém-casado deixar a igreja para a luz do sol.

— Eu sei. — disse ela, melancólica, imaginando se olharia para o homem com quem eventualmente se casaria com tanta adoração — Ele parecia tão arrojado e heroico em seu uniforme. Todo aquele escarlata e ouro, acho que nunca vi tantas medalhas.

— Eu também não. — Matilda concordou.

— Ficaré para a recepção? — Helena perguntou enquanto se levantava, tendo o cuidado de recolher sua retícula, pois estava muito propensa a deixar a maldita coisa para trás.

— Eu gostaria, mas Alice precisa voltar. Ela se cansa facilmente agora.

Helena sorriu, esperando que tivesse companhia para a viagem de volta à casa de seu tio, já que Prue e Robert planejavam ficar na propriedade em Hampshire por algumas semanas, enquanto Prue ainda estava em condições de viajar.

— Gostaria que lhe acompanhasse para casa, para que possa ficar? Passaremos praticamente pela porta de Alice, de qualquer maneira, então, não há problema algum.

— Ah, sim, fico agradecida. Gostaria disso, se Alice não precisar de mim.

Matilda saiu para falar com Alice e depois de ter certeza de que poderia ficar perfeitamente bem sem sua presença por uma tarde inteira, Matilda voltou e aceitou a proposta de Helena.

— Excelente! — respondeu Helena, inclinando o rosto para apreciar o sol, enquanto caminhavam de braços dados, de volta para o Priorado. Elas dispensaram as carruagens, pois era apenas uma curta distância e o dia estava glorioso demais para ser perdido — Ficaré em Kent por um tempo ainda?

Matilda assentiu — Pelo tempo que Alice precisar de mim e...

Ela hesitou e mordeu o lábio e a curiosidade de Helena foi imediatamente despertada.

— E? — ela a pressionou.

Matilda suspirou e olhou de soslaio para ela — Posso confiar em sua discrição?

— Oh! — Helena disse, com um grito de alegria e excitação — Uma intriga! Eu sabia! *Oh!* — disse novamente, olhando para Matilda, quando percebeu por qual motivo era necessário ser discreta — É Montagu, não é?

Matilda corou, confirmando essa suposição sem dizer uma palavra — Não inteiramente, não. — disse ela, parecendo um pouco nervosa — Mas indiretamente sim. Sim, é.

— Bem? — Helena exigiu, contente por compartilhar tal confiança com Matilda, a quem sempre admirou.

Embora Helena fosse filha de um duque, frequentemente sentia que Matilda se mostrava com muito mais graça e nobreza do que jamais conseguiria. Helena sempre sentiu que estava desempenhando um papel, enquanto Matilda parecia ser assim naturalmente, como se tivesse nascido para isso.

— Bem. — Matilda começou e depois riu da excitação óbvia que foi capaz de observar na expressão de Helena — Bem, a questão é que já encontrei a sobrinha de Montagu três vezes. Ela é uma garotinha muito amável, tem cerca de oito anos de idade, acredito, e insiste que vá visitá-la em Dern. Na verdade, acredito que incomodou o pobre Montagu a tal ponto, que concordou em desocupar o local para que eu pudesse visitá-la, sem medo da minha reputação, mas... Vou precisar de uma acompanhante para manter as aparências e...

— Sim! — Helena aceitou antes que Matilda pudesse terminar sua explicação — Sempre quis ver Dern. É antiga e cheia de segredos. Sabia que a palavra Dern vem de *dierne*, em saxão, e significa oculto, secreto, escuro ou escondido?

Matilda olhou para ela espantada e Helena corou.

— Bem, é verdade. — disse, um pouco defensiva — Gosto da história dos edifícios antigos e fico muito entediada.

— Bem. — Matilda respondeu, rindo agora — Então terei a acompanhante perfeita para minha visita e posso imaginar porque fica entediada facilmente. Nunca conheci uma mulher menos capaz de ficar parada por cinco minutos. Só estou surpresa que tenha sobrevivido à cerimônia sem ficar inquieta.

— Consigo me comportar, — retrucou Helena, arrebitando o nariz, como era esperado da filha de um duque, antes de inclinar à Matilda um olhar travesso — quando quero. — acrescentou com um sorriso.

As duas riram juntas e continuaram conversando em perfeito acordo até o Priorado.

CAVALGANDO COM O CAVALEIRO

LIVRO 10



Minha querida Srta. Hunt,

Estou tão feliz que a senhorita virá ficar comigo. Gostaria que meu tio estivesse aqui também, mas ele tem um trabalho maçante para fazer na cidade. Ele está fingindo que não se importa, mas está muito zangado, porque gostaria de estar aqui para a sua visita, também. Regras sobre decoro são excepcionalmente estúpidas. Não vou segui-las quando crescer. Meu tio acabou de ler isso por cima do meu ombro e disse que irá se jogar no lago agora, antes que seja tarde demais.

Mal posso esperar para conhecer Lady Helena, todos dizem que ela é muito bonita. Não acredito que ela seja mais bonita do que a senhorita. Perguntei ao tio Monty e ele disse que não posso escrever isso por causa dessa bobagem de propriedade. Ele diz que a senhorita sabe, de qualquer maneira.

—Trecho de uma carta da Srta. Phoebe Barrington para a Srta. Matilda Hunt.



7 DE MARÇO DE 1815. ESTRADA PARA DERN, SEVENOAKS, KENT.

— Está animada? — Helena perguntou.

Ela sentia muita vontade de pular em seu assento, impaciente que estava. Em contraste, Matilda estava sentada ao seu lado, requintada, em um vestido de carruagem azul cerúleo, com as mãos entrelaçadas recatadamente em seu colo. A imagem de uma jovem elegante.

— Como consegue simplesmente ficar sentada, tão calma? Esta é a casa de Montagu. Não está curiosa para descobrir mais sobre ela, sobre *ele*?

— Viemos visitar a Srta. Barrington. — disse Matilda, mas o montante de cor em suas bochechas a denunciou.

— Ah, sim, e não tem interesse em mais nada. — disse Helena, bufando — Por Deus, não estou apaixonada por ele e estou morrendo de vontade de saber mais. O homem é um enigma.

— Eu não... — Matilda respondeu, o rubor aumentando, mas suas palavras foram cortadas quando a carruagem atingiu um buraco na estrada e as duas foram forçadas a agarrar a alça de mão, antes de serem lançadas no chão.

— Homessa! — Helena deu-lhe um olhar exasperado, enquanto se ajeitava no assento de couro bem acolchoado — Acredito que devamos ser brutalmente honestas uma com a outra, a partir de agora. Somos amigas, não somos? Boas amigas devem compartilhar seus problemas e seus segredos e nunca os trair, mas levá-los para suas sepulturas. De qualquer forma, preciso de alguém com quem falar e terá que me ouvir, quer retribua ou não o favor. Então pronto.

Matilda deu uma leve risada — Muito bem, Helena, mas devemos ser brutais sobre isso? Não estou certa de que tenho resistência para tanto.

Helena acenou, insistindo nesse ponto, depois deu um grito exasperado — Oh, Matilda, estou apaixonada por Gabriel Knight. Não consigo parar de pensar nele. É tão bonito e interessante, ninguém mais se compara a ele, mas o miserável não presta atenção em mim. O que devo fazer?

— Conte suas estrelas da sorte? — Matilda sugeriu com a peculiaridade de uma sobranceira pálida elegante, erguida.

Helena bufou e mostrou-lhe a língua — Que bela amiga é! Deveria lamentar meu infortúnio e me dizer que ele é um tolo e que, secretamente,

deve estar desesperadamente apaixonado por mim.

— Bem, ele é um tolo se não consegue ver o quão esplêndida é, Helena. Mas, sinceramente, acho que é mais provável que ele seja sensato e não deseje começar um flerte, que só pode trazer sofrimento para ambos. Seu irmão nunca permitiria o matrimônio, sabe bem disso. É filha de um duque e ele é um bastardo de berço inferior. Não, não fique brava comigo, não estou dizendo que concordo com isso. Os certos e errados da opinião da sociedade ou porque nunca funcionaria, não importa nem um pouco. São uma má combinação e sabem disso.

Helena sentiu uma onda de raiva com as palavras, não porque Matilda estivesse sendo de alguma forma cruel, mas porque elas eram terrivelmente precisas. Cruzou os braços, fez uma careta e olhou pela janela — O Sr. Knight, provavelmente, poderia comprar meu irmão, dez vezes mais. É um dos homens mais ricos do país.

— E nós sabemos que isso não significa nada, quando ele não vem de berço.

Havia uma certa amargura nas palavras de Matilda, Helena respirou fundo.

— Certamente não acredita que tal acusação pode ser-lhe direcionada? Seu avô era um visconde.

Matilda retribuiu com um sorriso distorcido — Isso não importa muito, uma vez que a reputação de alguém tenha sido questionada.

— Odeia-o por isso? Por arruiná-la? — Helena perguntou, questionando-se sobre o que atraía Matilda para Montagu com tanta força. Era apenas desejo? Ele era, afinal, um homem muito bonito. Era isso que ela sentia pelo Sr. Knight, simplesmente um desejo de tocar em algo tão perfeito, como passar a mão sobre uma obra de arte?

— Não. — Matilda balançou a cabeça — Não mais. Ele não poderia ter feito o contrário. Eu sei disso agora. Se ele tivesse falado por mim, teria apimentado mais as coisas. Todo mundo teria pensado que estava tentando me proteger e, vindo dele, isso implicaria uma intimidade que todos teriam assumido que significava que éramos amantes. Sua indiferença era minha única proteção e demonstrava a veracidade da situação. Além disso, eu não deveria ter estado lá.

Ela ficou em silêncio por um bom momento, antes de dar um suspiro pesado — Nate e eu somos culpados e nosso pai. Perdoei papai e Nate, há muito tempo, e não podemos culpar Montagu por uma situação que não foi

culpa dele. Eu dificilmente poderia esperar que ele se casasse com uma mulher que nem conhecia, certamente não alguém que não traria nada para o casamento, além de escárnio. Principalmente quando se entende como Montagu foi criado. Gerações de sua linhagem, cada um se esforçando para trazer à família mais poder, mais prestígio. É uma parte dele. Imagino que a ideia tenha sido martelada na cabeça dele desde que era criança, o papel que deve desempenhar na história, na preservação da honra da família. É trágico, na verdade. Nunca lhe ocorreria casar-se por amor. Tem que cumprir seu dever e a honra não permitirá que ele busque conforto ou felicidade.

Ela se afastou de Helena para olhar pela janela.

— Eu entendo isso. — disse Helena, lembrando-se da pressão que seu pai havia colocado em seu irmão, para fazer um bom casamento — E estou tão feliz que Robert seguiu seu coração com Prue, após o desastre com Lavínia. Quero dizer, sei que não foi por isso que ele a escolheu, mas se casou por amor, no final.

— A linhagem de Prue é irrepreensível. — apontou Matilda.

— A sua também. — insistiu Helena.

Matilda fechou os olhos por um momento e Helena pensou em como estava cansada. Fazia seu peito doer ao pensar em sua amiga sendo tão infeliz. Era a isso que ela estava se resignando, se perseguisse o Sr. Knight? No entanto, como poderia simplesmente esquecê-lo? Não podia, esse era o problema, e agora entendia como Matilda se sentia.

— Sabe com quem Montagu pretende se casar? — Helena perguntou, lamentando suas palavras, quando viu Matilda se encolher.

— Não, e não quero saber. Suspeito que ele considerará fortunas, propriedades, influência e, acima de tudo, linhagens. É como escolher qual égua colocar com um garanhão premiado.

Helena se assustou com a amargura por trás das palavras — Eu sei que é assim que funciona. Afinal, sou uma das éguas, mas soa tão repugnante quando se colocam as coisas assim.

O rosto de Matilda ficou pálido.

— Oh, não! — Helena disse apressadamente, estendendo a mão, como se pudesse arrebatar a ideia do nada e deixá-la de lado — Não eu! Ele nunca se aproximaria de mim. Meu irmão não o tolera e nunca concordaria com o matrimônio, Montagu sabe disso. Além disso, ele me assusta. Por Deus, não!

Matilda soltou um suspiro e Helena viu imediatamente o quanto sua amiga estava com problemas.

— Bem, isso não importa, não é? — Matilda deu de ombros, o que não enganou nem um pouco Helena — Será alguma dama que não eu. Acho que deveria invejá-la. Ela terá o título, poder e riqueza, será a inveja de todas as suas amigas, mas também terá um marido que não se importará com ela. Eu não poderia viver assim.

— Eu também não. — disse Helena, tremendo ao considerar a ideia — Nunca vou concordar com um casamento assim. Casarei por amor ou não me casarei. Montagu é um tolo em pensar que poderia conseguir alguém melhor.

— Sim, concordo. — Matilda sorriu, forçando um tom leve em sua voz, o que não era totalmente crível — Ele terá anos e anos para se arrepender de me perder e se sentir solitário, mas esse é um problema dele, não meu.

Helena deu um suspiro sincero. Os sentimentos de Matilda eram muito evidentes em seus olhos azuis e pela maneira melancólica como falava do homem — Está *realmente* apaixonada por ele.

Ela observou enquanto Matilda franzia a testa, suas sobrancelhas pálidas se juntando. Pareceu perplexa com a ideia e balançou a cabeça.

— Eu *não posso* estar. Não o conheço o suficiente para amá-lo. Não é amor, é... Não é possível. É desejo e luxúria, é querer algo que sabe que não deve desejar e que não pode ter. É... — interrompeu com um gesto frustrado — O que quer que seja, não importa. Nunca poderá ser, é melhor esquecer tudo isso.

O coração de Helena doía. Ouviu muito bem a dúvida por trás de tudo o que Matilda acabara de dizer. Perguntou-se se poderia esquecer o Sr. Knight. Helena poderia fingir que ele não existia e tentar se concentrar em um dos muitos cavalheiros elegíveis que a perseguiam onde quer que fosse? Parecia impossível, quando ela achava todos aqueles homens insípidos e maçantes em comparação.

— Consegue deixar de lado, Matilda, seja lá o que *for*? Consegue esquecer?

Matilda riu, atônita, Helena seguiu o olhar da amiga, até onde havia se concentrado: seu primeiro vislumbre de Dern.

— No momento, não. — respondeu Matilda, uma mão se acomodando sobre seu coração — Não, enquanto estivermos aqui. Olhe.

Helena seguiu para onde Matilda apontou e ofegou. Olhou para o palácio, maravilhada, era um palácio de fato. Estendido a partir de uma casa senhorial existente, ainda mais antiga, foi extremamente remodelado e aumentado, ao longo dos séculos, tornando-se um palácio arquiépiscopal no início do século XV. Tornou-se uma possessão real durante o reinado de Henrique VIII, após o que, foi presenteado à família Barrington, por serviços à coroa. Eles acrescentaram ainda mais, assim o fazendo com a única intenção de impressionar e exibir a riqueza e o status da família. Fizeram um trabalho admirável.

— É uma das maiores casas de toda a Grã-Bretanha. — disse Helena admirada, tendo lido bastante sobre a propriedade, antes de sua visita — O edifício sozinho cobre quatro acres e está cercado por bem mais de mil acres de parque. Foi construído como uma casa de calendário, com trezentos e sessenta e cinco quartos, cinquenta e duas escadas, doze entradas e sete pátios.

— Céus! — disse Matilda, enquanto Helena sorria com seu espanto — Ficaremos terrivelmente perdidas.

— Talvez ainda esteja aqui quando Montagu voltar, ele terá que resgatá-la, como uma princesa em uma torre?

Matilda revirou os olhos para os céus — E eu aqui pensando que a Srta. Barrington era a única cujos voos de fantasia precisam ser administrados.

Helena riu, olhando pela janela, enquanto a carruagem roncava pela grandeza da primeira portaria, em um grande e impressionante pátio, e, depois, através de uma segunda portaria, ladeada por duas grandes galerias, o que levava a mais um pátio. Aqui a carruagem parou, Helena e Matilda foram retiradas de sua carruagem por um laçao uniformizado de preto e prata. Helena se virou em círculo, impressionada e encantada. Como filha de um duque, não ficava de forma alguma perplexa por grandes edifícios, tendo vivido em lugares assim a sua vida toda, mas havia um ar de mistério ao redor de Dern, que ela sempre desejou ver. No entanto, não havia animosidade entre os Barringtons e a família Adolphus, porém, nenhum convite jamais havia sido feito. Portanto, essa oportunidade era muito interessante para não ser aproveitada ao máximo.

Atrás delas havia uma certa movimentação, eis que a carruagem com a companheira de Matilda, Sra. Bradford e a criada de Helena, Tilly, chegaram, junto com suas bagagens. Helena levantou os olhos e viu a

governanta e o mordomo avançando para cumprimentá-las, mas antes que pudessem abrir a boca, um grito estridente perfurou o ar.

— Senhorita Hunt!

Uma garotinha desceu os degraus correndo, passando os criados. Ela usava um vestido de musselina branca, com uma fita de cetim azul abaixo da linha do busto, seu cabelo loiro, uma queda de cachos escapando de seus alfinetes.

— Senhorita Barrington! Lembre-se de seus modos, criança. — uma preceptora irritada correu atrás da garota e suas palavras pareciam cair em ouvidos surdos, quando a Srta. Barrington envolveu os braços em torno da Srta. Hunt e a abraçou forte.

— A Srta. Hunt não se importa. Se importa, Srta. Hunt? — perguntou, seus olhos cinza-azulados sérios, enquanto olhava para Matilda.

Matilda riu e se agachou para abraçá-la — Nem um pouco, mas a senhorita deve obedecer a sua preceptora, mesmo assim. Ela está trabalhando duro para transformá-la em uma jovem dama.

A Srta. Barrington fez uma careta, parecendo profundamente impressionada com essa ideia — Eu não quero ser uma dama. Parece terrivelmente chato.

— Eu concordo, Srta. Barrington. — disse Helena, sorrindo quando a garota se virou para ela com prazer.

— Mesmo? — ela perguntou, seus olhos se arregalando em seu lindo rosto.

— Sim. — Helena deu um aceno grave — É mortalmente chato ser boa o tempo todo, mas há maneiras de se divertir, se for inteligente.

— Oh, eu sou. — disse a Srta. Barrington, imediatamente — Tio Monty diz que sou muito inteligente, para o meu próprio bem.

— Nunca nada tão verdadeiro foi dito. — a preceptora murmurou baixinho.

Tio Monty?

Helena reprimiu um bufo de diversão, com o marquês austero e aterrorizante sendo referido de tal maneira. Olhou para a preceptora com interesse. Quando teve preceptora, era fria e distante, e Helena nunca gostou muito dela. Esta mulher tinha, talvez, trinta e cinco anos, com um semblante doce e uma voz gentil. Suavemente arredondada e maternal, pareceu lançar um olhar indulgente sobre sua tutorada, para o desespero da preceptora, se Helena pudesse julgar pelo olhar nos olhos da mulher,

enquanto se aproximava. O mordomo foi o primeiro a cumprimentá-las, no entanto.

— Lady Helena, Srta. Hunt, permitam-me dar-lhes as boas-vindas ao Palácio de Dern. — disse a figura alta e impressionante. Tinha uma leve e agradável inclinação galesa em sua voz — Eu sou Denton e, se me permitem, apresento nossa governanta, Sra. Frant. Tenham certeza de que estamos à sua disposição e desejamos tornar as suas estadias o mais agradável possível. Não hesitem se houver algo que possamos fazer para as duas.

— Obrigada, Denton. — disse Helena, impressionada com o homem, que parecia transmitir exatamente a mistura certa de orgulho e calor sincero, que o mordomo de uma propriedade tão vasta deveria ter em cumprimentar os convidados — Duvido que queiramos deixar um lugar tão bonito como Dern, Sra. Frant, devo avisá-la de que estamos ambas empolgadas para começar nossa visita ao palácio, embora eu acredite que precisaríamos de dois anos, em vez de dois dias, para concluir a tarefa satisfatoriamente.

A expressão um tanto severa da Sra. Frant suavizou uma fração, enquanto ela concordava com a cabeça — Isso é verdade, milady, mas posso lhe mostrar alguns dos destaques, se me permitir.

— Maravilhoso. — disse Helena, imaginando se poderiam começar de uma vez.

— Talvez um pouco de chá primeiro? — a Sra. Frant sugeriu — E depois, quando quiserem, podemos começar.

Helena bateu palmas, percebendo que estava faminta, tendo apenas tomado uma xícara de chocolate antes da partida, cedo — Isso parece maravilhoso. O que diz, Srta. Barrington?

A menina assentiu — Pippin fez bolos e biscoitos e há geleia de morango e creme. — entusiasmou-se, puxando urgentemente a mão de Matilda.

— Pippin? — Matilda perguntou, sorrindo para ela.

— Sra. Appleton, nossa cozinheira. — disse a Sra. Frant, um vislumbre de diversão em seus olhos afiados.

— Ah, mas todo mundo a chama de Pippin. — protestou a Srta. Barrington — Até o Tio Monty. Ela está aqui desde sempre, desde quando ele era um menino. Ela é *antiga*. — acrescentou, com a crença óbvia de que qualquer um que fosse adulto quando seu tio era um menino, deveria ser tão velho quanto Matusalém — Embora Denton e a Sra. Frant também

estivessem aqui e fossem igualmente velhos, mas não têm apelidos. Por que não têm apelidos? — exigiu deles.

A Sra. Frant pareceu desaprovar, mais uma vez, mas os lábios de Denton se contraíram.

— Já chega, minha querida. Pare de tagarelar. — repreendeu a preceptora, balançando o dedo para a garota — A senhorita me prometeu que se comportaria como uma jovem dama para a visita.

A Srta. Barrington bufou, mas fechou a boca e pegou a mão de Helena também, andando recatadamente para dentro, com Matilda do lado esquerdo. Uma vez fora de alcance, ela sussurrou: — Não prometi, ela apenas disse que eu precisava.

Helena chamou a atenção de Matilda e as duas sorriram.



7 DE MARÇO DE 1815. DERN, SEVENOAKS, KENT.

Matilda sorriu, divertida com a energia ilimitada de Helena. Era uma criatura inquieta, sempre querendo descobrir mais, infinitamente curiosa e ansiosa de entusiasmo. Era um traço que escondia impiedosamente quando estava em sociedade, tendo sido educada fortemente para entender que a inquietação e a maravilha do mundo eram impróprias para a filha de um duque. Foi preciso tanto esforço de vontade, que Helena, muitas vezes, parecia distante e firme. Esta aura, quando combinada com uma língua, que poderia bater com tanta precisão, a ponto de arrancar as asas de uma mosca quando despertada, fazia as pessoas desconfiarem dela. Era ferozmente leal àqueles com quem se importava, recusando-se a ouvir uma palavra de censura contra eles e parecia não se importar nem um pouco com o que as pessoas pensavam dela. Matilda suspeitava que isso estava longe de ser verdade, mas uma mulher da posição social de Helena teria sido treinada desde criança para nunca demonstrar seus verdadeiros sentimentos. Com suas amigas e familiares, no entanto, todas essas restrições sumiam, revelando a privada Lady Helena, que estava há quilômetros de distância da

faceta pública que mostrava. Matilda estava feliz que elas teriam esses poucos dias juntas. Foi adorável conhecê-la melhor e compartilhar esta visita. Parecia para Matilda uma pausa da realidade, sabendo como ela se saía muito bem e que o mundo real se intrometeria muito em breve.

Para a ira da garotinha, no meio da tarde, a Srta. Barrington havia sido levada para assistir à aula de francês, apenas aliviada pela promessa de que a veriam novamente, assim que terminasse. Matilda se arrependeu de sua ausência. Phoebe teria impedido que seus pensamentos se transformassem nesses círculos intermináveis e indefesos. Agora, tendo visto cômodo após cômodo de magnificência opulenta, Matilda estava desgastada. Dern estava em uma escala que a intimidava e a desconcertava e, embora se maravilhasse com tudo o que tinham visto, isso a deixara desanimada e comovida.

O grande salão de azulejos de mármore havia roubado seu fôlego, exatamente como o designer Tudor pretendia. Retratos de gerações de Barringtons olhavam das paredes, pintados por Van Dyke e Reynolds. Quando Helena perguntou, engenhosamente, onde o retrato de Montagu poderia ser encontrado, a Sra. Frant as levou para a longa galeria, onde uma desconcertante variedade de retratos dos séculos XVI e XVII parecia um tratado histórico sobre a nobreza britânica através dos tempos. À medida que avançavam na sala, intrinsecamente revestida, os retratos se tornaram mais recentes, Matilda sentiu seu coração dar um baque irregular, quando a governanta parou diante de um grande retrato de três meninos de pé, sob os galhos de um antigo carvalho.

— Este é Lorde Montagu com seus irmãos, que suas almas descansem em paz. — disse a Sra. Frant, suas feições, bastante severas, suavizando — Foi concluído depois que seus pais e Lorde Philip morreram. Acho que é por isso que é tão comovente. Parece que foi a última vez que estiveram juntos.

— Oh, meu Deus! — disse Helena, pegando o braço de Matilda — Aquele é realmente o Lorde Montagu? Como ele parece feliz.

— Ele era muito próximo de seus irmãos. — disse a Sra. Frant, calmamente — Não acredito que ele tenha encerrado o luto pela perda deles.

Matilda olhou, piscando com força, enquanto o retrato borrava um pouco. O mais velho dos meninos, Lorde Philip, tinha, talvez, catorze ou quinze anos na época e parecia ser cerca de quatro anos mais velho que

Montagu. Ele tinha sido um rapaz grande e robusto, com cabelos dourados e olhos cinzas escuros, tinha o olhar confiante e seguro de um menino que conhecia seu lugar no mundo. Ao lado dele, Montagu, a criança do meio, era magro e requintado, seu cabelo um loiro muito mais pálido, seus olhos cinzentos, um tom mais claro, mais próximo do prata, contornado de preto. Ele tinha o tipo de beleza inocente, que fazia seu peito doer ao olhar para ele, ainda mais neste retrato, enquanto sorria. Seus olhos continham um brilho travesso, o olhar de uma criança versada em problemas. Segurando sua mão com força e olhando para ele, como se procurasse segurança, estava outro menino de talvez cinco anos, em um terno azul. O pintor tinha feito um trabalho magistral de capturar cada menino neste exato momento de sua infância. As feições rosadas da bochecha do irmão mais novo ainda não haviam perdido a suavidade infantil, que fazia com que se desejasse pressionar o rosto em seu pescoço e respirar o cheiro maravilhoso de uma criança pequena e quente. Era um lindo conjunto e fez a respiração de Matilda travar.

— Lindo dia, não é? — a Sra. Frant continuou — Uma semelhança maravilhosa dos três. Eram meninos tão doces.

— Como ele era naquela época? — Matilda perguntou, incapaz de conter a pergunta.

A Sra. Frant riu, um som surpreendente vindo de uma mulher tão severa.

— Muito travesso. — disse, parecendo bastante melancólica — Ele era uma criança tão engraçada e inteligente. Nunca teve a intenção de se meter em problemas, mas, na maioria das vezes, os problemas o encontravam, embora Lorde Philip, o mais velho, o protegesse ferozmente do pior e, muitas vezes, assumisse a culpa por ele. Ambos eram devotados um ao outro. O mais novo é o pai da Srta. Barrington, é claro. Embora ela tenha os olhos de seu pai, mais azuis do que cinzentos, ela favorece seu tio em temperamento. O pequeno Lorde Thomas era uma alma tão quieta. Ele preferia sentar-se com um livro e não gostava de nenhum tipo de brincadeira selvagem e barulho. — seu rosto escureceu, calando-se, como se ela acreditasse que tinha falado demais, assim as apressou para o próximo retrato — E aqui está Lorde Montagu nos dias de hoje. Foi pintado ano passado, pelo Sr. Lawrence.

Matilda sentiu um arrepio de consciência quando encontrou o olhar intransigente da pintura sobre ela. O que aconteceu com aquele garotinho sorridente? Não tinha sinal dele nesse retrato. O homem que a olhava era

indiscutivelmente poderoso, implacável e mais frio que gelo. Estava usando um casaco cinza, que realçava aqueles olhos estranhos. Ainda havia um brilho neles, embora não fosse mais de travessura, mais como o brilho da luz, que brilhava na borda de uma lâmina bem afiada. Usava a grande estrela ornamentada da Ordem da Jarreteira, os diamantes brilhando tão friamente quanto seus olhos. Lawrence o pintou contra um fundo preto, seu cabelo brilhava quase branco em contraste. Com a prata de seu casaco e olhos e os diamantes brilhantes, na estrela da jarreteira, parecia sobrenatural, bonito demais para ser real. Era um retrato surpreendente e que a fazia estremecer de apreensão.

Sei o que deve pensar, quão infiel deve acreditar que eu seja, mas a verdade é que tenho medo do meu sobrinho, do que ele é capaz.

As palavras ecoaram na cabeça de Matilda e, olhando para esse retrato, não foi tão fácil descartar as palavras de seu tio.

— Senhorita Hunt! Lady Helena!

Elas se viraram quando Phoebe correu em direção às duas, puxando a mão de sua preceptora, que estava tentando o seu melhor, para fazer a garota andar e não correr... com resultados pífios.

— Eu terminei minha lição de francês. — disse, sorrindo para elas.

— Estávamos vendo o retrato do seu tio. — disse Helena — A senhorita acha que há uma boa semelhança?

Phoebe franziu a testa, estudando o retrato — Suponho que sim, quando algo o desagrada. Ele ficou do mesmo jeito, todo feroz e frio, quando ouviu como Lady Jane me empurrou e me fez cair, dizendo que não gostava de mim.

— Oh, querida, que garota horrível ela parece ser. — disse Matilda, pegando a mão de Phoebe — O que fez?

— Eu a chutei nas canelas. — disse Phoebe alegremente — Ela chorou o caminho inteiro para casa.

— Senhorita Barrington! — sua preceptora exclamou consternada.

— Ótimo trabalho! — Helena disse, com aprovação óbvia — Eu teria feito o mesmo.

A preceptora lançou a Helena um olhar reprovador, antes de repreender sua tutelada.

— Bem, é verdade, Srta. Peabody. Até a senhorita mesmo, disse o quão repugnante ela era. Eu a chutei e o tio não se importou nem um pouco. — Phoebe retrucou — E a senhorita sabe o quão importante ele diz que a

verdade é. Quando contei a ele sobre Lady Jane, seu terrível irmão Rupert, a Srta. Kendall e a Srta. Smythe juraram que ela não havia feito nada disso, mas ele acreditou em mim, de qualquer maneira. Ele *sempre* acredita em mim, não importa o que aconteça e eu nunca lhe contaria uma mentira. Nem umazinha.

Embora ela não tenha dito isso em voz alta, *houve* um ressoar no final desse discurso apaixonado e sua preceptora suspirou.

— Temos tempo para um passeio no jardim antes do jantar. — disse Phoebe, levando as mãos de Matilda e Helena nas dela — Venham, quero mostrar meu pônei.



Querida Srta. Hunt,

Agradeço a gentileza de visitar minha sobrinha. Não ouvi nada além do seu nome nos lábios dela, desde o momento em que voltei para casa, agora que se dignou a falar comigo novamente. Tudo o que fala é o que a Srta. Hunt fez e disse e como ela é adorável, gentil e bonita. Parece que estou perdoado, e ainda assim, continua me punindo, embora ela não perceba isso.

Então, agora, não posso escapar da senhorita, nem mesmo aqui. Está me assombrando, Srta. Hunt, me impedindo de dormir. Todas as vezes que entro em algum cômodo, me pergunto se a Srta. Hunt esteve aqui, se a Srta. Hunt viu isso, o que ela achou daquilo? Não posso me impedir de imaginá-la aqui, na minha casa. Estou

doente de ciúmes, desejando que tivesse sido eu quem houvesse mostrado à senhorita, em vez de minha governanta. Consegue ver o quão forte caí, invejando os meus próprios criados, por estar em sua companhia? Às vezes acredito que posso detectar o aroma de flor de laranjeira que ficou no ar. Talvez eu esteja simplesmente perdendo a cabeça nas garras dessa obsessão. É isso que é? Apenas uma obsessão? A senhorita sente, pelo menos, um pouco dessa loucura também? A senhorita se tornou um tormento para a minha alma. Alegra-a saber disso? Suponho que ache que mereço. Talvez eu mereça.

Deus, sinto sua falta.

—Trecho de uma carta de O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



Meu Lorde Marquês,

Lady Helena e eu desfrutamos de uma esplêndida visita em Dern. É uma construção magnífica e intrigante e nós duas lamentamos não ter tido tempo para ver mais dela. No entanto, não consigo imaginar quanto tempo seria necessário para descobrir todos os seus segredos, pelo menos uma vida inteira. Eu me pergunto, de fato, se o senhor já visitou todos os cômodos e sabe tudo o que há para saber. Suponho que se alguém pudesse, seria o senhor. O senhor é obstinado, não é?

A Srta. Barrington foi uma anfitriã adorável e encantou Lady Helena e a mim. O senhor deve estar imensamente orgulhoso dela. É uma criança feliz e espirituosa e se tornará uma bela jovem. Está claro que o adora. Acredito que possa deixar suas preocupações com ela de lado. O senhor está fazendo um trabalho maravilhoso e ela será um grande sucesso.

Não voltarei a vê-lo, milorde. Acredito que também seja de interesse mútuo que o senhor pare de me escrever. Eu não tenho nenhum desejo de causar-lhe um momento de angústia e, a partir de suas palavras, fica claro que nossa amizade só trará insatisfação a nós dois.

Envio-lhe e a Srta. Barrington meus melhores cumprimentos, e obrigada por me permitirem visitar sua casa.

— Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



Matilda,

A senhorita não pode ser tão cruel, nem estar tão iludida, a ponto de acreditar que isso entre nós acabou.

M.

— Trecho de uma carta do Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



Montagu,

Estive aguardando uma decisão sobre sua noiva nos últimos cinco anos e esta situação está se tornando insustentável. Deu-me sua palavra de que uma escolha seria feita até o final de abril e ainda não ouvi nenhuma menção sobre o marquês cortejando qualquer uma das damas que escolhi. Na verdade, dificilmente ouço dizer que esteja na sociedade e o único nome que encontro ligado ao seu é o da Srta. Hunt. Ela não é uma noiva adequada, como tenho certeza de que está ciente. Tome-a como sua amante, se for preciso, mas preste atenção ao título. Na sua idade, seu pai já tinha três filhos. Apesar de seus esforços, nossa posição é além de precária e não cumpriu seu dever. É a única pessoa, ou melhor, tudo o que existe entre nós e a ruína total. Não permitirei que essa paixão ridícula nos coloque em risco por mais tempo. Se continuar dessa maneira, será motivo de chacota, por comer nas mãos de uma mulher inútil. Centenas de anos de labuta e sacrifício poderiam ser em vão, se morrer antes de ter seu herdeiro.

Escolha uma noiva ou eu farei isso.

—Trecho de uma carta da viúva condessa Astley, Marguerite de Warenne, (tia-avó) ao Mais Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



21 DE MARÇO DE 1815. DERN, KENT.

Phoebe olhou ao redor da porta, para o escritório de seu tio. Sabia que não deveria estar aqui, tinha ido para a cama, horas atrás, mas algo a acordou e não conseguia voltar a dormir. Embora a Srta. Peabody a repreendesse, foi gentil demais para puni-la adequadamente e, portanto, valia a pena o risco. O tio não se importaria, de qualquer maneira. Ele estava parado ao lado do fogo, um braço apoiado na lareira e uma carta na outra mão. Murmurou algo que ela não conseguiu entender, mas suspeitou ser uma palavra ruim, antes de amassar a carta e jogá-la no fogo. Podia dizer que estava bravo, por causa da rigidez de seus ombros. Enquanto o observava, ele inclinou a testa contra o braço apoiado na lareira. Parecia triste e solitário, mas, na verdade, sempre estava assim. Resolvida a animá-lo, se afastou da porta e correu para as cozinhas. Abraçou as sombras dos enormes cômodos e corredores pelos quais passava, ocasionalmente se escondendo atrás de uma armadura ou se movendo sob a mobília, se ouvisse passos avisando que um criado estava por perto. Não foi difícil evitar ser notada em um lugar daquele tamanho. Phoebe era adepta de se esconder e, se não quisesse ser encontrada, ninguém a encontraria, exceto, talvez, seu tio. Foi o tio Monty que lhe mostrou todos os esconderijos. O antigo casarão estava repleto de passagens secretas e quartos escondidos, e eles passaram muitas tardes úmidas investigando-os.

Abraçando um xale com força em volta do seu corpo, correu para as cozinhas, ignorando o chão frio sob seus pés descalços. Ainda havia atividade ali, como sabia que haveria, mas Pippin não a repreenderia. Apenas beliscaria sua bochecha e a mandaria para a cama, com um prato dos biscoitos que procurava.

— Senhorita Barrington! — a cozinheira exclamou ao vê-la — O que faz aqui, a esta hora?

Phoebe correu em direção a ela e abraçou a mulher. Adorava Pippin, era macia, fofa, gentil, e sempre cheirava a pão fresco e canela.

A Sra. Appleton riu e a abraçou de volta, acariciando os cachos emaranhados de Phoebe em torno de seu rosto — Ah, sim, e o que a senhorita está procurando então, rastejando a estas horas, como um fantasma?

— Alguns daqueles biscoitos que o tio Monty gosta. Os temperados.

— Não me diga que seu tio a mandou buscar biscoitos para ele, pois não acreditarei na senhorita.

— Claro que não. — disse Phoebe, revirando os olhos — Fui vê-lo, porque pensei que ele poderia ler para mim, mas quando o vi em seu escritório, parecia estar com raiva. Acho que recebeu uma carta da tia-avó Marguerite.

— Oh, isso irá servir. — disse a Sra. Appleton, com um suspiro de irritação — Aquela mulher não vai deixá-lo em paz.

— Não gosto dela. — Phoebe confidenciou, enquanto a cozinheira arrumava uma bandeja — Ela quer que ele se case com as mulheres mais enfadonhas e está sempre zangada e tem um cheiro estranho.

Os lábios da Sra. Appleton se contraíram, como sempre faziam quando Phoebe dizia algo impertinente, com o qual concordava secretamente — Não fale assim sobre os mais velhos, mocinha. Não é respeitoso.

— A senhora acha que ela irá obrigá-lo a se casar?

O rosto da Sra. Appleton escureceu — Sim. Ela vai, se puder. Seu tio é uma pessoa teimosa, Deus o abençoe, mas dever é dever, e ele conhece o dele muito bem.

Phoebe deslizou para uma cadeira, observando a cozinheira preparar um prato de biscoitos.

— Eu gostaria que ele se casasse com a Srta. Hunt. — disse, calmamente.

A Sra. Appleton fez uma pausa, por um momento, antes de estender a mão para acariciar o cabelo de Phoebe — Gostaria que ele fizesse algo que o deixasse feliz, pela primeira vez, seja o que for. Esta casa tem visto muita tristeza. Se não fosse pela senhorita, sua danadinha, acredito que todos nós chafurdaríamos nela. Graças a Deus, ele a tem, no entanto. A senhorita é um pequeno raio de sol, é o que é, por toda a sua travessura.

A cozinheira apertou o nariz de Phoebe, que sorriu de volta, enquanto ela ria e entregava-lhe um biscoito.

— A senhorita é uma bênção para ele, criança, e ele a ama muito.

Phoebe assentiu, segura de que era verdade. Desejava que sua mãe e seu pai não tivessem morrido, mas sabia que tinha muita sorte. Mais sorte do que a maioria, e era por isso que queria tanto que seu tio fosse feliz também. Observou, comendo o delicioso biscoito, enquanto a Sra. Appleton pegava leite do resfriador e despejava um pouco em um jarro, adicionando dois copos à bandeja.

— Venha, então. Vamos ver se podemos animá-lo, eh?

Phoebe se levantou e seguiu atrás da figura generosa da cozinheira, enquanto voltava pelo caminho por onde viera, embora não se incomodasse em se esconder atrás ou embaixo das coisas, quando outro criado se aproximou, o que era uma pena, pois teria sido engraçado ver. Ela não achava que o traseiro grande de Pippin caberia atrás de uma armadura.

Quando chegaram à porta do escritório, a Sra. Appleton bateu e esperou. Houve uma longa pausa, antes que seu tio respondesse — Entre.

Estava sentado atrás de sua mesa, e Phoebe sorriu, quando ele olhou surpreso ao ver a Sra. Appleton.

— Perdoe-nos por incomodá-lo, milorde, mas a Srta. Barrington parece pensar que o senhor precisava urgentemente de leite e biscoitos.

Uma sobrançelha elegante se curvou um pouco, enquanto ele olhava da Sra. Appleton para a sobrinha.

— De fato. — disse — Como sabia, criança?

— Adivinhei. — disse ela, satisfeita por ele entrar na brincadeira — O senhor recebeu uma carta de Marguerite Bolorenta, então, eu sabia que estaria zangado.

— Phoebe! — ele a repreendeu, engasgando-se um pouco, e Phoebe teve certeza de que estava tentando não rir — Isso não é maneira de falar da condessa viúva Astley.

— É melhor do que a forma como o *senhor* a chama. — a Sra. Appleton murmurou.

Phoebe mordeu o lábio, fingindo não ouvir, para não colocar Pippin em apuros.

O tio dela pigarreou e se levantou, depois sobressaltou-se quando viu os pés descalços de Phoebe.

— Quantas vezes eu já lhe disse? Irá ficar doente, se continuar vagando por aí descalça.

Ele a pegou, a carregou para perto do fogo, colocou em uma cadeira, virando-a para que pudesse aquecer os dedos frios.

— Precisa de mais alguma coisa, milorde? — A Sra. Appleton perguntou, depois de organizar o leite e os biscoitos para eles.

— Isso é tudo.

— Muito bem. — disse a Sra. Appleton, então, fez uma pausa para dar um longo olhar ao tio Monty, seu olhar ficando suave — Embora sempre haja mais de onde esses vieram.

Phoebe observou, intrigada, como o tio Monty sorriu, um sorriso que alcançou seus olhos.

— Eu me lembro, Pippin. Obrigado.

Ela assentiu, lançou um olhar afetuoso a Phoebe e depois os deixou a sós.

— Marguerite Bolorenta. — ele repetiu, antes de fazer um som de desaprovação e balançar a cabeça.

— Combina com ela, o senhor sabe que sim. — Phoebe persistiu.

— Sim. — ele admitiu, sentando-se na cadeira ao lado dela, e pegando um biscoito do prato. Girou-o em seus longos dedos por um momento, antes de olhar para ela — Mas a proíbo de dizer isso a qualquer pessoa, apenas para mim.

Phoebe suspirou e revirou os olhos — Tudo bem.

Ela serviu um copo de leite para si e outro para o tio, antes de pegar um biscoito e mergulhá-lo no leite. Sentindo os olhos do tio sobre ela, o encontrou olhando-a com desgosto.

— É melhor assim. — disse ela, defensivamente.

— Não parece ser melhor assim. — disse ele, com uma expressão de dor — Sua preceptora não lhe ensina nada?

— Ela tenta. — disse Phoebe, encolhendo os ombros e comendo o biscoito, antes de mergulhá-lo no leite novamente — Hmm...

— Onde foi que eu errei? — ele perguntou, tristemente.

Phoebe bufou, bem ciente de que ele não quis dizer aquilo — O senhor pode tentar.

— Não. — parecia revoltado.

— Sim, continue. Como saberá se o sabor é melhor se não experimentar?

Phoebe olhou para ele, então cruzou os braços e o fitou um pouco mais.

Houve um suspiro sofrido. Curvando um pouco os lábios, seu meticuloso tio mergulhou o biscoito no leite e deu uma mordida relutante.

— E então? — Phoebe exigiu, enquanto ele mastigava, pensativo.

Ela se remexeu, impaciente, enquanto ele levantava um dedo, indicando que deveria esperar e repetiu o processo mais uma vez. Mastigou, engoliu e se virou para ela, sua expressão grave.

— A senhorita ganhou. — disse — Delicioso.

Phoebe deu uma gargalhada e pulou da cadeira direto no colo do tio, com tanta força que ele gemeu.

— Oh, sua criatura perversa. Como abusa de mim.

Ela riu e se aconchegou nele — O senhor não se importa.

— Não. — admitiu, quando ela ficou confortável — Não me importo.

Eles ficaram em silêncio por um bom tempo e Phoebe começou a sentir sono novamente.

— Tio Monty? — indagou, ousando fazer uma pergunta que a vinha incomodando há algum tempo — Eu terei que me casar com um homem do qual não gosto, quando crescer?

Ele enrijeceu um pouco, ela olhou para cima, para encontrar seu olhar cheio de preocupação — Porque está me perguntando isso, criança?

— Porque não quer se casar com nenhuma das damas que deveria escolher, mas o senhor disse que precisa. Se alguém tão poderoso quanto o senhor pode ser obrigado a fazer algo que não quer, então, provavelmente, eu também terei que fazer, e... e se ele não for bom ou gentil comigo?

— *Não!* — disse ele imediatamente, sua voz firme e um pouco irritada — Nunca. Irá se casar com um homem bom e gentil. Alguém de quem goste muito, o suficiente para que não suporte a ideia de não estar casado com ele. Caso contrário, não poderei deixá-la ir.

— O senhor promete? — ela perguntou em voz baixa.

Ele segurou o olhar dela — Eu prometo. Eu prometo, Phoebe. Não precisa mais se preocupar com isso. — disse, e Phoebe relaxou.

Esse era o problema do tio dela. Nunca dizia que ela estava sendo boba ou descartava as suas ideias. Sempre a levava a sério e, se prometia alguma coisa, nunca voltava atrás ou mudava de ideia. Ele a fazia se sentir segura, sempre foi assim. Contenta agora, ela deu um suspiro, recostou a cabeça sobre seu ombro e dormiu.



Querida Srta. Hunt,

Espero que esteja bem. Pedi a Pippin que lhe fizesse uns biscoitos. Espero que goste deles, são os favoritos do meu

tio. Eles são muito bons, mas ainda melhor quando são mergulhados no leite. Até o tio concorda que é verdade, embora diga que eu não devo fazer isso em companhia. Ser mulher é muito chato. Acho que é por isso que Ana Bolena queria ser rainha. Ela pensou que as pessoas parariam de lhe dizer o que fazer, mas, se há um homem mais poderoso, sempre haverá alguém para dizer a uma lady o que fazer, então o rei cortou sua cabeça. Estava preocupada com isso, mas o tio disse que não me deixaria casar com ninguém que não fosse gentil e bom comigo. Não acho que alguém que me mande fazer alguma coisa que eu não queria seja gentil e bom. Além disso, todos teriam medo do tio Monty, então, está bem.

Espero que goste dos biscoitos. Por favor, escreva de volta em breve. Sinto a sua falta.

—Trecho de uma carta da Srta. Phoebe Barrington para a Srta. Matilda Hunt.



30 DE MARÇO DE 1815. MANSÃO LINGFIELD, EDENBRIDGE, KENT.

A escrita infantil embaçou um pouco os olhos de Matilda, que piscou forte e respirou fundo. Abrir a tampa da caixa liberou uma nuvem macia de perfume, canela e gengibre, doce e de dar água na boca, enquanto removia o papel de seda, para revelar os biscoitos. Cada círculo perfeito tinha sido carimbado com o brasão de Montagu, uma águia com asas estendidas e Matilda deu uma pequena gargalhada, tocando o dedo na imagem. Ela levou um biscoito à boca e deu uma pequena mordida. Os sabores explodiram em sua boca e ela suspirou, fechando os olhos, enquanto os sabores exóticos das especiarias a aqueciam. Terminou um e embalou o resto, desejando que Phoebe não tivesse escrito para ela. Era impossível não

escrever de volta, e sabia que haveria uma resposta em troca. Meu Deus, nunca estaria livre de Montagu, pois sua sobrinha era um lembrete constante.

Seu peito ficou apertado e, de repente, seu quarto espaçoso e confortável estava lhe confinando e precisava escapar. Não era um bom dia para um passeio, tendo chovido toda a manhã. A tarde estava seca, pelo menos, mas não mais atraente. Nuvens cinzentas desagradáveis ondulavam pelos céus, acompanhadas pelo vento gelado do Norte, mas Matilda não podia ficar dentro de casa por mais um momento.

Assim que saiu, caminhou rápido, respirando fundo, enquanto o vento atingia suas roupas e puxava seu chapéu. Dirigiu-se para o Castelo Hever, dizendo a si mesma que era simplesmente porque sempre o fez, quando, na verdade, sabia que os pensamentos sobre ele seriam mais fortes naquele lugar, difíceis de banir. Não havia carruagem fora do castelo, hoje, passou um momento olhando para a estrutura antiga e lembrando da última vez que o vira, antes de se repreender por estar agindo como uma tola. Tomando um caminho que a levaria pela floresta, em uma rota tortuosa, acelerou o ritmo. Uma boa caminhada iria limpar sua cabeça, dava-lhe alguma perspectiva, e então...

Ofegou, parando quando uma figura apareceu. Estava sentado em uma árvore caída, sua expressão desoladora. Quando ele se virou para vê-la, não parecia menos chocado do que ela se sentia. Montagu se levantou e todo o ar deixou seus pulmões ao vê-lo ali.

— Matilda. — disse, falando o nome dela, como se não confiasse que fosse real, que estava realmente de pé diante dele.

Matilda olhou para ele, tão surpresa, que não pode nem o repreender por usar seu nome, quando nunca lhe dera permissão para fazê-lo. Foi uma eternidade, antes que ela encontrasse inteligência suficiente para falar com ele, não que ele parecesse ser capaz de oferecer qualquer coisa parecida com conversa também.

— Sua carruagem? — ela começou, franzindo a testa ao perceber que isso não era realmente uma pergunta, embora ele parecesse entender.

— Há uma estalagem abaixo, na estrada. Dei permissão ao cocheiro que me esperasse lá. Queria ficar sozinho, e o dia cinza como está combinava com o meu humor. Vou encontrá-lo, quando estiver pronto.

— Isso foi... atencioso. — Matilda ofereceu, honestamente surpresa pelo fato de o marquês ter notado sua criada, muito menos pensado em seu

conforto.

Ele fez um som suave, um pouco como riso, mas havia uma amarga pontada nele. Desviou o olhar dela, e Matilda o estudou, perplexa. O que ele estava fazendo aqui?

— Deveria deixá-lo em sua solidão, então. — disse, recusando-se a parecer arrependida, embora a decepção florescesse em seu peito, com a ideia de sair dali.

— *Não*. — disse ele, imediatamente — Não.

Matilda hesitou — Não há terra suficiente para caminhar em Dern e encontrar solidão?

Ele ficou em silêncio por um longo tempo — A senhorita sabe que sim.

Matilda sentiu seu coração dar um baque desconfortável em seu peito. Veio aqui por ela, mas certamente não esperava vê-la? Era muito mais tarde do que ela costumava andar e o tempo estava horrível. Em circunstâncias normais, nunca teria saído, só que... só que não conseguia parar de pensar nele. Ele veio aqui pelo mesmo motivo?

— Como está Phoebe? — ela se aventurou, guiando-os para um local mais seguro — Recebi um pacote adorável dela, esta manhã. Enviou-me alguns dos seus biscoitos favoritos.

— É mesmo? — sua expressão suavizou — Phoebe está bem.

Segurou o olhar dela, e Matilda desejou que pudesse pensar em algo sensato para dizer. Certamente eles poderiam ter uma conversa normal. Foi um alívio quando Montagu ganhou dela.

— Ela fala da senhorita com frequência... *constantemente*. Às vezes acho que ela faz isso de propósito, para mantê-la em meus pensamentos, como se a senhorita já não estivesse lá, tempo suficiente.

Matilda corou, desejando que o comentário não a agradasse tanto. Não havia nada que ela pudesse dizer com segurança em resposta, então, segurou a língua.

— Obrigado por visitá-la. Significou muito para nós dois. Temo que ela esteja solitária.

Isso, pelo menos, ela poderia responder — Não tenho certeza sobre isso. Eu vi uma criança feliz e alegre. Ela, certamente, tem os criados sob a palma da mão.

Ele sorriu um pouco com isso, apenas uma leve inclinação do lado da boca, mas, ainda assim, a deixava com o peito apertado — Estou ciente.

— Tenho pena da pobre preceptora. — continuou, desesperada para manter aquela conversa acontecendo — Gostei muito da Srta. Peabody, no entanto. Ela é gentil e doce. Não como algumas preceptoras que conheci.

— A senhorita deu muito trabalho para a sua preceptora? — ele perguntou, o peso de seu olhar prateado caindo sobre ela — Consigo imaginar a senhorita a irritando até a morte.

Matilda franziu a testa, um pouco indignada — Por que o senhor acha isso?

— Porque a senhorita não é o tipo de pessoa que faz cegamente o que lhe é dito ou o que se espera dela. Não consigo imaginar que tenha sido diferente quando criança. Acredito que foi uma criança destemida, sempre querendo saber o porquê das coisas e desafiando-a a cada passo, eu suspeito.

— Oh. — Matilda franziu os lábios, incerta se queria dizer isso como um elogio, pois, certamente, não descrevia a jovem ideal. Mas a descreveu muito bem. Suspirou — Sim, muito bem, isso foi terrivelmente preciso. Nunca fui nem um pouco obediente. Eu odiava minha preceptora e tenho certeza de que o sentimento era mútuo. Ela fez da minha vida um tormento, então, fiz o meu melhor para retribuir o favor.

— Ela a machucava?

Matilda franziu os lábios, lembrando-se — Batia nas minhas palmas com uma régua, com bastante regularidade, mas nada fora do comum. Era mais porque ela era uma criatura que não sorria, era impossível de agradar, mas logo descobri que não me importava muito em agradá-la, então nos dávamos bem o suficiente. Eu não sou traumatizada, garanto. Ela foi embora quando eu tinha dez anos, a próxima foi agradável o suficiente, embora um pouco tediosa.

Montagu se afastou dela, mostrando-lhe nada de sua expressão. Mesmo sabendo que era uma ideia terrível, moveu-se para ficar ao lado dele e colocou uma mão hesitante em seu braço.

— Milorde?

Ele se virou um pouco, estudando o rosto dela — Sinto muito que ela a tenha machucado.

Matilda sorriu, tocada por ele se importar com uma coisa tão boba — Não foi nada, não mais do que qualquer experiência infantil.

Ela o observou com interesse, enquanto ele balançava a cabeça.

— Ninguém nunca irá levantar a mão para Phoebe. As crianças devem estar a salvo desse tipo de coisa em suas próprias casas. Nenhuma criança deveria...

Ele parou e respirou fundo, como se quisesse se acalmar. Era tão estranho vê-lo menos do que rigidamente controlado, que Matilda olhou-o com fascínio.

— Meu nome é Lucian.

A mudança repentina de assunto foi inquietante e Matilda baixou a mão, afastando-se dele — Não, isso não seria apropriado.

Ela viu o brilho de frustração iluminar seus olhos, por um momento.

— Não há ninguém aqui, Matilda.

Ela o olhou, guerreando consigo mesma, quando, na verdade, sabia que a resposta era bastante simples. *Corra*. Corra agora, antes que essa situação se torne mais difícil de se desvencilhar. Estavam sozinhos e a intimidade do momento era muito fácil de acostumar-se, e ainda assim...

— Eu poderia chamá-lo pelo seu nome se... se fôssemos amigos. — ela ofereceu, tentada demais pela oportunidade de conhecê-lo melhor, para negá-lo.

— Amigos. — ele falou a palavra como se estivesse testando o tamanho dela. — Somos amigos?

Seu coração estava batendo muito rápido, deixando-a sem fôlego. Isso foi estúpido, idiota — Poderíamos ser, se... se o senhor prometer...

— Se eu prometer *o quê*? — exigiu, com certa aspereza no tom de suas palavras — Eu já disse que não vou tentar beijá-la ou seduzi-la. Não tenho desejo pelo que a senhorita não queira dar livremente. Se me quer, a senhorita é quem deve vir até mim. Então, consegue ver, está bastante segura. Não vou tocá-la, não vou tentar persuadi-la para os meus braços.

Matilda engoliu em seco, ciente de que isso não diminuía o perigo para ela. Ele cumpriria sua palavra, sabia disso. Não a tocaria, mas o desejo de tocá-lo fazia sua pele doer, como se cada centímetro dela estivesse machucado e só pudesse ser acalmado sob sua carícia. Seria muito fácil implorar para que a tocasse. Ele sabia disso? Ela se perguntou. Ele sentiu isso também? Era uma maldita tola, mas queria falar com ele, conhecê-lo melhor, e quantas outras chances haveria? Poderiam ser amigos, por uma tarde, pelo menos.

Ela respirou fundo — O senhor gostaria de dar um passeio comigo... Lucian?

Para sua surpresa, um pouco da tensão que o mantinha tão rígido pareceu cair.

Ele estendeu o braço — Eu ficaria honrado.

Caminharam por algum tempo em silêncio e Matilda lançou olhares secretos para o rosto dele, lembrando-se da criança sorridente que vira na pintura.

— Vi seu retrato com seus irmãos, é uma pintura linda. É óbvio que se adoravam. Sua governanta certamente pensa que sim.

Ela pensou ter visto um sorriso tocar seus lábios — É uma boa semelhança. Éramos felizes naquela época, é possível ver isso na pintura.

O que aconteceu? Queria perguntar, tão desesperadamente, que teve que cerrar os dentes, sentindo que ele encerraria essa conversa antes que começasse, se Matilda seguisse com esse tópico.

— Como eles eram?

Ele não respondeu no início, Matilda pensou que Montagu estava considerando a pergunta.

— Philip era o mais parecido com meu pai. Tinham a mesma forma e a mesma coloração, pensavam da mesma maneira. Eram muito diretos, contundentes. Philip não conseguia guardar um segredo para salvar sua vida. Todos os seus pensamentos estavam escritos em seu rosto. Papai era o mesmo. Ambos se destacaram nos esportes e viveram para caçar. Adoravam passear em todos os climas, eles desapareciam de manhã e não eram vistos novamente até o anoitecer. Os dois eram muito próximos, com Phillip sendo o herdeiro, mas meu irmão era generoso e nunca me deixava de fora das coisas, embora meu pai reclamasse amargamente, pois eu não estava nem perto dos esportistas que ambos eram. Achava que eu atrapalhava, mas Philip me arrastava para todos os lugares com eles, e - tenho vergonha de dizer - nem sempre apreciei seus esforços para me incluir. Papai certamente não apreciava. Não tinha muito tempo para mim ou para Thomas, nós éramos apenas os sobressalentes.

Matilda reprimiu uma explosão de raiva em seu nome, mas manteve sua opinião sobre seu pai para si, dizendo apenas: — Isso deve ter sido difícil.

Para sua surpresa, ele balançou a cabeça.

— Eu entendia como as coisas funcionavam. Todos nós entendíamos. Philip era para ser Montagu, isso era tudo. Estava sendo preparado para o futuro, para um papel para o qual nasceu. Era o melhor de nós, eu podia ver o orgulho que meu pai tinha dele, e eu estava orgulhoso de meu irmão,

também. Tentei o meu melhor para ser como ele... com pouco sucesso. — deu um sorriso autodepreciativo e a olhou de relance — Eu nunca fui tão bom quanto ele, em nada.

A admissão assustou Matilda. Ficou espantada com o quanto ele havia revelado, sabendo de seu orgulho feroz e de que guardava sua privacidade com a ferocidade de um cão raivoso.

— O senhor era muito jovem. Seriam iguais, com o tempo. Não tenho dúvidas disso.

Ele balançou a cabeça com veemência — Não. Era o melhor homem para isso. Era óbvio, mesmo naquela época. Meu pai certamente viu isso.

— Não acredito nisso, nem por um momento, e qualquer pai que favoreça uma criança em detrimento da outra... — Matilda fechou a boca, forçando sua raiva a diminuir, quando percebeu que não podia... não tinha o direito de comentar, mas a injustiça disso queimava dentro dela.

Ele estava olhando para ela, um olhar confuso em seus olhos, como se não pudesse entendê-la.

Matilda respirou fundo — E Lorde Thomas?

Ela nunca deveria ter começado essa conversa. A cada revelação, a imagem do frio e intocável marquês se afastava um pouco mais, e revelava um homem de verdade, um menino que, sem dúvida, ansiava pela aprovação de seu pai. Seu coração doía por aquela criança.

— Ele era o favorito de minha mãe, o que irritava meu pai. Dizia que ela o paparicava, mas ele foi um bebê doente e, na maioria das vezes, não estava bem de saúde. Thomas era bastante frágil, quieto e dócil, ao contrário de mim.

— De quem o senhor era o favorito, então? — ela perguntou e depois quis morder a língua.

Uma sombra cruzou seu rosto e ela sentiu os músculos sob sua mão apertarem sob o tecido fino de seu casaco.

— Para que lado devemos ir? — ele perguntou, gesticulando à frente deles, enquanto o caminho se dividia.

— Para a esquerda. — disse Matilda, antes que pudesse pensar muito sobre sua resposta, tendo escolhido o caminho mais longo.

Caminharam em silêncio por um tempo, e Matilda tentou encontrar um caminho de volta para a conversa.

— Sua governanta disse que o senhor foi uma criança muito arteira.

Ele fez um som divertido, olhando de soslaio para ela — Nada mudou, eu garanto.

Matilda corou e pigarreou — Evidentemente.

Caminharam e foram forçados a parar, quando uma poça grande e lamacenta bloqueou o caminho.

— Ah, não! — disse Matilda, frustrada — Teremos que voltar por onde viemos.

— Bobagem. — disse ele, rapidamente — Se me permitir?

Olhou para ele, de repente percebendo sua intenção — Oh, não. Eu acho que não...

Ele ergueu uma sobrancelha, desafiando-a silenciosamente, ela deu um bufo de impaciência.

— Oh, muito bem, então.

Ele se moveu imediatamente, como se acreditasse que ela mudaria de ideia no segundo seguinte, e Matilda deu um pequeno grito quando foi pega em seus braços. Ele atravessou a poça, indiferente ao estado de suas botas, e ela agarrou seu pescoço, mal conseguindo respirar, com sua proximidade repentina. Matilda não teve tempo para apreciar, no entanto, pois, rapidamente, a colocou no chão, do outro lado, com cuidado, sem sequer parar para abraçá-la.

Matilda experimentou um momento de forte decepção e se repreendeu por isso.

— Obrigada. — murmurou, tentando não parecer tão nervosa quanto se sentia, e, sem dúvida, falhando miseravelmente.

— O prazer foi meu, eu garanto.

Foi dito educadamente, sem nenhum sinal de flerte, e ainda assim, Matilda sentiu isso em seus ossos. Ela pegou seu braço novamente, evitando seus olhos e eles continuaram.

— Como está a Sra. Hunt? Bem, eu acredito?

Matilda sorriu e assentiu — Alice está muito bem. Deu à luz a um belo menino, nosso querido Leo. Uma criança tão bonita e muito bem-humorada. Estou totalmente apaixonada. A única dissidência na casa é a nossa constante disputa sobre de quem é a vez de segurá-lo. Temo que guarde meu tempo com ele de forma protetora e não gosto de compartilhar.

Matilda levantou os olhos e o encontrou a olhando, a expressão dele tão intensa, que ela teve que desviar o olhar. Um pouco mais tarde, ousou olhar para ele e descobriu que estava franzindo a testa, olhando à frente deles,

como se pudesse ver o futuro e não gostando do que via. Ele deve tê-la sentido fitando-o, pois se virou para ela.

— Que estranho ter ciúmes de um bebê. — disse ele.

Foi um comentário descuidado, dito de forma leve - um pequeno flerte, que um homem poderia compartilhar com uma dama - e, no entanto, Matilda ouviu muito mais no singelo comentário do que, talvez, Montagu pretendesse, ou ela talvez estivesse simplesmente perdendo a cabeça.

— Se eu voltasse aqui amanhã, a senhorita me encontraria?

— Não. — disse Matilda, imediatamente, antes que seu coração pudesse dar outra resposta, aquela que queria dar, de fato.

Ele assentiu, claramente não esperando mais nada.

— Voltará para a cidade em breve?

— Sim, suponho que sim. — disse ela, incapaz de esconder seu desfavor pela ideia.

— Mas preferiria não voltar?

— Parece que não faz mais sentido, é cansativo desfilar meus acessórios diante de um público indiferente.

Ela sentiu, mais do que ouviu, o desejo dele de falar e lhe lançou um olhar penetrante. Sua mandíbula estava firme, mas Montagu não disse nada, pelo que, estava grata. A floresta se abriu para lhes dar uma vista encantadora do campo, embora fosse mais dramática do que bonita, com nuvens baixas e ameaçadoras. Matilda soltou o braço dele e estendeu a mão para tirar uma folha da bainha de sua pelisse.

— E o senhor? — ela perguntou, enquanto se endireitava — Voltará em breve?

Ele assentiu, mas não parecia mais entusiasmado com a ideia do que ela.

— O senhor não gosta muito de socializar, não é?

— Não muito.

— E o senhor despreza conversas educadas.

— Desprezo. — olhou-a — Eu gosto de falar com a senhorita.

Ela riu disso.

— Sim, o senhor gosta de me deixar desconcertada, eu sei.

— Não. — pareceu surpreso com as palavras dela, mesmo um pouco perplexo — Gosto que a senhorita não tenha medo de falar o que pensa. Prefiro ouvir-lhe dizer a verdade, a ouvir palavras bonitas sem significado de outras pessoas, mesmo que a senhorita esteja me condenando e acabando com meu orgulho.

— Por todo o bem que isso me faz. — ela retrucou, divertida.

Seu sorriso desapareceu com o olhar em seus olhos.

— A senhorita acha que não dou ouvidos às coisas que diz? Acha que não sinto nada? — fez um som irritado e virou as costas para ela. A linha de seus ombros estava, mais uma vez, rígida — Claro, Montagu, um miserável frio, com menos sentimentos do que um bloco de gelo.

Matilda olhou para as costas dele, chocada e incerta sobre o que dizer.

— As pessoas são obrigadas a dizer essas coisas. É o rosto que o senhor apresenta ao mundo.

— Sim. — disse ele, amargamente.

Houve um pequeno silêncio, que Matilda não sabia como quebrar. Ele se afastou dela, com passadas duras, que traíam sua calma exterior. Parecia muito solitário. Queria ir até ele e afugentar aquela solidão, abraçá-lo, mas não era tola o suficiente para considerar isso uma ideia sábia. Ele permaneceu em silêncio e Matilda o estudou, enquanto arrumava os punhos de suas mangas, primeiro uma, depois a outra.

— Meu irmão Philip era bom com as pessoas. Todos o amavam, desde os comuns até o rei. Essa foi a única coisa pela qual meu pai o repreendeu, por estar muito à vontade com as ordens inferiores. Meu pai era um homem orgulhoso. A senhoria acha que sou frio... meu Deus. — soltou uma gargalhada, seus olhos mirando a distância, talvez o passado — Ele era um defensor da propriedade e de sua própria consequência, devido ao título, ao nome da família. Fez tudo o que podia para fazer Phillip tão frio e orgulhoso quanto ele, mas falhou. Era a única vez que discutiam. Papai até escreveu um livro para servir de guia para Phillip, depois que ele partisse. Assim, sua voz autocrática ainda guiaria a mão de seu filho, do outro lado da vida. Ele não tinha ideia de que morreriam no mesmo dia, é claro.

— Lucian... — ela começou, sem saber o que queria dizer, desesperada para alcançá-lo e acalmar a dor que podia sentir por trás das palavras.

— Não tenho a facilidade de maneiras do meu irmão, nem qualquer uma de suas boas qualidades. Mas tenho esse maldito livro. — balançou a cabeça — Me perdoe. Creio que me tornei piegas. Está frio. A senhorita vai pegar um resfriado. Vamos.

Ele estendeu o braço para ela, sua expressão não revelando nada. Matilda desejou poder fazer ou dizer algo, qualquer coisa para aliviar sua dor, mas não havia palavras para suavizar suas expressões torturadas. Então, pegou seu braço, observando-o com cuidado, e não vendo nada que Montagu não

quisesse revelar. Todas as emoções foram trancadas e guardadas com força. Ele perdeu seus pais e um irmão, que claramente idolatrava, no mesmo dia, e então, não muito tempo atrás, seu irmão mais novo também. Ela não conseguia se imaginar perdendo Nate, a própria ideia a tocou no âmago.

— Quantos anos o senhor tinha quando eles morreram? — perguntou, mantendo a voz suave, esperando que ele pudesse responder pelo menos a isso.

— Onze. Thomas tinha seis anos.

Ela não se atreveu a oferecer-lhe simpatia, ciente de que não aceitaria.

— E quem estava lá com o senhor? A família? Amigos? — Matilda notou a maneira como sua mandíbula se contraiu, sentiu a tensão subindo, novamente.

— Meu tio veio.

Agora ela estava pisando em terreno perigoso, sabia disso, mas, ainda assim, não pôde deixar de perguntar — Espero que ele tenha sido um conforto para o senhor.

Ele soltou uma gargalhada, que não continha nem um pinga de calor — Ah, ele foi. Meu pai não gostava, nem aprovava meu tio. Não falava com ele, nem o recebia em casa, mas minha tia-avó Marguerite o amava mais e, sempre que a víamos, tio Theodore estava lá. Todos nós, meninos, falávamos sobre vê-lo, sabendo que papai ficaria furioso se soubesse. Ele era engraçado e charmoso e sempre trazia presentes para nós. Naturalmente, nós o adorávamos. Depois que nossos pais e Philip morreram, Thomas e eu ficamos pateticamente gratos por tê-lo conosco.

Havia um pouco de acidez em suas palavras, que Matilda poderia não ter percebido, se não fosse por sua própria conversa com seu tio. Comia-a agora, o conhecimento de que ele estava aqui na Inglaterra e Lucian não sabia. Desejou não ter dado ao homem sua palavra tão impensadamente, pois agora parecia uma traição. O que quer que estivesse entre eles, obviamente era mais profundo.

Matilda ergueu os olhos, surpresa ao descobrir que estavam se aproximando do castelo. Com pesar, percebeu que seu tempo com Montagu estava no fim. Tinha passado muito rápido, ainda havia tanta coisa que ela gostaria de saber.

— Acho que é melhor eu deixá-la aqui. Não seria bom para nós sermos vistos andando em público juntos, não é?

Matilda assentiu, mas parecia incapaz de fazer seus pés se afastarem dele. A solidão que sentia nele antes era palpável agora, desejava poder ajudá-lo. Se ao menos não houvesse essa pesada atração entre eles, poderiam realmente ter sido amigos. Do jeito que estava, não podia fazer nada. Ele era perigoso para ela, para seu futuro, a tentação que Montagu oferecia, era tão sedutora, que não ousava permitir que ele se aproximasse. Poderia cair com tanta facilidade, que isto a aterrorizava. No entanto, não conseguia se afastar, não podia arrancar os olhos dele. Montagu a olhou.

Ele murmurou algo que parecia uma maldição, desviando o olhar do dela, então pareceu se recompor. Quando falou, suas palavras foram rápidas:

— Minha tia-avó é uma espécie de força a ser considerada, Matilda. Ela deixou a sociedade há muitos anos e, no entanto, exerce um poder considerável. Ela está fazendo o seu melhor para forçar minha mão. Eu devo escolher uma noiva.

— Isso não é surpresa. — respondeu imediatamente, talvez rápido demais, mas aliviada por sua voz estar firme e calma.

Não *era* uma surpresa, afinal. Falaram sobre isso muitas vezes. Sabia que ele se casaria.

— O senhor deve ter cerca de trinta anos. — disse ela, seus lábios se contorcendo. Acenou com um dedo para ele, disfarçando a dor que apunhalava seu coração, com um verniz de leviandade — Ainda tem tempo para começar a montar um berçário.

Ele estudou o rosto dela por um bom momento, tanto que Matilda se sentiu exposta por seu escrutínio, como se estivesse procurando algo. Matilda lutou para manter sua expressão cuidadosamente impassível, suas emoções escondidas.

— Parece que sim. — disse ele, por fim, e ela pensou ter ouvido derrota, arrependimento até, nas palavras, mas, sem dúvida, era seu próprio coração tolo procurando o que não estava lá.

— Adeus, Lucian. — disse, virando-se e andando rápido, não movendo a mão para limpar a umidade em suas bochechas.



Matilda,

Voltamos para St. James. Jurei a mim mesmo que não escreveria para a senhorita, que não a perseguiria dessa maneira desesperada, mas parece que sou impotente para resistir. Há uma exposição de aquarelas na Old Bond Street, da Society of Painters in Watercolours. Posso esperar encontrá-la lá na tarde do dia 14? Não levarei Phoebe, nem lhe direi nada sobre isso. Não a usaria de tal maneira para ganhar sua atenção, embora me pergunte, se tenho decência suficiente para sempre resistir à tentação. A senhorita me atormenta.

Venha até mim.

Por favor.

M.

***—Trecho de uma carta de O Mais Honorável,
Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta.
Matilda Hunt.***



Matilda se acomodou na ensolarada sala da frente com seu livro e virou determinada a primeira página. Olhou para ela sem expressão, por um bom momento, antes de respirar fundo e tentar novamente. Ficaria sentada ali e leria um bom livro. Não pensaria em mais nada. Ela *não* iria sair e ponto final.

Leu duas páginas, mal compreendendo as palavras, mas comprometida em manter sua mente ocupada. Seus olhos se voltaram para o relógio e praguejou, forçando sua atenção a voltar para a história. Passou mais três

páginas, embora não pudesse dizer do que se tratava, e então ouviu alguém chegar à porta da frente. Matilda levantou-se assim que seu mordomo apresentou Bonnie e sua sogra, a condessa viúva St. Clair.

— Bonnie! — exclamou, encantada e aliviada, por ver sua amiga e ter pessoas para mantê-la ocupada. Abraçou Bonnie com força, antes de se virar para a outra convidada — Lady St. Clair, que bom vê-la.

— Oh, por favor, me chame de Louisa, querida, continuo lhe pedindo. Afinal, somos velhas amigas, agora.

— Muito bem, Louisa. Devo pedir chá? — perguntou Matilda.

— Não, Tilda, não vamos ficar muito tempo, viemos apenas buscá-la. Vamos encontrar alguns amigos em uma exposição de aquarelas, em uma galeria na Bond Street, e queremos que venha conosco.

Matilda piscou, imaginando como explicar o rubor de cor que surgia sobre ela.

— Oh. *Oh, não.* — pigarreou e sentou-se novamente, um pouco forte demais — Na verdade, tinha a intenção de ficar em casa, lendo um pouco. — acrescentou, pegando o livro e acenando para elas, a título de ilustração — É um ótimo livro. — disse, rezando para que não lhe perguntassem do que se tratava, pois não tinha a menor ideia.

— Isso não vai funcionar, Matilda. — Lady St. Clair apontou um dedo para ela. — Não deve deixar que o que aconteceu com aquele homem terrível a isole. O Sr. Burton está no passado, e lá permanecerá. Agora, vamos conhecer alguns belos jovens, hoje. — acrescentou, com um sorriso travesso — E aquele encantador Sr. Richards estará lá. Ele é um bom partido, agora, e uma criatura muito querida.

Matilda suspirou — É dois anos mais novo do que eu e terá todas as mulheres elegíveis da *ton* tropeçando umas nas outras para chegar até ele. Se não estava interessado em mim, antes de se tornar herdeiro de um condado, dificilmente estará agora.

— Ele pode, já que Helena está apaixonada pelo Sr. Knight. — disse Bonnie, prosaicamente.

— Oh, que incentivo, ser a segunda opção. — Matilda retrucou, e então sentiu uma explosão de remorso — Me perdoe. Sei que estão tentando ajudar, e agradeço, mas estou bastante contente em ficar aqui sentada, lendo.

Por favor, não me pergunte novamente, implorou silenciosamente. Seu desejo de se encontrar com Lucian de novo estava além de qualquer coisa,

mas sabia que era um erro. Era errado até mesmo pensar nele, como Lucian. Ele era o Marquês de Montagu. Existia num mundo que nunca pertenceria a ela, e deveria ficar longe dele. Vê-lo novamente, mesmo em um lugar público, tornaria as coisas piores, e ele só pediria mais. Iria querer vê-la de novo, e de novo, e antes que percebesse, seria sua amante, assim como ele sempre pretendia. A ideia estava se tornando horivelmente tentadora, enquanto uma vida inteira se estendia diante dela. Ficou consternada ao perceber que, provavelmente, teria concordado com isso, se ele não tivesse que se casar. Mas ela não o compartilharia. Isso a destruiria e tinha muito orgulho para sequer considerar essa opção.

Matilda se preparou para o próximo ataque, quando Lady St. Clair - Louisa - se sentou ao lado dela e pegou sua mão.

— Querida, uma criatura tão linda e vivaz como a senhorita não deveria se enterrar em casa, em um dia tão lindo. Venha com a gente. Vamos olhar para algumas belas pinturas e flertar com alguns jovens. Não estou pedindo para que se case com algum deles, apenas venha e se divirta. Por favor, querida.

— Mas... — Matilda começou, entrando em desespero agora.

— Ora, vamos. — Bonnie choramingou — Diga que sim. *Por favor.*

— Por favor, Matilda. — Louisa ecoou, apertando os dedos.

Matilda olhou para suas amigas, imaginando se o destino estava fazendo isso de propósito, para torturá-la. Seus rostos estavam tão cheios de esperança de que ela fosse, que não viu como poderia recusar. Com um suspiro de derrota, assentiu, tentando ignorar o pequeno salto de euforia que seu coração dava.

— Ora, muito bem, mas devem esperar que eu troque de roupa. — disse, indelicada na derrota.

— Excelente! — Louisa disse, batendo palmas — Está tudo bem. Corra, então, e certifique-se de usar algo bonito. — acrescentou, com um aceno encorajador.

Matilda suspirou e se afastou. *Pare com isso*, se repreendeu, quando a antecipação de estar com Lucian novamente a deixou inquieta. Talvez não fosse. Ela, deliberadamente, ignorou a carta dele, recusando-se a respondê-la. Agora só podia esperar que Lucien não fosse, acreditando que ela não estaria lá. Exceto que não esperava nada disso, seria uma mentirosa se fingisse que sim. *Oh, bom Deus*. Se esforçou tanto para fazer a coisa certa, e essa era sua recompensa.

— Estou condenada. — murmurou irritada e subiu as escadas.



Matilda fez o seu melhor para ficar para trás, enquanto o Sr. Richards e vários amigos riam e conversavam animadamente, ganhando alguns olhares de reprovação dos outros visitantes da exposição. Era um grupo alegre, incluindo três damas - nenhuma com mais de vinte anos - uma acompanhante e três cavalheiros, dois dos quais, certamente, poderiam ser descritos como dândis. Bonnie havia apresentado todos, embora Matilda, agora, estivesse lutando para lembrar seus nomes e rezando para que não precisasse se dirigir a nenhum deles diretamente. Não parecia provável. As jovens estavam flertando e rindo com os cavalheiros, que estavam se envaidecendo, ninguém parecia estar prestando a menor atenção às pinturas.

— Eles não são encantadores? — Louisa disse, olhando para o grupo animado, com um sorriso indulgente.

— Encantadores. — concordou Matilda, desejando que eles estivessem do outro lado da galeria, sentindo-se excêntrica e bastante velha em sua presença.

— Gosto de estar com os jovens, eles são tão revigorantes. — Louisa riu, correndo atrás deles, enquanto passavam alegremente por uma bela pintura de Joseph Turner.

Matilda parou onde estava, determinada a olhar para as pinturas e não examinar os visitantes, em busca de um certo marquês.

— Receio que eles não sejam amantes da arte.

Matilda olhou para trás, surpresa ao descobrir que um dos jovens, aquele que não aspirava ao dandismo, havia voltado para falar com ela.

— Nunca teria imaginado. — respondeu secamente, ganhando uma risada alegre.

— Eles não são tão frívolos quanto parecem, mas gostam de entreter as jovens. — disse o sujeito, com um toque de desculpa.

Ele corou, obviamente percebendo que Matilda não havia sido incluída nessa descrição.

Matilda riu tristemente, descobrindo que não poderia ficar ofendida com a falta de gracejo dele. Era tão terrivelmente jovem, era um doce e o olhar de admiração óbvia que lhe lançava, não era indesejável, nas circunstâncias.

— São muito jovens e tolos e riem facilmente, foi tudo o que quis dizer. — falou parecendo um pouco mortificado e claramente não se incluindo na descrição.

— Entendi muito bem, fique tranquilo. — disse Matilda, aliviando seu desconforto.

— Meu nome é William Smythe, se a senhorita não se lembrar da introdução anterior. Foi um pouco rápida demais.

Matilda assentiu, aliviada por ter um nome — Prazer em conhecê-lo, Sr. Smythe. Sou Matilda Hunt.

— Eu sei. — disse ele, um tom reverente aparecendo em sua voz.

As sobranceiras de Matilda se arquearam por vontade própria e ele corou novamente.

— Digo... Conheço seu irmão, o Sr. Hunt. Sou membro do seu clube. — o sujeito continuou apressado — Não quis dizer que ouvi falar da senhorita, quero dizer, ouvi falar...

Era a vez de Matilda corar agora, pois sabia muito bem o que ele tinha ouvido.

— Não acreditei em nada. — continuou ele, forte demais — Acredito no que seu irmão me disse, não que eu precisasse ouvir. Todos nós sabemos que Montagu é um demônio, um demônio vil, sem compaixão, sem sentimentos. Ele a arruinou porque podia e... e se eu estivesse lá...

Matilda abriu a boca para protestar, descobrindo que queria defender Lucian, por mais estranho que parecesse — Senhor Smythe, realmente não é...

— O que teria feito?

A voz fria cortou as palavras acaloradas do Sr. Smythe, como uma lâmina bem afiada, o jovem ficou com um tom horrível de branco.

Matilda se virou e viu Lucian parado atrás do Sr. Smythe, seu rosto, uma máscara.

O Sr. Smythe olhou para o marquês, parecendo querer vomitar.

— Teria me casado com ela. — disse ele, com firmeza, depois se virou e foi embora.

Matilda estava ciente demais de seu coração batendo forte, enquanto Lucian observava o jovem se afastar.

— Ele a abandonou ao seu destino, Srta. Hunt. — Montagu observou, voltando-se para ela, com sua expressão fria habitual, firmemente no lugar.

Matilda sorriu, apesar disso — Estava tentando o seu melhor para ser galante. Foi terrivelmente corajoso da parte dele, na verdade.

— A senhorita poderia encorajá-lo. — disse, seu olhar sobre ela era tudo de que sentia falta e ansiava, desde a última vez que o vira.

Essa intensidade de sentimento, a maneira como sua presença a fazia tão apaixonadamente viva, fazia o resto de seus dias parecer maçante e triste em sua ausência.

— Encorajá-lo a quê? — perguntou, confusa, tentando participar da conversa, em vez de simplesmente observá-lo como uma tola.

Era impossível, porém, quando ele fazia todos os outros homens parecerem uma pálida imitação do que era, com muita facilidade. Os dândis pareciam garotinhos muito bem-vestidos, e nenhum dos outros homens poderia rivalizar com a pura beleza masculina de Montagu, não importando a elegância de suas vestimentas.

— Aquilo foi uma proposta de casamento, não foi?

Matilda deu uma risada assustada — Não acredito nem por um momento que falasse a sério, eu não deveria entretê-lo, mesmo que estivesse sendo sério. Não estou tão desesperada, a ponto de agarrar toda e qualquer oportunidade.

— William Smythe é um homem decente. — disse ele, e embora seu tom não tivesse emoção, Matilda suspeitava que estivesse irritado — O pai dele é um visconde. São uma boa perspectiva como família. Ele é gentil e obviamente a admira. Não é isso o que a senhorita quer?

— O que eu quero é não discutir essa ideia ridícula com o senhor por mais um minuto. — retrucou, voltando sua atenção para a pintura — Ele é muito jovem para mim e admiração não é amor. Nunca o prenderia a um casamento assim, e agradeceria se o senhor pudesse parar de imaginar que eu faria algo do gênero.

Ele ficou ao lado dela, em silêncio, por um bom momento, enquanto Matilda fervia. Isso foi o que ganhou por ser tola o suficiente para vir aqui.

— Perdoe-me.

As palavras foram ditas tão suavemente, que ela quase não as ouviu.

— Por quê? — exigiu, olhando para ele.

Ele não respondeu, apenas olhou em sua direção, segurando seu olhar por um momento, antes de se afastar novamente. *Tudo*, disseram seus olhos, mas Matilda foi tola em pensar nisso.

Ainda assim, esperou por alguma explicação.

— Ciúme é uma emoção vil. — disse ele, e Matilda não pôde deixar de reconhecer um pouco de prazer, ao saber que Lucian sentia ciúmes da atenção de Smythe, mesmo que ele não tivesse direito.

Matilda o observou, enquanto ele voltava o olhar para a pintura, embora pensasse que realmente não a estivesse vendo.

— Não deveria tê-la convidado para vir aqui. — parecia zangado, agora — Não sei por que vim. Quando a senhorita não me respondeu, achei que não estaria aqui, esta noite.

— Eu não viria. — admitiu Matilda — Lady St. Clair e a Sra. Cadogan chegaram inesperadamente e insistiram muito que me juntasse ao grupo. Não consegui me desvencilhar. Esperava que o senhor não estivesse aqui.

Ele assentiu — A senhorita estava certa. Qualquer *amizade* entre nós só pode nos trazer sofrimento. Eu deveria ir. — ele disse, virando-se e Matilda sentiu um choque de pânico.

— Não, espere. — amaldiçoou-se, quando ele parou. Deveria tê-lo deixado ir embora, tinha acabado de concordar em deixá-la em paz, que não tinham futuro — Não vá.

As palavras saíram de seus lábios sem que ela pensasse, ditas de seu coração, sem se importar com as consequências.

— Por quê? — ele perguntou, sua voz baixa, a pergunta brilhando em seus olhos prateados — A senhorita não quer nada do que ofereço, não viria à exposição, disse também que esperava que eu não estivesse aqui. Sempre foi seu desejo que eu parasse de persegui-la, todos esses meses, tinha certeza de que ficaria feliz em se livrar de mim.

— Lucian. — sussurrou, seu nome era uma súplica, embora não soubesse se para ir embora ou ficar...

Oh, como isso era impossível.

— Matilda. — ele se aproximou, o seu olhar fez o coração dela pular. Havia algo esperançoso, vulnerável até.

— Meu Senhor Montagu.

Ele enrijeceu ao som de uma voz de mulher, virando-se, encontrou uma das jovens do grupo de amigos de Bonnie. A recém-chegada cumprimentou Lucian. Ela era linda, com cabelos escuros e olhos castanhos vivos, tão jovem e fresca quanto sua companheira.

— Lady Constance. — Lucian respondeu, fazendo uma ligeira reverência.

— Recebi uma carta de Lady Astley, convidando mamãe e eu para Dern, na próxima semana. Ela nos prometeu fielmente que o senhor estaria lá, para nos mostrar a propriedade. Espero que não tenha a intenção de ficar na cidade.

Matilda viu imediatamente que Lucian estava bastante correto sobre sua tia-avó, sobre a determinação de Lady Astley para vê-lo casado, e logo. Que ele não sabia sobre esse arranjo, ficou claro para Matilda, ante a tensão repentina em sua postura, embora fosse óbvio apenas para ela. Sua expressão era plácida, serena, e Lady Constance não parecia assustada. Embora nunca a tivesse visto de perto, Matilda conhecia Lady Constance Rivenhall, filha do duque de Sefton. Esta foi sua primeira temporada e tinha dezenove anos. Ninguém esperava que precisasse de muito tempo, antes de conseguir o maior prêmio da *ton*. Matilda percebeu que tinha sido tola, de fato, por não ter considerado que seus olhos pudessem estar voltados para Lucian.

— Eu tenho negócios na cidade, no momento. — ele respondeu, educadamente, mas controlado — Se me permitir, ficaria encantado, naturalmente.

Lady Constance sorriu para ele, antes que seu olhar flutuasse para o lado e encontrasse Matilda. Todo o calor drenou de sua expressão, em um instante, e ela se voltou para sua companheira — Vamos, Letty. Mamãe vai se perguntar onde estou.

Matilda as observou se afastarem. Esse era o futuro de Lucian, disse a si mesma, severamente. Uma criatura jovem, bela, impecavelmente criada, fresca e fértil o suficiente, para lhe dar os herdeiros de que precisava. Se houvesse a menor dúvida em sua mente, sobre a possibilidade de ser sua amante, enquanto ele se casava com outra, foi destruída naquele momento. Nunca. Nunca. *Nunca*.

— Matilda.

Seu nome foi dito com urgência, mas não se virou, não reagiu. Precisava ir embora, agora.

— Matilda, não organizei isso. Eu não sabia nada sobre isso...

— Eu sei. — disse, aliviada que sua voz permaneceu calma. Estava ficando melhor em esconder sua dor, pelo menos. Isso já era alguma coisa — Vou para casa, agora. Por um momento tinha esquecido, mas... Sim. Isso só nos trará sofrimento.

— Matilda. — uma voz diferente desta vez e Matilda se virou, em desespero, para descobrir Bonnie atrás dela — Está tudo bem? — ela perguntou, olhando para o marquês, ansiosa.

— Sim, muito bem. — disse Matilda, brilhantemente.

Ela se virou para Lucian, com a intenção de se despedir dele, quando uma voz familiar chamou seu nome. Ora, não conseguiriam nenhum momento sem interrupções? Ele olhou para cima e, se Matilda não o estivesse observando tão de perto, poderia não ter visto o choque em seus olhos. Choque e o que parecia, por um momento, como terror cego.

— Lucian, meu querido menino. Bem, isso é o destino, eu acredito. Como é maravilhoso vê-lo depois de todos esses anos. Ah, faz bem ao meu velho coração vê-lo novamente.

A cabeça de Matilda se virou e viu Theodore Barrington, tio de Lucian, aproximando-se deles, com Lady St. Clair no braço. Estava radiante olhando para Lucian, uma expressão de prazer em seu rosto jovial. Ele soltou o braço de Lady St. Clair e estendeu as mãos para Lucian, em um gesto de calor e saudação, enquanto se aproximava do sobrinho.

Matilda sentiu uma sensação doentia rastejar sobre ela, quando notou Lucian dar um passo para trás. Ele ficou rígido, sua pele pálida como alabastro, drenada de toda cor.

— Ah, meu garoto. — disse o Sr. Barrington, com o rosto cheio de tristeza — Não queria me deparar contigo tão inesperadamente. Sei que deve estar surpreso, mas não podemos deixar o passado para trás? Desejei tanto vê-lo novamente, para recuperar o que perdemos. Só restam nós dois agora, afinal. Os últimos dos Barringtons, salvo a querida Marguerite e a pequena Phoebe.

Lucian parecia estar congelado, olhando para o tio como se tivesse visto um fantasma. Matilda ansiava por alcançá-lo, pegar sua mão. Não entendia o que havia entre os dois homens, mas que isso afligia Lucian, era claro o suficiente para ela. Sem dúvida, todos os outros que olhavam, viam o altivo e gelado marquês em evidência, a julgar apenas por sua postura rígida, mas Matilda tinha presenciado sua reação, reconhecidamente uma que nunca teria acreditado, se não tivesse testemunhado com seus próprios olhos.

Para seu horror, a situação só piorou, quando o Sr. Barrington se virou para ela e disse com uma expressão aliviada — Ah, mas aqui está a Srta. Hunt. Que bom vê-la, mais uma vez. Talvez eu possa prevalecer sobre a

senhorita novamente, para persuadir meu sobrinho a suavizar seu coração em relação ao seu velho tio, e deixar o passado para trás?

Os olhos de Lucian se voltaram para os dela, seu olhar expressando a total traição sofrida, colorindo a prata, por um breve momento, antes que se virasse e fosse embora.

Houve suspiros de choque de todos que assistiram, enquanto ele ignorava o tio e se afastava, sem olhar para trás.

— Ah, bem! — disse o Sr. Barrington, com um suspiro pesado — Não deveria ter esperado o contrário, mas... — pegou um lenço e enxugou os olhos, antes de dar a Lady St. Clair um sorriso triste, sua voz tremendo um pouco, enquanto dizia: — Perdoe um velho tolo, milady.

— Bobagem. — disse Lady St. Clair, acariciando seu braço — É uma pena terrível. Sinto muito, Sr. Barrington.

Houve murmúrios de concordância do restante do grupo, que presenciou a recepção gelada que ele recebeu. Todos confortaram o pobre Sr. Barrington, assegurando-lhe que sabiam que Montagu era um demônio sem coração, e que ele não era culpado. O marquês era orgulhoso demais, frio demais, para agir como um ser humano decente.

Matilda ficou observando o Sr. Barrington, e foi incapaz de se livrar da expressão de Lucian, quando viu seu tio pela primeira vez, assim como, da expressão em seus olhos, que dizia acreditar que ela o havia traído de alguma forma. E ela tinha. O Sr. Barrington era desonesto. Viu isso agora, muito claramente. Nunca pediu para que intercedesse em seu nome junto a Montagu, apenas a alertou. Embora não tivesse a intenção, nem pretendesse, foi forçada a manter um segredo que não queria e agora...

Oh, Deus. O que acabou de acontecer?



Lucian,

Preciso falar com o senhor. Dê-me uma chance para explicar. Pode me visitar esta tarde?

—Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



15 DE ABRIL DE 1815. SOUTH AUDLEY STREET, LONDRES.

Matilda olhou pela janela da frente, vigiando a rua, em vão. Estava ficando tarde e ainda não havia sinal de Lucian. Não viria. Seu coração apertou. Embora soubesse que nada de bom poderia resultar dos dois juntos, não podia deixar as coisas terminarem daquela maneira. Não podia deixá-lo acreditar que havia escolhido ficar do lado de seu tio. Não sabia qual era a causa da animosidade entre os dois, agora até duvidava que o que viu nos olhos de Lucian fosse medo. Era mais provável que fosse apenas choque, ao ver alguém que acreditava estar do outro lado do mundo. Lembrou-se do tio de Montagu dizendo que temia Lucian, pois havia tentado matá-lo, mas cumprimentou seu sobrinho em público, como se estivesse esperando por uma reconciliação. Não fazia sentido. Tudo o que sabia, era que devia falar com Lucian, explicar as circunstâncias de seu encontro com o Sr. Barrington e afirma-lhe que não confiava nem um pouco no sujeito.

Ele pareceu tão caloroso, genuíno e gentil, ainda assim, as coisas que disse a uma estranha sobre um de seus parentes mais próximos, eram mais do que desleais, eram prejudiciais. Suas ações do dia anterior também causaram danos, não duvidava que a *ton* estivesse atizada com fofocas, com todos difamando o orgulhoso marquês, por rejeitar seu pobre e afetuoso tio. E o pior, Lucian havia criado situações nas quais as pessoas poderiam acreditar, que tudo sobre ele era realmente verdade. Mantinha-se afastado da sociedade e tratava com pouca civilidade qualquer um que ousasse lhe dirigir a palavra. Exercia um poder indescritível e não era avesso a usá-lo. Sem dúvida, era um homem com inimigos, mas sem nenhum amigo. Quem o defenderia agora?

Ninguém.

Matilda mordeu o lábio, incapaz de decidir o que fazer para o melhor. Tudo o que podia fazer agora era escrever para ele novamente, talvez se

explicasse na carta.

Olhou para cima ao ouvir uma batida na porta da sala e prendeu a respiração, quando seu mordomo apareceu. Ficou consternada com a profundidade de sua própria decepção ao perceber que este estava sozinho.

— Isso chegou para a senhorita. — disse ele, segurando uma bandeja de prata, com uma carta em cima.

— Obrigada. — Matilda arrancou a carta da bandeja e esperou até que o mordomo saísse, antes de quebrar o selo.

Querida Srta. Hunt,

Alguma coisa está terrivelmente errada. Estamos voltando para Dern, às pressas. Não entendo o que aconteceu, já que iríamos ficar na cidade para a temporada, mas o tio está muito inquieto. Algo o aborreceu profundamente, eu sei, mas não posso ajudar ou fazer qualquer outra coisa. Ele me diz que não há nada a temer e que não devo me preocupar, mas estou preocupada. Não está me dizendo a verdade, então, deve ser algo muito ruim, porque nunca mente para mim, mesmo quando não é bom. Não sei o que fazer. Por favor, Srta. Hunt, sei que não deveria pedir, mas a senhorita poderia vir?

Sua amiga,

Phoebe Barrington.

Matilda ficou fitando a carta. Era pior do que imaginava. Pobre Phoebe. A angústia da criança saltava da folha, a escrita quase ilegível. Mas... ir até ele... até sua casa. Se alguém a visse...

A carta que segurava tremia em suas mãos e sabia que tinha que tomar uma decisão. Phoebe precisava dela. A menina estava com medo por seu tio e precisava de uma amiga. Lucian também necessitava de uma amiga. Se uma das Senhoritas Peculiares estivesse em apuros, teria ido até ela sem hesitação, não importava o motivo. Havia oferecido a Lucian sua amizade, e não a retiraria agora. Não poderia haver futuro para eles, mas não o abandonaria, se precisasse dela. Movendo-se rapidamente, guardou a carta e

pediu que sua carruagem fosse preparada imediatamente. No momento em que chegou à sua porta, o veículo já estava esperando. Matilda desceu apressadamente os degraus, dando instruções ao cocheiro para que a levasse até St. James, o mais rápido possível.

Apenas dez minutos depois, Matilda estava em frente ao casarão e subiu o capuz, antes de descer da carruagem e correr para as escadas.

Foi recebida por um mordomo, rígido e formal, que lhe informou que Lorde Montagu e a Srta. Barrington tinham partido para o campo. Não chegou a tempo. Deviam ter saído momentos antes, Phoebe deve ter rabiscado aquele bilhete na esperança de que com isto pudesse atrasá-los, o tempo suficiente até que Matilda chegasse. A pequena esperou em vão. Desesperadamente desapontada, Matilda voltou para sua carruagem e foi para casa.



Lucian,

Por que não veio me ver? O senhor me julgou culpada e fugiu para sempre? Queria tanto me explicar pessoalmente, mas o senhor fez com que isso fosse impossível. Fui até St. James, mas o senhor já tinha deixado Londres. Não poderia ter me poupado alguns minutos, antes de ir?

Por mais estranho que seja escrever isso, passei a pensar no senhor como um amigo. Não podemos aprofundar essa amizade por razões que ambos entendemos, mas sinto que o senhor precisa muito de um confidente neste momento e não vou abandoná-lo, se me permitir essa honra.

Não sei que tipo de discordância há entre o senhor e seu tio, mas, claramente, é muito grave, e não vou julgá-lo, como outros estão fazendo. Acredito que haja uma boa

razão para sua animosidade, eu ajudaria se pudesse. Para esclarecer as coisas, encontrei-me uma única vez com o Sr. Barrington, em um jantar organizado pelo Barão Fitzwalter. Foi apresentado a mim como Sr. Brown, depois me chamou de lado e explicou quem ele era. Disse-me as coisas mais inapropriadas que se poderia contar a um estranho, e, ainda assim, havia um ar de honestidade sobre ele, não soube o que fazer a respeito. Disse que tinha medo do senhor e me pediu que jurasse não dizer que o vi. Gostaria de não ter feito isso, mas era uma situação impossível. Não poderia lhe contar ou me envolver, mas quando vi seu rosto naquele dia...

Oh, como gostaria de ter quebrado aquela promessa.

– Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para O Mais Honorável, Lucian Barrington, Marquês de Montagu.



Matilda,

A senhorita não tem nada pelo que se censurar. Como sempre, a culpa é toda minha. Nunca iria entender o que significou ter vindo até mim, que desejasse ser minha amiga, mesmo depois de tudo o que fiz. Seu julgamento sobre mim tem sido impecável, desde o início. Só posso agradecê-la, minha querida amiga. Acredite em mim quando lhe digo, conseguiu escapar de mim, isso é muita sorte.

Devo implorar que fique longe do meu tio. Ele é mais perigoso do que possa imaginar e esse rosto gentil e amigável que mostra ao mundo é uma máscara vil. Não tente arranjar desculpas por mim diante de ninguém, muito menos a si mesma. Sei que seu coração é generoso e corajoso o suficiente para fazê-lo, mas isso só vai lhe causar mais problemas e eu já causei danos suficientes.

Eu desejo... desejo coisas impossíveis.

Encontre um cavalheiro digno da senhorita, se é que tal criatura existe.

Perdoe-me.

M

—Trecho de uma carta de O Mais Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu para a Srta. Matilda Hunt.



24 DE ABRIL DE 1815. O CASAMENTO DE GABRIEL KNIGHT E LADY HELENA ADOLPHUS. LONDRES.

— Oh, Helena, está tão linda. — Matilda suspirou.

— Ele é um homem de sorte. — sussurrou Tilly em seu ouvido, antes de dar os toques finais em seu cabelo.

Helena agradeceu a Tilly e se virou de sua posição diante do espelho, para sorrir para suas amigas.

Matilda, Bonnie e Harriet estavam aqui, e Prue, é claro. Todo mundo estava esperando lá embaixo, exceto Ruth e Kitty, que voltaram para casa no período em que Helena fugiu e perderam toda a emoção.

— Jasper gosta muito do seu Sr. Knight, Helena. — disse Harriet, com a voz calorosa — Eles se tornaram como carne e unha, nos últimos dias, então, nós nos veremos muitas vezes.

— Estou tão feliz. — respondeu Helena, falando sério.

Gabe merecia ter amigos, pessoas que pudessem ver seu valor e todas as suas boas qualidades, e não dar a mínima para seu nascimento menos nobre.

— Estou tão feliz que tenha escolhido esse tom específico de azul-esverdeado. — disse Prue, dando-lhe um olhar crítico — Com esse detalhe turquesa e esse maravilhoso conjunto de diamantes e esmeraldas que o Sr. Knight lhe deu, o efeito é algo mágico sobre o verde dos seus olhos. Tão adorável. — disse, pegando o lenço e limpando vigorosamente seu nariz — Esse bebê me transformou em uma chorona. — reclamou, aceitando outro lenço limpo que Helena extraiu da gaveta da penteadeira.

— Não se preocupe, Sua Graça. Tenho uma dúzia de lenços escondidos na minha retícula, se precisar deles. — disse Tilly, com um sorriso plácido.

— Obrigada. — disse Prue, fungando — Precisarei de cada um deles, garanto, então, é melhor se sentar perto de mim durante a cerimônia.

Tilly brilhou de prazer com a honra que Prue lhe estendia, e Helena sentiu orgulho e felicidade por sua cunhada. Temia que Prue e Robert pudessem culpar Tilly por ajudá-la a fugir, mas, pelo contrário, a devoção dela os tocou, e ficaram felizes por Helena ter uma amiga tão dedicada em sua criada. O Sr. Chapel também não perdeu tempo e cortejou Tilly a sério, desde o momento em que esta chegou à porta do escritório de Gabe. Então, a mudança de vida de seus patrões acabaria funcionando muito bem, pois Gabe já havia dito à Helena que Francis Chapel era indispensável, e Helena havia dito o mesmo de Tilly.

— Como tudo isso é emocionante, agora só falta Matilda. — disse Bonnie, com sua honestidade habitual — Então, podemos concentrar toda a nossa atenção em encontrar um cavalheiro esplêndido para ela. Tenho certeza de que devemos conhecer pelo menos um punhado de cavalheiros elegíveis entre nós, se nos dedicarmos a isso.

Helena observou Matilda ficar branca. Estava quieta hoje, Helena tentou chamá-la de lado e perguntar se algo estava errado, mas Matilda apenas riu e disse que não, que estava muito feliz por estar participando do casamento e que não havia nada errado. Helena não se convenceu, além disso, sabia por que Matilda ficara horrorizada com suas amigas tentando arranjar-lhe casamento. Estava apaixonada por Montagu, quer admitisse ou não, a alguém ou mesmo a si própria.

Houve uma batida suave na porta e Minerva irrompeu um momento depois, segurando a cartola maltratada, com os desafios, no ar. Todas

ficaram em silêncio e olharam timidamente para Matilda. Se estava pálida antes, agora perdera toda a cor.

— Oh, não! — refutou, balançando a cabeça — Já disse, eu não...

— Sim. — todas disseram em uníssono.

— Matilda! — disse Bonnie, estendendo a mão e pegando a sua. É a última de nós, e, provavelmente, a que mais merece um final feliz. Segurou nossas mãos e secou nossas lágrimas, nos fez xícaras de chá e nos deu sermões, agora é a nossa vez. Talvez o desafio não tenha um marido digno caindo a seus pés, mas tenho certeza de que pode se divertir um pouco, uma distração talvez, até que apareça alguém novo para sua vida. Esse é o negócio sobre esses desafios. Não importa se ele alcança alguma coisa ou não. É mais sobre ter a confiança para fazer algo fora do comum, do que o real objetivo do desafio.

— Por favor, Matilda. — disse Minerva, sorrindo para ela — Faça isso por nós, pelas Senhoritas Peculiares.

Matilda soltou um suspiro incerto — Ora, são criaturas terríveis, como, diabos, posso dizer não?

— Não pode. — disse Helena, batendo palmas com entusiasmo.

Matilda bufou e revirou os olhos, antes de se virar para encarar Minerva — Bem, não fique aí parada. Dê-me o maldito chapéu!



Querida Srta. Hunt,

Queria que estivesse aqui conosco, as coisas estão muito estranhas. Meu tio não me deixa sumir de vista. Fiquei zangada com ele, ontem, porque não me diz nada, então o castiguei, me escondendo. Quando me encontrou, me arrependi muito. Estava tão frenético, que parecia que ficaria doente. Não sei por que deixamos Londres tão rápido ou por que o tio está tão quieto e preocupado.

Sei que não devo pedir que venha. Tio Monty me proibiu de fazer isso. Diz que a senhorita não pode mais ser amiga

dele. E que, se todos pensassem que gosta dele, seriam cruéis e nunca mais falariam com a senhorita. Não entendo por que isso ou porque existem regras tão estúpidas. Odeio todas essas regras e as pessoas que nos fazem obedecê-las. Quando crescer, não obedecerei às regras, se não concordar com elas, e não me importarei com o que as pessoas falem sobre mim, por causa disso.

Queria lhe dizer que nós dois ainda somos seus amigos, não importando o que as pessoas estúpidas digam, mesmo que não possamos mais vê-la.

Sinto a sua falta.

—Trecho de uma carta da Srta. Phoebe Barrington para a Srta. Matilda Hunt.

CAÇANDO O CAÇADOR

LIVRO 11



Um caso de amor condenado...

Matilda Hunt sabe o que o Marquês de Montagu quer. Ele não fez segredo do fato de que a deseja e a quer para sua amante. Apesar da força da atração que cresce entre os dois, Matilda lutou para mantê-lo à distância e para negar o que estava se tornando cada vez mais inevitável. Com a última esperança de um futuro respeitável arrancada dela, um futuro de segurança, amor e uma família, o homem que a arruinou, oferece-lhe a única chance de encontrar a felicidade, não importa quão fugaz seja.

Um homem perigoso...

No entanto, após ceder à determinação em manter sua honra intacta, Matilda é atraída para o mundo de Montagu e, ao fazê-lo, descobre um homem com segredos, um homem que não é tudo o que ela gostaria que fosse. Esse mundo está emaranhado em mentiras e traições e é muito mais perigoso do que poderia ter imaginado, e não apenas para seu coração.

Um desafio que ela não pode recusar ...

Para ter tudo o que quer, Matilda deve arriscar tudo por amor e arrancar a verdade do homem de quem não consegue se afastar.

À medida que mais e mais pessoas a alertam sobre o implacável e cruel marquês, Matilda se pergunta, se realmente é uma boba por não acreditar. Anjo, demônio... ou um pouco dos dois?



Querida Srta. Hunt,

Queria que estivesse aqui conosco, as coisas estão muito estranhas. Meu tio não me deixa sumir de vista. Fiquei zangada com ele ontem, porque não me diz nada, então o castiguei me escondendo. Quando me encontrou, me arrependi muito. Ele estava tão frenético que parecia que ficaria doente. Não sei por que deixamos Londres tão rápido ou por que o tio está tão quieto e preocupado.

Sei que não devo pedir que venha. Tio Monty me proibiu de fazer isso. Ele diz que a senhorita não pode mais ser amiga dele. E que, se todos pensassem que gosta dele, seriam cruéis e nunca mais falaria com a senhorita. Não entendo por que isso ou por que existem regras tão estúpidas. Odeio todas essas regras e as pessoas que nos fazem obedecê-las. Quando crescer, não obedecerei às regras, se não concordar com elas e não me importarei com o que as pessoas falem sobre mim por causa disso.

Queria lhe dizer que nós dois ainda somos seus amigos, não importa o que as pessoas estúpidas digam, mesmo que

não possamos mais vê-la.

Sinto a sua falta.

**— Trecho de uma carta da Srta. Phoebe Barrington
para a Srta. Matilda Hunt.**



24 DE ABRIL DE 1815. BEVERWYCK, LONDRES.

Matilda observou, com emoções conflitantes, enquanto Helena escapava com seu novo marido. Os dois estavam desesperados para ficarem sozinhos, ela não pôde deixar de achar graça. Lady Helena foi a última de seus filhotes a se casar, e garantir um futuro com segurança. Como Bonnie havia apontado, sobrou apenas ela. Não disse aquilo com qualquer malícia, na verdade, Bonnie estava sendo gentil, apenas queria vê-la tão feliz quanto as outras. De alguma forma, isso não a fez se sentir melhor. Além disso, tinha coisas mais importantes para se preocupar do que brincar com a ideia de que estava procurando um marido. Desistiu de fingir que havia a menor chance de se apaixonar por outra pessoa, não quando Lucian ocupava todos os seus pensamentos. Talvez um dia, ela se sentisse capaz de enfrentar a perspectiva, provavelmente quando estivesse velha demais para interessar a alguém..., mas, por enquanto, não podia negar o que seu coração estava dizendo. Lucian estava com problemas, embora, de que tipo, Matilda não tivesse ideia, mas Phoebe temia por ele. Os dois precisavam dela, e se havia algo que Matilda queria, acima de tudo, era ser necessária.

Foi fácil escapar do grupo sem ser notada e, quando voltou para casa, ficou aliviada ao descobrir que sua mala estava feita, como havia pedido. Ela se trocou rapidamente, enquanto a bagagem era carregada na carruagem, e quando desceu as escadas, encontrou sua criada pessoal, a Sra. Bradford, esperando por ela, seu rosto, uma expressão em branco. Matilda se preparou, pronta para o que estava por vir.

— Isso não vai funcionar, Srta. Hunt. Eu sei tão bem quanto qualquer pessoa que a senhorita é uma boa menina e que todos esses rumores perversos não eram verdade, mas isso... isso é loucura e sabe disso.

— Sim. — disse Matilda, sorrindo para a mulher. Ela era atarracada, do tipo que não falava coisas sem sentido, exatamente o tipo de acompanhante que procurou, que não estava excessivamente preocupada com os deveres de acompanhante, se tivesse uma taça de champanhe e um companheiro

para conversar — Senhora Bradford, sei que está certa e sinto muito se minha decisão está lhe causando angústia.

— Bem, está, Srta. Hunt, isso é um fato. A senhorita tem a minha promessa de que não vou dizer uma palavra dessa loucura, mas não farei parte dela. Isso é tudo o que tenho a dizer.

Matilda assentiu, sentindo-se um pouco aliviada que a verdade fosse dita. Se ela iria se queimar, preferiria não ter uma audiência para isso. Não que estivesse se esforçando para se arruinar, se tudo corresse bem, ninguém saberia de nada, mas, ainda assim, *era* uma loucura, não havia como fugir disso.

— Está tudo bem, Sra. Bradford. Irá para a casa de sua irmã?

— Sim, e como sei que a senhorita tem uma reputação a zelar, quando tudo isso acabar, poderá me encontrar lá, no seu retorno.

— Obrigada. — Matilda disse, calorosamente, sabendo que era tudo o que poderia pedir — E, pela sua descrição, eu agradeço.

— Ah, bem! — disse a Sra. Bradford — O mundo é um lugar cruel para uma jovem dama, às vezes, e sei que tem um bom coração, bom demais, e esse é o problema, mas deve fazer o que achar melhor. Tenha uma boa tarde Srta. Hunt, desejo-lhe boa sorte e que Deus a abençoe.

Matilda observou a mulher sair e depois se virou para o som de passos nas escadas.

— Bem, vá com Deus, eu que digo.

Matilda sorriu para a criada, enquanto descia as escadas correndo, pronta para a viagem.

— Oh, Sarah, eu dificilmente posso culpar a pobre mulher. Gostaria de sentir que perdi a cabeça, mas... bem, meu coração não vai me deixar descansar, até que eu saiba o que está acontecendo.

— Eu acho que a senhorita e Montagu tem negócios inacabados e essa é a verdade. — disse Sarah — E é o que as mulheres fazem, não é, seguem seus corações? Mesmo quando isso as leva ao perigo. Estarei ao seu lado, senhorita, não importa o que aconteça. Tem a minha palavra.

Matilda piscou para conter as lágrimas, tocada pelas palavras de Sarah. Ela era uma garota doce e de bom coração, e sempre defendia firmemente qualquer decisão que Matilda tomava, não importando o quão boba fosse. Suspeitava que Sarah era muito romântica e, talvez, um pouco ambiciosa, esperando que, por baixo de tudo aquilo, um dia fosse criada pessoal de uma marquesa. Bem, não havia esperança de que isso acontecesse, e foi o

que Matilda havia lhe dito, mas a verdade era que não estava convencida de que suas palavras haviam feito efeito.

— Bem, então, é melhor irmos, ou não chegaremos antes do anoitecer. Está pronta, minha querida?

— Pronta para qualquer coisa. — disse Sarah com um sorriso — Vou verificar se todas as suas malas foram carregadas corretamente, volto em breve.

Matilda assentiu e foi se acomodar na carruagem. Enquanto aguardava, pegou a carta que Phoebe lhe enviara e a leu, pela quinquagésima vez.

— Estou indo, Phoebe. — disse baixinho, antes de dobrá-la e guardá-la, mais uma vez — Estou a caminho.



Bertha Appleton trabalhava em Dern desde menina. Começou como uma criada de copa, até ganhar um lugar na cozinha, onde seu talento foi rapidamente reconhecido pela cozinheira da época, a Sra. Drugget. Quando finalmente fora persuadida a desfrutar de sua aposentadoria, cerca de quinze anos depois, rapidamente recomendou Bertha para seu lugar. Um gesto que Bertha nunca esqueceu e por isso sempre visitava a Sra. Drugget na pequena cabana, na propriedade dos Barringtons. Uma coisa que se poderia dizer dos Barringtons, era que sempre pagavam bem aos seus criados e cuidavam de suas necessidades. Tinham que fazer isso, porque, muitas vezes, lealdade não era barata, e com uma família com tantos segredos, seria difícil encontrar criados leais, e isso era um fato.

Bertha, ou *Pippin*, como se tornara conhecida pelas últimas crianças Barrington, tinha visto três marqueses irem e virem, mas não havia dúvida de que o presente Montagu era seu favorito. Quando criança, era brilhante, animado e engraçado, e o rapaz mais inteligente que ela já conhecera. O pequeno Lucian, ah, que sapeca era. Claro que isso foi antes dos dias sombrios, e nada foi o mesmo, desde então. Ele, certamente, nunca mais tinha sido o mesmo. Tinha partido seu coração ver a mudança nele, mas o que estava feito, estava feito e não havia sentido chorar sobre o leite derramado, não importando o quanto isso a entristecesse. Ainda assim, embora não fosse seu dever fazê-lo, cuidou do sujeito e de sua sobrinha, o melhor que pôde, e, sem dúvida, ultrapassou a marca, uma ou duas vezes, para fazê-lo.

Talvez fosse a preferida do mestre, mas ele sabia tão bem quanto ela, que isso não a abalava e que muitas coisas eram apenas aparência. Era tão

popular com eles, quanto eles eram com ela, isso era muito bom. Então, foi com pouca surpresa que ao levantar os olhos se deparou com a pequena Srta. Phoebe, que entrou furtivamente nas cozinhas e estava ao seu lado, em segundos, puxando o avental.

— E o que posso fazer pela senhorita, minha pequena menina?

— Nada. — disse a garotinha, com um suspiro pesado — Estava me sentindo triste e queria ficar com alguém alegre.

— Ora, não me diga que seu tio não guarda muitos sorrisos para a senhorita? — Pippin perguntou, puxando uma cadeira na mesa da cozinha e servindo à garota um copo de leite.

— Sim, ele guarda, é claro, mas não está sorrindo muito, no momento. Não é o mesmo sorriso que coloca em seu rosto, quando está tentando se certificar de que eu esteja feliz, para que não me preocupe com ele.

Pippin suspirou por dentro. O problema era que a garota e seu tio eram farinhas do mesmo saco. Era perspicaz demais para sua idade ou para o seu próprio bem.

— Sabe por que voltamos, Pippin?

— Como se Sua Senhoria confiasse seus negócios para mim! — Pippin exclamou, com uma risada, embora soubesse muito bem por que, e a verdade disso a deixara doente do estômago. Pobre Lucian, parecia mais velho e preocupado, quando retornaram. Não culpava Phoebe por sua preocupação, ela mesma sentia o mesmo. Sentiu a atmosfera baixar no casarão, no momento em que ele entrou pela porta, o peso do passado tão tangível, que era possível cortá-lo com uma faca. O maldito lugar estava cheio de segredos e Lucian carregava muitos deles, sozinho. Ela tinha esperança, por um breve momento..., mas não, não havia sentido em esperar por coisas que nunca aconteceriam. Dever. Deus, odiava essa palavra, odiava a maneira como aqueles meninos haviam sido ensinados e intimidados a acreditar que seu único propósito era servir ao nome da família, trazer honra, glória e poder à grande casa de Barrington. Era seu dever solene alcançar mais do que seus antepassados, seja através da política ou do casamento, não importava muito, apenas que os Barringtons eram a maior família do país. Nunca houve qualquer conversa sobre felicidade ou amor, esses eram conceitos que os filhos de um Montagu não podiam ter. Coitadinhos.

— Bem, ele também não vai me dizer. — Phoebe disse, com um suspiro, enquanto Pippin deslizava um prato de biscoitos na frente dela. Com um

gesto afiado, mandou as duas criadas da cozinha saírem, dizendo-lhes para encontrar trabalho em outro lugar, por ora. Todos os criados eram leais a Montagu, mas não fazia sentido dar-lhes motivos para tagarelar, se pudesse ser evitado.

— Estava ansiosa para ir ao Gunter's e ao Astley's e todos os outros lugares que Tio Monty prometeu que iríamos, mas não posso reclamar, pois ele parece tão miserável, que faz minha barriga doer.

Pippin sentiu seu coração apertar em seu peito. Não pela primeira vez, se amaldiçoou por sua cegueira, todos aqueles anos passados, por não ter percebido mais cedo o que estava acontecendo debaixo daquele telhado, debaixo de seus narizes. Ela não era, de forma alguma, uma mulher que tolerasse a violência, em sua opinião, havia pouco no mundo que não pudesse ser resolvido com um pouco de honestidade e uma boa conversa, durante uma xícara de chá, mas, lembrar daqueles dias, trouxe tudo de volta, e queria muito machucar os responsáveis. Mas não era o lugar dela. Não tinha poder naquela época, muito menos agora. Fez o que pôde, todos fizeram. Ela, o Sr. Denton e a Sra. Frant, mas os criados eram limitados no que podiam alcançar, e arriscaram tudo o que ousaram. Agora fazia o que podia, mais uma vez, por menor que parecesse ser. Puxando a cadeira ao lado de Phoebe, se sentou.

— Os adultos, às vezes, têm que fazer coisas que não querem fazer, meu cordeirinho, e pode não parecer fazer o menor sentido agora, mas seu tio está cuidando da senhorita, da melhor maneira possível. Confia nele, não confia?

— Claro que sim. — disse Phoebe, com os olhos arregalados com a ideia de que Pippin poderia pensar o contrário — O problema é que, às vezes, acho que ele não confia nele mesmo. Está sempre lendo aquele livro horrível, depois fica tão pálido e determinado, como se tivesse se convencido a comer uma lesma.

Apesar de tudo, Pippin sentiu seus lábios se contraírem. Phoebe tinha muita imaginação e falava umas coisas, vez em quando. Ainda assim, sabia exatamente o que a garota queria dizer e desejou, sinceramente, ter posto fogo no maldito livro, quando teve a chance. Não ousou na época, pois sabia que o livro continha muitas informações que o jovem marquês poderia precisar. Se ela soubesse, então, o que mais continha, não teria hesitado. O pobre Lucian permitia que a voz de seu pai ainda o intimidasse, mesmo do além-túmulo, mas agora era tarde demais. O mal estava feito.

— A senhora acha que ele se casaria com a Srta. Hunt, se não fosse por esse livro?

Pippin olhou para Phoebe, um pouco surpresa, embora o porquê, não tenha ideia. Farinhas do mesmo saco, de fato. Não se conseguia passar nada por nenhum deles.

— Isso realmente não importa, não é? — perguntou com delicadeza — Ele nunca fará algo que o deixará feliz, se isso prejudicar o nome da família. Sabe disso.

O rosto de Phoebe escureceu, uma tempestade familiar entrou em seus olhos, sua mandíbula ficou apertada e, naquele momento, se parecia tanto com o garotinho energético e vibrante que Pippin conhecera, que queria chorar. Phoebe se levantou, tão rapidamente, que a cadeira em que estava sentada tombou para trás.

— Eu odeio isso! — gritou, suas mãos esbeltas fechadas em punhos — Odeio esse nome horrível. Não quero ser uma Barrington. Eu preferiria ser uma Smith ou uma Brown ou... ou *qualquer outra coisa*, se isso significasse que ele seria feliz e... e... Oh, *eu odeio isso!* — com um soluço estrangulado, Phoebe se virou para correr, mas Pippin se levantou e a pegou, puxando-a para um abraço forte e segurando-a com força, enquanto a garotinha gritava toda a sua frustração, até ficar exausta e se acalmar. Então Pippin sentou-se na cadeira, com Phoebe no colo, e acariciou seu cabelo, lembrando-se de outra criança e de outra vez, muitos anos atrás.

AGRADECIMENTOS



Obrigada, é claro, à minha maravilhosa editora Kezia Cole.

À minha melhor amiga, assistente pessoal, animadora de torcida e portadora de chocolate;, Varsi Appel, pelo apoio moral, pelo estímulo à confiança e por ter lido meu trabalho mais vezes do que eu. Eu te amo muito!

Um enorme agradecimento a todos os membros do Clube do Livro da Emma! Vocês são os melhores!

Ao meu marido Pat e à minha família... Por sempre terem orgulho de mim.

MAIS DAMAS OUSADAS



9786599019845

DAMAS OUSADAS - LIVRO 1

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

DESAFIANDO UM DUQUE

Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são todos muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Experimentou o sucesso

escrevendo sob um nome falso na revista semanal The Ladies, onde seu álgter ego está alcançando notoriedade e fama, a qual Prue gosta bastante.

Um dever que tem que ser suportado...

Robert Adolphus, o duque de Bedwin, não tem pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Devia encontrar uma esposa. Uma esposa que não seria nem bonita nem vivaz, mas doce e sem graça, e que com certeza ficasse longe de problemas.

Desafia a fazer algo drástico

O súbito interesse de um certo duque desprezível é tão desconcertante quanto indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha assim como seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Se mostrar claramente ao homem que ela não é a florzinha que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, isso parece ser a oportunidade perfeita para matar dois pássaros.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o ladino que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até o hoje.

**** Atenção: Este livro contém uma seleção cuidadosa de determinação silenciosa, boca firmemente fechada e níveis (quase) intransponíveis de tensão. Embora acoplado à presença de encontros sexuais ocasionalmente

descritivos, temos o prazer de destacar que este livro - e série - não está de modo algum próximo da erótica. ****



9786588382103

DAMAS OUSADAS - LIVRO 2

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

ROUBANDO UM BEIJO

O desejo de arriscar e arrebatrar a felicidade.

Ser ousada e beijar um homem ao luar é uma boa ideia, mas os homens e o luar não caem do céu à vontade.

Até aconteça.

Sob instruções de uma amiga, a monótona Alice Dowding permanece sozinha numa varanda iluminada pelo luar. Não é o curso de ação mais sensato para uma jovem geralmente sensata. No entanto, sendo sensata,

Alice ganhou um lugar entre as isoladas e sua única chance provável de se casar, é com um homem que acha repulsivo.

Tinha que fazer algo.

Uma consciência culpada e um homem mau.

Quando a irmã de Nathaniel Hunt implora por um favor, ele dificilmente pode recusar. Nathaniel, coproprietário de uma das mais escandalosas casas de apostas em Londres, é responsável pela reputação destrozada de Matilda, e ela sabe que ele não está em posição de lhe negar nada.

Ela implora para que ele beije sua amiga tímida em uma noite de luar. No entanto, uma série de eventos aos quais nenhum deles poderia ter previsto é desencadeada.

Quando um pequeno favor incendeia um inferno.

Incendiada por um beijo que lhe rouba a alma, a tímida, sensível e enfadonha Alice, está soltando faíscas por onde quer que seus pés passem, e tudo o que Nathaniel pode fazer é rezar para que ele não se queime.



9786588382295

DAMAS OUSADAS - LIVRO 3

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder

encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

QUEBRANDO AS REGRAS

Um enigma irresistível...

A Srta. Lucia de Feria é possivelmente a mulher mais bonita do mundo e, sem dúvida, a mais bonita que o visconde de Cavendish já viu.

No entanto, essa beleza misteriosa está tramando algo, algo que convenceu Cavendish de que seus motivos são menos do que puros.

O visconde não precisa de mais motivação para passar seu tempo na companhia adorável de Lucia, mas desejo e intriga criam tentações profanas.

Um amante perigoso...

Lucia não é tudo o que parece ser. Ela tem segredos... segredos pelos quais um homem a mataria.

Agora, com a vingança em seu coração e uma fortuna em jogo, ela está perto de ter tudo ou perder a vida.

Mas, em cada curva, o Visconde Cavendish está lá, com o seu sorriso de pirata e aqueles olhos azuis perversos.

Um círculo ousado de amigos...

Quando um incomum clube do livro traz para sua vida damas peculiares, Lucia fica encantada e atraída por sentir, pela primeira vez, que pertence a algo. Entre suas novas amigas e um homem pelo qual corre o risco de se apaixonar, seus planos começam a dar errado.

Essa linda Srta. passou a vida inteira desejando vingança, mas nunca esperou encontrar ao longo do caminho, algo com o qual se importaria mais.

Lucia não poderia se permitir distrações, amigos ou um nobre desconfiado. No entanto, de repente, ela tinha os três.

Talvez fosse a hora de quebrar suas próprias regras.



9786588382486

DAMAS OUSADAS - LIVRO 4

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

SEGUINDO SEU CORAÇÃO

Um amor perdido ...

Kitty Connolly passou toda a última temporada assegurando que seu tio tem tentado encontrar um marido, mas há um problema que ele desconhece.

Ela já tem um.

É verdade que tinha apenas onze anos quando a cerimônia foi realizada na presença do cão de sua família, e seu noivo tinha apenas treze anos. No entanto, os votos foram trocados e, no que diz respeito a Kitty, uma

promessa é uma promessa. Luke Baxter prometeu amá-la até que a morte o separasse e ele não vai escapar disso.

Os problemas não param por aí, no entanto, pois Luke desapareceu de sua vida apenas semanas após seu casamento secreto, e Kitty nunca mais o viu.

Até agora.

As esperanças reacenderam ...

Quando Luke aparece do nada na festa na casa de verão do Conde de St. Clair e anuncia seu noivado com a bela herdeira, Lady Francis Grantham, Kitty fica atordoada ...

... e a honra deve mencionar o problema.

Um coração determinado ...

Todo caos se instala quando Kitty ameaça processar por quebra de promessa e ela tem uma questão de dias para convencer Luke de que sua namorada de infância vale mais do que a fortuna da Srta. Grantham.

Mas este Luke não é o menino despreocupado de sua infância, e lembrá-lo do que significa viver por amor, pode significar arriscar mais do que apenas seu coração.



9786588382776

DAMAS OUSADAS - LIVRO 5

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

APOSTANDO UM AMOR

Gato escaldado...

Harriet Stanhope é inteligente e séria, o tipo de moça que lê Platão e gosta de longas caminhadas na chuva. Não é adequada para salões de baile e flerte e acha a temporada uma horrível perda de tempo. No entanto, certa vez se apaixonou, confiou seu coração a um homem que a beijou e sussurrou doces palavras... e depois riu com um amigo sobre ter feito isso.

Com o coração partido e humilhada, Harriet jurou que usaria seu cérebro no futuro e nunca mais confiaria em seu coração estúpido.

Uma paixão não correspondida...

Jasper Cadogan, O Conde de St Clare, está irremediavelmente apaixonado, por uma mulher que o odeia.

O amável Jasper é bonito, charmoso, simpático e amado pela Ton, o homem mais elegível no mercado de casamentos, mas não consegue corrigir o problema com sua amiga de infância Harriet Stanhope. Embora já tenham sido próximos, Jasper sabe que há alguns anos fez algo que endureceu o coração de Harriet contra ele, mas, pela sua vida, não consegue se lembrar do que foi.

Jasper sabe que Harriet acredita que é, na melhor das hipóteses, um idiota frívolo, e, deslumbrado com seu cérebro superior, Jasper está lutando

para provar o contrário. Determinado a descobrir o que foi que afastou Harriet dele, usará de meios honestos, ou desonestos, para chegar à verdade.

Uma aposta que arriscará seus corações.

A Dama peculiar Harriet ousa apostar algo que não quer perder e quando sua amiga de boca grande, Kitty, conta a Jasper, ela reconhece que está em apuros.

Teimosa demais para recuar, Harriet aceita a chocante aposta de Jasper e mergulha ambos em um escândalo que arriscará tudo, inclusive a dois corações.



9786580754267

DAMAS OUSADAS - LIVRO 6

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

DANÇANDO COM UM DIABO

Uma jovem desesperada para escapar de seu destino.

O tempo de Bonnie Campbell está quase acabando. À luz de ofertas melhores, seu tutor, o conde de Morven, a está forçando a se casar com seu primo, Gordon Anderson. A vivaz Bonnie não terá outra opção a não ser obedecer, condenando-se a passar o resto de sua vida na selva das Highlands escocesas, longe de seus amigos e de qualquer possibilidade de diversão. Durante suas últimas semanas de liberdade, no entanto, ela viverá como se estes fossem seus últimos dias na terra e encontrará a coragem de mostrar ao homem que ama de verdade, como se sente.

Um jovem determinado a provar que seu irmão mais velho estava errado.

Jerome Cadogan, irmão mais novo do conde de St. Clair, é um canalha jovial. Sua aparência, com belos cabelos loiros e olhos azuis, não é minimamente prejudicada por seu nariz quebrado, sua reputação de encenqueiro, nem sua predileção por se apaixonar por mulheres inadequadas. Recuperando-se de um sermão doloroso proferido por seu irmão, o conde, Jerome corre o risco de ter sua mesada cortada se não ceder e mudar seus modos. Determinado a provar que pode ser tão maduro e sensato quanto St. Clair, Jerome promete parar de beber e se embriagar e não se meter em mais em encenças.

Um escândalo em busca de um lugar para acontecer.

Infelizmente, sua querida amiga Bonnie tinha outras ideias. Cambaleando de um desastre para o próximo, Jerome estava arrancando seus cabelos e sabia que devia terminar sua amizade, antes que seu irmão acabasse com ela.

No entanto, a montanha de um homem aparece para reivindicar Bonnie, e Jerome, que deveria respirar aliviado pelo livramento, acaba descobrindo

algo imperdoável: seu maldito coração se apaixonou pela mulher mais inadequada de todas.



9786580754267

DAMAS OUSADAS, LIVRO 7

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

INVERNO EM WILDSYDE

Um desafio que mudaria a sua vida...

A Srta. Ruth Stone, uma herdeira rica, está lutando para realizar o sonho de seu pai de se casar dentro da nobreza, apesar de seu grande dote. Ousada, pelas Senhoritas Peculiares, a “dizer algo ultrajante a um homem bonito”, Ruth se supera e propõe casamento ao herdeiro de um condado.

Uma decisão da qual ela poderia se arrepender.

Antes que pudesse pensar melhor e retirar a proposta, seu belo e desajeitado futuro marido a empurrou para dentro de uma carruagem e a carregou para seu castelo remoto e em ruínas, lugar onde ele pretendia dar um bom uso ao dote dela.

Um casamento ou um negócio...

Ruth não tem ilusões. É uma mulher forte, sensata e não uma donzela frágil e tem total conhecimento de que seu marido nunca se apaixonará perdidamente por ela, pois seu casamento é de conveniência; seus filhos herdarão o título e a legitimidade entre a ton, e ela terá sua própria propriedade para cuidar, assim como sempre sonhou. No entanto, seu marido, cabeça-dura e obstinado, desperta seu temperamento e suas paixões como ninguém jamais antes.

Seu primeiro inverno em Wildsyde está prestes a incendiar o velho castelo.



9786554440394

DAMAS OUSADAS, LIVRO 8

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

EXPERIMENTANDO O DESEJO

Uma atração que ela não pode ignorar...

Minerva Butler está cansada da ambição de sua mãe, de vê-la casada com um duque, seguindo os passos de sua inteligente prima Prue. Linda, loira e com um dote admirável, graças à generosidade de sua prima, parece que Minerva pode, finalmente, escolher entre os cavalheiros elegíveis da ton. Então, naturalmente, é este o momento em que ela fica apaixonada pelo brilhante e pobre filósofo natural, Inigo de Beauvoir.

Uma mulher que ameaça sua paz de espírito...

Inigo de Beauvoir é um homem motivado, consumido por seu trabalho, em detrimento de todo o resto, até mesmo da sua própria saúde, até que uma bela dama da alta sociedade começa uma guerra sedutora contra sua crença de que o amor não é nada mais do que luxúria com um anel em seu dedo.

Uma ligação perigosa...

Aparentemente, a Srta. Butler é a única que tem tudo a perder, mas Inigo logo percebe que experimentar o desejo representará uma ameaça real para seu coração.

LENDAS FRANCESAS



ORDEM DE LEITURA:

A LENDA FRANCESA DOS VAMPIROS

- *A CHAVE DO EREBUS - LANÇADO***
- *O CORAÇÃO DE ARIMA - LANÇADO***

A LENDA FRANCESA DO FAE

- *PRÍNCIPE SOMBRIO - LANÇADO***
- *CORAÇÃO SOMBRIO - 2024***
- *ENGANO SOMBRIO - 2024***
- *NOITE MAIS SOMBRIA - 2024***

A LENDA FRANCESA DOS VAMPIROS

- *O FOGO DE TARTARUS***
- *O FILHO DAS TREVAS***



LENDAS FRANCESAS LIVRO 1

A LENDA FRANCESA DOS VAMPIROS LIVRO 1



9786580754854

A verdade pode te matar.

Tirada quando criança de uma vida onde vampiros, Faes e outras criaturas míticas são reais e traiçoeiras, a bela jovem bruxa, Jéhenne Corbeaux, fica totalmente despreparada, quando retorna à França rural, para viver com sua excêntrica avó.

Jogada de cabeça em um mundo que ela não conhece, procura entender a verdade sobre si mesma, descobrindo os segredos mais chocantes do que qualquer coisa que ela poderia ter imaginado, além de, também, descobrir que não é, de forma alguma, impotente para proteger aqueles que ama.

Apesar das terríveis advertências de sua avó, ela é inexoravelmente atraída pela figura sombria e aterrorizante de Corvus, um antigo vampiro e mestre da vasta família Albinus.

Jéhenne está prestes a encontrar suas respostas e descobrir que, não só Corvus é muito mais perigoso do que ela poderia imaginar, mas que detém muito mais do que a chave para o seu coração...

Confira a emocionante série de fantasia de Emma, elogiada por Kirkus “Uma série de fantasia encantadora, com uma heroína agradável, intriga

romântica e uma narrativa inteligente que floresce.”

LENDAS FRANCESAS LIVRO 2

A LENDA FRANCESA DOS VAMPIROS LIVRO 2



9786580754854

Unidos por toda a eternidade. Mas ele nunca poderá perdoá-la.

Corvus, o vampiro antigo e poderoso mestre da família Albinus, está começando a perder a paciência. Jéhenne Corbeaux já se foi há muitos séculos e agora, seu tempo acabou.

Uma visão que ameaça destruir tudo o que ama, assombra Jéhenne. Forçada a fazer o impensável, arrisca-se a perder tudo, mas finalmente se conforma com seus próprios poderes incríveis.

Ainda de posse da chave do submundo, em débito com um anjo, perseguida tanto pelo Príncipe de Alfheim quanto por um homem tão aterrorizante que não consegue imaginar o que ele é, Jéhenne está enrolada até o pescoço...como sempre.

Sacrifícios terão que ser feitos, mas quem vai pagar o preço?

**** Advertência: Este livro contém temas sombrios e místicos entrelaçados com cenas de sexo mágicas e suavemente gráficas. Estamos muito satisfeitos, entretanto, que o livro - ou série - não se enquadre na categoria de erotismo. ****

LENDAS FRANCESAS LIVRO 3

A LENDA FRANCESA DOS FAE LIVRO 1



9786554441353

Dois príncipes Fae.

Uma mulher humana.

E um mundo pronto para separá-los.

Laen Braed é o Príncipe dos Dark Fae, com um temperamento e uma reputação que combinam com seus olhos negros e um coração que despreza a raça humana. Quando é enviado de volta, através dos portões sagrados

entre os reinos, para recuperar um antigo artefato Fae, ele volta para casa com muito mais do que esperava.

Corin Albrecht, o mais poderoso príncipe Fae já nascido. Dizem que seus olhos dourados são uma dádiva dos deuses, e o destino o chama. Com um amor profundo pelo mundo humano, seu relacionamento com Laen está sendo destruído pelos preconceitos de seu amigo.

Océane DeBeauvoir é uma artista e encadernadora que sempre confiou em sua imaginação fértil para superar uma vida infeliz e sem aventuras. Um punhal com joias exposto em um museu próximo chega às manchetes com especulações sobre uma outra raça, os Fae. Mas a descoberta também inspira Océane a criar uma extraordinária obra de arte que não pode ser confinada às páginas de um livro.

Com dois homens poderosos disputando sua atenção e a amizade deles chegando ao limite, Océane precisa decidir em quem confiar... e qual deles é realmente o Príncipe Sombrio.

O homem de seus sonhos está chegando... ou são seus pesadelos que ele visita? Descubra no primeiro livro das Lendas Francesas dos Fae.

SOBRE A AUTORA



PELA AUTORA:

Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A chave para o Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já passou por isso sabe que publicar seu primeiro trabalho é uma coisa assustadora. Ainda fico nervosa quando um novo trabalho é lançado, mas, agora esse terror diminuiu um pouco. Hoje o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade o suficiente para lê-los.

Que horror! (para ambas as partes, suponho)

2017 marcou o ano em que fiz minha primeira incursão em Romance Histórico e no mundo do Romance da Era Regencial, e meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e mal posso esperar para adicionar mais títulos

Sou muito influenciada pelo belo interior da França onde vivo. Apesar de ser nascida e criada na Inglaterra, moro no sudoeste francês há vinte anos. Minhas três filhas lindas são todas bilíngues e a mais nova, de apenas seis anos, está mostrando sinais de seguir os meus passos após produzir *The Lonely Princess* totalmente sozinha.

Um passarinho me disse que o livro dois estará disponível em breve...

INFORMAÇÕES LEABHAR

NOS ACOMPANHE E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)